

ITALO
CALVINO

OS NOSSOS
ANTEPASSADOS

COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

 logo

ITALO CALVINO

OS NOSSOS
ANTEPASSADOS

O visconde partido ao meio

O barão nas árvores

O cavaleiro inexistente

Tradução

Nilson Moulin



SUMÁRIO

Prefácio

O visconde partido ao meio
O barão nas árvores
O cavaleiro inexistente

PREFÁCIO

Reúno neste volume três histórias que escrevi na década de 50 e que têm em comum o fato de ser inverossímeis e de se desenrolar em épocas distantes e em países imaginários. Em virtude de tais características comuns e apesar de outras não homogêneas, julga-se que constituam, como se costuma dizer, um “ciclo”, ou até um “ciclo completo” (ou seja, acabado, dado que não tenho intenção de escrever outras similares). É uma boa ocasião que se me apresenta para voltar a lê-las e tratar de responder a questões que tenho evitado toda vez que as formulo: por que escrevi tais histórias? o que pretendia dizer? o que disse de fato? que sentido tem esse tipo de narrativa no quadro da literatura de hoje?

Antes, eu escrevia contos “neorrealistas”, como se dizia então. Isto é, contava histórias que aconteceram não comigo mas com outros, ou que imaginava terem acontecido ou poderem acontecer, e esses outros eram pessoas, como se diz, “do povo”, porém sempre algo irregulares, no mínimo pessoas curiosas, as quais fosse possível representar só pelas palavras que usam e pelos gestos que fazem, sem se perder muito atrás de ideias e sentimentos. Escrevia rápido, com frases breves. O que me interessava expressar era um certo *élan*, um certo jeito. Gostava das histórias que se davam ao ar livre e em lugares públicos, por exemplo, uma estação, com aquela dose de relações humanas entre pessoas que se encontram por acaso; não me interessavam — e talvez eu não tenha mudado muito desde então — a psicologia, a interioridade, os pequenos espaços urbanos, a família, os hábitos, a sociedade (em especial a boa sociedade).

Não foi por acaso que comecei com histórias de *partigiani*: eram convenientes por se tratar de histórias aventurosas, repletas de movimento, de tiros, um tanto cruéis e um tanto debochadas como era o espírito da época, e com o “suspense”, que é um tipo de sal para a narrativa. Escrevi também um romance curto, em 1946, *Il sentiero dei nidi di ragno*, em que trabalhava duro e direto com a brutalidade neorrealista, mas os críticos começaram a dizer que eu era “dado às fábulas”. Entrei no jogo: entendi perfeitamente que se apreciava o autor

de fábulas quando falava de proletariado e de fatos de crônica, ao passo que não havia nenhum mérito em falar de castelos e cisnes.

Assim, tentei escrever outros romances neorrealistas, sobre temas da vida popular daqueles anos, mas não me saía bem e deixava os manuscritos na gaveta. Se começasse a escrever em tom alegre, soava falso; a realidade era muito mais complexa; qualquer estilização acabava se tornando afetada. Se usasse um tom mais reflexivo e preocupado, tudo se dissolvia no cinzento, no triste, eu perdia o timbre que era meu, isto é, a única justificação para o fato de que quem estava escrevendo era eu e não um outro. Era a música das coisas que havia mudado: a vida desregrada do período *partigiano* e do pós-guerra se afastava no tempo, não se encontravam mais todos aqueles tipos estranhos que contavam histórias incríveis, ou até ainda se encontravam tais tipos, porém já não dava para identificar-se com eles e com suas histórias. A realidade enveredava por trilhos diversos, aparentemente mais normais, tornava-se institucional: era difícil ver as classes populares senão através de suas instituições; e também eu passara a fazer parte de uma categoria regular: a do grupo intelectual das grandes cidades, de terno cinza e colarinho branco. Mas é fácil demais culpar as circunstâncias externas, eu pensava; talvez nem fosse um verdadeiro escritor, tinha escrito alguma coisa, como tantos, arrastado pela onda de um período de mudanças; e depois a veia teria secado.

Assim, zangado comigo e com tudo, dediquei-me, espécie de passatempo particular, a escrever *O visconde partido ao meio*, em 1951. Não tinha nenhum propósito de defender uma poética contra outra nem intenções de alegoria moralista ou, menos ainda, política em sentido estrito. Decerto me ressentia, mesmo que não o percebesse claramente, da atmosfera daqueles anos. Estávamos no auge da guerra fria, havia uma tensão no ar, um dilaceramento surdo, que não se manifestavam em imagens visíveis mas dominavam os nossos ânimos. E aconteceu que, ao escrever uma história de todo fantástica, sem me dar conta acabei exprimindo não só o sofrimento daquele período particular como também o impulso para sair dele; ou seja, não aceitava passivamente a realidade negativa e ainda lograva inserir nela o movimento, a

fanfarronice, a crueza, a economia de estilo, o otimismo imbatível que tinham sido marcas da literatura da Resistência.

De início, só dispunha desse impulso e de uma história na cabeça, ou melhor, de uma imagem. No começo de toda história que escrevi existe uma imagem que gira em minha cabeça, vinda não se sabe de onde e que talvez eu carregue durante anos. Pouco a pouco me dá vontade de desenvolver essa imagem numa história com princípio e fim, e ao mesmo tempo — mas os dois processos são com frequência paralelos e independentes — convenço-me de que ela encerra algum significado. Quando começo a escrever, porém, tudo isso ainda se acha em estado lacunoso em minha cabeça, nada mais que um esboço. É só à medida que vou escrevendo que cada coisa acaba encontrando o seu lugar.

Portanto, fazia algum tempo pensava num homem cortado em dois no sentido longitudinal, e que cada uma das duas partes andava por conta própria. A história de um soldado, numa guerra moderna? Mas a sátira expressionista costumeira já estava feita e refeita: melhor uma guerra dos tempos passados, os turcos, um golpe de cimitarra, não, melhor um disparo de canhão, assim se acreditaria que uma das metades fora destruída, e em vez disso depois ela reaparecia. Então os turcos com canhões? Sim, as guerras austro-turcas, final do século XVII, príncipe Eugênio, mas tudo um tanto vago, o romance histórico não me interessava (ainda). Portanto: uma das metades sobrevive, a outra ressurgirá num segundo tempo. Como diferenciá-las? O método de efeito seguro é fazer uma metade boa e outra má, um contraste à R. L. Stevenson, como *Dr. Jekyll and mr Hyde* e os dois irmãos do *Master of Ballantrae*. Assim a história se organizava sobre si mesma segundo um esquema perfeitamente geométrico. E os críticos podiam começar a seguir uma estrada falsa: dizendo que minha preocupação primeira era o problema do bem e do mal. Não, não quebrava mesmo a cabeça com isso, nem por um instante havia pensado no bem e no mal. Como um pintor pode usar um contraste óbvio de cores porque lhe serve para ressaltar uma forma, eu usara igualmente um contraste narrativo notório para evidenciar o que me interessava, isto é, a divisão ao meio.

Partido ao meio, mutilado, incompleto, inimigo de si mesmo é o homem contemporâneo. Marx chamou-o de “alienado”, Freud preferiu “reprimido”; um estado de harmonia antiga perdeu-se, aspira-se a uma nova completude. O núcleo ideológico-moral que conscientemente

pretendia dar à história era esse. Porém, mais que trabalhar para aprofundá-lo no plano filosófico, tratei de dar ao relato um esqueleto que funcionasse como um mecanismo bem conectado, e carne e sangue de livres associações de imaginação lírica.

Não pude sobrecarregar o protagonista, que já tinha muito o que fazer levando à frente a engrenagem da história, com a exemplificação dos tipos de mutilação do homem contemporâneo, por isso tratei de distribuí-la entre algumas figuras do entorno. Uma delas — e pode dizer-se que a única a ter um papel didascálico puro e simples —, o carpinteiro mestre Pedroprego, constrói forcas e instrumentos de tortura o mais aperfeiçoados possível tratando de não pensar para que servem, assim como... assim como naturalmente o cientista ou o técnico de hoje, que constrói bombas atômicas ou quaisquer dispositivos cuja destinação social ignora e cujo empenho exclusivo em “praticar bem o seu ofício” não pode bastar para deixá-lo em paz com sua consciência. O tema do cientista “puro”, privado (ou não livre) de uma integração com a humanidade viva, também se evidencia na personagem do dr. Trelawney, o qual, porém, nascera de outro modo, como uma figurinha de gosto stevensoniano, evocada por outras referências àquele clima, e que adquiriu igualmente uma autonomia psicológica própria.

Pertencem a um modo de imaginação mais complexo os dois “coros” dos leprosos e dos huguenotes, nascidos de um fundo lírico-visionário quem sabe com base em velhas tradições históricas locais (aldeias de leprosos no interior da Ligúria ou da Provença; permanência de huguenotes foragidos da França para a região de Cúneo, após a revogação do edito de Nantes ou, antes ainda, após a noite de São Bartolomeu). Os leprosos acabaram representando para mim o hedonismo, a irresponsabilidade, a decadência feliz, o nexo estetismo-doença, num certo modo o decadentismo artístico e literário contemporâneo mas também de sempre (a Arcádia). Os huguenotes são a divisão ao meio oposta, o moralismo, mas enquanto imagem são algo ainda mais complexo, pois carregam uma espécie de esoteria familiar (origem hipotética — até hoje não comprovada — do meu sobrenome): uma ilustração (satírica e admirativa ao mesmo tempo) das origens protestantes do capitalismo segundo Max Weber e, por analogia, de qualquer outra sociedade baseada num moralismo fático; e uma

evocação — esta mais simpatética que satírica — de uma ética religiosa sem religião.

Creio que todas as demais personagens de *O visconde partido ao meio* não têm outro sentido além de sua funcionalidade na trama narrativa. Algumas deram certo — isto é, adquiriram vida própria —, como a ama Sebastiana e — em sua breve aparição — o velho visconde Aiolfo. A personagem da moça (a jovem pastora Pamela) é apenas um ideograma esquemático de concretude feminina em contraste com a desumanidade do partido ao meio.

E ele, Medardo, o partido ao meio? Disse antes que tinha menos liberdade que os outros, com um itinerário predeterminado pelos compromissos com o enredo. Porém, mesmo tão condicionado, conseguiu manifestar uma ambiguidade fundamental, correspondendo a alguma coisa ainda não bem esclarecida na mente do autor. Minha intenção era combater todas as divisões do homem, auspiciar o homem total, disso tenho certeza. Mas, com efeito, o Medardo inteiro do início, indeterminado como é, não tem personalidade nem rosto; do Medardo reintegrado do final, não se sabe nada mais; e quem vive no relato é só Medardo enquanto metade de si mesmo. E essas duas metades, essas duas imagens contrapostas de desumanidade, resultavam mais humanas, estabeleciam uma relação contraditória, a metade má, tão infeliz, de piedade, e a metade boa, tão compungida, de sarcasmo; e a ambas eu fazia declamar um elogio à divisão ao meio como verdadeiro modo de ser, dos pontos de vista opostos, e uma invectiva contra a “inteireza obtusa”. Será porque, nascido numa época de divisão ao meio, o relato acabava exprimindo a contragosto a consciência partida ao meio? Ou, pelo contrário, porque não existe verdadeira integração humana numa miragem de totalidade ou disponibilidade ou universalidade indeterminadas, e, sim, num aprofundamento obstinado daquilo que se é, do próprio dado natural e histórico e da própria escolha voluntária, numa autoconstrução, numa competência, num estilo, num código pessoal de regras internas e de renúncias ativas, a serem seguidas até o fundo? O relato me conduzia por sua espontânea propulsão interna àquilo que sempre foi e continua sendo o meu verdadeiro tema narrativo: uma pessoa se impõe voluntariamente uma regra difícil e a segue até as últimas consequências, pois sem esta não seria ela mesma nem para si nem para os outros.

Tema que reencontramos em outra história, *O barão nas árvores*, escrita alguns anos mais tarde, em 1956-7. Também aqui o período da composição ilumina o estado de ânimo. É uma época de reflexão sobre o papel que podemos ter no movimento histórico, enquanto novas esperanças e novas amarguras se alternam. Apesar de tudo, os tempos assinalam dias melhores; trata-se de encontrar a relação justa entre a consciência individual e o curso da história.

Já então desde muito tempo tinha uma imagem na cabeça: um jovem que sobe numa árvore; sobe, e o que lhe acontece? sobe, e entra num outro mundo; não: sobe, e encontra personagens extraordinárias; pronto: sobe, e de árvore em árvore viaja dias e mais dias, ou melhor, não desce mais, recusa-se a descer para o chão, passa o resto da vida nas árvores. Devia fazer disso a história de uma fuga das relações humanas, da sociedade, da política etc.? Não, teria sido demasiado óbvio e fútil: o jogo começava a interessar-me só se eu fizesse de tal personagem que se recusa a andar pelo chão como os outros não um misantropo mas um homem continuamente dedicado ao bem do próximo, inserido no movimento de seu tempo, que deseja participar de todos os aspectos da vida ativa — do desenvolvimento das técnicas à administração local, à vida galante. Mas sabendo sempre que, para estar de fato *com* os outros, o único caminho era permanecer separado dos outros, impondo teimosamente a si e aos demais aquela sua incômoda singularidade e solidão em todas as horas e em todos os momentos de sua vida, assim como é vocação do poeta, do explorador, do revolucionário.

Por exemplo, o episódio dos espanhóis foi um dos poucos que me veio claro desde o início: o contraste entre quem acaba nas árvores por motivos contingentes e desce quando tais motivos desaparecem; e o “rampante” por vocação interior, que permanece nas árvores inclusive quando não há nenhum motivo externo para continuar ali.

O homem completo, que em *O visconde partido ao meio* eu ainda não havia proposto claramente, aqui em *O barão nas árvores* se identificava com aquele que alcança uma plenitude pessoal submetendo-se a uma árdua e restritiva disciplina voluntária. Estava acontecendo com essa personagem algo de insólito para mim: eu a levava a sério, acreditava nela, me identificava com ela. Acrescente-se que, buscando uma época

passada para nela situar um país improvável coberto de árvores, me deixara capturar pelo fascínio do Setecentos e do período de revoluções entre o século XVIII e o seguinte. Eis que o protagonista, o barão Cosme de Rondó, saindo da moldura burlesca da história, estava se configurando um retrato moral, com conotações culturais bem delineadas; as pesquisas de meus amigos historiadores, sobre os iluministas e jacobinos italianos, tornavam-se um estímulo precioso para a fantasia. Também a personagem feminina (Viola) entrava no jogo das perspectivas éticas e culturais: contrastando com a determinação iluminista, o impulso barroco e depois romântico para tudo que corre sempre o risco de se tornar impulso destrutivo, corrida para o nada.

O barão nas árvores, portanto, acabou saindo muito diferente de *O visconde partido ao meio*. Em vez de uma história fora do tempo, com cenário apenas esboçado, personagens filiformes e emblemáticas, com trama de pequena fábula para crianças, era continuamente atraído, ao escrever, a fazer um “pastiche” histórico, um repertório de imagens setecentistas, repleto de datas e correlações com acontecimentos e personagens famosas; uma paisagem e uma natureza, imaginárias sim, mas descritas com precisão e nostalgia; uma história que se preocupava em tornar justificável e verossímil até a irreabilidade do achado inicial; em resumo, terminei tomando gosto pelo *romance*, no sentido mais tradicional da palavra.

Sobre as personagens secundárias, nascidas pela proliferação espontânea dessa atmosfera romanesca, há pouco a dizer. O dado que associa quase todas é o de serem solitárias, cada uma com sua maneira equivocada de sê-lo, ao redor daquela única maneira justa que é a do protagonista. Veja-se o cavaleiro advogado, que repete muitos dos traços do dr. Trelawney. O Setecentos, grande século de excêntricos, parecia feito de propósito para situar tal galeria de tipos esquisitos. Mas então também Cosme podia ser entendido como um excêntrico que trata de dar um significado universal à sua excentricidade? Assim considerado, *O barão nas árvores* não exauria o problema que eu havia me colocado. É claro que hoje vivemos num mundo de não excêntricos, de pessoas cuja individualidade mais simples é negada, a tal ponto se acham reduzidas a uma soma abstrata de comportamentos preestabelecidos. O problema hoje não é mais o da perda de uma parte de si mesmo, mas o da perda total, o de não ser mais nada.

Do homem primitivo que, sendo uno com o universo, ainda podia ser chamado de inexistente porque indiferenciado da matéria orgânica, chegamos lentamente ao homem artificial que, sendo uno com os produtos e com as situações, é inexistente porque não faz mais atrito com nada, não tem mais relação (luta e, por meio da luta, harmonia) com aquilo que (natureza ou história) está ao redor dele, mas só “funciona” abstratamente.

Este emaranhado de reflexões, pouco a pouco, vinha se identificando para mim com uma imagem que havia tempo ocupava minha mente: uma armadura que caminha e está vazia por dentro. Experimentei escrever a sua história (em 1959), e ela é d’*O cavaleiro inexistente*, que na trilogia pode ocupar tanto o último quanto o primeiro lugar, em homenagem à prioridade cronológica dos paladinos de Carlos Magno e ainda porque, em relação às outras duas narrativas, pode ser considerada mais uma introdução que um epílogo. Mas é também um livro escrito numa época de perspectivas históricas mais incertas que as do ano de 51 ou de 57; com um esforço maior de interrogação filosófica que, porém, ao mesmo tempo se resolve num maior abandono lírico.

Agilulfo, o guerreiro que não existe, tomou os traços psicológicos de um tipo humano muito difuso nos ambientes de nossa sociedade; o meu trabalho com essa personagem logo se mostrou fácil. Da fórmula Agilulfo (inexistência munida de vontade e consciência) extraí, com um procedimento de contraposição lógica (isto é, partindo da ideia para chegar à imagem, e não vice-versa como faço em geral), a fórmula existência privada de consciência, ou seja, identificação geral com o mundo objetivo, e criei o escudeiro Gurdulu. Esta personagem não conseguiu ter a autonomia psicológica do primeiro. E isso é compreensível, porque protótipos de Agilulfo se encontram por toda parte, ao passo que os protótipos de Gurdulu só se encontram nos livros dos etnólogos.

Essas duas personagens, uma privada de individualidade física e a outra de individualidade de consciência, não permitiam desenvolver uma história; eram simplesmente a enunciação do tema, que devia ser desenvolvido por outras personagens em que o ser e o não ser lutassem no interior da mesma pessoa. Quem não sabe ainda se existe ou não existe é o jovem; portanto, um jovem devia ser o verdadeiro protagonista dessa história. Rambaldo, paladino no stendhaliano, trata

de provar que o é, como fazem todos os jovens. A prova do ser está no fazer; Rambaldo será a moral da prática, da experiência, da história. Eu precisava de um outro jovem, Torrismundo, e fiz dele a moral do absoluto, para quem a comprovação do ser deve derivar de algo diferente de si mesmo, do que existia antes dele, a totalidade da qual se destacou.

Para o jovem, a mulher é aquilo que certamente *existe*, então fiz duas mulheres: uma, Bradamante, o amor como contraste, como guerra, isto é, a mulher do coração de Rambaldo; a outra — pouco marcada —, Sofrônia, o amor como paz, nostalgia do sono pré-natalício, a mulher do coração de Torrismundo. Bradamante, amor como guerra, busca o diferente de si, portanto o não ser, por isso está apaixonada por Agilulfo.

Ainda me faltava exemplificar o existir como experiência mística, de anulação no todo, Wagner, o budismo dos samurais; surgiram assim os cavaleiros do Graal. E — em oposição — o existir como experiência histórica, tomada de consciência de um povo até então tido como fora da história (conceito várias vezes bem expresso por Carlo Levi), e usei como contraponto aos cavaleiros do Graal o povo da Curvaldia, tão miserável e oprimido a ponto de não saber sequer que existia, e que há de aprendê-lo lutando.

Aí estavam todos os elementos que eu desejava; bastava deixá-los mover-se com aquela trepidação existencial que traziam em si; mas desta vez não me deixaria envolver pela história como em *O barão nas árvores*, ou seja, não acabaria por acreditar no que narrava; ali a narrativa era e devia ser o que se chama de um “divertimento”. Esta fórmula do “divertimento”, sempre a entendi como diversão para o leitor: isso não quer dizer que seja igualmente um divertimento para o escritor, o qual deve narrar de forma distanciada, alternando lances frios e lances quentes, autocontrole e espontaneidade, e é na realidade o modo de escrever que provoca mais cansaço e tensão nervosa. Pensei então em extrapolar esse meu esforço de escrever fazendo dele uma personagem: assim criei a freira escritã, como se fosse ela que estivesse narrando, e isso servia para dar-me estímulos mais descontraídos e espontâneos, e empurrava o restante para a frente.

Terão observado que na três histórias senti necessidade de uma personagem que dissesse “eu” talvez para corrigir a frieza objetiva própria da narrativa fabulosa com esse elemento aproximador e lírico, o

qual a narrativa moderna parece não poder dispensar. Escolhi sempre uma personagem marginal ou sem função no enredo: em *O visconde partido ao meio* um “eu” jovem, uma espécie de Carlino di Fratta, pois não existe método mais seguro nesses casos do que ver tudo através de olhos infantis. Em *O barão nas árvores* eu tinha o problema de corrigir o impulso excessivamente forte para identificar-me com o protagonista, e aí pus em ação o bem conhecido dispositivo Serenus Zeitblom; ou seja, desde as primeiras frases de espírito construí como “eu” uma personagem com caráter antiético a Cosme, um irmão tranquilo e cheio de bom senso. Desta vez, em *O Cavaleiro inexistente*, usei um “eu” completamente fora da narrativa e criei uma freira, visando a um jogo de contrastes a mais.

A presença de um “eu” narrador-comentador levou parte da minha atenção a se deslocar da história para o próprio ato de escrever, para a relação entre a complexidade da vida e a folha sobre a qual essa complexidade se dispõe sob a forma de signos alfabéticos. Num certo ponto só essa relação me interessava, a minha história tornava-se apenas a história da pena de ganso da freira que corria sobre a folha branca.

Ao prosseguir, percebia que todas as personagens da história iam ficando parecidas, movidas como eram pela mesma trepidação, e também a freira, a pena de ganso, a minha caneta-tinteiro, eu mesmo, todos éramos a mesma pessoa, a mesma coisa, a mesma ansiedade, a mesma busca insatisfeita. Como acontece ao narrador — a qualquer um que esteja fazendo algo, creio —, quando tudo aquilo que pensa se transforma naquilo que faz — ou seja, em texto —, traduzi essa ideia numa última reviravolta narrativa. Assim, fiz da freira narradora e da guerreira Bradamante a mesma pessoa. Trata-se de um golpe teatral que me veio à mente no último instante e me parece que não significa nada além daquilo que lhes disse. Mas se querem acreditar que significa, sei lá, a inteligência interiorizadora e a vitalidade extrovertida que devem constituir uma totalidade, vocês estão livres para fazê-lo.

Assim como estão igualmente livres para interpretar como quiserem estas três histórias, e nem precisam sentir-se vinculados ao testemunho que agora lhes ofereci sobre sua gênese. Eu quis fazer delas uma trilogia da experiência da realização como ser humano: em *O cavaleiro inexistente*, a conquista do *ser*; em *O visconde partido ao meio*, a aspiração a uma completude para além das mutilações impostas pela sociedade; em

O barão nas árvores, um caminho para uma completude não individualista a ser alcançada por meio da fidelidade a uma autodeterminação individual: três níveis de aproximação da liberdade. E, ao mesmo tempo, quis que fossem três histórias, como se diz, “abertas”, que antes de mais nada se mantenham de pé enquanto histórias, pela lógica da sequência de suas imagens, mas cuja verdadeira existência comece no jogo imprevisível de perguntas e respostas que suscitam no leitor. Gostaria que pudessem ser vistas como uma árvore genealógica dos antepassados do homem contemporâneo, em que cada rosto oculta algum traço das pessoas que estão a nossa volta, de vocês, de mim mesmo.

junho de 1960

O VISCONDE
PARTIDO
AO MEIO

1

Havia uma guerra contra os turcos. O visconde Medardo di Terralba, meu tio, cavalgava pelas planícies da Boêmia rumo ao acampamento dos cristãos. Acompanhava-o um escudeiro chamado Curzio.

As cegonhas voavam baixo, em bandos brancos, atravessando o ar opaco e parado.

— Por que tantas cegonhas? — perguntou Medardo a Curzio —, para onde estão voando?

Meu tio acabava de chegar, se alistara havia pouco, para agradar a alguns duques, nossos vizinhos, empenhados naquela guerra. Munira-se de um cavalo e de um escudeiro no último castelo em mãos cristãs, e ia apresentar-se ao quartel imperial.

— Estão voando para os campos de batalha — disse o escudeiro, sombrio. — Vão nos acompanhar por todo o caminho.

O visconde Medardo ficara sabendo que naquelas terras o voo das cegonhas é sinal de boa sorte; e queria mostrar-se alegre por vê-las. Mas, a contragosto, sentia-se inquieto.

— O que pode atrair as pernaltas aos campos de batalha, Curzio? — perguntou.

— Agora, também elas comem carne humana — respondeu o escudeiro —, desde que a carestia tornou os campos áridos e a estiagem secou os rios. Onde há cadáveres, as cegonhas, os flamingos e os grouns substituíram os corvos e os abutres.

Meu tio se achava então na primeira juventude: a idade em que os sentimentos se misturam todos num ímpeto confuso, ainda não separados em bem e mal; a idade em que cada experiência nova, também macabra e desumana, é toda trepidante e efervescente de amor pela vida.

— E os corvos? E os abutres? — perguntou. — E as aves de rapina? Onde foram parar? — Estava pálido, mas seus olhos cintilavam.

O escudeiro era um soldado de pele escura, bigodudo, que nunca erguia os olhos.

— A força de comer as vítimas da peste, a peste os atacou também. — E apontou com a lança certas moitas escuras que a um olhar mais atento se revelavam não de plantas, mas de penas e pés ressecados de aves de rapina.

— Assim, nem dá para saber quem morreu antes, se a ave ou o homem, e quem se lançou sobre o outro para esganá-lo — disse Curzio.

Para fugir da peste que exterminava as populações, famílias inteiras tinham se encaminhado para os campos, e a agonia havia golpeado a todos ali. Em montes de carcaças, espalhadas pela planície árida, viam-se corpos de homens e mulheres, nus, desfigurados pelas marcas da peste e, coisa a princípio inexplicável, penugentos: como se daqueles braços macilentos e costelas tivessem crescido penas pretas e asas. Eram as carcaças de abutres misturadas com as sobras deles.

O terreno já ia mostrando sinais de batalhas. A marcha se tornara mais lenta porque os dois cavalos topavam nos restos e lombadas.

— O que está acontecendo com nossos cavalos? — perguntou Medardo ao escudeiro.

— Senhor — respondeu ele —, nada desagrada tanto aos cavalos quanto o fedor das próprias tripas.

A faixa de planície que atravessavam achava-se de fato cheia de carcaças equinas, algumas para cima, com os cascos voltados para o céu, outras de bruços, com o focinho enfiado na terra.

— Por que tantos cavalos caídos neste ponto, Curzio? — perguntou Medardo.

— Quando o cavalo sente que está sendo atingido na barriga — explicou Curzio —, trata de segurar as vísceras. Alguns apoiam a pança no chão, outros se viram de costas para que elas não caiam. Mas a morte não tarda a ceifá-los do mesmo jeito.

— Quer dizer que são sobretudo os cavalos que morrem nesta guerra?

— As cimitarras turcas parecem feitas de propósito para rasgar-lhes o ventre com um só golpe. Mais adiante verá os corpos dos homens. Primeiro caem os cavalos e depois os cavaleiros. Pronto, lá está o campo.

Nos limites do horizonte elevavam-se os pináculos das tendas mais altas, os estandartes do exército imperial e a fumaça.

Continuando a galopar, viram que os caídos da última batalha tinham sido quase todos removidos e enterrados. Só se viam alguns membros

dispersos, especialmente dedos, apoiados nos restolhos.

— De vez em quando há um dedo indicando o caminho — disse meu tio Medardo. — Que significa?

— Deus os perdoe: os vivos cortam os dedos dos mortos para arrancar-lhes os anéis.

— Quem vem lá? — disse uma sentinela com capote coberto de mofo e musgo como a casca de uma árvore exposta à tramontana.

— Viva a sagrada coroa imperial! — gritou Curzio.

— E que morra o sultão! — replicou a sentinela. — Mas, por favor, quando chegarem ao comando, digam-lhes para mudar logo o turno, pois começo a deitar raízes!

Agora os cavalos corriam para escapar da nuvem de moscas que circundava o campo, zumbindo pelas montanhas de excrementos.

— De muitos valentes — observou Curzio — o esterco de ontem ainda está no chão, e eles já chegaram ao céu. — E benzeu-se.

Na entrada do acampamento, costearam uma fila de baldaquins, sob os quais mulheres de cabelos encaracolados e corpulentas, com longos vestidos de brocado e os seios nus, acolheram-nos com gritos e risadas.

— São os pavilhões das cortesãs — disse Curzio. — Nenhum exército possui outras tão lindas.

Meu tio já cavalgava com o rosto virado para trás, observando-as.

— Cuidado, senhor — acrescentou o escudeiro —, andam tão sujas e empestadas que nem os turcos as aceitariam como presas de um saque. Além de carregadas de chatos, percevejos e carrapatos, agora até os escorpiões e os lagartos fazem ninhos sobre elas.

Passaram diante das baterias do campo. À noite, os artilheiros cozinhavam o rancho de água e nabos no bronze das espingardas e dos canhões, abrasado dos intensos disparos da jornada.

Chegavam carroças cheias de terra e os artilheiros a peneiravam.

— A pólvora está ficando escassa — explicou Curzio —, mas a terra onde as batalhas aconteceram está tão impregnada que, insistindo-se, dá para recuperar algumas cargas.

Depois vinham as instalações da cavalaria, onde, entre as moscas, os veterinários trabalhavam sem parar remendando a pele dos quadrúpedes com costuras, faixas e emplastos de alcatrão fervente, todos relinchando e escoiceando, inclusive os doutores.

As tendas da infantaria seguiam-se por um grande trecho. O sol se punha e diante de cada tenda os soldados estavam sentados com os pés imersos em tinas de água morna. Sendo comuns os alarmes repentinos de dia e de noite, mesmo na hora do pedilúvio continuavam a segurar o capacete e a lança. Em tendas mais altas e montadas em forma de quiosque, os oficiais punham talco nas axilas e se refrescavam com leques de rendas.

— Não fazem isso por frescura — disse Curzio —, ao contrário: querem mostrar que se acham completamente à vontade em meio à dureza da vida militar.

O visconde de Terralba foi logo conduzido à presença do imperador. Em seu pavilhão cheio de tapeçarias e troféus, o soberano estudava nos mapas os planos de futuras batalhas. As mesas estavam cobertas de mapas abertos, e o imperador espetava neles alfinetes, retirando-os de uma almofada própria que um dos marechais lhe estendia. Os mapas já estavam tão carregados de alfinetes que não se entendia mais nada, e para ler alguma coisa precisavam tirar os alfinetes e voltar a recolocá-los. Nesse tira e põe, para ficar com as mãos livres, tanto o imperador quanto os marechais mantinham os alfinetes entre os lábios e só podiam falar por meio de ganidos.

Ao ver o jovem que se inclinava diante dele, o soberano emitiu um ganido interrogativo e tirou depressa os alfinetes da boca.

— Um cavaleiro recém-chegado da Itália, majestade — apresentaram-no —, o visconde de Terralba, de uma das mais nobres famílias da região de Gênova.

— Que seja logo nomeado tenente.

Meu tio bateu as esporas, ficando em sentido, enquanto o imperador fazia um amplo gesto real e todos os mapas se enrolavam sobre si mesmos e caíam.

Naquela noite, embora cansado, Medardo tardou a dormir. Andava para a frente e para trás perto da tenda, e ouvia os apelos das sentinelas, os cavalos relinchando e a fala entrecortada de soldados durante o sono. Observava no céu as estrelas da Boêmia, pensava na nova patente, na batalha do dia seguinte e na pátria distante, na música dos caniços dentro d'água. No coração não guardava nem nostalgia, nem dúvidas, nem apreensão. Para ele as coisas ainda eram inteiras e indiscutíveis, e

assim era ele próprio. Se tivesse podido prever a terrível sorte que o aguardava, talvez também a tivesse considerado natural e acabada, mesmo em toda a sua dor. Estendia o olhar até o limite do horizonte noturno, onde sabia que se localizava o campo dos inimigos, e com os braços cruzados apertava as costas com as mãos, contente por ter certeza ao mesmo tempo de realidades longínquas e diferentes, e da própria presença no meio delas. Sentia o sangue daquela guerra cruel, disseminado por mil córregos sobre a terra, chegar até ele; e se deixava tocar, sem experimentar raiva nem piedade.

2

A batalha começou pontualmente às dez da manhã. Do alto da sela, o lugar-tenente Medardo contemplava a dimensão das forças cristãs, prontas para o ataque, e erguia o rosto seguindo o vento da Boêmia, que levantava um cheiro de muitas cascas, lembrando uma eira poeirenta.

— Não, não vire para trás, senhor — exclamou Curzio, que, tendo recebido a patente de sargento, estava a seu lado. E, para justificar a frase peremptória, acrescentou, de mansinho: — Dizem que dá azar, antes do combate.

Na verdade, não queria que o visconde desanimasse ao se dar conta de que o exército cristão praticamente consistia naquela fileira alinhada e que as forças de apoio não passavam de alguns esquadrões de cavalaria que mal se aguentavam em pé.

Mas meu tio olhava bem longe, para a nuvem que se aproximava no horizonte, e pensava: “Pronto, aquela nuvem são os turcos, os verdadeiros turcos, e estes ao meu lado, cuspiendo tabaco, são os veteranos da cristandade, e este ribombar que agora ressoa é o ataque, o primeiro ataque de minha vida, e este estrondo e o tremor, o bólido que se enfia na terra observado com enorme tédio pelos veteranos e pelos cavalos é uma bala de canhão, a primeira bala inimiga que encontro. Espero que não chegue o dia em que deverei dizer: ‘E esta é a última’”.

De espada em punho, saiu a galopar planície afora, de olho no estandarte imperial, que aparecia e desaparecia no meio da fumaça, enquanto os canhões amigos rolavam pelo céu acima de sua cabeça, e os inimigos já abriam brechas no lado cristão, provocando imprevistas nuvens de terra. Pensava: “Hei de ver os turcos! Hei de ver os turcos!”.

Nada atrai mais os homens do que ter inimigos e depois verificar se são exatamente como os imaginavam.

E os viu, os turcos. Vinham dois justamente daquele lado. Com os cavalos encapotados, o pequeno escudo redondo, as roupas listradas de negro e açafrão. E o turbante, a cara cor de ocre e os bigodes iguais aos de um tipo que, em Terralba, era chamado de Elmir, o Turco. Um deles morreu e o outro matou um terceiro. Mas estavam se aproximando sabem-se lá quantos e se combatia com arma branca. Ver dois turcos era como ver todos. Também eles eram militares, e todas aquelas coisas eram equipamentos do exército. As caras eram morenas e duras como as dos camponeses. Medardo, para o que lhe interessava, já os tinha visto; podia voltar para casa em Terralba a tempo para a migração das codornas. Porém, havia se alistado para a guerra. Por isso corria, desviando os golpes das cimitarras, até que encontrou um turco baixo, a pé, e o matou. Vendo como se fazia, foi procurar um alto, a cavalo, e se deu mal. Porque eram os pequenos os mais perigosos. Andavam até debaixo dos cavalos, com aquelas cimitarras, e os esquartejavam.

O cavalo de Medardo parou com as pernas abertas.

— O que está fazendo? — disse o visconde.

Curzio acercou-se apontando para baixo:

— Veja ali.

Já estava com as vísceras todas para fora. O pobre animal olhou para cima, para o patrão, depois baixou a cabeça como se quisesse roer os intestinos, mas era só um impulso de heroísmo: desmaiou e depois morreu. Medardo di Terralba estava condoído.

— Pegue o meu cavalo, tenente — disse Curzio, mas não conseguiu detê-lo porque caiu da sela, ferido por uma flecha turca, e o cavalo saiu a galope.

— Curzio! — gritou o visconde, e se achegou ao escudeiro que gemia no chão.

— Não pense em mim, senhor — falou o escudeiro. — Só espero que no hospital ainda haja aguardente. Cada ferido tem direito a uma boa dose.

Meu tio Medardo lançou-se na peleja. Os rumos da batalha eram incertos. Naquela confusão, parecia que os cristãos é que venceriam. Com certeza, tinham rompido as fileiras turcas e cercado determinadas posições. Meu tio, com outros valentes, lançara-se até o alcance das

baterias inimigas, e os turcos deslocavam-nas para manter os cristãos debaixo de fogo. Dois artilheiros turcos faziam circular um canhão com rodas. Lentos como eram, barbudos, encapotados até os pés, pareciam dois astrônomos. Meu tio disse:

— Agora chego lá e tomo conta deles.

Entusiasta e inexperiente, não sabia que só podemos nos aproximar de canhões lateralmente ou do lado da culatra. Saltou na frente da boca de fogo, de espada em punho, e imaginava assustar os dois astrônomos. Ao contrário, mandaram-lhe um canhão em pleno peito. Medardo di Terralba saltou pelos ares.

À noite, período de trégua, duas carroças iam recolhendo os corpos dos cristãos pelo campo de batalha. Uma era para os feridos e a outra, para os mortos. A primeira seleção era feita ali mesmo. “Eu pego este, você pega aquele.” Aquele em que ainda parecia existir algo para salvar, era jogado na carroça dos feridos; aquele de que só havia pedaços e farrapos, na carroça dos mortos, para ter sepultura abençoada; aquele que já não era nem mesmo um cadáver, ficava como carniça para as cegonhas. Naqueles dias, diante das perdas crescentes, fora determinado que era melhor carregar mais feridos. Assim, os restos de Medardo foram considerados um ferido e postos na carroça apropriada.

A segunda seleção era feita no hospital. Depois das batalhas, o hospital militar proporcionava uma visão ainda mais atroz do que as próprias batalhas. No chão ficava aquela longa fila de macas com seus desgraçados em cima e ao redor agitavam-se os doutores, fazendo malabarismos com pinças, serras, agulhas, dedos amputados e rolos de linhas para pontos. De morto em morto, faziam de tudo para que cada cadáver tornasse a viver. Serra aqui, costura ali, tapa buraco, reviravam veias como se fossem luvas e as recolocavam em seus lugares, com mais enchimento de barbante do que sangue, porém remendadas e fechadas. Quando um paciente morria, tudo o que estivesse em boas condições servia para recuperar os membros de outro, e assim por diante. A coisa que mais atrapalhava eram os intestinos: uma vez desenrolados, não havia meio de recolocá-los.

Erguido o lençol, o corpo do visconde mostrou-se terrivelmente mutilado. Faltava-lhe um braço e uma perna, e não só, tudo o que havia de tórax e abdômen entre aquele braço e aquela perna fora arrancado,

pulverizado pelo canhão recebido em cheio. Da cabeça sobravam um olho, uma orelha, uma bochecha, meio nariz, meia boca, meio queixo e meia testa: da outra metade só restava um mingau. Em suma, salvara-se apenas metade, a parte direita, que aliás se conservara perfeitamente, sem nem sequer um arranhão, excluindo aquela enorme rasgadura que a separara da parte esquerda estraçalhada.

Os médicos: todos contentes. “Uh, que maravilha de caso!” Se não morresse logo, até podiam tentar salvá-lo. E todos o rodearam, enquanto os pobres soldados com uma flecha no braço morriam de septicemia. Costuraram, adaptaram, amassaram: sabe-se lá o que fizeram. O resultado foi que no dia seguinte meu tio abriu o único olho, a meia-boca, dilatou a narina e respirou. A dura fibra dos Terralba resistira. Agora estava vivo e partido ao meio.

3

Quando meu tio regressou a Terralba, eu tinha sete ou oito anos. Era tarde, já escuro; outubro; o céu estava nublado. Durante o dia tínhamos trabalhado na vindima e através das videiras enfileiradas víamos aproximarem-se no mar cinzento as velas de um navio que trazia bandeira imperial. A cada navio que se avistava então, dizia-se: “Este é mestre Medardo que volta”, não porque estivéssemos impacientes de que regressasse, mas para ter alguma coisa que esperar. Daquela vez adivinháramos: tivemos a confirmação à noite, quando um jovem chamado Fiorfiero, amassando a uva no alto da tina, gritou: “Oh, lá embaixo”; estava quase escuro e vimos, no fundo do vale, uma fileira de tochas acender-se pelo caminho das mulas; e depois, quando passou pela ponte, distinguimos uma liteira transportada nos ombros. Não havia dúvidas: era o visconde que voltava da guerra.

A novidade se espalhou pelos vales; no pátio do castelo reuniram-se todos: familiares, criadagem, vindimadores, pastores, homens de armas. Só faltava o pai de Medardo, o velho visconde Aiolfo, vovô, que havia um bom tempo não descia nem mesmo até o pátio. Cansado das lides do mundo, renunciara às prerrogativas do título em favor do único filho homem, antes que este partisse para a guerra. Agora a sua paixão pelas aves, que criava no interior do castelo, num grande viveiro, acabara por se tornar mais exclusiva: o velho carregara a própria cama para o viveiro e se trancara lá dentro, não saindo nem de dia nem de noite.

Entregavam-lhe as refeições junto com a comida das aves através das grades do viveiro, e Aiolfo dividia tudo com aquelas criaturas. E passava as horas acariciando o dorso dos faisões, das rolinhas, à espera do filho que voltaria da guerra.

No pátio de nosso castelo, eu nunca tinha visto tanta gente: já passara o tempo, do qual só ouvira falar, das festas e das guerras entre vizinhos. E pela primeira vez me dei conta de como as paredes e as torres estavam arruinadas, e o pátio, onde costumavam dar capim para as cabras e encher o cocho para os porcos, enlameado. Todos, esperando, discutiam como o visconde Medardo voltaria; havia tempos chegara a notícia dos ferimentos graves que ele recebera dos turcos, mas ninguém sabia ainda claramente se estava mutilado, doente ou apenas marcado pelas cicatrizes: e agora a visão da liteira nos preparava para o pior.

E eis que a liteira foi posta no chão, e no meio da sombra escura deu para ver o brilho de uma pupila. A velha ama Sebastiana tentou aproximar-se, mas da sombra elevou-se um vigoroso gesto de rechaço em mão espalmada. Depois se viu o corpo na liteira agitar-se num esforço quebrado e convulso, e diante de nossos olhos Medardo di Terralba saltou de pé, apoiando-se numa muleta. Um manto negro com capuz descia-lhe da cabeça até o chão; do lado direito estava enviesado para trás, descobrindo metade do rosto e do corpo apoiado na muleta, enquanto à esquerda parecia estar tudo oculto e envolto nas abas e nas dobras daquela ampla vestimenta.

Ficou nos observando, nós todos em volta dele, sem que ninguém dissesse uma palavra; mas quem sabe se com aquele olho fixo não nos olhava de jeito nenhum, só queria afastar-nos dele.

Um sopro de vento veio do mar e um ramo quebrado no alto de uma figueira soltou um gemido. O manto de meu tio ondulou e o vento o inflou, estendendo-o como uma vela, e poderíamos dizer que lhe atravessava o corpo, ou melhor, que tal corpo nem existia, e o manto estava vazio como o de um fantasma. Depois, olhando melhor, vimos que adería como a um mastro de bandeira e o mastro era o ombro, o braço, o flanco, a perna, tudo o que dele se apoiava na muleta: e o resto não existia.

As cabras observavam o visconde com seu olhar fixo e inexpressivo, cada uma em posição diferente mas todas juntas, com os dorsos arrumados num estranho desenho de ângulos retos. Os porcos, mais

sensíveis e ágeis, grunhiram e saíram correndo dando-se barrigadas, e então nem nós pudemos mais esconder nosso espanto.

— Meu filho! — gritou a ama Sebastiana, e levantou os braços. — Infeliz!

Meu tio, contrariado por ter provocado tamanha impressão em nós, avançou a ponta da muleta no chão e com um movimento comedido dirigiu-se para a entrada do castelo. Mas nos degraus do portão estavam sentados de pernas cruzadas os carregadores da liteira, grandalhões seminus, com brincos de ouro e cabeça raspada em que sobressaíam topetes ou rabos de cavalo. Levantaram-se, e um de trança, que parecia o chefe, disse:

— Esperamos o pagamento, *señor*.

— Quanto? — perguntou Medardo, e poderíamos dizer que sorria.

O homem de trança disse:

— Sabe qual é o preço para o transporte de um homem em liteira...

Meu tio tirou uma bolsa do cinturão e jogou-a tilintante aos pés do carregador. Este sentiu-lhe o peso rapidamente e exclamou:

— Mas isso é muito menos que o combinado, *señor* !

Medardo, enquanto o vento lhe erguia a ponta do manto, disse:

— A metade.

Ultrapassou o portão e dando pulinhos com seu único pé subiu os degraus, entrou pela grande porta escancarada que dava para o interior do castelo, batendo com a muleta empurrou os dois pesados batentes, que se fecharam com estrondo, e por fim, como a portinhola ficara aberta, fechou-a, desaparecendo de nossos olhares.

Continuamos a ouvir as batidas alternadas lá dentro, do pé e da muleta, que no corredor se dirigiam para a ala do castelo em que ficavam seus aposentos privados, e também de lá ouvimos um bater e trancar portas.

Parado atrás da grade do viveiro, seu pai o esperava. Medardo nem tinha passado para cumprimentá-lo: fechara-se sozinho em seus aposentos e não queria apresentar-se ou responder nem à ama Sebastiana, que ficou um bom tempo batendo à porta e compadecendo-se dele.

A velha Sebastiana era uma mulherona toda de negro, incluindo o véu, com o rosto rosado sem nenhuma ruga, exceto aquela que por pouco não lhe ocultava os olhos; dera leite a todos os jovens da família Terralba

e fora para a cama com todos os mais velhos e fechara os olhos de todos os mortos. Agora ia e vinha pelas celas dos dois presos, e não sabia como ajudá-los.

No dia seguinte, visto que Medardo continuava a não dar sinal de vida, retomamos a vindima, mas faltava alegria, e nas vinhas só se falava do seu destino, não porque gostássemos tanto dele, mas por ser um tema atraente e obscuro. Só a ama Sebastiana ficou no castelo, prestando atenção em cada rumor.

Mas o velho Aiolfo, como se previsse que o filho voltaria tão triste e arredio, havia tempos adestrara um de seus animais preferidos, uma pega, para voar até a ala do castelo em que ficavam os aposentos de Medardo, então vazios, e para entrar pela janelinha de seu quarto. Naquela manhã, o velho abriu a portinhola para a ave, seguiu seu voo até a janela do filho, em seguida voltou a distribuir alimento para as pegas e toutinegras, imitando suas vozes.

Pouco depois, ouviu o baque de um objeto jogado contra as cortinas. Debruçou-se do lado de fora e no beiral jazia sua ave predileta. O velho recolheu-a com as mãos unidas e viu que uma asa se rompera como se tivessem tentado arrancá-la, uma pata estava partida como se tivesse sido garroteada por dois dedos e um olho tinha sido arrancado. O velho apertou o pássaro contra o peito e começou a chorar.

Foi para a cama no mesmo dia, e os empregados do lado de lá da grade do viveiro viram que estava muito mal. Mas ninguém pôde tratar dele, pois se encerrara ali e escondera as chaves. Ao redor de seu leito as aves voavam. Desde que se deitara, tinham começado a esvoaçar e não queriam pousar nem parar de bater as asas.

Na manhã seguinte, a ama, encostando o rosto no viveiro, viu que o visconde Aiolfo estava morto. As aves estavam todas pousadas sobre a cama, como num tronco flutuando no meio do mar.

4

Depois da morte do pai, Medardo começou a sair do castelo. Uma vez mais foi a ama Sebastiana quem primeiro se deu conta, certa manhã, vendo as portas escancaradas e os aposentos desertos. Um grupo de servos foi deslocado para o campo para seguir a pista do visconde. Os servos corriam e passaram sob uma pereira que tinham visto, na noite anterior, carregada de frutos temporãos ainda ácidos.

— Olhem lá em cima — disse um deles.

Viram as peras que pendiam contra o céu da manhã e ao vê-las ficaram horrorizados. Porque não estavam inteiras, eram várias metades de pera cortadas ao comprido e cada uma presa ao próprio talo: todavia, de cada pera só restava a metade direita (ou esquerda, conforme de onde se olhasse, mas estavam todas do mesmo lado) e a outra metade desaparecera, cortada ou talvez mordida.

— O visconde passou por aqui! — gritaram os servos. Certamente, depois de ficar trancado em jejum tantos dias, naquela noite sentira fome e subira na primeira árvore para comer peras.

Caminhando, os servos encontraram numa pedra meia rã que pulava, graças à resistência das rãs, ainda viva.

— Estamos no bom caminho! — E prosseguiram.

Perderam-se, pois não avistaram entre as folhas meio melão e tiveram de voltar atrás até encontrá-lo.

Assim, dos campos passaram para o bosque e viram um cogumelo cortado ao meio, um *porcino*, depois um outro, um boleto vermelho venenoso, e andando pelo mato continuaram encontrando, de vez em quando, aqueles cogumelos que despontavam da terra com meio talo e abriam só meia cobertura. Pareciam cortados com talho preciso, e da outra metade não se encontrava nem um único esporo. Eram cogumelos de todo tipo, esclerodermas, amanitas, agáricos; e os venenosos apareciam em número quase igual ao dos comestíveis.

Seguindo essas pistas dispersas, os servos chegaram ao prado conhecido como Prado das Freiras, onde havia um charco no meio do capinzal. Luzes da aurora, e à beira d'água a figura exígua de Medardo, envolta no manto negro, espelhava-se na água, onde boiavam cogumelos brancos ou amarelos que ele arrancara e agora estavam espalhados naquela superfície transparente. Na água, os cogumelos pareciam inteiros, e o visconde os observava: e também os servos se esconderam na outra margem e não ousaram dizer nada, fixando igualmente os cogumelos flutuantes, até que se deram conta de que eram todos bons para comer. E os venenosos? Se não os tinha jogado no charco, o que fizera com eles? Os servos correram de novo para o bosque. Nem precisaram ir longe, pois no caminho encontraram um menino com um cesto; dentro deste estavam todas aquelas metades de cogumelos venenosos.

Aquele menino era eu. Brincava sozinho no escuro ao redor do Prado das Freiras, dando sustos em mim mesmo ao sair de repente de trás das árvores, quando encontrei meu tio, que saltava sobre seu pé pelo prado ao luar, com um cesto pendurado no braço.

— Oi, tio! — gritei: era a primeira vez que conseguia cumprimentá-lo. Pareceu muito contente de me ver.

— Estou procurando cogumelos — me explicou.

— Conseguiu alguma coisa?

— Olhe — disse meu tio, e nos sentamos à beira do charco. Ele escolhia os cogumelos e jogava alguns na água, deixando outros no cesto.

— Pegue — disse, me entregando o cesto com os cogumelos escolhidos por ele. — Pode fritar.

Gostaria de ter lhe perguntado por que no cesto só havia a metade de cada cogumelo; mas percebi que a pergunta teria sido pouco respeitosa, e corri depois de agradecer. Ia fritá-los quando encontrei o pessoal da criadagem e fiquei sabendo que eram todos venenosos.

A ama Sebastiana, quando lhe contaram a história, disse:

— Só voltou a metade malvada de Medardo. Quem sabe o que acontecerá durante o processo.

Estava marcado para aquele dia um processo contra uma quadrilha presa no dia anterior pelos guardas do castelo. Os bandidos eram gente dali mesmo e por isso o visconde é que tinha de julgá-los. Começou o julgamento e Medardo estava todo torto na cadeira e roía as unhas. Chegaram os bandidos amarrados: o chefe da quadrilha era o jovem Fiorfiero, que fora o primeiro a avistar a liteira enquanto amassava a uva. Entrou a parte lesada e eram cavaleiros toscanos que, a caminho da Provença, passavam por nossos bosques quando Fiorfiero e sua quadrilha caíram em cima deles e os roubaram. Fiorfiero se defendeu dizendo que andavam caçando em nossas terras, e ele os detivera e desarmara justamente por pensar que fossem caçadores, dado que os guardas não os vigiavam. É preciso dizer que naquele tempo os ataques de bandidos eram uma atividade muito comum, razão pela qual a lei era clemente. E ademais, nossas terras eram particularmente favoráveis à bandidagem, e assim, inclusive alguns membros de nossa família, em especial nos tempos agitados, se uniam às quadrilhas. Da caça ilegal nem falo, era o delito mais leve que se podia imaginar.

Mas as apreensões de Sebastiana tinham fundamento. Medardo condenou Fiorfiero e toda a sua quadrilha a morrerem na forca, culpados de rapina. Mas, como as vítimas eram por sua vez caçadores ilegais, condenou-as igualmente à forca. E para punir os guardas, que intervieram tarde demais e que não souberam prevenir os crimes dos caçadores nem os dos bandidos, decretou que eles também fossem enforcados.

Eram umas vinte pessoas no total. Essa cruel sentença provocou consternação e dor em todos nós, não tanto pelos fidalgos toscanos, que ninguém conhecia, mas pelos bandidos e pelos guardas, que eram gente querida. Mestre Pedroprego, albardeiro e carpinteiro, foi encarregado de construir a forca: era um trabalhador sério e inteligente, que se empenhava com firmeza em toda obra. Com grande dor, porque dois dos condenados eram parentes dele, construiu uma forca ramificada feito uma árvore, cujas cordas subiam juntas acionadas por um único guindaste; era uma engrenagem tão grande e engenhosa que dava para enforcar de uma só vez mais gente que o grupo condenado, tanto que o visconde aproveitou para enforcar dez gatos alternando com dois réus. Os cadáveres mirrados e as carcaças de gato balançaram durante três dias e no início ninguém aguentava olhar para eles. Mas logo nos demos conta da visão imponente que ofereciam, e até o nosso julgamento se dividia em sentimentos díspares, a ponto de causar desagrado a decisão de retirá-los e desmontar a grande máquina.

5

Aqueles eram tempos felizes para mim, sempre andando pelos bosques com o dr. Trelawney à procura de conchas de animais marinhos petrificados. O dr. Trelawney era inglês: aparecera em nossas costas depois de um naufrágio, montado num barril de bordeaux. Fora médico de bordo a vida inteira e participara de viagens longas e perigosas, incluindo as realizadas com o famoso capitão Cook, mas jamais vira nada do mundo, pois estava sempre trancado jogando vinte e um. Tendo naufragado em nosso território, logo aderira ao vinho *cancarone*, o mais áspero e granulado da região, e não conseguia mais passar sem ele, a ponto de carregar sempre um cantil bem cheio. Ficara em Terralba, tornando-se o nosso médico, porém não se preocupava com os doentes, e, sim, com suas descobertas científicas, que o mantinham ocupado — e

eu junto — pelos campos e matas dia e noite. Primeiro foi uma doença dos grilos, quase imperceptível, que só se verificava num grilo entre mil e este não sofria nenhum dano; e o dr. Trelawney queria identificar todos os grilos afetados e encontrar o tratamento adequado. E mais os indícios de que nossas terras haviam sido cobertas pelo mar; e então íamos carregando pedregulhos e pederneiras que o doutor dizia terem sido, antigamente, peixes. Por fim, a última de suas grandes paixões: os fogos-fátuos. Queria descobrir o modo de agarrá-los e conservá-los, e com esse escopo passávamos as noites vagando em nosso cemitério, esperando que entre as tumbas de terra e de capim se acendesse algum daqueles vagos clarões, e então tratávamos de atraí-lo, de fazê-lo correr atrás de nós e capturá-lo, sem que se apagasse, em recipientes que experimentávamos de tempos em tempos: sacolas, frascos, garrafões, pequenos braseiros, coadores. O dr. Trelawney tinha ido morar numa casinhola perto do cemitério, que um dia abrigara o coveiro, naqueles tempos de fausto e guerras em que era conveniente ter um homem para fazer só aquele trabalho. Lá o doutor havia instalado o laboratório, com ampolas de todo tipo para engarrafar os fogos-fátuos e retículas similares às de pesca para prendê-los; e alambiques e crisóis em que ele investigava como das terras dos cemitérios e dos miasmas dos cadáveres nasciam aquelas pálidas chamas. Mas não era homem de ficar muito tempo absorto em seus estudos: logo desistia, saía e íamos juntos em busca de novos fenômenos da natureza.

Eu era livre como o ar, pois não tinha pais e não integrava a categoria dos servos nem a dos patrões. Fazia parte da família dos Terralba só por reconhecimento tardio, mas não assinava o nome deles e ninguém se via obrigado a educar-me. Minha pobre mãe era filha do visconde Aiolfo e irmã mais velha de Medardo, porém havia manchado a honra da família fugindo com um caçador ilegal que acabou sendo meu pai. Eu tinha nascido na cabana do caçador, nos terrenos áridos do bosque; e pouco depois meu pai foi morto numa briga e a pelagra liquidou minha mãe naquela mísera cabana. Fui então acolhido no castelo porque meu avô Aiolfo teve pena, e cresci graças aos cuidados da grande ama Sebastiana. Lembro que quando Medardo ainda era jovem e eu bem pequeno, às vezes me deixava participar de suas brincadeiras como se tivéssemos a mesma condição; depois a distância cresceu junto conosco e eu

permaneci do lado da criada. Então no dr. Trelawney descobri um companheiro como nunca tinha tido.

O doutor tinha sessenta anos, mas era da minha altura; mostrava um rosto enrugado feito uma castanha seca, sob o tricórnio e a peruca; as pernas, que as polainas cobriam até a metade da coxa, pareciam mais longas, desproporcionais como as de um grilo, inclusive por causa das longas passadas que dava; e vestia uma casaca cor de rolinha debruada de vermelho, usando por cima, a tiracolo, o cantil com vinho *cancarone*.

A paixão dele pelos fogos-fátuos nos conduzia a longas marchas noturnas para alcançar os cemitérios das aldeias vizinhas, onde às vezes dava para ver chamas mais bonitas em cor e grandeza que as do nosso cemitério abandonado. Mas aí de nós se tais manobras fossem descobertas pelos aldeões: confundidos com ladrões sacrílegos, certa vez fomos seguidos durante vários quilômetros por um grupo de homens armados com foices e tridentes.

Andávamos por lugares escorregadios e com torrentes; eu e o dr. Trelawney pulávamos feito raios pelas rochas, mas sentíamos os aldeões furiosos aproximando-se atrás de nós. Num ponto chamado Salto della Ghigna, um mata-burro atravessava um abismo muito profundo. Em vez de saltar o obstáculo, eu e o doutor nos escondemos num degrau de pedra à beira do abismo, bem a tempo, pois os aldeões estavam em nossos calcanhares. Não nos viram, e aos gritos: “Onde estão aqueles bastardos?”, passaram correndo pelo mata-burro. Um baque, e berrando foram engolidos pela torrente que corria lá no fundo.

O susto pela nossa sorte se transformou em alívio para mim e Trelawney por causa do risco evitado e de novo em susto pelo final terrível de nossos perseguidores. Só nos atrevemos a observar no escuro onde os aldeões tinham desaparecido. Erguendo os olhos vimos os restos do mata-burro: os troncos ainda estavam firmes, só que tinham quebrado no meio, como se tivessem sido serrados; de nenhum outro jeito podíamos explicar como aquela madeira grossa havia cedido com um corte assim preciso.

— Aí tem a mão de alguém que eu conheço — disse o dr. Trelawney, e também eu já entendera.

De fato, ouviu-se um rápido bater de cascos e na orla do barranco apareceram um cavalo e um cavaleiro meio coberto por um manto negro. Era o visconde Medardo que, com seu gélido sorriso triangular,

contemplava o resultado trágico da cilada, imprevista talvez até para ele mesmo: certamente pretendia matar nós dois; acabou por salvar-nos a vida. Trêmulos, o vimos correr naquele cavalo magro que saltava pelas rochas como se fosse filho de uma cabra.

Naquele tempo, meu tio andava sempre a cavalo: encomendara ao albardeiro Pedroprego uma sela especial com um estribo no qual se equilibrava por meio de correias, enquanto o outro levava um contrapeso. Ao lado da sela, uma espada e uma muleta iam penduradas. E assim o visconde cavalgava com um chapéu emplumado e de abas largas, cuja metade sumia debaixo de uma ponta do manto sempre esvoaçante. Onde se ouvia o barulho dos cascos de seu cavalo, todos fugiam mais rápido do que quando passava Galateo, o leproso, e escondiam as crianças e os animais, e temiam pelas plantas, pois a maldade do visconde não poupava ninguém e podia desencadear-se de um momento para outro nas ações mais imprevistas e incompreensíveis.

Jamais adoecera e assim nunca havia precisado dos tratamentos do dr. Trelawney; mas num caso semelhante não sei como o doutor teria se saído, ele que fazia de tudo para evitar meu tio e para nem sequer ouvir falar dele. Quando lhe falavam do visconde e de sua crueldade, o dr. Trelawney sacudia a cabeça e enrugava os lábios murmurando: “Oh, oh, oh!... Sst, sst, sst!”, como quando lhe contavam uma história inconveniente. E, para mudar de conversa, começava a relatar as viagens do capitão Cook. Certa vez tentei perguntar-lhe como, na opinião dele, meu tio conseguia viver tão mutilado, mas o inglês não soube me dizer nada além daquele: “Oh, oh, oh!... Sst, sst, sst!”. Parecia que, do ponto de vista da medicina, o caso de meu tio não suscitava nenhum interesse no doutor; mas eu começava a pensar que ele havia se tornado médico só por imposição familiar ou conveniência, e que tal ciência absolutamente não lhe importava. Talvez a sua carreira de médico de bordo tivesse existido somente pela habilidade no jogo de vinte e um, motivo por que os mais famosos navegantes, o capitão Cook em primeiro lugar, disputavam-no como parceiro de jogo.

Uma noite, o dr. Trelawney caçava fogos-fátuos com a rede em nosso velho cemitério, quando viu pela frente Medardo di Terralba, que deixava seu cavalo pastar em cima dos túmulos. O doutor estava muito

confuso e receoso, mas o visconde se aproximou e indagou com a pronúncia assaz defeituosa de sua boca partida ao meio:

— Procura borboletas noturnas, doutor?

— Oh, milorde — respondeu o doutor com um fio de voz —, oh, oh, não exatamente borboletas, milorde... Fogos-fátuos, sabe, fogos-fátuos...

— Ah, os fogos-fátuos. Muitas vezes também eu me perguntei sobre a origem deles.

— Há tempos, modestamente, isso é objeto de meus estudos, milorde... — disse Trelawney, meio encorajado por aquele tom benévolo.

Medardo contorceu num meio sorriso a sua meia-cara angulosa, com a pele esticada como uma caveira.

— Enquanto estudioso o senhor merece alguma contribuição — disse-lhe. — Pena que este cemitério, abandonado como anda, não seja um bom campo para os fogos-fátuos. Mas prometo que amanhã mesmo providenciarei para ajudá-lo no que me for possível.

O dia seguinte era a data marcada para a administração da justiça, e o visconde condenou à morte uma dezena de camponeses, porque, segundo suas contas, não haviam entregado toda a parte da colheita que deviam ao castelo. Os mortos foram sepultados na terra das fossas comuns e o cemitério produziu a cada noite montes de fogos. O dr. Trelawney estava muito assustado com aquela ajuda, embora a considerasse bastante útil para os seus estudos.

Nessa trágica conjuntura, mestre Pedroprego havia aperfeiçoado bem a sua arte de construir forcas. Tinham se tornado verdadeiras obras-primas de carpintaria e de mecânica, e não só as forcas, mas também os cavaletes, os guindastes e os demais instrumentos de tortura com os quais o visconde Medardo arrancava as confissões dos acusados. Eu ia frequentemente à oficina de Pedroprego, pois era um grande prazer vê-lo trabalhar com tanta habilidade e paixão. Mas uma aflição pesava sempre no coração do albardeiro. O que ele construía eram patíbulos para inocentes. “Como posso”, pensava, “aceitar construir algo tão engenhoso mas que tem um objetivo diferente? E quais poderão ser os novos mecanismos que construirei com mais boa vontade?” Mas não obtendo respostas para tais questões, tratava de expulsá-las da mente,

esforçando-se em fazer as instalações mais bonitas e engenhosas que podia.

— Tem de esquecer o fim para o qual servirão — dizia também a mim. — Olhe-os só como mecanismos. Vê como são bonitos?

Eu olhava para aquelas arquiteturas de traves, aquele sobe e desce de cordas, aquelas ligações de guindastes e de roldanas, e me esforçava para não ver em cima delas os corpos dilacerados, porém quanto mais me esforçava mais era obrigado a pensar, e dizia a Pedroprego:

— Como posso?

— E eu então, rapaz — replicava ele —, como eu posso?

Mas apesar de aflições e medos, aquele período tinha a sua parte de alegria. A hora mais bonita chegava quando o sol estava alto e o mar de ouro, e as galinhas, posto o ovo, cantavam, e pelas vielas se ouvia o toque do chifre do leproso. Ele passava todas as manhãs pedindo a contribuição para os seus companheiros de desventura. Chamava-se Galateo e carregava no pescoço um chifre de caça cujo toque advertia de longe de sua chegada. As mulheres ouviam o chifre e punham no canto da mureta ovos, abobrinhas ou tomates, e às vezes um pequeno coelho já limpo; e depois fugiam para se esconder levando as crianças, porque ninguém deve permanecer nas ruas por onde passa o leproso: a lepra pega de longe e até vê-lo era perigoso. Precedido pelos toques agudos do chifre, Galateo vinha devagar pelos becos desertos, com o grande cajado nas mãos, e a roupa comprida toda rasgada que arrastava pelo chão. Tinha cabelos compridos, amarelados, parecendo estopa e um rosto branco arredondado, já meio carcomido pela lepra. Recolhia as ofertas, enfiava-as na cesta de vime e lançava agradecimentos para as casas dos camponeses escondidos, com sua voz melosa, misturando sempre alguma alusão maligna ou para fazer rir.

Naquela época, nas regiões próximas do mar, a lepra era um mal difuso, e havia perto de nós uma pequena aldeia, Prado do Cogumelo, habitada apenas por leprosos, aos quais devíamos dar contribuições, que eram justamente recolhidas por Galateo. Quando alguém do litoral ou do campo era atingido pela lepra, deixava parentes e amigos e ia para Prado do Cogumelo passar o resto da vida esperando ser devorado pelo mal. Falava-se de grandes festas que acolhiam os recém-chegados: de longe ouviam-se subir sons e cantos das casas dos leprosos até a noite.

Diziam muitas coisas de Prado do Cogumelo, embora ninguém entre os saudáveis jamais tivesse ido lá; mas todos concordavam em dizer que lá a vida era uma perpétua diversão. Antes de se tornar asilo de leprosos a aldeia fora um covil de prostitutas para onde iam marinheiros de todas as raças e religiões: e parecia que as mulheres ainda conservavam os costumes licenciosos daqueles tempos. Os leprosos não plantavam, exceto uma vinha de uva vermelha cujo vinho os mantinha em estado de leve embriaguez o ano inteiro. A grande ocupação dos leprosos era tocar instrumentos estranhos inventados por eles, harpas com sininhos pendurados nas cordas, e cantar em falsete, e pintar ovos com pinceladas coloridas como se fosse sempre Páscoa. Assim, rodopiando com músicas dulcíssimas, com guirlandas de jasmim ao redor das faces desfiguradas, esqueciam a convivência humana da qual a doença os afastara.

Nenhum de nossos médicos jamais se responsabilizara pelos leprosos, mas quando Trelawney se estabeleceu entre nós, esperava-se que ele quisesse dedicar a sua ciência à cura daquela praga em nossas terras. Também eu, da minha forma infantil, partilhava tais esperanças: havia tempos sentia uma grande vontade de ir até Prado do Cogumelo e assistir às festas dos leprosos; e se o doutor se dedicasse a experimentar seus remédios com aqueles desgraçados, talvez me permitisse algumas vezes acompanhá-lo até o interior da aldeia. Mas nada disso aconteceu: mal ouvia o chifre de Galateo, o dr. Trelawney fugia correndo, temendo o contágio mais do que ninguém. Algumas vezes tentei interrogá-lo sobre a natureza daquela doença, mas ele deu respostas evasivas e fragmentadas, como se bastasse a palavra *lepra* para perturbá-lo.

No fundo, não sei por que insistíamos em considerá-lo um médico: pelos animais, em especial os menores, pelas pedras, pelos fenômenos naturais se interessava muito, mas os seres humanos e suas doenças o enchiam de repugnância e desânimo. Tinha aversão a sangue, só tocava os doentes com a ponta dos dedos, e diante dos casos graves tapava o nariz com um lenço de seda molhado em vinagre. Pudico como uma donzela, enrubescia ao ver um corpo nu; e se fosse uma mulher, ele mantinha os olhos baixos e gaguejava; mulheres, em suas longas viagens pelos oceanos, parece que nunca havia conhecido. Por sorte, nessa época, entre nós os partos eram trabalho para parteiras e não para médicos, caso contrário, quem sabe como enfrentaria a tarefa.

Meu tio teve a ideia dos incêndios. Durante a noite, de repente, ardia um celeiro de camponeses miseráveis ou uma árvore boa para lenha ou então um bosque inteiro. Aí ficávamos até de manhã passando baldes d'água de mão em mão para apagar as chamas. As vítimas eram sempre pobres que tinham discutido com o visconde por causa de alguma de suas sentenças cada vez mais severas e injustas ou de tributos que havia duplicado. Não satisfeito de incendiar os bens, começou a pôr fogo nas casas: parecia que se aproximava à noite e depois escapava a cavalo; mas nunca ninguém conseguia apanhá-lo em flagrante. Certa vez morreram dois velhos; depois, um rapaz ficou com o crânio esfolado. Crescia entre os camponeses o ódio contra ele. Seus inimigos mais obstinados eram as famílias de religião huguenote que moravam em Col Gerbido; lá, os homens montavam guarda, fazendo turnos a noite inteira para prevenir incêndios.

Sem nenhuma razão plausível, certa noite foi até as casas de Prado do Cogumelo, que tinham teto de palha, e jogou contra elas alcatrão e fogo. Os leprosos têm a capacidade de não sentir dor quando queimados e, caso apanhados pelas chamas durante o sono, certamente não teriam mais despertado. Porém, afastando-se a cavalo, o visconde ouviu se elevar da aldeia a cavatina de um violino: os moradores de Prado do Cogumelo estavam acordados, distraídos em seus divertimentos. Chamuscaram-se todos, mas não sentiram dores e se divertiram ao modo deles. Logo apagaram o incêndio; mesmo as casas, talvez por estarem igualmente infectadas de lepra, sofreram poucos danos com as chamas.

A maldade de Medardo voltou-se também contra seu próprio bem: o castelo. O fogo elevou-se da ala em que dormiam os servos e se espalhou entre urros altíssimos de quem havia ficado prisioneiro, enquanto o visconde foi visto cavalgando pelo campo. Tratava-se de um atentado contra a vida de sua ama e mãe substituta, Sebastiana. Com a obstinação autoritária que as mulheres pretendem manter sobre aqueles que viram pequenos, Sebastiana não deixava de recriminar cada novo malefício do visconde, mesmo quando todos se convenceram de que sua natureza estava voltada para uma crueldade irreparável, insana. Sebastiana foi retirada em mau estado dos cômodos carbonizados e teve de ficar de cama vários dias, para curar as queimaduras.

Uma noite, a porta do quarto em que jazia se abriu e o visconde lhe apareceu ao lado da cama.

— Que são estas marcas em seu rosto, ama? — disse Medardo, apontando para as queimaduras.

— Marcas de seus pecados, filho — disse a velha, serena.

— Sua pele está manchada e retorcida; qual é o problema, ama?

— Um mal que não é nada, meu filho, comparado ao que lhe tocará no inferno, se não se arrepender.

— É melhor que se restabeleça logo: não gostaria que soubessem por aí desse mal que a...

— Não estou à procura de marido, para me preocupar com meu corpo. A consciência tranquila é suficiente para mim. Tomara você pudesse dizer o mesmo.

— Todavia, seu marido a espera, para levá-la junto com ele, não sabia?

— Não deboche da velhice, filho, você que teve a juventude prejudicada.

— Não estou brincando. Escute, ama: aí está seu noivo tocando sob a sua janela...

Sebastiana apurou o ouvido e ouviu o som do chifre do leproso fora do castelo.

No dia seguinte, Medardo mandou chamar o dr. Trelawney.

— Manchas suspeitas apareceram não se sabe como no rosto de uma nossa velha criada — disse ao doutor. — Todos receamos que seja lepra. Doutor, confiamos nas luzes de sua sapiência.

Trelawney inclinou-se gaguejando:

— É meu dever, milorde... sempre às suas ordens, milorde...

Virou-se, saiu, raspou-se do castelo, levando junto um barrilzinho de vinho *cancarone*, e desapareceu nos bosques. Não foi visto durante uma semana. Quando voltou, a ama Sebastiana fora mandada à aldeia dos leprosos.

Deixara o castelo ao anoitecer, vestida de negro e com o rosto coberto, levando no braço um embrulho com suas coisas. Sabia que sua sorte estava definida: devia tomar o rumo de Prado do Cogumelo. Deixou o quarto em que fora confinada até então, e não havia ninguém nos corredores nem nas escadas. Desceu, atravessou o pátio, saiu campo afora: tudo deserto, à sua passagem todos se retiravam e se escondiam. Ouviu um chifre de caça modular um chamado em surdina, em duas

notas: pouco adiante no caminho estava Galateo, que erguia para o céu a boca de seu instrumento. A ama movimentou-se com passos lentos; a estrada ia na direção do pôr do sol; Galateo a precedia com boa distância, parando de vez em quando como se contemplasse os zangões que zumbiam entre as folhas, levantava o chifre e obtinha um triste acorde; a ama olhava as hortas e as margens que estava abandonando, sentia por trás das sebes a presença das pessoas que se afastavam dela, e recomeçava a andar. Sozinha, seguindo Galateo de longe, chegou a Prado do Cogumelo, e os portões da aldeia se fecharam atrás dela, enquanto as harpas e os violinos começaram a soar.

O dr. Trelawney me decepcionara completamente. Não ter levantado um dedo para impedir que a velha Sebastiana fosse condenada ao leprosário — mesmo sabendo que suas manchas não eram de lepra — era um sinal de vilania e senti pela primeira vez certa aversão pelo doutor. Convém acrescentar que, ao fugir para o bosque, não me levou junto, mesmo sabendo quanto lhe teria sido útil como caçador de esquilos e catador de framboesas. Agora, sair com ele em busca de fogos-fátuos já não me agradava como antes, e muitas vezes andava sozinho, à procura de novas companhias.

As pessoas que mais me atraíam agora eram os huguenotes que moravam em Col Gerbido. Era gente que fugira da França, onde o rei mandava cortar em pedaços todos os que seguissem a religião deles. Na travessia das montanhas haviam perdido seus livros e objetos sacros, e agora não tinham mais nem Bíblia para ler, nem missa para celebrar, nem hinos para cantar, nem orações para recitar. Desconfiados como todos os que sofreram perseguições e que vivem no meio de gente que professa outra fé, não tinham aceitado receber nenhum livro religioso, nem ouvir conselhos sobre o modo de celebrar seus cultos. Se alguém vinha procurá-los declarando-se um irmão huguenote, temiam que fosse um emissário do papa disfarçado e se encerravam no silêncio. Assim, puseram-se a cultivar as duras terras de Col Gerbido e se extenuavam a trabalhar, homens e mulheres, da madrugada até depois do pôr do sol, na esperança de que a graça os iluminasse. Pouco entendidos no que era pecado, para não enganar-se multiplicavam as proibições e tinham se reduzido a observar um ao outro com olhos severos, vigiando se algum mínimo gesto traía uma intenção culposa. Lembrando confusamente as

disputas da Igreja deles, abstinham-se de nomear Deus e qualquer outra expressão religiosa, com medo de falar de um modo sacrílego. Assim, não seguiam nenhuma regra de culto, e provavelmente nem ousavam formular pensamentos sobre questões de fé, mesmo conservando uma gravidade absorta como se pensassem sempre nisso. Ao contrário, as regras de sua agricultura fatigante com o tempo haviam adquirido um valor similar ao dos mandamentos, caso dos hábitos de parcimônia a que eram obrigados e das virtudes domésticas das mulheres.

Constituíam uma grande família cheia de netos e noras, todos altos e calejados, e trabalhavam a terra sempre vestidos para festa, de negro e abotoados, os homens com o chapéu de abas largas e caídas e as mulheres com toucas brancas. Os homens usavam barbas compridas e andavam sempre com a espingarda a tiracolo, mas dizia-se que nenhum deles jamais havia disparado, exceto nos pássaros, pois isso era proibido pelos mandamentos.

Dos planaltos calcáreos, onde com muito esforço crescia alguma mísera videira e um trigo raquítico, erguia-se a voz do velho Ezequiel que berrava sem cessar de punhos erguidos para o céu, tremendo com a branca barba caprina, girando os olhos sob o chapéu em forma de funil: “Peste e carestia! Peste e carestia!”, e gritando com os parentes encurvados pelo trabalho: “Vamos com essa enxada, Giona! Arranca o capim, Susanna! Tobia, espalha o estrume!”, e disparava mil ordens e recriminações com o enfado de quem se dirige a um bando de ineptos e esbanjadores, e cada vez, depois de ter gritado as mil coisas que deviam fazer para que o campo não se estragasse, punha-se a executá-las ele também, expulsando os outros e sempre berrando: “Peste e carestia!”.

Sua mulher, ao contrário, não gritava nunca, e parecia, diferentemente dos outros, segura de uma religião secreta, estabelecida nos mínimos detalhes, mas sobre a qual não conversava com ninguém. Bastava-lhe observar fixamente, com seus olhos de grandes pupilas, e dizer, com os lábios cerrados: “Mas tem certeza, irmã Rachele? Mas tem certeza, irmão Aronne?”, para que os raros sorrisos desaparecessem das bocas dos familiares e as expressões se tornassem graves e atentas.

Uma noite, cheguei a Col Gerbido enquanto os huguenotes estavam pregando. Não que pronunciassem palavras e estivessem de mãos dadas ou ajoelhados; estavam enfileirados na vinha, os homens de um lado e as mulheres do outro e, no fundo, o velho Ezequiel com a barba no peito.

Olhavam direto para a frente, com as mãos fechadas pendendo dos longos braços nodosos, mas embora parecessem absortos não perdiam o conhecimento daquilo que os circundava, e Tóbia estendeu uma das mãos e retirou uma lagarta de uma videira, Rachele com a sola de pregos esmagou uma lesma, e o próprio Ezequiel tirou de repente o chapéu para espantar os pássaros que atacavam o trigo.

A seguir entoaram um salmo. Não se lembravam das palavras mas somente da ária, e nem esta sabiam bem, e muitas vezes alguém desafinava ou talvez todos desafinassem sempre, mas não desistiam, e acabada uma estrofe começavam outra, sempre sem pronunciar as palavras.

Senti me puxarem pela manga e era o pequeno Esaú fazendo sinal para que eu ficasse quieto e o seguisse. Esaú tinha a mesma idade que eu; era o último filho do velho Ezequiel; dos parentes só tinha a expressão do rosto dura e tensa, mas com um fundo de malícia marota. Andando de quatro pela vinha nos afastamos, enquanto ele me dizia:

— Ainda vão demorar mais meia hora; haja paciência! Venha ver a minha caverna.

A caverna de Esaú era secreta. Ele se escondia lá para que os seus não o encontrassem e não o mandassem pastorear cabras ou tirar as lesmas das verduras. Ali passava dias inteiros sem fazer nada, enquanto o pai o procurava aos berros pelos campos.

Esaú tinha uma provisão de tabaco e, pendurados na parede, guardava dois cachimbos compridos de louça. Encheu um e queria que eu fumasse. Ensinou-me a acender e lançava grandes baforadas com uma avidez que eu nunca tinha visto num jovem. Era a primeira vez que eu fumava. Para me deixar à vontade, Esaú pegou uma garrafa de aguardente e me serviu um copo que me fez tossir e revirar as tripas. Ele a bebia como se fosse água.

— Para me embebedar é preciso uma boa quantidade — disse.

— Onde conseguiu todas estas coisas que tem aqui? — perguntei-lhe.

Esaú fez um gesto de quem raspa com os dedos:

— Rubei.

Tornara-se o chefe de um bando de rapazes católicos que saqueavam os campos das redondezas; e não só limpavam as árvores frutíferas, mas também entravam nas casas e nos galinheiros. E xingavam mais alto e

mais vezes até do que mestre Pedroprego: conheciam todos os palavrões católicos e huguenotes e os trocavam entre eles.

— Mas cometo também vários outros pecados — me explicou —, presto testemunhos falsos, me esqueço de aguar os feijões, não respeito pai e mãe, volto para casa tarde da noite. Agora quero cometer todos os pecados possíveis; mesmo aqueles que ainda não sou suficientemente adulto para entender.

— Todos os pecados? — disse-lhe eu. — Mesmo matar?

Deu de ombros:

— Matar agora não me convém e não me interessa.

— Meu tio mata e manda matar por prazer, dizem — comentei eu, para ter alguma coisa minha para contrapor a Esaú.

Ele cuspiu.

— Um prazer de imbecis — disse.

Depois trovejou e começou a chover.

— Vão procurar por você em casa — disse a Esaú. Ninguém nunca procurava por mim, mas percebia que outros rapazes eram sempre procurados pelos pais, especialmente quando o tempo estava ruim, e pensei que fosse uma coisa importante.

— Vamos esperar aqui a chuva passar — disse Esaú —, e enquanto isso vamos jogar dados.

Pegou os dados e uma pilha de notas. Dinheiro eu não tinha, por isso apostei assobios, facas e atiradeiras — e perdi tudo.

— Não desanime — me disse por fim Esaú. — Sabe, eu trapaceio.

Lá fora: trovões, relâmpagos e chuva sem parar. A gruta de Esaú começou a alagar-se. Ele pôs o tabaco e as outras coisas a salvo e disse:

— Vamos ter dilúvio a noite inteira: é melhor correr e nos proteger em casa.

Estávamos encharcados e cheios de lama quando chegamos à casa do velho Ezequiel. Os huguenotes estavam sentados ao redor da mesa, à luz de uma lamparina, e tentavam lembrar-se de algum episódio da Bíblia, tratando de contá-lo como algo que pareciam ter lido um dia, com significado e verdade incertos.

— Peste e carestia! — gritou Ezequiel dando um soco na mesa, que apagou a lamparina, quando seu filho Esaú apareceu comigo no vão da porta.

Comecei a bater os dentes. Esaú deu de ombros. Do lado de fora parecia que os trovões e relâmpagos descarregavam sobre Col Gerbido. Enquanto reacendiam a lamparina, o velho com os punhos cerrados enumerava os pecados do filho como os mais nefandos que um ser humano tivesse cometido, mas só conhecia parte deles. A mãe concordava muda, e todos os demais filhos e genros e noras e netos ouviam com o queixo no peito e o rosto escondido entre as mãos. Esaú, maçã na mão, mordiscava como se a briga não fosse com ele. Eu, entre os relâmpagos e a voz de Ezequiel, tremia feito um caniço.

A gritaria foi interrompida pela volta dos homens que faziam a guarda, com sacos no lugar de capuzes, todos ensopados. Os huguenotes faziam turnos a noite inteira, armados de escopetas, foices e garfos de feno para prevenir as incursões traiçoeiras do visconde, já inimigo declarado deles.

— Pai! Ezequiel! — disseram aqueles huguenotes. — É uma noite de lobos. Na certa o Capenga não vai aparecer. Podemos nos abrigar em casa, pai?

— Aí fora não há sinais do Manco? — perguntou Ezequiel.

— Não, pai, exceto o cheiro de queimado que os raios deixam. Esta não é noite para o Aleijão.

— Então, fiquem em casa e troquem de roupa. Que a tempestade traga paz para o Arrebetado e para nós.

Capenga, Manco, Aleijão, Arrebetado eram alguns dos apelidos com que os huguenotes indicavam meu tio; nunca os ouvi pronunciar seu verdadeiro nome. Ostentavam nas conversas uma espécie de intimidade com o visconde, como se o conhecessem muito bem, como se ele fosse um velho inimigo. Diziam entre eles frases breves seguidas de piscadelas e risadinhas: “Eh, eh, o Manco... Assim mesmo, o Meio Surdo...”, como se todas as loucuras tenebrosas de Medardo fossem claras e previsíveis para eles.

Assim estavam falando, quando na tempestade se ouviu um soco na porta.

— Quem bate com um tempo destes? — disse Ezequiel. — Rápido, abram.

Abriram e no umbral estava o visconde rígido na única perna, enrolado em seu manto negro gotejante, com o chapéu de plumas encharcado.

— Amarrei meu cavalo na estrebaria de vocês — disse. — Rogo que me deem hospitalidade também. A noite está feia para um viajante.

Todos olharam para Ezequiel. Eu tinha me escondido debaixo da mesa, para que meu tio não descobrisse que frequentava aquela casa inimiga.

— Sente-se próximo do fogo — disse Ezequiel. — Nesta casa o hóspede é sempre bem-vindo.

Perto do umbral havia um monte de lençóis usados para estender sob as árvores na colheita de azeitonas; Medardo deitou-se sobre eles e adormeceu.

No escuro, os huguenotes se juntaram ao redor de Ezequiel.

— Pai, agora nós o temos em nossas mãos, o Capenga! — cochicharam. — Vamos deixá-lo fugir? Devemos permitir que pratique outros crimes contra os inocentes? Ezequiel, não chegou a hora de pagar suas culpas, o Abúndeo?

O velho ergueu o punho em direção ao teto:

— Peste e carestia! — gritou, se é possível dizer que grita quem fala sem emitir quase nenhum som, mas com toda a sua força. — Em nossa casa, nenhum hóspede jamais foi maltratado. Vou montar guarda eu próprio para proteger o sono dele.

E com a espingarda a tiracolo plantou-se ao lado do visconde reclinado. O olho de Medardo se abriu.

— O que faz aqui, mestre Ezequiel?

— Protejo o seu sono, hóspede. Muitos o odeiam.

— Sei disso — disse o visconde —, não durmo no castelo porque receio que os servos me matem durante o sono.

— Tampouco gostamos do senhor em minha casa, mestre Medardo. Mas esta noite será respeitado.

O visconde ficou em silêncio, depois disse:

— Ezequiel, quero converter-me à religião de vocês.

O velho não disse nada.

— Estou cercado por gente não confiável — continuou Medardo. — Gostaria de me livrar deles todos e chamar os huguenotes para o castelo. O senhor, mestre Ezequiel, será o meu ministro. Vou declarar Terralba território huguenote e começarei a guerra contra os príncipes católicos. O senhor e seus familiares serão os chefes. Está de acordo, Ezequiel? Pode me converter?

O velho estava duro, imóvel com o peito grande atravessado pela correia do fuzil.

— Esqueci coisas demais da nossa religião — disse — para que possa ousar converter alguém. Permanecerei em minhas terras segundo minha consciência. O senhor nas suas com a sua.

O visconde ergueu-se sobre o cotovelo.

— Sabe, Ezequiel, que ainda não informei a Inquisição sobre a presença de hereges em meu território? E que suas cabeças mandadas de presente ao nosso bispo me permitiriam voltar imediatamente às boas graças da cúria?

— Nossas cabeças ainda estão coladas em nossos pescoços, senhor — disse o velho —, mas existe algo que é ainda mais difícil de nos arrancar.

Medardo ficou de pé num salto e abriu a porta.

— Dormirei mais tranquilo debaixo daquele carvalho do que em casa de inimigos. — E foi embora debaixo de chuva.

O velho chamou os outros:

— Filhos, estava escrito que primeiro viesse o Capenga visitar-nos. Agora ele se foi; o caminho de nossa casa está livre; não se desesperem, filhos: talvez um dia passe um viajante melhor.

Todos os huguenotes barbudos e as mulheres com toucas inclinaram a cabeça.

— E mesmo que não venha ninguém — acrescentou a mulher de Ezequiel —, permaneceremos em nosso lugar.

Naquele momento, um raio riscou o céu, e o trovão fez tremer as telhas e as pedras das paredes. Tobia gritou:

— O raio caiu no carvalho! Está queimando!

Correram para fora com as lanternas, e viram a grande árvore carbonizada pela metade, do alto da copa às raízes, e a outra metade estava intacta. Distante sob a chuva, ouviram os cascos de um cavalo e com um relâmpago viram a figura coberta do magro cavaleiro.

— Você nos salvou, pai — disseram os huguenotes. — Obrigado, Ezequiel.

O céu clareava no levante trazendo a aurora.

Esaú me chamou de lado:

— Diga se não são tontos — me disse baixo —, veja o que aproveitei para fazer. — E mostrou a mão cheia de objetos brilhantes. — Todas as

tachas de ouro da sela, peguei tudo enquanto o cavalo estava amarrado na estrebaria. Diga se não são tontos em não pensar nisso.

Esse jeito de agir de Esaú não me agradava, e o de seus parentes me inibia. Preferi então ficar só e ir até a praia pegar moluscos e caçar caranguejos. Enquanto tentava desentocar um filhote de caranguejo na ponta de um rochedo, vi na água calma debaixo de mim espelhar-se uma lâmina acima de minha cabeça, e caí no mar com o susto.

— Segure aqui — disse meu tio, pois fora ele quem se aproximara às minhas costas. E queria que me firmasse na espada, do lado da lâmina.

— Não, dou um jeito sozinho — respondi, e me pendurei num contraforte que um braço d'água separava do resto do rochedo.

— Está procurando caranguejos? — disse Medardo —, estou atrás de polvos. — E me mostrou sua presa.

Eram grandes polvos marrons e brancos. Estavam cortados em dois com um golpe de espada, mas continuavam a mover os tentáculos.

— Que se pudesse partir ao meio toda coisa inteira — disse meu tio, de bruços no rochedo, acariciando aquelas metades convulsivas de polvo —, que todos pudessem sair de sua obtusa e ignorante inteireza. Estava inteiro e para mim as coisas eram naturais e confusas, estúpidas como o ar: acreditava ver tudo e só havia a casca. Se você virar a metade de você mesmo, e lhe deseje isso, jovem, há de entender coisas além da inteligência comum dos cérebros inteiros. Terá perdido a metade de você e do mundo, mas a metade que resta será mil vezes mais profunda e preciosa. E você há de querer que tudo seja partido ao meio e talhado segundo sua imagem, pois a beleza, sapiência e justiça existem só no que é composto de pedaços.

— Ah, ah — dizia eu —, que monte de caranguejos aqui! — E fingia interesse apenas por minha caça, para manter-me distante da espada de meu tio.

Não voltei para a margem enquanto ele não se afastou com seus polvos. Mas o eco das palavras dele continuava a me perturbar e não encontrava sossego para essa sua fúria de dividir tudo ao meio. Para qualquer lado que me virasse, Trelawney, Pedroprego, os huguenotes, os leprosos, todos se encontravam sob o signo do homem partido ao meio, era ele o patrão a quem servíamos e do qual não conseguíamos nos livrar.

Afivelado na sela de seu cavalo saltador, Medardo di Terralba subia e descia desde cedo pelos barrancos, e se debruçava para o vale perscrutando com olho de ave de rapina. Assim viu a pequena pastora Pamela em meio a um prado junto com suas cabras.

O visconde disse consigo mesmo: “Acontece que entre os meus sentimentos intensos não tenho nada que corresponda àquilo que os inteiros chamam de amor. E se para eles um sentimento tão idiota possui tanta importância, o que para mim poderá corresponder a isso, certamente será magnífico e terrível”. E decidiu apaixonar-se por Pamela, que, gorduchinha e descalça, com um simples vestidinho rosa, estava de bruços na grama, cochilando, falando com as cabras e cheirando flores.

Mas os pensamentos que ele formulara friamente não devem nos induzir a enganos. Ao ver Pamela, Medardo sentira um vago movimento do sangue, e havia recorrido àqueles argumentos com uma espécie de pressa assustada.

No caminho de volta, ao meio-dia, Pamela viu que todas as margaridas do prado tinham só a metade das pétalas e a outra metade do miolo fora desfolhada. “Ai de mim”, disse consigo mesma, “de todas as moças do vale, tinha de acontecer logo comigo!” Havia entendido que o visconde se apaixonara por ela. Colheu todas as meias margaridas, levou-as para casa e as pôs entre as páginas do missal.

À tarde, foi ao Prado das Freiras para alimentar os patos e fazê-los nadar no pântano. O prado estava coberto de umbelíferas brancas, mas também elas tiveram a sorte das margaridas, como se parte de cada corimbo tivesse sido cortado com uma tesourada. “Ai de mim”, disse consigo mesma, “é justamente a mim que ele deseja!”, e juntou num maço as flores divididas para colocá-las na moldura do espelho da cômoda.

Depois não pensou mais no caso, amarrou a trança em volta da cabeça, tirou o vestido e tomou banho na lagoa junto com os patos.

À noite, regressando a sua casa, os prados estavam cheios de dentes-de-leão também conhecidos como “soprões”. E Pamela viu que tinham perdido as penugens só de um lado, como se alguém tivesse deitado no chão soprando de banda ou só com meia boca. Pamela colheu algumas daquelas meias esferas brancas, soprou-as e sua penugem macia voou

longe. “Ai de mim”, disse consigo mesma, “é mesmo comigo. Como vai acabar isso?”

A casa de Pamela era tão pequena que depois de ter feito as cabras entrarem no primeiro andar e os patos no térreo não cabia mais ninguém. Tudo em torno estava cercado de abelhas, pois também cuidavam de colmeias. E debaixo da terra estava cheio de formigueiros: bastava pôr uma das mãos em qualquer lugar para retirá-la negra e formigando. Sendo assim, a mãe de Pamela dormia no paiol, o pai dormia num barril vazio, e Pamela numa rede suspensa entre uma figueira e uma oliveira.

Pamela se deteve no umbral. Havia uma borboleta morta. Uma asa e metade do corpo tinham sido esmagadas por uma pedra. Pamela deu um grito e chamou o pai e a mãe.

— Quem esteve aqui? — disse Pamela.

— Há pouco passou o nosso visconde — disseram o pai e a mãe —, disse que estava atrás de uma borboleta que o havia picado.

— Desde quando as borboletas picam alguém? — disse Pamela.

— Bah, nós também queríamos saber.

— A verdade é — disse Pamela — que o visconde se apaixonou por mim e devemos estar preparados para o pior.

— Ah, ah, não deixe que lhe suba à cabeça, não exagere — responderam os velhos, como sempre os velhos costumam responder, quando não são os jovens que respondem assim.

No dia seguinte, quando chegou à pedra onde costumava sentar-se pastoreando as cabras, Pamela deu um berro. Restos horrendos enfeavam a pedra: eram a metade de um morcego e a metade de uma medusa, uma pingando sangue negro e a outra, matéria viscosa, uma com a asa aberta e a outra com as moles franjas gelatinosas. A pastora percebeu que era uma mensagem. Significava: encontro hoje à noite na praia. Pamela tomou coragem e foi.

Junto ao mar, sentou-se nas pedras e ficou escutando o sussurro da onda branca. A seguir, um tropel sobre as pedras e Medardo galopava pela margem. Deteve-se, tirou a fivela, apeou.

— Pamela, eu decidi apaixonar-me por você — disse ele.

— E é por isso — empertigou-se ela — que destrói todas as criaturas da natureza?

— Pamela — suspirou o visconde —, não temos nenhuma outra linguagem para nos comunicar senão esta. Cada encontro de duas criaturas no mundo é uma dilaceração. Venha comigo, conheço esse mal e você há de estar mais segura do que com qualquer outro; porque faço o mal como todos, mas, diferentemente dos outros, tenho a mão firme.

— E vai me estraçalhar como as margaridas ou as medusas?

— Não sei o que vou fazer com você. Certamente, tê-la comigo me tornará possível coisas que nem imagino. Vou levá-la para o castelo e encerrá-la ali e nenhum outro há de vê-la e teremos meses e anos para entender o que deveremos fazer e inventar sempre novos modos para estar juntos.

Pamela estava deitada no cascalho e Medardo se ajoelhou ao lado dela. Ao falar, gesticulava envolvendo-a com a mão, mas sem tocá-la.

— Bem: tenho de saber antes o que vai fazer comigo. Seria uma boa ideia me dar uma amostra agora para eu decidir se vou ou não para o castelo.

O visconde lentamente aproximou da bochecha de Pamela a sua mão fina e adunca. A mão tremia e não dava para entender se ensaiava uma carícia ou um arranhão. Mas ele não chegara a tocá-la, quando retraiu a mão de repente e se levantou.

— É no castelo que a desejo — disse içando-se até o cavalo —, vou preparar a torre onde você há de morar. Dou-lhe mais um dia para pensar e depois terá de chegar a uma decisão.

E dizendo isso esporeou o animal pela praia afora.

No dia seguinte, Pamela subiu como de hábito na amoreira para colher as frutinhas e ouviu gemer e espojar-se entre os galhos. Por pouco não caiu do susto. Num ramo alto estava amarrado um galo pelas asas, e grandes lagartas azuis e cabeludas o devoravam: um ninho de processionárias, insetos terríveis que vivem nos pinheiros, fora colocado bem na sua crista.

Na certa era outra das terríveis mensagens do visconde. E Pamela interpretou: “Ao amanhecer nos vemos no bosque”.

Com a desculpa de encher um saco de pinhas, Pamela subiu até o bosque, e Medardo saiu de trás de um tronco apoiado em sua muleta.

— Então — perguntou a Pamela —, resolveu vir para o castelo?

Pamela estava recostada sobre as agulhas de pinheiro.

— Resolvi não ir — disse virando-se de leve. — Se me quiser, venha me encontrar aqui no bosque.

— Há de vir para o castelo. A torre onde vai morar está pronta e será todinha sua.

— O senhor quer me manter prisioneira lá e depois talvez me torrar num incêndio ou fazer os ratos me roerem. Não, não. Já lhe disse: serei sua se quiser, mas aqui nas agulhas de pinheiro.

O visconde estava de cócoras junto à cabeça dela. Tinha uma agulha de pinheiro na mão; aproximou-a do pescoço da moça e passou-a em sua pele. Pamela sentiu arrepios, mas aguentou firme. Via o rosto do visconde inclinado sobre ela, aquele perfil que continuava a ser um perfil mesmo visto de frente e aquelas meias bandas de dentes abertas num sorriso em forma de tesoura. Medardo apertou a agulha de pinheiro na mão e quebrou-a. Ergueu-se.

— É trancada no castelo que a desejo, trancada no castelo!

Pamela percebeu que podia arriscar-se, e balançava no ar os pés descalços enquanto dizia:

— Aqui no bosque, não digo que não; fechada, nem morta.

— Encontrarei um jeito de arrastá-la! — disse Medardo pondo a mão no dorso do cavalo que tinha se aproximado como se passasse ali por acaso. Subiu na sela e arrancou pelos atalhos da floresta.

Naquela noite Pamela dormiu em sua rede pendurada entre a oliveira e a figueira, e de manhã, que horror! encontrou no colo uma pequena carcaça sangrando. Era um meio esquilo, cortado como de hábito em sentido longitudinal, mas com a pele intacta.

— Ai de mim, pobre de mim — disse aos pais —, este visconde não me deixa em paz.

O pai e a mãe passaram de mão em mão a carcaça do esquilo.

— Contudo — disse o pai —, deixou a cauda inteira. Quem sabe não é um bom sinal...

— E se estivesse começando a ficar bom... — disse a mãe.

— Sempre corta tudo em dois — disse o pai —, mas o que o esquilo tem de mais bonito, a cauda, ele respeita...

— Esta mensagem talvez queira dizer — comentou a mãe — que tudo o que você tiver de bonito ele há de respeitar...

Pamela pôs as mãos na cabeça.

— O que tenho de ouvir de vocês, pai e mãe! Estão escondendo alguma coisa de mim: o visconde falou com vocês...

— Falar não — disse o pai —, mas mandou dizer que pretende nos visitar e que vai se interessar por nossas misérias.

— Pai, se ele vier conversar, tire a tampa das colmeias e mande as abelhas para cima dele.

— Filha, talvez mestre Medardo esteja melhorando... — disse a velha.

— Mãe, se ele vier falar com vocês, amarrem-no em cima do formigueiro e deixem-no lá.

Naquela noite, o paiol onde dormia a mãe pegou fogo e o barril onde dormia o pai foi quebrado. De manhã, os dois velhotes contemplavam os restos do desastre quando apareceu o visconde.

— Lamento tê-los assustado esta noite — disse —, mas não sabia como entrar no assunto. O fato é que sua filha Pamela me agrada e gostaria de levá-la para o castelo. Por isso peço-lhes formalmente que me deem sua mão. A vida dela vai mudar e a de vocês também.

— Imagine se nós não ficaríamos contentes, senhor! — disse o velhote. — Mas se soubesse o temperamento que tem minha filha! Veja só: disse para jogá-lo contra as abelhas das colmeias...

— Imagine, senhor... — disse a mãe —, sugeriu amarrá-lo ao formigueiro...

Sorte que Pamela voltou cedo para casa nesse dia. Encontrou o pai e a mãe amarrados e amordaçados, ele na colmeia, ela no formigueiro. Mais sorte ainda: as abelhas conheciam o velho e as formigas tinham mais o que fazer além de picar a velha. Assim pôde salvar os dois.

— Viram como o visconde ficou bonzinho? — disse Pamela.

Mas os dois velhotes andavam matutando alguma coisa. E no dia seguinte amarraram Pamela e a prenderam em casa com os animais; e foram ao castelo dizer ao visconde que se quisesse a filha deles podia mandar buscá-la, pois estavam dispostos a entregá-la.

Mas Pamela sabia conversar com seus animais. Dando bicadas, os patos a libertaram das cordas, e com chifradas as cabras arrebutaram a porta. Pamela correu, levou junto a cabra e a pata preferidas, e foi viver no bosque. Estava numa gruta conhecida só por ela e por um menino que lhe levava alimentos e notícias.

Esse menino era eu. Com Pamela no bosque a vida era bela. Levava-lhe fruta, queijo e peixes fritos e ela em troca me oferecia algumas

xícaras de leite de cabra e alguns ovos de pata. Quando ela tomava banho nos pântanos e nos riachos eu montava guarda para que ninguém a visse.

Meu tio passava às vezes pelo bosque, mas se mantinha ao largo, mesmo manifestando a sua presença nos tristes modos que lhe eram próprios. Às vezes, um rolar de pedras tocava Pamela e seus animais; em outras ocasiões, um tronco de pinheiro ao qual ela se apoiava cedia, minado na base por golpes de machadinha; às vezes ainda, uma nascente se descobria poluída por restos de animais mortos.

Meu tio havia começado a caçar, com uma besta que ele conseguia manobrar com o único braço. Mas se tornara ainda mais fechado e magro, como se novas penas roessem aquele seu resto de corpo.

Certo dia, o dr. Trelawney andava comigo pelos campos quando o visconde veio ao nosso encontro a cavalo e quase o atropelou, fazendo-o cair. O cavalo tinha parado com o casco no peito do inglês, e meu tio disse:

— Explique-me o senhor, doutor: tenho a sensação de que a perna que não possuo está cansada de tanto caminhar. O que isso pode significar?

Trelawney confundiu-se e gaguejou como de hábito, e o visconde saiu disparado. Mas a pergunta deve ter impressionado o doutor, que se pôs a refletir, segurando a cabeça com as mãos. Nunca tinha visto nele tanto interesse por uma questão de medicina humana.

7

Ao redor de Prado do Cogumelo cresciam moitas de hortelã-pimenta e sebes de alecrim, e não se entendia se eram silvestres ou eram canteiros de uma horta de temperos. Eu caminhava com o peito cheio de um perfume adocicado, procurando o caminho para encontrar a velha Sebastiana.

Desde que Sebastiana desaparecera pelo caminho que conduzia à aldeia dos leprosos, lembrava-me com maior frequência de que era órfão. Angustiava-me por não saber mais nada sobre ela; pedia notícias a Galateo, gritando trepado numa árvore quando ele passava; mas Galateo era inimigo das crianças, que às vezes atiravam nele lagartixas vivas de cima das árvores, e dava respostas zombeteiras e incompreensíveis, com sua voz melosa e sonora. E agora, à curiosidade de entrar em Prado do

Cogumelo somava-se a de rever a grande ama, e eu circulava sem descanso entre as moitas perfumadas.

De repente, de uma moita de tomilho ergueu-se uma figura vestida de claro, com um chapéu de palha, e caminhou na direção da aldeia. Era um velho leproso, e eu pretendia perguntar-lhe sobre a ama, e acercando-me o suficiente para me fazer ouvir, mas sem gritar, disse:

— Ei, senhor leproso!

Mas naquele momento, talvez despertado por minhas palavras, justamente perto de mim uma outra figura sentou-se e estendeu as pernas. Trazia o rosto todo escamoso feito uma casca seca, e uma barba branca e rarefeita, que parecia lã. Pegou um assobio no bolso e soprou na minha direção, como se estivesse me provocando. Então me dei conta de que a tarde de sol estava repleta de leprosos deitados, escondidos nas moitas, e agora se levantavam devagar com seus roupões claros, e caminhavam à contraluz rumo a Prado do Cogumelo, levando nas mãos instrumentos musicais ou de jardinagem, e com eles faziam barulho. Retrocedera para afastar-me daquele homem barbudo, mas quase acabei em cima de uma leprosa sem nariz que se penteava entre os ramos de um loureiro, e, embora saltasse pelo bosque, esbarrava apenas contra outros leprosos e me dava conta de que os passos que podia dar eram apenas na direção de Prado do Cogumelo, cujos tetos de palha enfeitados com fileiras de pipas já estavam próximos, ao pé da primeira curva.

Os leprosos só me dirigiam atenção de vez em quando, com piscadelas e acordes de sanfona, mas me parecia que era eu quem estava no meio da marcha deles e eles me acompanhavam a Prado do Cogumelo como um animal capturado. Na aldeia, as paredes das casas eram pintadas de lilás e de uma janela uma mulher meio desgrenhada, com manchas lilases no rosto e no peito, tocadora de lira, gritou:

— Os jardineiros voltaram! — E tocou a lira.

Outras mulheres debruçaram-se nas janelas e nos mirantes, cantando:

— Bem-vindos, jardineiros!

Tratava de manter-me no meio daquela ruazinha e não encostar em ninguém; mas me encontrei numa espécie de encruzilhada, cercado de leprosos, homens e mulheres sentados nos portais de suas casas, com roupas compridas rasgadas e desbotadas sob as quais transpareciam feridas e vergonhas, e nos cabelos, flores de pilriteiro e anêmonas.

Os leprosos apresentavam um concertino que ousaria considerar em minha homenagem. Alguns inclinavam os violinos na minha direção com movimentos exagerados do arco, outros, assim que olhava para eles, imitavam rãs, outros me mostravam estranhas marionetes que subiam e desciam num barbante. O concertino era feito de muitos e disparatados gestos e sons, mas havia uma espécie de estribilho que repetiam de vez em quando: “O pintinho sem manchas foi atrás de amoras e se manchou”.

— Procuro a minha ama — falei alto —, a velha Sebastiana: sabem onde está?

Explodiram em risadas, com aquele seu ar esperto e maligno.

— Sebastiana! — gritei. — Sebastiana! Onde você está?

— Aqui, menino — disse um leproso —, bom menino. — E apontou uma porta.

A porta se abriu e apareceu uma mulher morena, talvez moura, seminua e tatuada, enfeitada com rabos de pipa, que iniciou uma dança licenciosa. Não entendi bem o que sucedeu a seguir: homens e mulheres se lançaram uns sobre os outros e começaram o que depois fiquei sabendo que era uma orgia.

Tornei-me miudinho miudinho quando de repente a grande velha Sebastiana abriu espaço naquele grupo.

— Porcalhões horríveis — disse. — Ao menos um mínimo de consideração por uma alma inocente.

Pegou-me pela mão e me levou embora enquanto eles cantavam: “O pintinho sem manchas foi atrás de amoras e se manchou!”.

Sebastiana vestia uma roupa violeta-clara, com corte quase monacal e já algumas manchas deturpavam a sua bochecha sem rugas. Eu estava contente por ter reencontrado a ama, porém desesperado porque me pegara pela mão e certamente me passara a lepra. Falei-lhe disso.

— Não tenha medo — respondeu Sebastiana —, meu pai era um pirata e meu avô um eremita. Sei as propriedades de todas as ervas, contra as doenças tanto nossas quanto mouras. Eles se esfregam com orégano e malva; eu, ao contrário, quieta quieta, com a borragem e o agrião preparo certos cozidos que não me deixarão pegar a lepra enquanto viver.

— E estas manchas que traz no rosto, ama? — perguntei, muito aliviado mas ainda não inteiramente convencido.

— Colofônio. Para fazê-los pensar que também tenho lepra. Vem aqui que lhe dou uma das minhas tisanas quentes quentes, porque para andar neste lugar a prudência nunca é demais.

Tinha me levado até a casa dela, uma cabaninha meio escondida, limpa, com roupas estendidas; e conversamos.

— E Medardo? E Medardo? — me perguntava ela, e todas as vezes que eu tentava falar me interrompia — Ah, que patife! Ah, que malandrinho! Apaixonado! Ah, pobre moça! E aqui, e aqui, não imagina! Se soubesse tudo o que desperdiçam! Coisas que tiramos da boca para dar a Galateo, e aqui sabe o que fazem? Esse Galateo é um belo espertalhão, sabe? Má pessoa, e não é o único! As coisas que fazem durante a noite! E de dia, então! E essas mulheres, sem-vergonha assim nunca tinha visto! Se ao menos soubessem arrumar as coisas, mas nem isso! Bagunceiras e esfarrapadas! Oh, já lhes disse na cara... E elas, sabe o que me responderam, essas tralhas?

Muito contente com a visita à ama, no dia seguinte fui pescar enguias.

Pus o anzol numa lagoa formada pelo rio e enquanto esperava adormeci. Não sei quanto durou meu sono; um ruído me acordou. Abri os olhos e vi sobre a mão aberta acima de minha cabeça uma peluda aranha vermelha. Virei-me e era meu tio com seu manto negro.

Pulei assustado, mas naquele momento a aranha picou a mão de meu tio e desapareceu rapidamente. Meu tio levou a mão aos lábios, chupou de leve a ferida e disse:

— Você dormia e vi uma aranha venenosa descer para seu pescoço vindo daquele ramo. Meti a mão na frente e ela me picou.

Não acreditei numa palavra sequer: por três vezes no mínimo atentara contra minha vida, usando meios parecidos. Mas agora aquela aranha o havia picado de fato e a mão dele já estava inchando.

— Você é meu sobrinho — disse Medardo.

— Sim — respondi um pouco surpreso, pois era a primeira vez que demonstrava me reconhecer.

— Reconheci-o logo — disse ele. E acrescentou: — Ah, aranha! Tenho uma só mão e você quer envenená-la! De qualquer modo, melhor que tenha tocado a minha mão em vez do pescoço deste jovem.

Que me lembrasse, meu tio nunca tinha me falado assim. A dúvida de que estivesse dizendo a verdade e de repente pudesse ter ficado bom me passou pela cabeça, mas logo a afastei: fingimentos e armadilhas eram

habituais nele. Certamente, parecia muito mudado, com uma expressão não mais tensa e cruel porém abatida e aflita, talvez pelo medo e a dor da picada. Mas era também a roupa empoeirada e com corte um pouco diferente do costumeiro que dava essa impressão: seu manto negro estava meio esfarrapado, com folhas secas e ouriços de castanha grudados nas pontas; mesmo a roupa não era do veludo negro de sempre, mas de um fustão pelado em alguns pontos e desbotado, e a perna não estava mais coberta pela comprida bota de couro, e, sim, por uma meia de lã com listras azuis e brancas.

Para demonstrar que não me interessava por ele, fui olhar se por acaso alguma enguia tinha mordido meu anzol. Nem sombra de enguias, mas vi que no anzol brilhava um anel de ouro com um diamante. Puxei-o e na pedra havia o brasão dos Terralba.

O visconde me seguia com o olhar e disse:

— Não se espante. Passando por aqui, vi uma enguia debater-se presa no anzol e me deu tanta pena que a soltei; depois, pensando no prejuízo que meu gesto dera ao pescador, quis repará-lo com meu anel, última coisa de valor que me resta.

Eu tinha ficado de boca aberta. E Medardo continuou:

— Ainda não sabia que o pescador era você. Depois encontrei-o adormecido no capim e o prazer de vê-lo imediatamente se transformou em apreensão por causa daquela aranha que descia sobre você. O resto já sabe. — E dizendo isso olhou triste para a mão inchada e roxa.

Quem sabe tudo não passasse de uma sequência de enganos cruéis; mas eu pensava como seria bom uma imprevista conversão dos sentimentos dele e quanta alegria também para Sebastiana, Pamela e todos os que sofriam com a sua crueldade.

— Tio — disse a Medardo —, espere aqui por mim. Vou correndo falar com Sebastiana, que conhece todas as ervas, e peço uma que cure as picadas de aranhas.

— A ama Sebastiana... — disse o visconde, deitado com a mão no peito. — Afinal, como está?

Não me atrevi a dizer-lhe que Sebastiana não tinha pegado lepra e me limitei a comentar:

— Hã, mais ou menos. Estou indo. — E saí correndo, querendo mais que tudo perguntar a Sebastiana o que achava desses estranhos fenômenos.

Encontrei-a em sua casinha. Estava ansioso pela corrida e pela impaciência, e lhe fiz um relato meio confuso, mas a velha se interessou mais pela picada do que pelas boas ações de Medardo.

— Uma aranha vermelha, é? Sim, sim, conheço a erva certa... Inchou o braço de um lenhador, uma vez... Tornou-se bom, está dizendo? Bem, que posso lhe dizer, sempre foi assim, é preciso saber como tratar com ele... Mas onde enfiei aquela erva? Basta fazer um emplasto. Um malandro desde pequeno, Medardo... Aqui está a erva, tinha guardado um saquinho. Todavia, sempre assim: quando se machucava vinha chorar com a ama... A picada é profunda?

— Está com a mão esquerda assim de inchada — disse.

— Ah, ah, menino... — riu a ama. — A esquerda... E onde é que mestre Medardo tem a esquerda? Deixou toda a metade esquerda do corpo lá na Boêmia com aqueles turcos, que o diabo os carregue...

— Tem razão — respondi —, contudo... ele estava daquele lado, eu aqui, a mão virada assim... Como pode ser?

— Já não distingue mais a direita da esquerda? — disse a ama. — E olhe que aprendeu quando tinha cinco anos...

Eu já não entendia mais. Na certa Sebastiana tinha razão, porém me lembrava de tudo ao contrário.

— Então, bom menino, leve esta erva para ele — disse a ama, e saí correndo.

Cheguei esbaforido ao riacho, mas meu tio não estava mais lá. Olhei para todos os lados: havia sumido com sua mão inchada e envenenada.

Anoitecia e eu circulava entre as oliveiras. E de repente o vejo, envolto no manto negro, de pé numa das margens apoiado num tronco. Estava de costas e observava o mar. Senti o medo tomar conta de mim outra vez e, com dificuldade, com um fio de voz, consegui dizer:

— Aqui está a erva para a picada...

O meio rosto se virou de repente, contraído numa careta feroz.

— Que erva, que picada? — gritou.

— A erva, para curar... — disse eu. Pronto, a expressão doce de antes desaparecera, fora só um momento passageiro; agora talvez estivesse voltando lentamente, num sorriso tenso, mas se via bem que era fingimento.

— Sim... muito bem... deixe-a no oco daquele tronco... pego mais tarde... — disse.

Obedeci e meti a mão no buraco. Era um ninho de vespas. Voaram todas para cima de mim. Comecei a correr seguido pelo enxame, e me atirei no riacho. Nadei debaixo d'água e consegui afastar as vespas. Levantando a cabeça, ouvi a risada maldosa do visconde, que se afastava.

Mais uma vez conseguira nos enganar. Mas eu não estava entendendo muitas coisas, e fui conversar com o dr. Trelawney. O inglês se achava na sua casinhola de coveiro, à luz de uma lanterna, inclinado sobre um livro de anatomia humana, coisa rara.

— Doutor — perguntei-lhe —, já aconteceu de um homem picado por uma aranha vermelha escapar incólume?

— Aranha vermelha, você disse? — O doutor deu um pulo. — Quem mais foi picado pela aranha vermelha?

— O visconde, meu tio — disse eu —, e já lhe tinha levado a erva da ama, quando, de bom que parecia ter se tornado, voltou a ser mau e recusou o meu socorro.

— Agorinha tratei o visconde da picada de uma aranha vermelha na mão — disse Trelawney.

— E diga, doutor: pareceu-lhe bom ou mau?

E o doutor me contou como as coisas tinham acontecido.

Depois de eu ter deixado o visconde deitado na grama com a mão inchada, o dr. Trelawney passara por lá. Vislumbra o visconde, e como sempre cheio de medo, trata de esconder-se entre as árvores. Mas Medardo ouvira os passos, se levanta e grita:

— Ei, quem está aí?

O inglês pensa: “Se descobre que sou eu que estou me escondendo, quem sabe o que poderá armar contra mim!”, e foge para não ser reconhecido. Mas tropeça e cai na lagoa formada pelo riacho. Mesmo tendo passado a vida em navios, o dr. Trelawney não sabe nadar, se debate no laguinho e pede socorro. Então o visconde diz:

— Espere por mim!

Vai até a margem, desce na água mantendo-se pendurado, com a mão dolorida, numa raiz externa de árvore, estica-se até que seu pé possa ser agarrado pelo doutor. Comprido e fino como é, serve-lhe de corda para que possa alcançar a outra margem.

— Eis-me a salvo e gaguejo: — “Oh, oh, milorde... obrigado, de verdade, milorde... como posso...”, e lhe espirro na cara, porque peguei um resfriado.

— Saúde! — diz Medardo —, mas é melhor cobrir-se, por favor. — E lhe coloca seu manto nas costas.

O doutor se defende, mais confuso que nunca. E o visconde lhe diz:

— Pegue, é seu.

Então Trelawney nota a mão inchada de Medardo.

— Que bicho o picou?

— Uma aranha vermelha.

— Deixe-me cuidar do senhor, milorde.

E o leva a sua casinha de coveiro, onde trata da mão com remédios e faixas. Entretanto, o visconde conversa com ele cheio de generosidade e cortesia. Despedem-se com a promessa de se reverem logo e reforçar a amizade.

— Doutor! — disse eu, depois de ouvir o relato dele. — O visconde de quem o senhor tratou voltou em seguida à sua loucura cruel e atirou um vespeiro em cima de mim.

— Não aquele de quem cuidei — disse o doutor e piscou um olho.

— O que quer dizer, doutor?

— Logo há de saber. Agora não diga nada a ninguém. E deixe-me estudar, pois tempos agitados se aproximam.

E o dr. Trelawney não se preocupou mais comigo: mergulhou de novo em sua insólita leitura do tratado de anatomia humana. Devia ter algum projeto na cabeça, e durante os dias que se seguiram permaneceu reticente e absorto.

Mas começavam a chegar notícias de várias fontes sobre uma natureza dupla de Medardo. Crianças perdidas no bosque, cheias de medo, eram abordadas pelo homem de muleta, que as conduzia para casa pela mão e lhes oferecia figos e bolinhos fritos; viúvas pobres eram ajudadas por ele a carregar lenha; cães picados por cobras eram tratados, presentes misteriosos eram encontrados pelos pobres nos parapeitos e nos portais, árvores frutíferas arrancadas pelo vento eram replantadas e fixadas em seus canteiros antes que os proprietários pusessem o nariz fora da porta.

Porém, ao mesmo tempo as aparições do visconde meio enrolado no manto negro assinalavam acontecimentos terríveis: crianças sequestradas eram encontradas prisioneiras em grutas obstruídas por pedras; avalanches de troncos e rochas rolavam em cima das velhotas; abóboras maduras eram despedaçadas por pura maldade.

Fazia tempo que a besta do visconde só golpeava as andorinhas; e não para matá-las, mas para feri-las e aleijá-las. Contudo, agora podiam ser vistas no céu andorinhas com as patas enfaixadas e amarradas com gravetos de apoio ou com as asas coladas e com curativos; havia um bando de andorinhas assim ataviadas que voavam com prudência todas juntas, feito convalescentes de um hospital de passarinhos, e inverossimilmente dizia-se que o próprio Medardo era o médico.

Certa vez, um temporal apanhou Pamela num lugar distante e não cultivado, com sua cabra e a pata. Sabia que por perto havia uma gruta, embora pequena, uma cavidade apenas esboçada na rocha, e para lá se dirigiu. Viu que dali saía uma bota gasta e remendada, e dentro estava encolhido o meio corpo envolto no manto negro. Tentou fugir, mas o visconde percebeu que era ela e saindo sob a chuva tamborilante lhe disse:

— Abrigue-se aqui, moça, venha.

— Não, pois não consigo me cobrir — disse Pamela —, porque aí só cabe um, e o senhor quer que eu fique espremida.

— Não tenha medo — disse o visconde. — Ficarei de fora e você poderá ficar à vontade, junto com a sua cabra e a pata.

— Cabra e pata também podem apanhar um pouco d'água.

— Vai ver que protegeremos também elas.

Pamela, que ouvira falar de estranhos acessos de bondade do visconde, pensou: “Vamos ver”, e se encolheu na gruta, apertando-se contra os animais. O visconde, de pé ali em frente, segurava o manto como uma tenda para que nem a pata nem a cabra se molhassem. Pamela observou a mão dele segurando o manto, concentrou-se um momento, começou a olhar para as próprias mãos, comparou uma com a outra, e depois explodiu numa grande risada.

— Estou contente de que você esteja alegre, moça — disse o visconde —, mas por que está rindo, posso perguntar?

— Estou rindo porque entendi o que anda enlouquecendo os meus conterrâneos.

— O quê?

— Que o senhor é um pouco bom e um pouco mau. Agora tudo é natural.

— E por quê?

— Porque me dei conta de que o senhor é a outra metade. O visconde que mora no castelo, o mau, é uma das metades. E o senhor é a outra metade, que se acreditava perdida na guerra e agora regressou. E é uma metade boa.

— Gentileza sua. Obrigado.

— Oh, é isso mesmo, não é para elogiá-lo.

Assim, eis a história de Medardo, conforme Pamela a escutou naquela noite. Não era verdade que a bala de canhão tinha esmigalhado parte de seu corpo: ele fora dividido em duas metades; uma foi encontrada pelos catadores de feridos do exército; a outra ficou enterrada sob uma pirâmide de restos cristãos e turcos e não foi vista. No coração da noite, passaram pelo campo dois eremitas, não se sabe bem se fiéis à religião justa ou nigromantes, os quais, como acontece com alguns nas guerras, acabaram vivendo nas terras desertas entre os dois campos e talvez, agora se comenta, tentassem abraçar juntas a Trindade cristã e o Alá de Maomé. Em sua piedade bizarra, os eremitas, tendo encontrado o corpo dividido de Medardo, levaram-no para sua espelunca e ali, com bálsamos e unguentos por eles preparados, tinham-no medicado e salvo. Assim que recuperou as forças, o ferido despedira-se dos salvadores e, andando com sua muleta, percorrera durante meses e anos as nações cristãs para voltar ao seu castelo, maravilhando as pessoas ao longo do caminho com seus atos de bondade.

Depois de ter contado sua história a Pamela, o meio visconde bom quis que a pequena pastora contasse a sua. E Pamela explicou como o Medardo mau a perseguia e como havia fugido de casa e vagava pelos bosques.

Diante do relato de Pamela, o Medardo bom se comoveu e dividiu a sua piedade entre a virtude perseguida da pastora, a tristeza sem conforto do Medardo mau, e a solidão dos pobres pais da moça.

— Aquela dupla! — disse Pamela. — Meus pais são dois velhos tratantes. Não vale a pena compadecer-se deles.

— Oh, pense neles, Pamela, como devem estar tristes neste momento em sua velha casa, sem ninguém que se ocupe deles e faça os trabalhos dos campos e da estrebaria.

— Queria que a estrebaria desabasse na cabeça deles! — disse Pamela. — Começo a ver que o senhor é manso demais e em vez de discutir com

sua metade por tudo o que ela apronta de errado, até parece que sente pena também dele.

— E como não sentir? Eu, que sei o que significa ser metade de um homem, não posso deixar de sofrer por ele.

— Mas o senhor é diferente; meio maluco o senhor também, mas bom.

Então o bom Medardo disse:

— Ó Pamela, isso é o bom de ser partido ao meio: entender de cada pessoa e coisa no mundo a tristeza que cada um e cada uma sente pela própria incompletude. Eu era inteiro e não entendia, e me movia surdo e incomunicável entre as dores e feridas disseminadas por todos os lados, lá onde, inteiro, alguém ousa acreditar menos. Não só eu, Pamela, sou um ser dividido e desarraigado, mas você também, e todos. Mas, agora, tenho uma fraternidade que antes, inteiro, não conhecia: aquela com todas as mutilações e as faltas do mundo. Se vier comigo, Pamela, vai aprender a sofrer com os males de cada um e a tratar dos seus tratando dos deles.

— Isso é muito bonito — disse Pamela —, mas já estou numa bela trapalhada, com seu outro pedaço, que se apaixonou por mim e não se sabe o que pretende fazer comigo.

Meu tio deixou cair o manto porque o temporal havia passado.

— Também eu estou apaixonado por você, Pamela.

Pamela pulou fora da gruta:

— Que alegria! Lá está o arco-íris e encontrei um novo namorado. Partido ao meio também este, mas pelo menos de bom coração.

Andavam sob ramos que ainda gotejavam em caminhos cheios de lama. A meia boca do visconde se arqueava num sorriso doce, incompleto.

— E então, o que fazemos? — disse Pamela.

— Acho melhor ir para junto de seus pais, coitados, ajudá-los um pouco nos trabalhos.

— Se tem vontade, vai você — disse Pamela.

— Sim, tenho vontade, querida — respondeu o visconde.

— Fico por aqui — disse Pamela, e parou com a pata e a cabra.

— Fazer boas ações juntos é a única maneira de nos amarmos.

— Pena. Pensei que houvesse outras maneiras.

— Adeus, querida. Vou trazer torta de maçã para você. — E afastou-se pelo caminho com toques de muleta.

— Que me diz, cabra? Que me diz, patinha? — fez Pamela, sozinha com seus animais. — Só gente desse tipo havia de aparecer para mim?

8

A partir do momento em que todos souberam que a outra metade do visconde tinha voltado, tão boa quanto a primeira era má, a vida em Terralba ficou muito diferente.

De manhã, eu acompanhava o dr. Trelawney em sua ronda de visitas aos doentes; porque o doutor recomeçara pouco a pouco a praticar a medicina e se dera conta de quantos males sofria a nossa gente, cuja fibra as longas carestias dos tempos idos tinham minado, males que nunca haviam sido tratados antes.

Andávamos pelos campos e víamos os sinais de que meu tio nos tinha precedido. Meu tio, o bom, quero dizer, que todas as manhãs percorria também o circuito não só dos doentes, mas igualmente dos pobres, dos velhos, de todos os que precisassem de socorro.

No pomar de Bacciccia, o pé de romã tinha os frutos maduros embrulhados num pano. Entendemos que Bacciccia estava com dor de dente. Meu tio havia amarrado as romãs para que não se abrissem e soltassem os grãos agora que o mal impedia o proprietário de sair para colhê-las; mas também como sinal para o dr. Trelawney, para que passasse a visitar o doente e levasse o boticão.

O prior Cecco tinha um girassol no terraço, tão fraco que nem florescia mais. Naquela manhã encontramos três galinhas amarradas ali, na sacada, comendo a todo o vapor e descarregando esterco branco no vaso de girassol. Entendemos que o prior devia estar com diarreia. Meu tio havia amarrado as galinhas para nutrir o girassol, mas também para avisar o dr. Trelawney daquele caso urgente.

Na escadaria da velha Giromina vimos uma fileira de escargots que subiam pela porta: daqueles bons para comer cozidos. Era um presente que meu tio trouxera do bosque para Giromina, mas também um sinal de que a doença do coração da pobre velha havia piorado e que o doutor devia entrar devagar para não assustá-la.

Todos esses sinais de comunicação eram usados pelo bom Medardo para não alarmar os doentes com um pedido muito brusco dos cuidados

do doutor, mas também para que Trelawney tivesse logo uma ideia do que se tratava, e assim vencesse a sua timidez de entrar nas casas alheias e se aproximar dos doentes cujos males ignorava.

De repente, pelo vale corria o alarme:

— O Mesquinho! Está vindo o Mesquinho!

Era a metade mesquinha de meu tio que fora vista cavalgando nas paragens. Então todos corriam para esconder-se, e antes dos outros o dr. Trelawney, e eu atrás.

Passávamos diante da casa de Giromina e na escadaria havia uma trilha de escargots esmagados, feita de baba e lascas de conchas.

— Já passou por aqui! Vamos embora!

No terraço do prior Cecco, as galinhas estavam amarradas na cerca onde secavam os tomates e bicavam toda aquela maravilha.

— Vamos embora!

No pomar de Bacciccia, as romãs estavam todas arrebetadas no chão e dos ramos pendiam as pontas dos panos vazios.

— Vamos embora!

Assim, entre caridade e terror decorriam as nossas vidas. O Bom (como era chamada a metade esquerda de meu tio, em contraposição ao Mesquinho, que era a outra) era então tido como santo. Os aleijados, os pobres, as mulheres traídas, todos os que tinham um pesar, corriam até ele. Poderia ter se aproveitado e se tornado ele o visconde. Ao contrário, continuava como vagabundo, circulando meio enrolado em seu manto negro, apoiado na muleta, com a meia branca e azul cheia de remendos, fazendo o bem tanto a quem lhe pedia quanto a quem o expulsava com maus modos. E não havia ovelha que quebrasse a perna num mata-burro, nem bebedor que levasse faca para a taberna, nem esposa adúltera que corresse noite alta atrás do amante, que não o vissem aparecer por ali como caído do céu, negro e seco e com o sorriso doce, para socorrer, para dar bons conselhos, para prevenir violências e pecados.

Pamela continuava no bosque. Construía um balanço entre dois pinheiros, depois um mais sólido para a cabra e outro mais leve para a pata e passava as horas balançando junto com seus animais. Mas a uma certa hora, correndo entre os pinheiros, chegava o Bom, com um pacote amarrado nas costas. Eram roupas para lavar e remendar que ele recolhia entre os mendigos, os órfãos e os doentes sozinhos no mundo; e

entregava tudo a Pamela, permitindo que também ela fizesse o bem. Pamela, que se aborrecia de ficar sempre no bosque, lavava a roupa no riacho e ele a ajudava. Depois ela estendia tudo para secar nas cordas dos balanços e o Bom, sentado numa pedra, lia *Jerusalém libertada* em voz alta.

Pamela não ligava nem um pouco para a leitura e ficava deitada de bruços na grama, catando piolhos (pois vivendo no bosque pegara uma boa quantidade de bichinhos), coçando-se com uma planta chamada picão, bocejando, chutando pedras pelos ares com os pés descalços e protegendo as pernas, que eram rosadas e rechonchudas na medida justa. O Bom, sem erguer os olhos do livro, continuava a recitar uma oitava depois da outra, com a intenção de enobrecer os costumes da moça tão rústica.

Mas ela, que não acompanhava o fio da história e se aborrecia, quieta quieta incitou a cabra a lambe a meia cara do Bom e a pata a deitar-se em cima do livro. O Bom deu um pulo para trás e levantou o livro, que se fechou; e justamente naquele instante o Mesquinho saiu a galope de trás das árvores, brandindo uma foice dirigida contra o Bom. A lâmina da foice encontrou o livro e o talhou de comprido em duas metades. A parte da costura ficou na mão do Bom e a parte do corte se espalhou em mil meias páginas pelos ares. O Mesquinho desapareceu a galope; sem dúvida tentara decepar a meia cabeça do Bom, mas os dois animais haviam aparecido na hora certa. As páginas de Tasso com as margens brancas e os versos cortados ao meio voaram ao vento e pousaram nos ramos dos pinheiros, nas plantas e na água das torrentes. Da beira de um morro, Pamela observava aquele esvoaçar branco e dizia:

— Que lindo!

Algumas meias folhas chegaram até a estradinha por onde passávamos o dr. Trelawney e eu. O doutor pegou uma no ar, virou-a e revirou-a, tentou decifrar aqueles versos sem nexos e sacudiu a cabeça:

— Não dá para entender nada... Sst... sst...

A fama do Bom chegara também aos huguenotes, e o velho Ezequiel várias vezes fora visto parado no patamar mais alto da vinha amarela, observando o pedregoso caminho de mulas que subia do vale.

— Pai — disse-lhe um dos filhos —, vejo-o olhar para o vale como se esperasse a chegada de alguém.

— Esperar é próprio do homem — respondeu Ezequiel —, e do homem justo, esperar com confiança; do injusto, com medo.

— É o Capenga-da-Outra-Perna que está esperando, pai?

— Ouviu falar dele?

— No vale, só se fala do Manco-Canhoto. Acha que virá até aqui?

— Se nossa terra é de gente que vive no bem, e ele vive no bem, não há razão para que não venha.

— O caminho das mulas é íngreme para quem tiver de subi-lo com uma mula.

— Já houve um Ímpio que encontrou um cavalo para subir até nós.

Ouvindo Ezequiel falar, os outros huguenotes se reuniram ao redor dele, saindo de trás das videiras. E ao escutar a referência ao visconde, estremeeceram em silêncio.

— Pai nosso, Ezequiel — disseram —, quando veio o Magro, naquela noite, e o raio incendiou meio carvalho, o senhor disse que um dia seríamos visitados por um viajante melhor.

Ezequiel assentiu abaixando a barba até o peito.

— Pai, este de quem agora se falava é um aleijado igual e oposto ao outro, tanto no corpo quanto na alma: piedoso como o outro era cruel. Será o visitante previamente anunciado por suas palavras?

— Cada viajante de qualquer estrada pode sê-lo — disse Ezequiel —, portanto, também ele.

— Então todos esperamos que o seja — disseram os huguenotes.

A mulher de Ezequiel vinha à frente com o olhar fixo diante de si, empurrando um carrinho de mão com ramos secos de videira.

— Esperamos sempre alguma coisa boa — disse —, porém, mesmo que aqueles que mancam por estas nossas colinas sejam apenas pobres mutilados de guerra, de bom ou mau coração, todos os dias temos de continuar a agir segundo a justiça e a cultivar nossos campos.

— Isso já sabemos — responderam os huguenotes —, dissemos algo que signifique o contrário?

— Bem, se estamos todos de acordo — disse a mulher —, podemos todos voltar à enxada e aos forcados.

— Peste e carestia! — explodiu Ezequiel. — Quem lhes disse para interromper o trabalho?

Os huguenotes se espalharam entre as vinhas para pegar os instrumentos abandonados nos sulcos, mas naquele momento Esaú, que

ao ver seu pai distraído subira na figueira para comer as primícias, gritou:

— Lá na subida! Quem está chegando montado numa mula?

De fato, uma mula vinha subindo com um meio homem amarrado na albarda. Era o Bom, que tinha comprado aquela velha mula esfolada quando estavam a ponto de afogá-la no rio, pois se achava tão estropiada que nem valia a pena mandá-la para o matadouro.

“Peso a metade de um homem, se tanto”, disse consigo mesmo, “e a mula velha ainda pode me aguentar. E tendo também eu minha montaria, posso ir mais longe e fazer o bem.” Assim, como primeira viagem, vinha visitar os huguenotes.

Os huguenotes o receberam perfilados e imóveis, cantando um salmo. Depois o velho aproximou-se e o cumprimentou como um irmão. O Bom, tendo apeado da mula, respondeu de maneira cerimoniosa aos cumprimentos, beijou a mão da mulher de Ezequiel, que permaneceu dura e carrancuda, perguntou pela saúde de todos, estendeu a mão para acariciar a cabeça hirsuta de Esaú, que retrocedeu, interessou-se pelos problemas de cada um, pediu que contassem a história das perseguições deles, comovendo-se e criticando. Naturalmente, falaram disso sem insistir sobre a controvérsia religiosa, como se fosse uma sequela de desgraças imputáveis à maldade humana em geral. Medardo passou por cima do fato de que as perseguições vinham da parte da Igreja à qual ele pertencia, e os huguenotes por seu lado não embarcaram em afirmações de fé, também por temor de dizer coisas teologicamente erradas. Assim terminaram em vagos discursos caridosos, desaprovando qualquer violência e qualquer excesso. Todos de acordo, mas no conjunto foi tudo meio frio.

Depois o Bom visitou o campo, lamentou as magras colheitas e ficou contente de saber que pelo menos tinham tido uma boa seara de centeio.

— Por quanto estão vendendo? — perguntou-lhes.

— Três escudos a libra — disse Ezequiel.

— Três escudos a libra? Mas os pobres de Terralba estão morrendo de fome, amigos, e não podem nem comprar um punhado de centeio. Talvez vocês não saibam que o granizo destruiu as colheitas de centeio, no vale, e vocês são os únicos que podem retirar tantas famílias da fome.

— Sabemos, sim — disse Ezequiel —, justamente por isso podemos vender bem...

— Mas pensem na caridade que seria para aqueles pobres coitados se vocês reduzissem o preço do centeio... Pensem no bem que poderiam fazer...

O velho Ezequiel parou diante do Bom com os braços cruzados e todos os huguenotes o imitaram.

— Fazer caridade, irmão — disse —, não significa perder nos preços.

O Bom andava pelos campos e via velhos huguenotes esqueléticos arando a terra sob o sol.

— Está com mau aspecto — disse a um velho com a barba tão comprida que ele lhe jogava terra em cima —, talvez não esteja se sentindo bem.

— Como pode se sentir bem uma pessoa que trabalha durante dez horas aos setenta anos com uma sopa de nabos na barriga?

— É meu primo Adamo — disse Ezequiel —, um trabalhador excepcional.

— Mas o senhor deve descansar e alimentar-se, velho como é! — estava dizendo o Bom, mas Ezequiel o arrastou bruscamente.

— Aqui todos ganhamos o pão muito duramente, irmão — disse em tom que não admitia réplica.

Antes, mal desmontara da mula, o Bom queria amarrar ele mesmo o animal, e havia pedido um saco de forragem para que este se recuperasse da subida. Ezequiel e sua mulher tinham se olhado, pois segundo eles para uma mula daquelas bastava um punhado de chicória selvagem; mas estavam na hora mais calorosa da acolhida ao hóspede e tinham mandado servir a forragem. Agora, porém, repensando no caso, o velho Ezequiel não podia admitir que aquela carcaça de mula comesse a pouca forragem que tinham, e sem se fazer ouvir pelo hóspede, chamou Esaú e lhe disse:

— Esaú, vá de mansinho até a mula, tire a forragem dela e sirva-lhe qualquer outra coisa.

— Um cozido para a asma?

— Sabugos de milho, cascas de grão-de-bico, o que quiser.

Esaú foi, retirou o saco da mula e levou um coice que o fez caminhar manco por algum tempo. Para vingar-se, escondeu a forragem restante para vendê-la por sua conta, e disse que a mula já tinha comido tudo.

Hora do pôr do sol. O Bom estava com os huguenotes em meio aos campos e não sabiam mais o que conversar.

— Visitante, ainda temos uma boa hora de trabalho pela frente — disse a mulher de Ezequiel.

— Então me despeço.

— Boa sorte, visitante.

E o bom Medardo foi embora em sua mula.

— Um pobre mutilado de guerra — disse a mulher depois que ele saiu. — Quantos existem nesta região, coitados!

— Coitados, de verdade — concordaram todos os familiares.

— Peste e carestia! — berrava o velho Ezequiel rodando pelos campos, de punhos erguidos diante dos trabalhos malfeitos e dos estragos da seca. — Peste e carestia!

9

Frequentemente, eu ia de manhã à oficina de Pedroprego para ver as máquinas que o engenhoso mestre andava construindo. O carpinteiro vivia com angústias e remorsos cada vez maiores, desde que o Bom viera visitá-lo de noite e recriminara o triste fim de suas invenções, e o havia instigado a construir mecanismos movidos pela bondade e não pela sede de sevícias.

— Então que máquina devo construir, mestre Medardo? — perguntava Pedroprego.

— Já lhe explico: poderia, por exemplo... — E o Bom começava a descrever-lhe a máquina que teria encomendado se fosse visconde no lugar da outra metade, e enriquecia a explicação traçando desenhos confusos.

A princípio, pareceu a Pedroprego que essa máquina devia ser um órgão, um gigantesco órgão cujas teclas tocassem músicas dulcíssimas, e já se dispunha a procurar a madeira adequada para os tubos, quando de uma outra conversa com o Bom voltou com as ideias mais confusas, pois parecia que ele queria passar farinha em vez de ar pelos tubos. Em resumo, devia ser um órgão mas também um moinho, que moesse para os pobres, e também, se possível, um forno para fazer fogaças. A cada dia, o Bom aperfeiçoava sua ideia e enchia de desenhos papéis e mais papéis, mas Pedroprego não lograva acompanhá-lo: porque o tal órgão-moinho-forno devia poder puxar água dos poços economizando cansaço

aos burros, e deslocar-se sobre rodas para atender às diversas aldeias, e também nos dias de festas levantar voo e pegar, com redes em todas as direções, borboletas.

E o carpinteiro era assaltado pela dúvida sobre se construir máquinas boas não estaria além das possibilidades humanas, ao passo que as únicas que de fato podiam funcionar com eficácia e exatidão seriam os patíbulo e as torturas. Com efeito, assim que o Mesquinho expunha a Pedroprego a ideia de um novo mecanismo, logo vinha à mente do mestre o modo para realizá-lo e se punha a trabalhar, e cada detalhe lhe parecia insubstituível e perfeito, e o instrumento acabado uma obra-prima de técnica e engenho.

O mestre se angustiava:

— Quem sabe esteja em minha alma esta maldade que só me deixa produzir máquinas cruéis? — Entretanto, continuava a inventar, com zelo e habilidade, novos tormentos.

Certo dia, vi que trabalhava num estranho patíbulo, no qual uma força branca emoldurava uma parede de madeira negra, e a corda, também branca, deslizava por dois buracos na parede, justamente no ponto do laço corrediço.

— Que máquina é esta, mestre? — perguntei-lhe.

— Uma força para enforcar de perfil — disse.

— E para quem a construiu?

— Para um homem que só condena e é condenado. Com meia cabeça condena a si mesmo à pena capital e com a outra metade entra no nó corrediço e exala o último suspiro. Gostaria que as duas se confundissem.

Compreendi que o Mesquinho, sentindo crescer a popularidade da metade boa de si mesmo, decidira acabar com ela o mais breve possível.

De fato, chamou os esbirros e disse:

— Um vagabundo ordinário há muito tempo infesta nosso território semeando a cizânia. Até amanhã, capturem o agitador e tragam-no para morrer.

— Assim será, senhor — disseram os esbirros, e foram embora. Zarolho como era, o Mesquinho não percebeu que ao responder haviam piscado o olho uns para os outros.

É preciso saber que uma conspiração palaciana fora tramada naqueles dias e dela faziam parte inclusive os esbirros. Tratava-se de aprisionar e

suprimir o atual meio-visconde e entregar o castelo e o título à outra metade. Esta, porém, de nada sabia. E à noite, no paiol onde morava, acordou cercado pelos esbirros.

— Não tenha medo — disse o chefe dos esbirros —, o visconde nos ordenou que o matássemos, mas nós, cansados de sua cruel tirania, decidimos acabar com ele e pôr o senhor no lugar dele.

— O que estou ouvindo? E já o fizeram? Digo: o visconde, já o trucidaram?

— Não, mas vamos fazê-lo sem dúvida ainda esta manhã.

— Ah, graças aos céus! Não, não se manchem com mais sangue, pois muito já correu. Que bem poderia advir de um senhorio que nasce do crime?

— Não há problema: nós o trancamos na torre e podemos ficar tranquilos.

— Não levantem a mão contra ele nem contra ninguém, aviso a vocês! Também a mim faz mal a prepotência do visconde: mas não existe outro remédio exceto dar-lhe bons exemplos, mostrando-nos gentis e virtuosos a ele.

— Então devemos matar o senhor.

— Nada disso! Já lhes disse que não devem matar ninguém.

— Então, o que faremos? Se não acabamos com o visconde, temos de obedecer a ele.

— Peguem esta ampola. Contém alguns gramas, os últimos que me restam, do unguento com o qual os eremitas me trataram e que até hoje foi precioso para mim quando, com as mudanças do tempo, me dói a cicatriz desmesurada. Levem-na ao visconde e só lhe digam isto: é o presente de alguém que sabe o que significa ter as veias que terminam numa tampa.

Os esbirros foram até o visconde com a ampola e ele os condenou ao patíbulo. Para salvar os esbirros, os outros conjurados decidiram sublevar-se. Desajeitados, revelaram a trama da revolta, que foi sufocada em sangue. O Bom levou flores aos túmulos e consolou viúvas e órfãos.

Quem jamais se deixou comover com a bondade do Bom foi a velha Sebastiana. Em meio às suas empresas zelosas, o Bom se detinha com frequência na cabana da ama e a visitava, sempre gentil e pressuroso. E todas as vezes ela se punha a fazer-lhe um sermão. Talvez por causa de seu amor materno não diferenciado, talvez porque a velhice começasse a

ofuscar-lhe os pensamentos, a ama não ligava muito para a separação de Medardo em duas metades: brigava com uma das metades pelos erros da outra, dava a uma conselhos que só poderiam ser seguidos pela outra, e assim por diante.

— E por que cortou a cabeça do galo da avó Bigin, coitadinha, que só tinha aquele? Grande como é, apronta cada uma...

— Mas por que está me dizendo isso? Sabe que não fui eu...

— Essa é boa! Então vamos escutar: quem foi?

— Eu. Mas...

— Ah! Está vendo?

— Mas não eu que...

— Eh, por estar velha pensa que fiquei também caduca? Quando ouço contar alguma malandragem logo percebo que é uma das suas. E digo comigo mesma: seria capaz de jurar que aí tem o dedo de Medardo...

— Mas sempre se engana...!

— Enganar-me, eu?... Vocês, jovens, dizem a nós, velhos, que nos enganamos... E vocês? Você deu de presente sua muleta ao velho Isidoro...

— Sim, nesse caso fui eu...

— E ainda conta vantagem? Servia-lhe para dar pancadas na mulher, coitada...

— Ele me disse que não conseguia andar por causa da gota...

— Fingia... E você correndo lhe oferece a muleta... Acaba de quebrá-la nas costas da mulher e você anda se apoiando numa forquilha... Cabeça oca, não passa disso! E sempre foi assim! E quando você embebedou o touro de Bernardo com aguardente?

— Esse não era eu...

— Como não? Se todos dizem: é sempre ele, o visconde!

As visitas frequentes do Bom a Prado do Cogumelo eram motivadas, além de sua dedicação filial à Sebastiana, pelo fato de que naquele período ele se dedicava a socorrer os pobres leprosos. Imunizado contra o contágio (sempre, parece, pelos tratamentos misteriosos dos eremitas), rodava pela aldeia informando-se minuciosamente sobre as necessidades de cada um, e não lhes dando trégua enquanto não se desdobrasse por eles de todas as maneiras. Muitas vezes, no dorso de sua mula, servia de mensageiro entre Prado do Cogumelo e a casinhola do dr. Trelawney, pedindo conselhos e remédios. Não que o doutor agora tivesse coragem

para aproximar-se dos leprosos, mas parece que começava, com o bom Medardo como intermediário, a interessar-se por eles.

Porém, as intenções de meu tio iam mais longe: não se propusera apenas a curar os corpos dos leprosos, mas também suas almas. E andava sempre entre eles pregando moral, metendo o nariz nos negócios deles, escandalizando-se e fazendo sermões. Os leprosos não o suportavam. Os tempos beatos e licenciosos de Prado do Cogumelo tinham acabado. Com aquela exígua figura rígida numa perna só, vestida de negro, cerimoniosa e distribuindo regras, ninguém podia fazer o que lhe apetecia sem ser recriminado em praça pública, suscitando malignidade e despeito. Até a música, à força de ouvi-la ser recriminada como fútil, lasciva e não inspirada em bons sentimentos, acabou provocando aversão, e os estranhos instrumentos deles se cobriram de pó. As mulheres leprosas, sem o desafogo das farras, viram-se de repente sozinhas diante da doença, e passavam as noites chorando e se desesperando.

— Das duas metades a boa é pior que a mesquinha — começavam a comentar em Prado do Cogumelo.

Mas não era somente entre os leprosos que a admiração pelo Bom começava a diluir-se.

— Ainda bem que a bala do canhão só o dividiu em dois — diziam todos —, se o cortasse em três quem sabe o que nos tocava ver pela frente.

Os huguenotes agora faziam turnos para se proteger também dele, que já perdera todo o respeito por eles e vinha a qualquer hora espiar quantos sacos havia nos celeiros e fazer pregações contra os preços demasiado altos e depois ia comentar por toda parte, estragando os negócios.

Assim passavam os dias em Terralba, e os nossos sentimentos se tornavam incolores e obtusos, pois nos sentíamos como perdidos entre maldades e virtudes igualmente desumanas.

10

Não há noite de lua em que nos espíritos selvagens as ideias perversas não se enrosquem como ninhos de serpentes e em que os espíritos caridosos não se abram em lírios de renúncia e dedicação. Assim, entre

os precipícios de Terralba, as duas metades de Medardo vagavam atormentadas por ímpetos opostos.

Tendo cada um tomado a própria decisão, de manhã se puseram a executá-las.

A mãe de Pamela, indo buscar água, caiu numa armadilha e foi parar dentro do poço. Pendurada por uma corda, berrava: “Socorro!” quando viu na boca do poço, contra o céu, o perfil do Mesquinho, que lhe disse:

— Só queria falar com a senhora. Eis o que pensei: junto com sua filha Pamela se vê com frequência um vagabundo partido ao meio. Deve obrigá-lo a casar-se com ela: agora já a comprometeu e se é um fidalgo deve remediar. Assim pensei; não me peça para lhe explicar mais nada.

O pai de Pamela levava ao lagar de azeite um saco de azeitonas de sua oliveira, mas o saco tinha um furo, e uma esteira de azeitonas o seguia pelo caminho. Sentindo a carga leve, o pai tirou o saco das costas e percebeu que estava quase vazio. Mas viu que atrás chegava o Bom: recolhia as azeitonas uma a uma e as punha no manto.

— Seguia-o para conversar e tive a sorte de salvar-lhe as azeitonas. Eis o que me vai pelo coração. Há tempos penso que a infelicidade alheia que pretendo socorrer talvez seja alimentada pela minha presença. Vou embora de Terralba. Mas só se minha partida der paz a duas pessoas: a sua filha, que dorme numa gruta enquanto lhe toca um nobre destino, e a minha infeliz parte direita, que não deve permanecer tão sozinha. Pamela e o visconde devem unir-se pelo matrimônio.

Pamela estava domesticando um esquilo quando encontrou sua mãe, que fingia procurar pinhas.

— Pamela — disse a mãe —, chegou a hora daquele vagabundo conhecido como o Bom se casar com você.

— De onde vem essa ideia? — disse Pamela.

— Ele a comprometeu, com ele você há de casar. É tão gentil que se lhe falar assim não se negará a fazê-lo.

— Mas como pôs essa ideia na cabeça?

— Quieta; se soubesse quem me disse isso não faria tantas perguntas: o Mesquinho em pessoa falou comigo, o nosso ilustríssimo visconde!

— Desgraça! — disse Pamela, deixando cair o esquilo do colo —, quem sabe qual armadilha quer preparar.

Dali a pouco, estava aprendendo a assobiar com uma folha de capim entre as mãos quando encontrou o pai, que fingia procurar lenha.

— Pamela — disse o pai —, é hora de dizer sim ao visconde Mesquinho, com a condição de que se casem na igreja.

— É ideia sua ou alguém lhe disse isso?

— Não lhe agrada tornar-se viscondessa?

— Responda ao que lhe perguntei.

— Bem; imagine que foi dito pela alma mais bem-intencionada que existe: o vagabundo a quem chamamos de o Bom.

— Ah, aquele ali não tem mais o que fazer! Vão ver o que vou aprontar!

Andando em seu cavalo magro pelo matagal, o Mesquinho refletia sobre seu estratagema: se Pamela se casava com o Bom, perante a lei era esposa de Medardo di Terralba, ou seja, era sua mulher. Fortalecido com este direito, o Mesquinho poderia facilmente tomá-la do rival, tão condescendente e pouco combativo.

Mas se encontra com Pamela, que lhe diz:

— Visconde, decidi que, se quiser, nos casamos.

— Você e quem? — indaga o visconde.

— Eu e o senhor, e vou para o castelo e serei a viscondessa.

O Mesquinho não esperava por essa, e pensou: “Agora é inútil montar toda a comédia de fazê-la casar-se com minha outra metade: caso com ela e está tudo resolvido”.

Assim, disse:

— Tudo bem.

E Pamela:

— Acerte os detalhes com meu pai.

Pouco depois, Pamela encontrou o Bom montado na mula.

— Medardo — disse ela —, entendi que estou apaixonada por você e se quiser me fazer feliz deve pedir a minha mão em casamento.

O coitado, que pelo bem dela aceitara aquela grande renúncia, ficou boquiaberto. “Mas se está feliz de casar comigo, não posso mais fazê-la casar-se com o outro”, pensou, e disse:

— Querida, vou correndo preparar tudo para a cerimônia.

— Acerte os detalhes com minha mãe, não se esqueça — disse ela.

Terralba inteira ficou em sobressalto, quando se soube que Pamela ia casar. Alguns diziam que se casava com um, os demais diziam que se casava com o outro. Parece que os pais dela faziam de propósito para confundir as ideias. O que era certo é que no castelo estavam lustrando e enfeitando tudo como para uma grande festa. E o visconde mandara fazer uma roupa de veludo negro com a manga e a perna bem bufantes. Mas também o vagabundo mandara escovar a pobre mula e remendar o cotovelo e o joelho. Enfim, na igreja, poliram todos os candelabros.

Pamela declarou que só deixaria o bosque na hora do cortejo nupcial. Eu cuidava das encomendas para o enxoval. Ela fez um vestido branco com véu e a cauda muito comprida, e cinto e grinalda com espigas de lavanda. Como ainda estavam sobrando alguns metros de véu, fez uma roupa de noiva para a cabra e outra para a pata, e correu para o bosque, seguida pelos animais, até que o véu se rasgasse todo entre os ramos e a cauda juntasse todas as agulhas de pinheiro e as cascas de castanha que secavam pelos caminhos.

Mas na noite anterior ao matrimônio estava pensativa e um pouco amedrontada. Sentada numa pequena colina sem árvores, com a cauda enrolada nos pés, a grinalda de lavanda enviesada, apoiava o queixo numa das mãos e olhava os bosques ao redor suspirando.

Eu estava sempre com ela, pois devia servir de pajem, junto com Esaú, que, todavia, não dava as caras.

— Com quem vai casar, Pamela? — perguntei-lhe.

— Não sei — disse ela —, não sei nem mesmo o que vai acontecer. Vai dar certo ou vai dar tudo errado?

Dos bosques agora se erguia, ora uma espécie de grito gutural, ora um suspiro. Eram os dois pretendentes partidos ao meio que, tomados pela excitação da véspera, erravam pelas quebradas e precipícios do bosque, envoltos nos mantos negros, um no magro cavalo e o outro na mula meio esfolada, e mugiam e suspiravam ambos tomados por suas fantasias ansiosas. E o cavalo saltava por barrancos e quebradas, a mula trepava por encostas e aclives, sem que nunca os dois cavaleiros se encontrassem.

Até que, ao amanhecer, o cavalo esporeado num galope rolou por um despenhadeiro; e o Mesquinho não pôde chegar a tempo para as núpcias. Ao contrário, a mula ia devagar e sempre, e o Bom chegou

pontualmente à igreja, justo quando entrava a noiva com a cauda carregada por mim e por Esaú, que vinha se arrastando.

Ao ver chegar como noivo só o Bom, que se apoiava em sua muleta, a multidão ficou um tanto decepcionada. Mas o matrimônio foi regularmente celebrado, os noivos disseram sim e trocaram alianças, e o padre disse:

— Medardo di Terralba e Pamela Marcolfi, eu uno vocês pelos laços do matrimônio.

Nesse instante, do fundo da nave, apoiando-se à muleta, entrou o visconde, com a roupa nova de veludo, toda bufante, encharcado e rasgado. E disse:

— Medardo di Terralba sou eu e Pamela é minha mulher.

O Bom saltou na frente dele.

— Não, o Medardo que se casou com Pamela fui eu.

O Mesquinho jogou a muleta fora e pôs a mão na espada. Ao Bom só restava fazer o mesmo.

— Em guarda!

O Mesquinho lançou-se num ataque cerrado, o Bom fechou-se na defesa, mas ambos já estavam rolando pelo chão.

Convieram que era impossível duelar equilibrando-se numa perna só. Era preciso adiar o duelo para poder prepará-lo melhor.

— E sabem o que vou fazer? — disse Pamela —, volto para o bosque.

E saiu correndo da igreja, sem pajens que lhe segurassem a cauda. Na ponte encontrou a cabra e a pata, que a esperavam e se juntaram a ela trotando.

O duelo foi marcado para o amanhecer no Prado das Freiras. Mestre Pedroprego inventou uma espécie de perna de compasso que, fixa na cintura dos partidos ao meio, lhes permitia permanecer retos e deslocar-se e até inclinar o corpo para a frente e para trás, mantendo a ponta fixa no chão para se firmarem. O leproso Galateo que, antes da doença, fora um gentil-homem, funcionou como juiz de armas; os padrinhos do Mesquinho foram o pai de Pamela e o chefe dos esbirros; os padrinhos do Bom foram dois huguenotes. O dr. Trelawney garantiu a assistência, e veio com um fardo de gaze e um garrafão de bálsamo, como se tivesse de tratar de um batalhão. Sorte minha que, tendo de ajudá-lo a carregar aquilo tudo, pude assistir à disputa.

O amanhecer tendia para o verde; no prado, os dois magros antagonistas negros estavam firmes com a espada em riste. O leproso soprou o chifre: era o sinal; o céu vibrou feito uma membrana repuxada, os esquilos nas tocas afundaram as garras no húmus, as pegas sem tirar a cabeça de sob as asas arrancaram uma pena da axila provocando dores, e a boca da minhoca mordeu o próprio rabo, e a víbora se picou com seus colmilhos, e a vespa rompeu o ferrão na pedra, e cada coisa se voltava contra si mesma, a geada das poças se congelava, os líquens se petrificavam e as pedras viravam líquen, a folha seca se fazia terra, e a goma espessa e dura matava as árvores sem piedade. Assim, o homem se arrojava contra si mesmo, com ambas as mãos armadas de uma espada.

Uma vez mais Pedroprego fizera obra de mestre: os compassos desenhavam círculos no prado e os esgrimistas lançavam-se em ataques enfurecidos e lenhosos, em paradas e em fintas. Mas não se tocavam. Em cada investida de fundo, a ponta da espada parecia dirigir-se rumo ao manto esvoaçante do adversário, cada um parecia obstinado em atacar o outro na parte em que não havia nada, isto é, na parte onde ele próprio deveria estar. Certamente, se no lugar de meios duelistas fossem duelistas inteiros, teriam se ferido sabem-se lá quantas vezes. O Mesquinho se batia com ferocidade raivosa, mas não conseguia nunca levar seus ataques onde de fato estava o seu inimigo; o Bom tinha a mestria correta dos canhotos, mas não fazia nada além de crivar o manto do visconde.

A certa altura, encontraram-se punho de espada com punho de espada: as pontas de compasso estavam enterradas no solo como escavadeiras. O Mesquinho libertou-se de repente e já estava perdendo o equilíbrio e rolando pelo chão, quando conseguiu dar uma estocada terrível, não exatamente no adversário, mas quase: uma estocada paralela à linha que interrompia o corpo do Bom, e tão próxima dela que não deu para entender logo se era mais para cá ou mais para lá. Mas logo vimos o corpo sob o manto avermelhar-se de sangue da cabeça até a junção da perna e não houve mais dúvidas. O Bom agachou-se, mas ao cair, num último movimento amplo e quase piedoso, abateu a espada também ele muitíssimo perto do rival, da cabeça ao abdômen, entre o ponto em que o corpo do Mesquinho não existia e o ponto em que começava a existir. Agora também o corpo do Mesquinho jorrava sangue pela enorme ruptura: as estocadas de um e do outro tinham rompido de

novo todas as veias e reaberto as feridas que os tinham dividido, em suas duas fatias. Agora jaziam revirados, e os sangues que já tinham sido um só voltavam a misturar-se pelo prado.

Inteiramente tomado por essa visão horrenda, não havia prestado atenção em Trelawney, quando percebi que o doutor dava saltos de alegria com suas pernas de grilo, batendo palmas e gritando:

— Está salvo! Está salvo! Agora deixem comigo.

Depois de meia hora levamos de maca para o castelo um único ferido. O Mesquinho e o Bom estavam vendados estreitamente juntos; o doutor tivera o cuidado de combinar todas as vísceras e artérias de ambas as partes, e depois com um quilômetro de curativos os unira tão intimamente que parecia, mais que um ferido, um antigo morto embalsamado.

Meu tio foi velado dias e noites entre a vida e a morte. Certa manhã, observando aquele rosto que uma linha vermelha atravessava da testa até o queixo, continuando depois pescoço abaixo, foi a ama Sebastiana quem disse:

— Pronto: mexeu-se.

De fato, os traços do rosto de meu tio estavam sendo percorridos por um frêmito, e o doutor chorou de alegria ao ver que passava de uma bochecha para outra.

Por fim, Medardo abriu os olhos, os lábios; de início, tinha a expressão transtornada: um olho estava contraído e o outro suplicante, a testa enrugada e serena, um canto da boca sorria e o outro rangia os dentes. Pouco a pouco, foi ficando simétrico.

O dr. Trelawney disse:

— Agora está curado.

E Pamela exclamou:

— Finalmente terei um marido com todos os seus atributos.

*

Assim, meu tio Medardo voltou a ser um homem inteiro, nem mau nem bom, uma mistura de maldade e bondade, isto é, aparentemente igual ao que era antes de se partir ao meio. Mas tinha a experiência de uma e de outra metade refundidas, por isso devia ser bem sábio. Viveu feliz, teve muitos filhos e fez um bom governo. Nossa vida também mudou para melhor. Talvez se esperasse que, uma vez inteiro o

visconde, se abrisse um período de felicidade maravilhosa; mas é claro que não basta um visconde completo para que o mundo inteiro se torne completo.

Entretanto, Pedroprego não construiu mais forcas e, sim, moinhos; e Trelawney abandonou os fogos-fátuos em favor dos sarampos e das erisipelas. Ao contrário, em meio a tantos fervores de integridade, eu me sentia cada vez mais triste e carente. Às vezes a gente se imagina incompleto e é apenas jovem.

Eu chegara ao limiar da adolescência e ainda me ocultava entre as raízes das grandes árvores do bosque para me contar histórias. Uma agulha de pinheiro podia representar para mim um cavaleiro ou uma dama ou um bufão; movimentava-a diante de meus olhos e me exaltava em relatos intermináveis. Depois ficava com vergonha dessas fantasias e fugia.

E chegou o dia em que também o dr. Trelawney me abandonou. Certa manhã, entrou em nosso golfo uma frota de navios empavesados, com bandeira inglesa, e lançou âncoras. Terralba inteira foi até a praia para vê-los, exceto eu, que de nada sabia. Os parapeitos das amuradas e as mastreações estavam lotados de marinheiros, que exibiam ananases e tartarugas e desenrolavam papéis onde estavam escritas sentenças latinas e inglesas. No convés, em meio aos oficiais de tricórnio e peruca, o capitão Cook observava a margem com o binóculo e assim que identificou o dr. Trelawney deu ordens para que lhe transmitissem com as bandeiras a mensagem: “Venha imediatamente a bordo, doutor, temos de continuar nossa partida de vinte e um”.

O doutor despediu-se de todos em Terralba e nos deixou. Os marinheiros entoaram um hino: “Oh, Austrália!”, e o doutor foi içado a bordo montado num barril de vinho *cancarone*. Então os navios levantaram âncoras.

Eu não tinha visto nada. Estava escondido no bosque contando histórias a mim mesmo. Soube do acontecido muito tarde e saí correndo em direção ao cais, gritando:

— Doutor! Doutor Trelawney! Leve-me com o senhor! Não pode me deixar aqui, doutor!

Mas os navios já estavam sumindo no horizonte e eu continuei aqui, neste nosso mundo cheio de responsabilidades e de fogos-fátuos.

O BARÃO
NAS ÁRVORES

1

Foi em 15 de junho de 1767 que Cosme Chuvasco de Rondó, meu irmão, sentou-se conosco pela última vez. Lembro como se fosse hoje. Estávamos na sala de jantar da nossa vila de Penúmbria, as janelas enquadravam as densas ramagens do grande carvalho ílex do parque. Era meio-dia e, seguindo antiga tradição, a família ia para a mesa naquele horário, embora já predominasse entre os nobres a moda, importada da pouco madrugadora corte da França, de almoçar no meio da tarde. Recordo que soprava vento do mar e mexiam-se as folhas. Cosme disse: “Já falei que não quero e não quero!”, e afastou o prato de escargots. Nunca tínhamos visto desobediência tão grave.

Ocupava a cabeceira o barão Armínio Chuvasco de Rondó, nosso pai, com a peruca descendo até as orelhas, à Luís XIV, fora de moda como tantas coisas suas. Entre mim e meu irmão sentava-se o abade Fauchelafleur, dependente da família e preceptor dos jovens. Em frente estava a generala Corradina de Rondó, a mãe, e nossa irmã Batista, a freira da casa. Na outra extremidade da mesa, contrapondo-se ao pai da família, ficava, vestido à turca, o cavaleiro advogado Eneias Sílvio Carrega, administrador e engenheiro das propriedades familiares e nosso tio natural, enquanto irmão ilegítimo de papai.

Havia poucos meses, tendo Cosme completado doze anos e eu oito, tínhamos sido admitidos na mesma mesa dos genitores; ou seja, fui beneficiado antes do tempo pela promoção de meu irmão, pois não quiseram deixar-me comendo sozinho. Beneficiado é um modo de dizer: na verdade, tanto para Cosme quanto para mim terminara o tempo feliz e lamentávamos não fazer mais as refeições na saleta, os dois sozinhos com o abade Fauchelafleur. O abade era um velhote seco e encarquilhado, com fama de jansenista e, de fato, fugira do Delfinado, onde nascera, para escapar de um processo da Inquisição. Mas o caráter rigoroso que em geral nele louvavam, a severidade interior que impunha a si e aos outros cediam lugar continuamente a uma fundamental

vocação para a indiferença e o deixar andar, como se as longas meditações com os olhos fixos no vazio só tivessem levado a um grande tédio e falta de vontade, vindo em toda dificuldade, por menor que fosse, o sinal de uma fatalidade à qual não pretendia opor-se. As refeições em companhia do abade começavam após longas orações, marcadas por complicados movimentos de colheres, rituais, silenciosos, e coitado de quem levantasse os olhos do prato ou fizesse o menor barulho tomando o caldo quente; mas, no final da sopa, o abade já estava cansado, chateado, olhando o vazio, enquanto estalava a língua a cada gole de vinho, como se apenas as sensações mais superficiais e efêmeras pudessem atingi-lo; ao chegar o prato principal já podíamos comer com as mãos, e terminávamos a refeição fazendo guerra com restos de pera, enquanto o abade emitia de vez em quando um dos seus molengos: “... Ooo *bien!*... Ooo *alors!*”.

Mas agora, estando à mesa com a família, tomavam corpo os rancores familiares, capítulo triste da infância. Pai e mãe sempre pela frente, comer frango com talheres, e fica direito, e tira os cotovelos da mesa, o tempo todo!, e ainda por cima aquela antipática da Batista. Começou uma série de berros, de birras, de castigos, de teimosias, até o dia em que Cosme recusou os escargots e decidiu separar sua sorte da nossa.

Desse acúmulo de ressentimentos familiares só me dei conta depois: naquela época eu tinha oito anos, tudo me parecia um jogo, a guerra dos meninos contra os adultos era a de sempre, a de todos os moleques, não percebia que a teimosia de meu irmão era algo de mais profundo.

O barão nosso pai era um homem chato, sem dúvida, embora não fosse mau: chato porque sua vida era dominada por pensamentos desencontrados, como tantas vezes acontece nos períodos de transição. A agitação da época transmite a muitos a necessidade de agitar-se também, mas tudo ao contrário, fora de foco: assim era o pai, com o tema do momento; tinha pretensões ao título de duque de Penúmbria e não pensava em outra coisa a não ser em genealogias e sucessões e rivalidades e alianças com os potentados vizinhos e distantes.

Por isso lá em casa vivíamos sempre como se fosse a véspera de um convite para a corte, não sei se a da imperatriz da Áustria ou a do rei Luís, ou talvez a dos montanhese de Turim. Servia-se um peru e papai a controlar-nos para ver se conseguíamos trinchá-lo e despulpá-lo conforme todas as regras reais, e o abade quase não o saboreava para não

ser apanhado em flagrante, ele que devia apoiar o patriarca nos seus vitupérios. Do cavaleiro advogado Carrega havíamos descoberto o fundo falso: fazia desaparecer pernis inteiros sob a fralda da chimarra turca, para depois comê-los com as mãos como gostava, escondido na vinha; e seríamos capazes de jurar (embora nunca o tivéssemos apanhado em ação, tão rápidos eram seus movimentos) que já vinha para a mesa com um bolso cheio de ossos limpos, para deixar no prato no lugar dos quartos de peru amoitados inteirinhos. Mamãe generala não contava, pois assumia bruscos gestos militares também ao servir-se à mesa — *So! Noch ein wenig! Gut!* —, e ninguém contestava; mas em relação a nós se preocupava, se não com a etiqueta, pelo menos com a disciplina, e dava mão forte ao barão com suas ordens de praça de armas — *Sitz' rubig!* E limpa o focinho! A única que ficava à vontade era Batista, a freira da casa, que limpava galletos com uma dedicação minuciosa, fibra por fibra, com umas faquinhas pontiagudas que só ela possuía, espécie de bisturis de cirurgião. O barão, que deveria apresentá-la como um exemplo para nós, não se atrevia a encará-la, pois, com aqueles olhos arregalados sob as asas da touca engomada, os dentes cerrados naquela amarelada focinheira de rato, provocava medo até nele. Assim, dava para entender por que a mesa era o lugar em que vinham à luz todos os antagonismos, as incompatibilidades entre nós e também todas as loucuras e hipocrisias; e por que justamente à mesa se determinasse a rebelião de Cosme. Por isso entro em detalhes no relato, pois de mesas postas não ouviremos mais falar na vida de meu irmão, isso é certo.

Também era o único lugar em que nos encontrávamos com os adultos. Durante o resto do dia, mamãe ficava fechada nas suas dependências a fazer rendas, bordados e filé, pois a generala só era capaz de se ocupar dessas tarefas tradicionais de mulher e apenas nelas desafogava a sua paixão guerreira. Eram rendas e bordados que, em geral, representavam mapas geográficos; e, estendidos em almofadas ou painéis para tapeçaria, mamãe os enchia de alfinetes e bandeirinhas, assinalando os planos de batalha das Guerras de Sucessão que conhecia na ponta da língua. Ou então bordava canhões, com as várias trajetórias que partiam da boca de fogo, e as forquilhas de tiro e os ângulos de projeção, porque era muito competente em balística e além disso tinha à disposição toda a biblioteca de seu pai, o general, com tratados de arte militar, mesas de tiro e atlas.

Nossa mãe era uma Von Kurtewitz, Konradine, filha do general Konrad von Kurtewitz, que vinte anos antes ocupara as terras da família sob o comando das tropas de Maria Teresa d'Áustria. Órfã de mãe, ela ia com o general para os campos de batalha; nada de romanesco, viajavam bem equipados, hospedavam-se nos melhores castelos, com um bando de criadas, e ela passava os dias fazendo rendas na almofada de bilros; o que se conta, que também ela participasse das batalhas, a cavalo, não passava de lendas; sempre fora uma mulherzinha de pele rosada e nariz arrebitado como a recordamos, mas mantivera a mesma paixão militar do pai, quem sabe como protesto contra o marido.

Papai era um dos poucos nobres da região que se alinhara contra os imperiais naquela guerra: acolhera de braços abertos o general Von Kurtewitz em seu feudo, colocara à disposição dele seus homens e, para melhor demonstrar dedicação à causa imperial, casara com Konradine, tudo sempre na esperança do ducado, no que se deu mal, como de hábito, pois os imperiais foram logo embora e os genoveses o sobrecarregaram de impostos. Apesar de tudo, ganhara uma boa esposa, a generala, como passou a ser chamada depois que o pai morreu na expedição da Provença e Maria Teresa mandou-lhe um colar de ouro num coxim de damasco; uma esposa com a qual quase sempre se deu bem, embora ela, educada nos acampamentos, só pensasse em exércitos e batalhas e o reprovasse por não passar de um intrometido sem sorte.

Mas no fundo ambos haviam parado no tempo das Guerras de Sucessão, ela com a artilharia na cabeça e ele com as árvores genealógicas; ela que sonhava para os filhotes um posto num exército, qualquer um, ele que, ao contrário, nos via casados com alguma grã-duquesa eleitora do Império... Apesar disso foram pais ótimos, mas tão distraídos que nós dois podíamos crescer quase por conta própria. Foi bom ou ruim? E quem será capaz de dizê-lo? A vida de Cosme foi tão fora do comum, a minha tão regulada e modesta, mesmo assim passamos a infância juntos, ambos indiferentes às trapalhadas dos adultos, buscando vias diferentes daquelas percorridas pelas pessoas.

Trepávamos nas árvores (esses primeiros jogos inocentes recobrem-se agora na minha lembrança como de uma luz de iniciação, de presságio; mas então quem pensaria nisso?), subíamos as torrentes saltando de uma pedra para outra, explorávamos cavernas à beira-mar, escorregávamos pelas balaustradas de mármore das escadarias da vila. Foi numa dessas

brincadeiras que teve origem para Cosme uma das maiores razões de brigas com os genitores, porque foi punido, injustamente, acha ele, e desde então incubou um rancor contra a família (ou a sociedade? ou o mundo em geral?) que se expressou depois na sua decisão de 15 de junho.

Para dizer a verdade, tínhamos sido proibidos de escorregar pela balaustrada de mármore das escadas, não por medo de que quebrássemos uma perna ou um braço, pois nossos pais nunca se preocuparam com isto e foi justamente por isso — penso eu — que nunca arreventamos nada; mas porque crescendo e aumentando de peso podíamos derrubar as estátuas dos ancestrais que papai mandara colocar nas últimas pilastras das balaustradas em cada lance de escada. De fato, uma vez Cosme já havia jogado no chão um trisavô bispo, com mitra e tudo; foi punido e desde então aprendeu a frear um instante antes de atingir o fim da rampa e a saltar exatamente um segundo antes de bater contra a estátua. Também aprendi, pois o acompanhava em tudo, só que eu, sempre mais modesto e prudente, já saltava lá pelo meio da rampa, ou então escorregava aos bocados, com freadas contínuas. Um dia, ele descia pela balaustrada como uma flecha, e quem é que subia pelas escadas? O abade Fauchelafleur, que andava às tontas com o breviário aberto no peito mas com o olhar fixo no vazio feito uma galinha. Se pelo menos estivesse meio adormecido como de hábito! Não, estava num daqueles momentos raros, de extrema atenção e apreensão com todas as coisas. Vê Cosme, pensa: balaustrada, estátua, agora nos chocamos, vão dar bronca em mim também (porque a cada molecagem nossa gritavam com ele também, que não sabia tomar conta de nós), e se lança sobre a balaustrada para conter meu irmão. Cosme choca-se com o abade, arrasta-o para baixo (era um velhinho que parecia só ter ossos), não pode frear, bate com impulso redobrado na estátua do nosso antepassado Caçaguerra Chuvasco, cruzado na Terra Santa, e tombam todos no pé da escadaria: o cruzado em pedaços (era de gesso), o abade e ele. Foram repreensões a não acabar mais, chicotadas, curativos, castigos a pão e sopa fria. E Cosme, que se julgava inocente pois a culpa não fora sua mas do abade, saiu-se com aquela tirada feroz: “Estou me lixando para todos os seus antepassados, senhor meu pai!”, o que já anunciava sua vocação de rebelde.

No fundo, igual a nossa irmã. Também ela, embora o isolamento em que vivia tivesse sido imposto por papai, depois da história do marquezinho da Maçã, fora sempre uma alma rebelde e solitária. O que acontecera com o marquezinho daquela vez, nunca se soube direito. Filho de uma família que tinha hostilidade por nós, como havia conseguido entrar na casa? E por quê? Para seduzir, ou melhor, para violentar nossa irmã, foi dito na briga interminável que se seguiu entre as famílias. De fato, não dava para imaginar aquele idiota sardento como um sedutor e menos ainda com Batista, na certa mais forte do que ele e famosa pelas quedas de braço até com os rapazes da estrebaria. E mais: por que foi ele quem gritou? E, ainda, em que condições foi encontrado, pelos empregados que acorreram junto com papai, as calças em tiras, como se tivessem sido rasgadas pelas garras de um tigre? Os Da Maçã jamais quiseram admitir que o filho deles tivesse atentado contra o pudor de Batista e consentir no matrimônio. Assim, nossa irmã acabou enterrada em casa, com trajes de monja, mesmo sem ter feito votos nem de terciária, dada a sua duvidosa vocação.

Seu ânimo triste extravasava sobretudo na cozinha. Era excelente cozinhando, pois não lhe faltava nem a diligência nem a fantasia, dotes elementares para qualquer cozinheira, mas era impossível imaginar que surpresas surgiriam à mesa quando ela punha as mãos na massa: certas torradas com patê, que ela havia preparado uma vez, finíssimas para dizer a verdade, eram de fígado de rato e ela não dissera nada até que as tivéssemos comido e elogiado; isso para não falar das patas de gafanhoto, as traseiras, duras e serrilhadas, postas em forma de mosaico numa torta; e os rabinhos de porco assados como se fossem roscas; e daquela vez que cozinhou um porco-espinho inteiro, com todos os espinhos, quem sabe por que razão, talvez só para nos impressionar quando foi levantado o abafador, pois nem ela, que sempre comia todo tipo de porcaria que houvesse preparado, quis prová-lo, embora fosse um filhote, rosado, certamente macio. De fato, grande parte da sua horrorosa cozinha era estudada só para impressionar, mais do que pelo prazer de fazer-nos saborear junto com ela alimentos com sabores extravagantes. Eram, tais pratos de Batista, obras de fina ourivesaria animal ou vegetal: cabeças de couve-flor com orelhas de lebre dispostas sobre uma gola de pelo de lebre; ou uma cabeça de porco de cuja boca saía, como se este pusesse a língua para fora, uma lagosta vermelha, a

qual segurava com as tenazes a língua do porco como se a tivesse arrancado. Depois os escargots: conseguira decapitar não sei quantos moluscos, e as cabeças, aquelas cabeças de cavalinhos, moles moles, conseguira fixá-las, creio que com um espetinho, cada uma num bolinho, e pareciam, como foram arrumados, um bando de minúsculos cisnes. E, mais ainda que a visão daquelas iguarias, impressionava-nos o zelo extremado que certamente Batista tivera ao prepará-las, imaginem suas mãos sutis enquanto desmembravam aqueles corpinhos de animais.

O modo pelo qual os escargots excitavam a macabra fantasia de nossa irmã levou-nos, meu irmão e eu, a uma rebelião, que era ao mesmo tempo de solidariedade, para com os pobres animais despedaçados, de desgosto pelo sabor dos escargots cozidos e de impaciência contra tudo e todos, tanto que não há razão para estranhar se foi a partir dali que Cosme amadureceu o seu gesto e o que se seguiu.

Havíamos arquitetado um plano. Como o cavaleiro advogado levasse para casa um cesto cheio de escargots comestíveis, eles eram colocados na despensa, em um barril, a fim de permanecerem em jejum, comendo só farelo, e se purgarem. Ao deslocar-se a tampa de madeira do barril, aparecia uma espécie de inferno, em que os escargots se moviam pelas aduelas acima com uma lentidão que já era um presságio de agonia, entre refugos de farelo, marcas de opaca baba coagulada e coloridos excrementos de moluscos, memória do bom tempo com ar livre e ervas. Alguns estavam fora da concha, com a cabeça espichada e os chifrinhos separados; outros totalmente encolhidos, deixando aparecer só desconfiadas antenas; outros em roda como comadres; outros adormecidos e fechados; outros mortos com a concha virada. Para salvá-los do encontro com aquela sinistra cozinheira e para proteger-nos das suas guarnições, fizemos um furo no fundo do barril e dali traçamos, com fios de erva triturada e mel, um caminho escondido ao máximo, atrás de tonéis e utensílios da despensa, para induzir os escargots à fuga, até uma janelinha que dava para um canteiro inculto e espinhoso.

No dia seguinte, quando descemos à despensa para verificar os efeitos do plano e, à luz de velas, inspecionamos as paredes e os corredores — “Aqui uma!... E outra lá!”, “... E veja esta onde chegou!” —, já uma fila de escargots arrastava-se, a pequenos intervalos, do barril até a janelinha, pelo chão e pelas paredes, seguindo a nossa trilha. “Rápido, lesminhas! Andem logo, fujam!”, não pudemos deixar de dizer-lhes,

vendo os bichinhos andar vagarosamente, não sem desviar-se em voltas ociosas pelas rústicas paredes da despensa, atraídos por ocasionais depósitos e montes de mofo e borra; mas o lugar era escuro, entulhado, acidentado: esperávamos que ninguém pudesse descobri-los e que todos tivessem tempo de escapar.

Contudo, aquela alma penada que era Batista percorria a casa inteira de noite, caçando ratos, segurando um candelabro e com a espingarda debaixo do braço. Passou pela despensa, naquela noite, e a luz do candelabro desenhou um escargot errante no teto, com a estria de gosma prateada. Ressoou uma fuzilaria. Todos saltamos na cama, mas logo afundamos a cabeça nos travesseiros, arredios que éramos às caçadas noturnas da freira da casa. Porém, Batista, após destruir a lesma e derrubar um pedaço de reboco com aquele tiro irracional, começou a gritar com seu fio de voz estridente: “Socorro! Estão fugindo todos! Socorro!”. Acorreram os empregados seminus, papai armado com uma baioneta, o abade sem peruca e o cavaleiro advogado, que, antes de entender alguma coisa, com medo de confusões fugiu para os campos e foi dormir num palheiro.

À luz de tochas, todos começaram a caçar escargots despensa afora, embora ninguém os apreciasse; mas como tinham acordado não queriam, por causa do habitual amor-próprio, admitir terem sido incomodados à toa. Descobriram o buraco no barril e entenderam logo que tínhamos sido nós. Papai foi nos buscar na cama, chicote de cocheiro em punho. Acabamos cobertos de marcas roxas nas costas, nas nádegas e nas pernas, trancados no quartinho miserável que funcionava como prisão.

Mantiveram-nos ali três dias, a pão, água, salada, couro de boi e sopa fria (de que, felizmente, gostávamos). Depois, primeira refeição em família, como se nada tivesse acontecido, todos bem-comportados, naquele meio-dia de 15 de junho: e o que havia preparado Batista, responsável pela cozinha? Sopa de escargots e iguarias da mesma porcaria. Cosme não quis tocar sequer em uma concha. “Comam ou voltam imediatamente para o quartinho!” Cedi e comecei a engolir os moluscos. (Foi uma deslealdade de minha parte e contribuiu para que meu irmão se sentisse mais sozinho, de modo que, ao abandonar-nos, lançava um protesto contra mim, que o desiludira; mas eu tinha apenas oito anos e de que vale comparar a minha força de vontade, ou melhor, a

que poderia ter como criança, com a obstinação sobre-humana que marcou a vida de meu irmão?)

— E então? — disse o pai a Cosme.

— Não e não! — insistiu Cosme e afastou o prato.

— Fora da mesa!

Mas Cosme já dera as costas a todos e estava saindo da sala.

— Aonde é que você vai?

Podíamos vê-lo através da porta de vidro, enquanto no vestíbulo pegava o tricórnio e o espadim.

— É problema meu! — Correu para o jardim.

Logo, pelas janelas, vimos que ele trepava no carvalho ílex. Estava vestido e penteado com muito esmero, como papai exigia que fosse para a mesa, apesar de ter só doze anos: cabelos empoados com uma fita atando a trança, tricórnio, gravata de renda, calções cor de malva, espadim e longas polainas de couro branco até o meio da coxa, única concessão a um modo de vestir-se mais de acordo com nossa vida de interior. (Eu, tendo só oito anos, estava isento da fita nos cabelos, a não ser nas ocasiões de gala, e do espadim, que gostaria de poder usar.) Assim ele subia pela árvore nodosa, movendo braços e pernas pelos ramos com a segurança e rapidez que advinham da longa prática a que ambos nos havíamos dedicado.

Já disse que passávamos horas e horas em cima das árvores, e não por motivos utilitários como fazem tantos meninos que sobem nas árvores apenas para apanhar frutas ou ninhos de pássaros, mas pelo prazer de superar difíceis saliências do tronco e forquilhas, e chegar o mais alto possível, e encontrar bons lugares para ficar olhando o mundo lá embaixo e brincando com quem passasse por ali. Portanto, achei natural que a primeira reação de Cosme àquela injusta ferocidade contra ele fosse subir no carvalho ílex, árvore que nos era familiar e que, lançando os ramos à altura das janelas da sala, impunha seu comportamento desdenhoso e ofendido à vista de toda a família.

— *Vorsicht! Vorsicht!* Vai cair, o pobrezinho! — exclamou ansiosa mamãe, que gostaria de ver-nos em ataques com canhões mas ficava apreensiva com qualquer brincadeira nossa.

Cosme trepou até a forquilha de um grande ramo onde podia ficar à vontade e sentou-se ali, pernas pendentes, braços cruzados com as mãos sob as axilas, cabeça enterrada no pescoço, tricórnio calcado na testa.

Papai debruçou-se na sacada.

— Quando você estiver cansado de ficar aí, vai mudar de ideia — gritou.

— Nunca hei de mudar de ideia — respondeu meu irmão, do ramo.

— Você vai ver o que é bom, assim que descer!

— Não vou descer nunca. — E manteve a palavra.

2

Cosme estava no carvalho ílex. Os ramos se multiplicavam, elevadas pontes sobre a terra. Soprava um vento ligeiro; fazia sol. A luz filtrava-se entre as folhas, e para ver Cosme tínhamos de proteger os olhos com as mãos. Cosme observava o mundo da árvore: qualquer coisa, vista lá de cima, era diferente, e isso já era um divertimento. A alameda ganhava uma outra perspectiva, e também os canteiros, as hortênsias, as camélias, a mesinha de ferro para tomar café no jardim. Mais adiante, as copas das árvores adensavam-se e a horta derramava-se em pequenos campos em forma de escada, sustentados por muros de pedra; o outro lado da encosta era coberto de olivais, e, na parte de trás, o povoado de Penúmbria espetava seus tetos de tijolo lavado de chuva e ardósia, e despontavam vergas de embarcações, lá pelos baixios do porto. Ao fundo, estendia-se o mar, dominando o horizonte, onde um veleiro deslizava.

Então o barão e a generala, depois do café, saíram para o jardim. Observavam uma roseira, fingiam não ligar para Cosme. Andavam de braços dados, e depois se distanciavam para discutir e gesticular. Fui para debaixo do carvalho ílex como se brincasse sozinho, mas na realidade tentando atrair a atenção de Cosme; ele, porém, guardava rancor de mim e continuava lá em cima a olhar para longe. Parei a brincadeira e me agachei atrás de um banco para poder continuar a observá-lo sem ser visto.

Meu irmão parecia uma sentinela. Controlava tudo, e nada lhe chamava a atenção. Entre os limoeiros passava uma mulher com um cesto. Subia um tropeiro pela encosta, agarrado ao rabo da mula. Não se viram entre si; a mulher, com o rumor dos cascos ferrados, virou-se e avançou para a estrada, mas não chegou a tempo. Aí começou a cantar, mas o tropeiro já fazia a curva, apurou o ouvido, estalou o chicote e

exclamou para a mula: “Aah!”. E tudo acabou ali. Cosme via a um e a outro.

O abade Fauchelafleur cruzou a alameda com o breviário aberto. Cosme apanhou alguma coisa do ramo e deixou cair na cabeça dele; não entendi o que era, talvez uma pequena aranha, ou um pedaço de casca; o abade não ligou. Com o espadim Cosme pôs-se a cutucar num oco do tronco. Apareceu uma vespa zangada, ele a enxotou sacudindo o tricórnio e acompanhando o voo dela com o olhar até um pé de abóbora, onde se refugiou. Rápido como sempre, o cavaleiro advogado saiu de casa, desceu pelas escadarias do jardim e perdeu-se entre as fileiras da vinha; Cosme, para ver onde ele ia, trepou noutra ramo. Lá, entre as folhagens, ouviu-se um adejar, e um melro alçou voo. Cosme ficou mal porque estivera ali tanto tempo e não se dera conta daquela presença. Contra a luz, começou a procurar outros pássaros. Não, não havia mais nenhum.

O carvalho ílex estava perto de um olmo; as duas copas quase se tocavam. Um ramo do olmo passava meio metro acima de um ramo da outra árvore; foi fácil para meu irmão dar um salto e assim conquistar o topo do olmo, que não havíamos explorado porque os ramos começavam lá em cima e eram de difícil acesso por terra. Do olmo, sempre buscando um lugar onde um ramo passava lado a lado com os ramos de outra planta, saltava para uma alfarrobeira e depois para uma amoreira. Assim, eu via Cosme avançar de um ramo para outro, caminhando suspenso no jardim.

Certos galhos da grande amoreira atingiam e superavam o muro que circundava nossa vila, e do outro lado ficava o jardim dos Rodamargem. Nós, embora vizinhos, não sabíamos nada sobre os marqueses de Rodamargem e nobres de Penúmbria, pois eles desfrutavam havia várias gerações de determinados direitos feudais pretendidos por papai; uma aversão recíproca dividia as duas famílias, bem como um muro alto que parecia um torreão de fortaleza dividia nossas vilas, não sei se mandado construir por papai ou pelo marquês. Acrescente-se a isso o ciúme com que os Rodamargem cercavam o jardim deles, repleto, segundo se dizia, de espécies de plantas nunca vistas. De fato, já o pai dos atuais marqueses, discípulo de Lineu, movimentara toda a enorme parentela de que a família dispunha nas cortes da França e Inglaterra para receber as mais preciosas raridades botânicas das colônias e, durante anos, os

navios tinham desembarcado em Penúmbria sacos de sementes, feixes de estacas, arbustos em vasos e mesmo árvores inteiras, com enormes envoltórios de blocos de terra em torno das raízes; até que naquele jardim acabara por crescer — diziam — uma mistura de florestas das Índias e das Américas, e até mesmo da Nova Holanda.

Tudo o que nós conseguíamos ver eram, debruçadas sobre a divisa do muro, as folhas escuras de uma planta recentemente importada das colônias americanas, a magnólia, que nos ramos negros exibia uma carnosa flor branca. Da nossa amoreira Cosme alcançou o cimo do muro, deu alguns passos equilibrando-se e depois, apoiado nas mãos, atirou-se para o outro lado, onde ficavam as folhas e a flor da magnólia. Dali sumiu de vista; e o que agora contarei, como muitas outras coisas desta narrativa de sua vida, me foi contado por ele mais tarde ou fui eu mesmo quem reconstitui a partir de testemunhos e induções esparsas.

Cosme estava na magnólia. Embora dotada de ramos densos essa planta era bem acessível para um jovem conhecedor de todas as espécies de árvores como meu irmão; e os galhos resistiam ao peso, apesar de não serem muito grossos e de sua madeira doce descascar ao contato da ponta dos sapatos de Cosme, abrindo brancas feridas no negro da casca; e a planta envolvia o rapaz num perfume fresco de folhas, conforme o vento as tocava, revirando suas páginas num verdejar ora opaco ora brilhante.

Mas era todo o jardim que exalava perfume e, se Cosme ainda não conseguia percorrê-lo com a vista, tão irregularmente denso era, já o explorava com o olfato e tratava de distinguir os diversos aromas, que lhe eram familiares desde quando, levados pelo vento, chegavam até o nosso jardim e pareciam constituir uma coisa só com os segredos daquela vila. Depois observava as frondes e via folhas novas, algumas grandes e lustrosas como se escorresse sobre elas um fio d'água, outras minúsculas e recortadas, e troncos bem lisos ou cheios de lascas.

Reinava um grande silêncio. Só se ergueu um voo de pequeninas carriças, álacres. E ouviu-se uma vozinha que cantava: “Oh lá lá lá! *La ba-la-nçoire...*”. Cosme olhou para baixo. Dependurado no ramo de uma grande árvore perto dele agitava-se um balanço, no qual se sentava uma menina de uns dez anos.

Era uma criança loura, com um penteado alto um tanto engraçado para uma menina e um vestido azul, também de alguém mais velho, de

cuja saia agora, erguida no balanço, transbordavam rendas. A menina mantinha os olhos entreabertos e o nariz empinado, como por um capricho de bancar a dama, e mordiscava uma maçã, cada vez dobrando a cabeça para o lado da mão que devia segurar a fruta e apoiar-se na corda do balanço ao mesmo tempo, e dava impulso batendo com a ponta dos sapatinhos no chão sempre que o balanço atingia o ponto mais baixo de seu arco, e soprava dos lábios os fragmentos de casca de maçã mastigada, e cantava: “Oh lá lá lá! *La ba-la-nçoire...*”, como uma menina a quem não importasse mais nada além do brinquedo, da canção e (porém um tantinho mais) da maçã, e já tinha outros pensamentos na cabeça.

Cosme, do alto da magnólia, descera ao patamar mais baixo e agora estava com os pés plantados em duas forquilhas e os cotovelos apoiados diante dele como numa sacada. Os voos do balanço traziam-lhe a menina para perto do nariz.

Ela estava distraída e não percebera. De repente ela o viu, enfiado na árvore, de tricórnio e polainas.

— Oh! — disse.

A maçã caiu-lhe da mão e rolou ao pé da magnólia. Cosme desembainhou o espadim, alcançou a fruta com a ponta do metal, espetou-a e ofereceu-a à menina que, nesse ínterim, fizera um percurso completo do balanço e estava ali de novo.

— Pegue-a, não se sujou, só está meio amassada de um lado.

A menina loura já se arrependera por ter demonstrado tanto estupor diante daquele rapazinho desconhecido que surgira ali na magnólia e retomara seu ar tranquilo com o nariz empinado.

— O senhor é um ladrão? — indagou.

— Ladrão? — repetiu Cosme, ofendido; pensou bem: até que a ideia não lhe desagradava. — Sim, sou — disse, enfiando o tricórnio na cabeça. — Algo em contrário?

— É o que veio roubar?

Cosme olhou a maçã que enfiara na ponta do espadim e lhe veio em mente que estava com fome, que quase não tocara na comida à mesa.

— Esta maçã — disse e começou a descascá-la com a lâmina do espadim, a qual mantinha, a despeito das proibições familiares, afiadíssima.

— Então é um ladrão de fruta — disse a menina.

Meu irmão pensou nos bandos de meninos pobres de Penúmbria, que pulavam os muros e as sebes e saqueavam os pomares, um tipo de gente que lhe ensinaram a desprezar e evitar, e pela primeira vez pensou quanto devia ser livre e invejável aquela vida. Era isso: talvez pudesse tornar-se alguém como eles e viver assim doravante.

— Sim — disse. Cortara a maçã em gomos e começou a mastigá-la.

A menina loura explodiu numa risada que durou uma volta completa do balanço.

— Deixe disso! Os rapazes que roubam fruta eu conheço! São todos meus amigos! E aqueles lá andam descalços, em mangas de camisa, despenteados, e não com polainas e peruca!

Meu irmão ficou vermelho como a casca da maçã. Ser gozado não só pelo penteado, do qual não gostava, mas também pelas polainas, que apreciava muitíssimo, e ser considerado como de aspecto inferior ao de um ladrão de fruta, aquela gatinha desprezada até poucos momentos atrás, e sobretudo descobrir que a jovem dama com ares de proprietária no jardim dos Rodamargem era amiga de todos os ladrões de fruta mas não sua amiga, tudo isso junto o encheu de despeito, vergonha e ciúme.

— Oh lá lá lá... Com polainas e chinó! — cantarolava a menina no balanço.

Ele foi tomado por um sentimento de orgulho.

— Não sou um ladrão daqueles que você conhece! — gritou. — Não sou ladrão de jeito nenhum! Disse aquilo para assustá-la, porque, se soubesse quem sou na verdade, havia de morrer de medo: sou um bandido! Um terrível bandoleiro!

A menina continuava a voar até bem perto do nariz dele, dava para pensar que pretendia chegar a tocá-lo com as pontas dos pés.

— Deixe disso! E onde está a espingarda? Todos os bandidos têm uma espingarda! Eu já vi alguns! Já nos pararam a carruagem cinco vezes nas viagens do castelo para cá!

— Mas o chefe não! Eu sou o chefe! O chefe dos bandidos não anda de espingarda! Só carrega espada! — E empunhou o espadim.

A menina deu de ombros.

— O chefe dos bandidos — explicou — é um tipo que se chama João do Mato e sempre vem nos trazer presentes, no Natal e na Páscoa!

— Ah! — exclamou Cosme de Rondó, golpeado por uma onda de sectarismo familiar. — Então tem razão meu pai, quando diz que o

marquês de Rodamargem é o protetor de todo o banditismo e o contrabando na região!

A menina passou perto do chão, e em vez de dar o impulso freou com um rápido movimento da perna e saltou fora. O balanço vazio dançou no ar regido por suas cordas.

— Desça imediatamente daí! Como se permitiu entrar no nosso terreno? — disse, apontando um dedo contra o menino, maldosa.

— Não entrei e não descerei — disse Cosme no mesmo tom. — No terreno de vocês jamais pus os pés e não o farei nem por todo o ouro do mundo!

A menina então, com grande calma, pegou um leque que estava numa poltrona de vime e, embora não fizesse muito calor, abanou-se passeando para a frente e para trás.

— Agora — afirmou com toda a calma —, chamarei os empregados e farei com que lhe apliquem umas bordoadas! Assim aprenderá a não penetrar em nossas terras! — Mudava sempre de tom, esta menina, e meu irmão todas as vezes ficava perturbado.

— Onde estou não é terra e nem é de vocês! — proclamou Cosme, e já ficava tentado a acrescentar: “E além disso sou o duque de Penúmbria e portanto senhor de todo o território!”, mas se conteve, pois não lhe agradava repetir as coisas que dizia sempre seu pai, depois de sair da mesa brigando com ele; não lhe agradava e não lhe parecia justo, mesmo porque aquelas pretensões sobre o ducado sempre lhe pareceram apenas fixações; tinha cabimento agora até ele, Cosme, começar a posar de duque? Mas não queria desmentir-se e continuou o discurso conforme fluía. — Aqui não é de vocês — repetiu —, porque lhes pertence o solo e se eu pusesse um pé então seria um invasor. Mas aqui em cima não, e eu ando por onde me der na veneta.

— Sim, então é seu, lá em cima...

— Claro! Território pessoal, tudo aqui por cima. — E fez um vago gesto em direção aos ramos, às folhas e ao céu. — Nos ramos das árvores é tudo território meu. Diga a eles que venham me apanhar, se é que são capazes!

Agora, após tantas bravatas, esperava que ela o gozasse de alguma forma. Para surpresa sua, mostrou-se interessada.

— É mesmo? E até onde chega este seu território?

— Vai até onde se consegue ir caminhando em cima das árvores, por aqui, por ali, além do muro, no olival, até o cimo da colina, do outro lado da colina, no bosque, na torre do bispo...

— Até a França?

— Até a Polônia e a Saxônia — disse Cosme, que de geografia sabia só os nomes que ouvira de mamãe quando falava das Guerras de Sucessão. — Mas não sou egoísta como você. Está convidada para o meu território. — Já se tratavam com mais intimidade, mas fora ela quem começara.

— E o balanço, de quem é? — perguntou ela, acomodando-se no assento, com o leque aberto na mão.

— O balanço é seu — definiu Cosme —, mas, como está pendurado neste ramo, depende sempre de mim. Assim, ao tocar a terra com os pés, você está do seu lado; ao levantá-los, já está nos meus domínios.

Ela deu um impulso e voou, com as mãos apertadas nas cordas. Da magnólia Cosme saltou para o grande ramo que sustentava o balanço e dali agarrou as cordas e começou a balançar a menina. O balanço ia cada vez mais alto.

— Está com medo?

— Eu não. Qual é o seu nome?

— Cosme... E o seu?

— Violante, mas me chamam de Viola.

— Costumam me chamar de Mino, mesmo porque Cosme é nome de velho.

— Não gosto.

— Cosme?

— Não, Mino.

— Ah... Então me chama de Cosme.

— Nem pensar! Escute aqui, temos que jogar limpo.

— O que você disse? — indagou ele, que não conseguia manter o mesmo pique.

— Eu posso subir no seu território e serei uma visita sagrada, está bem? Entro e saio quando quiser. Você é sagrado e inviolável enquanto estiver nas árvores, no seu território, mas, logo que tocar no chão do meu jardim, tornar-se-á meu escravo e será acorrentado.

— Não, não desço no seu jardim nem no meu. Para mim é igualmente território inimigo. Você vem para cima comigo, e virão seus amigos que

roubam fruta, talvez também meu irmão Biágio, apesar de ser meio pilantra, e vamos montar um exército em cima das árvores e conduzir à razão a terra e seus habitantes.

— Não, nada disso. Deixa que eu explico como são as coisas. Você tem o domínio das árvores, certo? Mas, se tocar uma vez o chão com um pé, perde todo o reino e se torna o último dos escravos. Entendeu? Mesmo que se quebre um ramo e você caia, tudo perdido!

— Jamais caí de uma árvore na vida!

— Sim, mas, se cair, vira cinza e o vento o carrega.

— Quanta história. Não piso no chão porque não quero.

— Mas como você é chato.

— Não, não, vamos brincar. Por exemplo, no balanço posso ficar?

— Se conseguir sentar no balanço sem tocar a terra, pode. Perto do balanço de Viola tinha outro, pendurado no mesmo galho, mas puxado para cima com um nó nas cordas para que não se chocassem. Do ramo, Cosme escorregou por uma das cordas, exercício no qual era exímio porque mamãe nos obrigava a fazer muita ginástica, chegou ao nó, desmanchou-o, ficou em pé no balanço e para dar o impulso deslocou o peso do corpo, dobrando-se nos joelhos e partindo para a frente. Assim chegava cada vez mais alto. Os dois balanços iam em sentido contrário e agora atingiam a mesma altura, aproximando-se na metade do percurso.

— Mas, se você tentar sentar e der um empurrão com os pés, vai ainda mais alto — insinuou Viola.

Cosme fez uma careta.

— Vem aqui me dar um empurrão, seja cavalheiro — disse ela, sorrindo-lhe, gentil.

— Mas não, eu, o combinado era que não podia descer de jeito nenhum... — E Cosme voltava a não entender.

— Seja gentil.

— Não.

— Ah, ah! Estava quase caindo. Se pusesse um pé no chão, perderia tudo! — Viola desceu do balanço e começou a dar leves empurrões no balanço de Cosme. — Uh! — De repente, agarrou o assento do balanço em que meu irmão mantinha os pés e o revirou. Sorte que Cosme estava bem firme nas cordas! Caso contrário teria caído no chão como um presunto.

— Traidora! — gritou e pôs-se a subir, segurando-se nas duas cordas, mas a subida era muito mais difícil do que a descida, sobretudo porque a menina loura estava num de seus momentos malignos e puxava a corda em todas as direções.

Finalmente alcançou o grande ramo e nele montou a cavalo. Com a gravata de renda enxugou o suor do rosto.

— Ah! Ah! Não conseguiu!

— Por um fio!

— Mas eu pensava que você fosse minha amiga!

— Pensava! — E recomeçou a abanar-se.

— Violante! — irrompeu naquele momento uma aguda voz feminina. — Com quem você está falando?

Na escadaria branca que conduzia à vila aparecera uma senhora: alta, magra, com uma enorme saia; usava monóculo. Cosme retraiu-se entre as folhagens, intimidado.

— Com um jovem, *ma tante* — disse a menina —, que nasceu em cima de uma árvore e por encanto não pode pôr os pés na terra.

Cosme, todo vermelho, interrogando-se se a menina falava daquele jeito para gozá-lo na frente da tia ou para gozar a tia na frente dele, ou só para continuar a brincadeira, ou ainda porque não lhe interessava nem ele nem a tia nem a brincadeira, via-se examinado pelo monóculo daquela dama, que se aproximava da árvore como se fosse contemplar um estranho papagaio.

— *Uh, mais c'est un des Piovasques, ce jeune homme, je crois. Viens, Violante.*

Cosme fervia de humilhação: tê-lo reconhecido com aquele ar natural, sem sequer perguntar por que ele estava ali, e ter chamado imediatamente de volta a menina, com firmeza mas sem severidade, e Viola que dócil, sem nem ao menos olhar para trás, atendia ao chamado da tia; tudo parecia indicar que ele não contasse nada, que quase nem existia. Assim, aquela tarde extraordinária mergulhava numa nuvem de vergonha.

Mas eis que a menina faz um sinal para a tia, esta baixa a cabeça, a menina lhe diz algo no ouvido. A tia torna a apontar o monóculo para Cosme.

— E então, jovem senhor — diz-lhe —, aceita tomar uma taça de chocolate? Assim poderemos conhecer-nos — e dá uma olhadela de

soslaio a Viola —, visto que já é amigo da família.

Cosme ficou imóvel, olhando tia e sobrinha com olhos bem abertos. O coração dele batia forte. Ei-lo convidado pelos de Rodamargem e de Penúmbria, a família mais pedante daquela região, e a humilhação de momentos antes se transformava em revanche e se vingava do pai, sendo acolhido por adversários que sempre o olharam de cima para baixo, e Viola intercedera por ele, e agora era oficialmente aceito como amigo de Viola e teria brincado com ela naquele jardim diferente de todos os jardins. Tudo isso experimentou Cosme, porém, ao mesmo tempo, um sentimento oposto, embora confuso: um sentimento feito de timidez, orgulho, solidão, capricho; e nesse contraste de sentimentos meu irmão agarrou-se ao ramo acima dele, trepou, deslocou-se pela parte mais frondosa, passou para outra árvore e desapareceu.

3

Foi uma tarde que não acabava nunca. De vez em quando se ouvia um baque, um sussurro, como é comum nos jardins, e corriam esperando que fosse ele, que tivesse decidido descer. Nada disso, vi oscilar o topo da magnólia de flor branca e Cosme aparecer além do muro e saltá-lo.

Fui ao seu encontro na amoreira. Ao me ver, pareceu contrariado; ainda estava zangado comigo. Sentou-se num dos ramos da amoreira acima de mim e começou a fazer sinais com o espadim, como se não quisesse me dirigir a palavra.

— Dá para subir fácil na amoreira — disse, falando por falar —, não tínhamos subido antes...

Ele continuou a espetar o ramo com a lâmina, depois disse, ácido:

— E então, gostou dos escargots?

Estendi-lhe um cestinho:

— Trouxe-lhe dois figos secos, Mino, e um pedaço de bolo...

— Foram *eles* que mandaram você? — perguntou, sempre arredoio, mas já olhava para o cesto engolindo saliva.

— Não, se você soubesse, tive de sair às escondidas do abade! — disse rápido. — Queriam que fizesse lições a noite inteira para não me comunicar com você, mas o velho adormeceu. Mamãe está preocupada que você possa cair e queria que o procurassem. Mas papai, desde que o perdeu de vista na amoreira, diz que você desceu e se meteu em algum canto para meditar sobre o malfeito e que não é preciso preocupar-se.

— Não desci em nenhum momento! — exaltou-se meu irmão.

— Você esteve no jardim dos Rodamargem?

— Sim, mas sempre de uma árvore para outra, sem tocar o chão!

— Por quê? — perguntei; era a primeira vez que o escutava enunciar aquela sua regra, mas falara dela como de uma coisa já combinada entre nós, como se quisesse garantir-me que não a transgredira; tanto que nem me atrevi a pedir mais explicações.

— Sabe — disse, em vez de me responder —, é um lugar que exige dias inteiros para explorá-lo todo, o parque dos Rodamargem! Com árvores das florestas da América, só vendo! — Depois se lembrou de que estava brigado comigo e não podia ter nenhum prazer em me comunicar suas descobertas. Cortou, brusco: — Contudo, não o levo lá. Doravante você pode passear com Batista ou com o cavaleiro advogado!

— Não, Mino, me leva junto! — falei —, você não pode ficar bravo comigo por causa dos escargots, eram nojentos, mas eu não aguentava mais ouvi-los gritar!

Cosme estava se empanturrando de bolo.

— Vou fazer um teste — disse —, você deve me demonstrar que está do meu lado e não do deles.

— Diga-me tudo o que eu tenho de fazer.

— Você tem de me conseguir cordas, compridas e fortes, pois preciso me amarrar para completar certas passagens; e também uma roldana, ganchos e pregos grandes...

— Mas o que você vai fazer? Um guindaste?

— Temos de transportar muita coisa para cima, a gente vê depois: mesas, canos...

— Quer construir uma cabana em cima da árvore! E onde?

— Se for o caso. O lugar vem depois. Por enquanto meu endereço é o carvalho oco. Baixarei o cestinho com a corda e você vai pondo tudo aquilo de que vou precisar.

— Mas por quê? Até parece que vai ficar escondido muito tempo... Não acha que vão perdoá-lo?

Virou-se com o rosto vermelho.

— Que me importa se me perdoam? E além do mais não estou escondido: não tenho medo de ninguém! E você, está com medo de me ajudar?

Eu bem que tinha entendido que meu irmão por enquanto se recusava a descer, mas fingia não entender para obrigá-lo a manifestar-se, a dizer: “Sim, quero ficar nas árvores até a hora da merenda, ou até o pôr do sol, a hora do jantar ou enquanto não ficar escuro”, algo que afinal estabelecesse um limite, uma proporção ao seu ato de protesto. Contudo, não dizia nada disso e eu sentia um certo medo.

Chamaram, de baixo. Era papai que gritava:

— Cosme! Cosme! — E a seguir, já convencido de que Cosme não responderia: — Biágio! Biágio! — me chamava.

— Vou ver o que estão querendo. Depois venho contar — falei apressado.

Essa premência de informar meu irmão, admito, combinava-se com uma pressa de escapar, por medo de ser surpreendido confabulando com ele em cima da amoreira e ter de partilhar a punição que lhe caberia. Mas Cosme não pareceu ler no meu rosto esta sombra de covardia: deixou-me ir, não sem demonstrar com um sacudir de ombros a sua indiferença pelo que papai pudesse ter para lhe dizer.

Quando voltei estava no mesmo lugar; encontrara um bom assento, num tronco desganhado, tinha o queixo nos joelhos e os braços apertados em torno das canelas.

— Mino! Mino! — gritei, trepando, sem fôlego. — Perdoaram você! Esperam por nós! A merenda está na mesa, papai e mamãe já estão sentados e põem as fatias de bolo no prato! Porque tem um bolo de creme e chocolate, mas não foi feito por Batista, fique sabendo! Ela deve estar trancada no quarto, espumando bile verde! Eles me passaram a mão na cabeça e me disseram: “Vai dizer ao Mino que ficamos de bem e não se fala mais nisso!”. Depressa, vem comigo!

Cosme mordiscava uma folha. Não se mexeu.

— Bem — falou —, trata de pegar um cobertor, escondido, e me traz. Aqui deve fazer frio à noite.

— Mas você não está pensando em passar a noite aqui!

Ele não respondia, o queixo nos joelhos, mastigava uma folha e olhava para a frente. Acompanhei seu olhar, que terminava no muro do jardim dos Rodamargem, onde reinava a branca flor da magnólia, e mais alto voava uma águia.

Desceu a noite. Os empregados iam e vinham arrumando a mesa; na sala, os candelabros já estavam acesos. Da árvore, Cosme devia ver tudo; e o barão Armínio, dirigindo-se às sombras fora da janela, gritou: “Se quiser ficar aí, vai morrer de fome!”.

Naquela noite, pela primeira vez sentamos para jantar sem Cosme. Ele estava montado num ramo alto do carvalho ílex, de lado, de forma que só víamos suas pernas pendentes. Quer dizer, veríamos se nos debruçássemos na sacada e perscrutássemos na sombra, porque a sala estava iluminada e lá fora, escuro.

Até o cavaleiro advogado sentiu-se na obrigação de debruçar-se e dizer alguma coisa, mas como de hábito não conseguiu exprimir uma posição sobre o caso. Disse: “Oooh... Madeira resistente... Dura cem anos...”, depois algumas palavras turcas, talvez o nome da azinheira; em resumo, como se o problema fosse a árvore e não meu irmão.

Ao contrário, nossa irmã Batista deixava transparecer uma espécie de inveja em relação a Cosme, como se, habituada a manter a família com o fôlego suspenso por suas esquisitices, agora tivesse encontrado alguém que a superasse; e continuava a roer as unhas (roía sem levantar o dedo até a boca, mas abaixando-o, com a mão virada, o cotovelo erguido).

A generala lembrou-se de certos soldados de sentinela em árvores num acampamento não sei mais se na Eslavônia ou na Pomerânia, e de como lograram, avistando o inimigo, evitar uma emboscada. Esta recordação, repentina, transportou-a, do abandono em que se achava devido à apreensão materna, ao clima militar seu favorito, e, como conseguisse finalmente encontrar uma razão para o comportamento do filho, ficou mais tranquila e quase orgulhosa. Ninguém ligou para ela, exceto o abade Fauchelafleur, que assentiu com gravidade no relato guerreiro e na analogia estabelecida por minha mãe, porque se agarraria a qualquer argumento para considerar natural o que estava ocorrendo e tirar da cabeça responsabilidades e preocupações.

Após o jantar, íamos cedo para a cama, e nem naquela noite mudamos de horário. Já então nossos pais tinham decidido não dar mais a Cosme a satisfação de ocupar-se dele, esperando que o cansaço, a falta de conforto e o frio da noite o desalojassem. Cada um subiu para seus aposentos e, na fachada da casa, as velas acesas abriam olhos de ouro na moldura dos panejamentos. Que nostalgia, que lembrança de calor devia transmitir aquela casa tão conhecida e próxima a meu irmão que

pernoitava no sereno! Debrucei-me na janela do nosso quarto e adivinhei a sombra dele encolhida num oco do carvalho ílex, entre ramo e tronco, enrolado na coberta e — acho — com várias voltas de corda para não cair.

A lua levantou-se tarde e resplandecia sobre os galhos. Nos ninhos dormiam as toutinegras, encolhidas como ele. Na noite, ao ar livre, o silêncio do parque era atravessado por centenas de rumores distantes e por um farfalhar persistente. De vez em quando chegava um remoto bramido: o mar. Da janela, eu estendia o ouvido a esse entrecortado respiro e tentava imaginá-lo sem o alvéolo familiar da casa, alguém que se encontrava só alguns metros mais adiante, mas totalmente entregue a si, tendo apenas a noite em volta; único objeto amigo ao qual se abraçar, um tronco de árvore de casca áspera, percorrido por minúsculas galerias sem fim em que dormiam as larvas.

Fui para a cama, mas não quis apagar a vela. Talvez aquela luz na janela do quarto pudesse fazer-lhe companhia. Tínhamos um quarto em comum, com dois leitos de solteiro. Eu olhava o dele, intacto, e a escuridão fora da janela em que se achava, e me agitava entre os lençóis percebendo quem sabe pela primeira vez o prazer de estar nu, descalço, numa cama quente e limpa e, como se sentisse o desconforto dele amarrado lá no cobertor grosseiro, as pernas presas nas polainas, sem poder virar-se, os ossos moídos. É um sentimento que não me abandonou desde aquela noite, a consciência de que sorte significa ter uma cama, lençóis limpos, colchão macio! Nesse sentimento os meus pensamentos, por tantas horas projetados na pessoa que era objeto de todas as nossas ânsias, vieram fechar-se sobre mim e assim adormeci.

4

Não sei se é verdade o que se lê nos livros, que em tempos antigos um macaco que saísse de Roma pulando de uma árvore para outra podia chegar até a Espanha sem tocar no chão. No meu tempo, lugares assim tão cheios de árvores a gente só encontrava no golfo de Penúmbria, de uma ponta à outra, incluindo o vale até a crista dos montes: e por isso mesmo aquelas terras eram famosas além das fronteiras.

Agora, esses lugares ficaram irreconhecíveis. Tudo começou quando vieram os franceses, derrubando bosques como se fossem prados que são ceifados a cada ano e depois renascem. Não voltaram a crescer. Parecia

uma coisa da guerra, de Napoleão, daqueles tempos: ao contrário, nunca mais parou. Os morros ficaram tão pelados que, nós que os conhecemos antes, nem acreditávamos.

Naquela época, onde quer que se andasse, havia sempre ramos e frondes entre nós e o céu. A única zona de vegetação mais baixa eram os limoeiros, porém mesmo entre eles erguiam-se tortos os pés de figo, que mais no alto enchiam todo o céu dos hortos, com as copas de folhagem pesada, e se não eram figueiras eram cerejeiras frondosas e escuras ou mais delicados marmelos, pessegueiros, amendoeiras, pereiras novas, pródigas ameixeiras e depois sorveiras, alfarrobeiras, quando não era uma amoreira ou uma nogueira bem antiga. Acabando os pomares, começava o olival, cinza prateado, uma nuvem que explode no meio da encosta. No fundo, amontoava-se a aldeia, entre o porto na parte baixa e o rochedo no alto; e também ali, entre os telhados, um contínuo despontar de penachos de plantas: azinheiras, plátanos, também carvalhos, uma vegetação mais desinteressada e orgulhosa que se desafogava — um ordenado desafogo — na zona onde os nobres tinham construído as vilas e cercado de muros os seus parques.

Acima dos olivais começava o bosque. Em outros tempos, os pinheiros deveriam ter dominado aquelas plagas, pois ainda se infiltravam em lâminas e tufos de bosque morro abaixo até as areias do mar, e igualmente os lariços. Os carvalhos eram mais frequentes e grossos do que aparentam hoje, porque foram as primeiras e mais preciosas vítimas dos machados. Mais acima, os pinheiros cediam caminho aos castanheiros, o bosque subia pela montanha e não se distinguiam os confins. Este era o universo de seiva dentro do qual vivíamos, habitantes de Penúmbria, quase sem nos dar conta disso.

O primeiro que parou para pensar foi Cosme. Percebeu que, a vegetação sendo tão densa, ele podia deslocar-se muitas milhas pulando de um ramo para outro, sem nunca descer. Às vezes, um pedaço de terra nua o obrigava a enormes voltas, mas ele logo aprendeu todos os itinerários obrigatórios e media as distâncias não mais segundo nossos parâmetros, mas tendo em mente os traçados sinuosos que devia seguir sobre os ramos. E, onde nem com um salto se atingia o galho mais próximo, passou a usar de astúcia; mas contarei isso mais adiante; por enquanto ainda estamos na madrugada em que, ao acordar, encontrou-se no alto de um carvalho ílex, entre a algazarra dos pardais, encharcado

de orvalho frio, inteiriçado, ossos moídos, cãibras nos braços e nas pernas, e feliz começou a explorar o novo mundo.

Alcançou a última fronteira dos parques, um plátano. Embaixo estendia-se o vale sob um céu de coroas de nuvens e fumaça que subia de algum teto de ardósia, casebres ocultos atrás das ribanceiras como montes de pedras; um céu de folhas dançantes sopradas das figueiras e cerejeiras; e, mais abaixo, as ameixeiras e os pessegueiros abriam-se em ramos encorpados; tudo era visível, também o capim, lâmina por lâmina, mas não a cor da terra, recoberta por preguiçosas folhas de abóbora ou pelo derramar-se de alfaces e couves nos canteiros; e assim era de um lado a outro do V em que se abria o vale, num elevado funil do mar.

E essa paisagem era percorrida como uma onda, não visível e tampouco, a não ser por intervalos, audível, mas o que se ouvia bastava para propagar a inquietude: uma explosão de gritos agudos, e depois uma espécie de concerto de tombos e talvez também o estalido de um ramo quebrado, e mais gritos, diferentes, de vozeirões furiosos, que iam convergindo nos lugares de onde tinham vindo os gritos agudos. A seguir nada, uma sensação feita de vazio, como o transcorrer de algo que se devesse aguardar não ali mas noutro lugar, e de fato recomeçava aquele conjunto de vozes e barulhos, e aqueles locais de provável proveniência eram, de um lado e outro do vale, sempre onde se moviam ao vento as pequenas folhas denteadas das cerejeiras. Por isso Cosme, com a parte de sua mente que velava distraída — outra parte dele conhecia e entendia tudo com antecedência —, formulou este pensamento: as cerejeiras falam.

Cosme dirigia-se para a cerejeira mais próxima, ou melhor, para uma fila de altas cerejeiras com lindo verde frondoso e carregado de frutos negros, mas meu irmão ainda não tinha o olho educado para distinguir logo entre os ramos o que havia e o que não havia. Ficou ali: primeiro ouvia-se um rumor e agora não. Ele estava nos ramos mais baixos e sentia todas as cerejas que estavam por cima como se pesassem em suas costas, não saberia explicar como, pareciam convergir sobre ele, parecia uma árvore com olhos em vez de cerejas. Cosme ergueu o rosto e uma cereja muito madura caiu-lhe na testa com um tchac! Semicerrou as pálpebras para olhar para cima, contra a luz (onde o sol crescia), e viu que aquela em que estava e as árvores vizinhas encontravam-se cheias de meninos empoleirados.

Ao serem descobertos não ficaram mais quietos e, com vozes agudas se bem que abafadas, diziam alguma coisa como: “Olhem como é bonito!”, e, apartando as folhas que tinham pela frente, cada um desceu do ramo em que estava para aquele mais baixo, em direção ao rapaz com o tricórnio na cabeça. Traziam as cabeças descobertas ou usavam esfiapados chapéus de palha, alguns tinham sacos na cabeça; vestiam molambos com forma de camisa e calças compridas; quem não estava descalço usava faixas de pano nos pés, e alguns carregavam os tamancos amarrados no pescoço, retirados para trepar na árvore; eram o grande bando de ladrões de fruta, de quem Cosme e eu — nisso obedecendo às imposições familiares — nos mantínhamos bem distantes. Naquela manhã, meu irmão parecia não procurar outra coisa, embora nem para ele estivesse claro o que poderia esperar.

Ficou parado à espera deles enquanto desciam examinando-o e lançando-lhe, no seu áspero murmúrio, frases do tipo: “O que este cara anda procurando por aqui?”, e cuspiendo-lhe alguns caroços de cereja ou jogando-lhe as que estavam bichadas ou bicadas por um melro, depois de fazê-las girar no cabinho com movimentos de malabaristas.

— Uuuh! — gritaram todos juntos. Tinham visto o espadim que lhe pendia da traseira. — Estão vendo o que ele carrega? — E tome risadas. — O bate-bunda!

Depois fizeram silêncio e sufocavam o riso porque estava para acontecer uma coisa de estourar de rir: dois dos pequenos malandros, caladinhos, tinham subido para um ramo bem em cima de Cosme e baixavam a boca de um saco sobre a cabeça dele (um daqueles sacos imundos que lhes serviam para enfiar o butim e quando estavam vazios punham na cabeça como capuzes que desciam pelas costas). Dentro em pouco meu irmão estaria ensacado sem sequer entender como e poderiam amarrá-lo como um salame e carregá-lo como um tapete.

Cosme intuiu o perigo, ou talvez nem de longe percebeu algo: sentiu-se provocado por causa do espadim e quis desembainhá-lo por uma questão de honra. Brandiu-o no alto, a lâmina tocou o saco, ele o viu, e com um movimento sobre si mesmo arrancou-o das mãos dos pequenos ladrões e o fez voar.

Foi um belo golpe. Os outros fizeram alguns “Oh!” de desapontamento e espanto e, aos dois companheiros que se tinham

deixado arrancar o saco, lançaram insultos dialetais como: “*Cuiasse! Belinù!*”.

Cosme não teve tempo de desfrutar do sucesso. Uma fúria oposta desencadeou-se do chão; ladravam, jogavam pedras, gritavam: “Desta vez não nos escapam, bastardinhos ladrões!”, e erguiam-se pontas de forcados. Entre os pequenos ladrões nos ramos foi um tal de agachar-se, levantar pernas e cotovelos. Havia sido aquele barulho em torno de Cosme que dera o alarme aos agricultores que estavam alertas.

O ataque fora preparado para valer. Cansados de ver roubarem a fruta assim que madurava, vários pequenos proprietários e arrendatários do vale tinham se unido entre si; porque, à tática dos espertalhões de atacar juntos um pomar, saqueá-lo e fugir para outro lado e ali recomeçar, não havia resposta possível a não ser adotar tática semelhante: isto é, ficar de guarda numa propriedade onde apareceriam cedo ou tarde e agarrá-los em grupo. Agora os cães soltos latiam erguendo-se em duas patas nos pés das cerejeiras com bocas que eram só dentes, e no ar agigantavam-se os forcados de feno. Três ou quatro dos pequenos ladrões saltaram para o chão bem em tempo de furar as costas nas pontas dos tridentes e os fundilhos das calças com mordidas de cães, e fugir berrando e rompendo a cabeçadas as fileiras dos vinhedos. Assim nenhum outro ousou mais descer: estavam apavorados nos galhos, tanto eles quanto Cosme. Os agricultores já apoiavam as escadas nas cerejeiras e subiam precedidos pelos dentes afiados dos forcados.

Passaram alguns minutos antes que Cosme percebesse que ficar também apavorado só porque aquele bando de vagabundos estava com medo não tinha sentido, bem como não tinha pé nem cabeça a ideia de que eles fossem legais e ele não. O fato de que ficassem ali como tontos já era uma prova: o que esperavam para fugir pelas árvores ao redor? Meu irmão chegara ali desse modo e assim podia ir embora: enfiou o tricórnio na cabeça, alcançou o ramo que lhe servira de ponte, passou da última cerejeira para uma alfarrobeira, e desta balançou-se para uma ameixeira, e assim por diante. A garotada, quando o viu circular pelos galhos como se estivesse no meio da praça, entendeu que devia imitá-lo, caso contrário iria penar um bocado antes de reencontrar seu caminho; os moleques seguiram-no silenciosos, agachados, durante todo o itinerário tortuoso. Entretanto, ele subia por uma figueira, cavalgava a sebe da propriedade, caía num pessegueiro, com ramos tão frágeis que

era preciso passar um de cada vez. O pessegueiro só servia para agarrar-se ao tronco torto de uma oliveira que despontava de um muro; da oliveira, com um salto se atingia um carvalho que alongava um sólido braço além da torrente e se podia passar para as árvores do outro lado.

Os homens com os forcados, crentes que desta vez tinham nas mãos os ladrões de fruta, viram-nos escapar pelos ares como pássaros. Perseguiram-nos, correndo junto com os cachorros que latiam, mas tiveram de contornar a sebe, depois o muro, e além disso naquele ponto do riacho não havia pontes, e para encontrar um vau perderam tempo e os moleques já estavam bem longe em sua corrida.

Corriam como cristãos, com os pés na terra. Nos ramos só ficara meu irmão.

— Onde foi parar aquele passarinho com polainas? — perguntavam, não o vendo mais pela frente. Ergueram o olhar: estava lá trepando nas oliveiras. — Ei, você, pode descer, pois já não nos pegam!

Ele não desceu, saltou de tronco em tronco, passou de uma oliveira para outra, desapareceu de vista entre as densas folhas prateadas.

O bando de pequenos vagabundos, tendo os sacos como capuzes e caniços nas mãos, agora assaltava algumas cerejeiras no fundo do vale. Trabalhavam com método, debulhando ramo por ramo, quando, sobre a planta mais alta, empoleirado com as pernas cruzadas, arrancando com dois dedos os cabinhos das cerejas e colocando-as no tricórnio apoiado nos joelhos, quem viram? O menino com polainas!

— Ei, de onde é que você vem? — perguntaram, arrogantes. Mas tinham ficado desnorteados, pois parecia que tivesse chegado ali voando.

Meu irmão agora pegava uma a uma as cerejas no tricórnio e as levava até a boca como se fossem doces. Depois cuspiam os caroços com um sopro, atento para que não lhe manchassem o cinturão.

— Este fresco — disse um deles —, o que quer de nós? Por que vem encher o saco da gente? Por que não come as cerejas do seu jardim? — Mas estavam um pouco intimidados, porque haviam percebido que em cima das árvores ele era mais esperto do que todo o grupo.

— Entre esses frescos — disse o outro —, de vez em quando nasce por engano algum mais esperto: vejam a Sinforosa...

Perante o nome misterioso, Cosme apurou o ouvido e, sem saber por que, enrubesceu.

— A Sinforosa nos traiu! — disse outro.

— Mas era legal, por ser uma fresca ela também, e se tivesse tocado o berrante hoje de manhã não nos teriam agarrado.

— Até um fresco pode ficar com a gente, se quiser ser um dos nossos!

(Cosme entendeu que *fresco* queria dizer morador das vilas, ou nobre, ou alguém de alta posição.)

— Ouça aqui — disse-lhe um deles —, jogo aberto: se quiser ficar com a gente, as caçadas são em conjunto e você nos ensina todos os truques que sabe.

— E nos deixa entrar no pomar do seu pai! — disse outro. — Uma vez me deram um tiro com sal!

Cosme continuava a ouvir, mas como absorto num pensamento seu. Depois perguntou:

— Digam uma coisa, quem é a Sinforosa?

Então todos aqueles esfarrapados no meio das árvores estouraram de rir, tanto que alguns por pouco não caíam da cerejeira, e outros jogavam-se para trás com as pernas no ramo, e outros balançavam pendurados pelas mãos, sempre debochando e berrando. Com aquele barulho, é claro, voltaram a ter os perseguidores nos calcanhares. Ou melhor, já devia estar ali o batalhão com os cachorros, porque se levantou um barulho terrível e lá estavam eles com os forcados. Só que desta vez, vacinados pela derrota anterior, antes de mais nada ocuparam as árvores em redor, subindo nelas com escadas especiais, e dali com tridentes e ancinhos os circundavam. No chão, os cães, em meio àquele derrame de homens em cima das árvores, não entenderam logo para onde deviam lançar-se e ficaram espalhados latindo com o focinho para os ares. Assim, os pequenos ladrões puderam descer rápido, fugir cada um para o seu lado, entre os cães desorientados e, se alguns levaram uma mordida numa nádega, uma bordoadada ou uma pedrada, a maioria escapou ilesa.

Cosme ficou sozinho na árvore.

— Desce! — gritavam-lhe os outros enquanto fugiam. — Qual é? Está dormindo? Pula enquanto o caminho está livre!

Mas ele, com os joelhos fincados no ramo, desembainhou o espadim. Das árvores vizinhas, os agricultores apontavam os forcados com bastões

amarrados na ponta, e Cosme, agitando a lâmina, os mantinha afastados, até que lhe apontaram um em pleno peito, pregando-o no tronco.

— Pare! — gritou uma voz. — É o baronete de Chuvasco! O que faz por aqui, patrãozinho? Como é que se misturou com aquela pandilha?

Cosme reconheceu Chuá da Banheira, um empregado de papai.

Os forçados se retraíram. Muitos do grupo tiraram o chapéu. Também meu irmão levantou com dois dedos o tricórnio da cabeça e inclinou-se.

— Ei, vocês aí embaixo, prendam os cães! — gritaram.

— Façam-no descer! Pode descer, patrãozinho, mas cuidado, pois a árvore é alta! Espere, vamos pôr uma escada! Depois eu o levarei para casa!

— Não, obrigado, muito obrigado — disse meu irmão. — Não se incomodem, sei o meu caminho, isso é comigo!

Desapareceu atrás do tronco e reapareceu num outro ramo, girou outra vez atrás do tronco e reapareceu num ramo mais alto, voltou a aparecer atrás do tronco e se viram só os pés num ramo mais alto, porque em cima havia grossas frondes, e os pés saltaram, e não se viu mais nada.

— Onde foi parar? — indagavam os homens, e não sabiam para onde olhar, para cima ou para baixo.

— Ei-lo! — Estava em cima de outra árvore, distante, e reapareceu.

— Lá está! — Estava numa outra, ondulava como se fosse levado pelo vento e deu um salto.

— Caiu! Não! Olha ele lá! — Só se distinguiam, sobre os recortes do verde, o tricórnio e o chinó.

— Mas que espécie de patrão você tem? — perguntaram os homens a Chuá da Banheira. — É gente ou animal selvagem? Ou é o diabo em pessoa?

Chuá da Banheira perdera a voz. Benzeu-se.

Ouviu-se o canto de Cosme, uma espécie de grito solfejado.

— Ó a Sin-fo-ro-saaa...!

5

A Sinforosa: pouco a pouco, dos discursos dos pequenos ladrões Cosme apreendeu muitas coisas a propósito dessa personagem. Com aquele nome chamavam uma menina das vilas, que passeava num cavaleiro branco e se tornara amiga dos esfarrapados, e durante algum

tempo os protegera, e também, prepotente como era, comandara. No cavaleiro branco, galopava pelas estradas e atalhos, e, quando via fruta madura em pomares não vigiados, avisava-os, acompanhando os assaltos deles a cavalo como um oficial. Carregava preso ao pescoço um chifre de caça; enquanto eles saqueavam amendoeiras ou pereiras, corria no cavaleiro para cima e para baixo pelas encostas, de onde se dominava o campo, e, assim que via movimentos suspeitos de patrões ou camponeses que podiam descobrir os ladrões e cair-lhes em cima, soprava o berrante. Ao escutar o alerta, os moleques pulavam das árvores e corriam; deste modo jamais foram apanhados, enquanto a menina ficara junto deles.

O que acontecera depois era mais difícil de entender: aquela “traição” que Sinforosa praticara em detrimento deles parecia ter sido atraí-los à sua vila para comer fruta e depois fazê-los apanhar dos empregados; outro problema parecia ter sido haver privilegiado um deles, um tal de Bonitão, que por isso era ainda alvo de provocações, e ao mesmo tempo um outro, um certo Hugão, e tê-los jogado um contra o outro; e que justamente aquela surra dos empregados não tivesse acontecido por ocasião de um roubo de fruta mas de uma expedição dos dois favoritos ciumentos, que finalmente haviam se aliado contra ela; e se falava também de certos bolos que ela prometera várias vezes e afinal lhes dera mas preparados com óleo de rícino, razão pela qual tiveram cólicas durante uma semana. Qualquer desses episódios ou no gênero destes ou todos eles juntos haviam provocado uma ruptura entre Sinforosa e o bando, e agora falavam dela com rancor, mas ao mesmo tempo lamentavam a perda.

Cosme ouvia tudo isso muito atento, concordando como se cada detalhe se recompusesse numa imagem que lhe fosse familiar, e no final decidiu-se a perguntar:

— Mas em que vila mora, esta Sinforosa?

— Como, quer dizer que não a conhece? Se vocês são vizinhos! A Sinforosa da vila de Rodamargem!

Certamente Cosme não precisava daquela confirmação para ter certeza de que a amiga dos vagabundos era Viola, a menina do balanço. Era — creio eu — exatamente pelo fato de ela ter-lhe dito que conhecia todos os ladrões de fruta dos arredores que ele saíra logo à procura do bando. Contudo, a partir daquele momento, a inquietação que dele se

apoderara, embora indeterminada, tornou-se mais forte. Gostaria de chefiar o bando para saquear as plantações da vila de Rodamargem, ou então colocar-se a serviço dela contra o grupo, talvez incitando-os antes a chateá-la para depois poder defendê-la, ou ainda praticar bravatas que chegassem aos ouvidos dela; e no meio dessas proposições seguia cada vez com menor interesse o bando e, quando eles desciam das árvores, ficava sozinho e um véu de melancolia cobria seu rosto, como as nuvens cobrem o sol.

Depois saltava de improviso e, ágil feito um gato, pendurava-se nos galhos e passeava pelos pomares e jardins, cantarolando qualquer coisa entre os dentes, um cantarolar nervoso, quase mudo, os olhos fixos adiante parecendo não ver nada, e se mantendo em equilíbrio por instinto próprio como os gatos.

Assim enlevado pudemos vê-lo passar várias vezes nos ramos do nosso jardim. “Está ali! Está lá!”, começávamos a gritar, porque então, o que quer que fizéssemos, era sempre ele a nossa preocupação, e contávamos as horas, os dias em que estava nas árvores, e papai dizia: “Está louco! Possuído pelo demônio!”, e brigava com o abade Fauchelafleur: “O único jeito é exorcizá-lo! O que está esperando, o senhor, estou falando com o senhor, *l’abbé*, por que continua aí parado?! Tem o diabo no corpo, meu filho, entendeu, *sacré nom de Dieu!*”.

O abade parecia despertar de repente, a palavra *diabo* parecia provocar-lhe na mente uma precisa concatenação de pensamentos, e começava um discurso teológico muito complicado sobre como devia ser entendida corretamente a presença do demônio, e não conseguíamos entender se queria contradizer papai ou falar de forma genérica: em resumo, não se pronunciava sobre o fato de que uma relação entre o diabo e meu irmão tivesse de ser considerada possível ou estava excluída *a priori*.

O barão perdia a paciência, o abade perdia o fio, eu já estava chateado. Ao contrário, em mamãe, o estado de ansiedade materna, de sentimento fluido que domina tudo, se consolidara, como nela costumava ocorrer com qualquer sentimento, em decisões práticas e busca de instrumentos adequados, como, aliás, devem ser resolvidas as preocupações de um general. Retirara do baú uma luneta de campanha, comprida, com tripé; ajustava o olho e assim passava as horas no terraço da vila, regulando

continuamente as lentes para manter em foco o jovem em meio às folhagens, mesmo quando teríamos jurado que estava fora de alcance.

“Dá para vê-lo ainda?”, perguntava papai do jardim, indo para a frente e para trás sob as árvores, e não conseguia distinguir Cosme, a não ser quando passava em cima da cabeça dele. A generala fazia sinais afirmativos e ao mesmo tempo para ficarmos calados, que não a perturbássemos, como se acompanhasse movimentos de tropa numa determinada altura. Era evidente que não o via de jeito nenhum, mas se convencera, quem sabe por quê, de que deveria reaparecer naquele ponto e em nenhum outro, e mantinha a luneta apontada. De vez em quando devia admitir para si própria que havia se enganado, e então tirava o olho da lente e começava a examinar um mapa cadastral que conservava aberto sobre os joelhos, com uma das mãos na boca em atitude pensativa e a outra que acompanhava os hieroglifos do mapa, até definir o ponto que o filho deveria ter atingido, e, calculada a angulação, apontava a luneta para qualquer topo de árvore naquele mar de folhas, punha lentamente em foco as lentes, e quando lhe aparecia nos lábios um trêmulo sorriso compreendíamos que o vira, que ele estava realmente ali!

Então, pegava certas bandeirinhas coloridas que tinha ao lado do banquinho e sacudia uma depois da outra com movimentos decididos, ritmados, como mensagens de uma linguagem convencional. (Senti um certo despeito, pois não sabia que mamãe possuía aquelas bandeirinhas e soubesse manejá-las, e certamente teria sido bom que nos tivesse ensinado a brincar de bandeirinhas com ela, sobretudo antes, quando éramos menores os dois; mas mamãe nunca fazia as coisas de brincadeira, e agora era tarde.)

Devo dizer que, apesar de todo o seu equipamento de batalha, continuava a ser mãe do mesmo modo, com o coração aflito e o lenço amassado na mão, porém poder-se-ia dizer que fazer o papel de generala a descansasse, ou que viver essa apreensão nos trajes de generala em vez dos de uma simples mãe a impedisse de desmoronar, justamente por ser uma mulher delicada, que como única defesa tinha aquele estilo militar herdado dos Von Kurtewitz.

Estava ali agitando uma das suas bandeirinhas, observando com a luneta, e eis que se lhe ilumina todo o rosto e ri. Entendemos que Cosme lhe respondera. Como, não sei, talvez sacudindo o chapéu ou

podando um ramo. O certo é que a partir daí mamãe mudou, não ficou mais apreensiva como antes e mesmo que seu destino de mãe fosse tão diferente do de qualquer outra, com um filho tão estranho e perdido para a vida afetuosa normal, acabou sendo a primeira a aceitar a excentricidade de Cosme, como se estivesse gratificada por aquelas saudações que desde então, de vez em quando e de forma imprevisível, lhe mandava, por meio daquelas silenciosas mensagens que trocavam.

O curioso foi que mamãe não teve ilusões de que Cosme, havendo lhe enviado uma saudação, se dispusesse a pôr fim à sua fuga e voltasse ao nosso convívio. Pelo contrário, papai vivia perpetuamente nesse estado de ânimo e toda novidade que dissesse respeito a Cosme, por menor que fosse, o fazia cismar: “Ah, sim? Vocês o viram? Voltará?”. Mas mamãe, talvez a mais distante dele, parecia a única que conseguia aceitá-lo como era, exatamente porque não buscava uma explicação.

Mas voltemos àquele dia. Por trás de mamãe assomou por um momento Batista, que não aparecia nunca, e com expressão suave estendia um prato com alguma papa e levantava uma colherzinha: “Cosme... Quer?”. Levou uma bofetada do pai e voltou para casa. Quem sabe que monstruosa gororoba havia preparado. Nosso irmão desaparecera.

Eu estava louco para segui-lo, sobretudo agora, sabendo que ele participava das ações daquele bando de pequenos mendigos e parecia ter me aberto as portas de um novo reino, a ser olhado não mais com medrosa desconfiança mas com solidário entusiasmo. Eu me movia entre o terraço e uma água-furtada alta de onde conseguia pairar sobre as copas das árvores e de lá, mais com o ouvido do que com a vista, acompanhava as explosões de algazarra do bando pelos pomares, via agitarem-se as extremidades das cerejeiras, de vez em quando aflorar certa mão que testava e arrancava, uma cabeça despenteada ou encapuzada com um saco, e entre as vozes distinguia também a de Cosme e me perguntava: Mas como é que ele consegue ficar lá em cima? Agora mesmo estava aqui no parque! Move-se mais rápido que um esquilo?

Estavam sobre as rubras ameixeiras acima do Reservatório Grande, lembro, quando se ouviu o berrante. Também eu o escutei, mas, não sabendo do que se tratava, não liguei. Eles, não! Meu irmão contou que ficaram mudos, e perante a surpresa de tornar a ouvir o chifre parecia

que não se recordavam que era um sinal de alarme, mas se perguntavam apenas se haviam escutado bem, se era de novo Sinforosa que circulava pelas estradas no cavalo anão para avisá-los do perigo. Num piscar de olhos sumiram do pomar, mas não fugiam por fugir, escapavam para procurá-la, para alcançá-la.

Somente Cosme ficou ali, o rosto vermelho como uma chama. Mal viu correr os moleques e entendeu que iam ao encontro dela, começou a dar saltos pelos ramos arriscando o pescoço a cada passo.

Viola estava na curva de uma ladeira, parada, uma das mãos com as rédeas pousadas na crina do cavalinho, a outra que brandia o chicote. Olhava a garotada de cima a baixo e levava a ponta do chicote à boca, dando pequenas mordidas. O vestido era azul, o chifre era dourado, preso ao pescoço por uma corrente. Os garotos tinham parado todos juntos e também eles mordiscavam, ameixas ou dedos, ou cicatrizes que tinham nas mãos ou nos braços, ou pontas dos sacos. E pouco a pouco, de suas bocas que mordiscavam, quase estrangidos a vencer um mal-estar e não movidos por um verdadeiro sentimento, quem sabe desejosos de ser contrariados, começaram a emitir frases quase sem voz, que soavam em cadência como se procurassem cantar:

— O que você... veio fazer... Sinforosa... agora volta... não é mais... nossa companheira... ah, ah, ah... ah, tratante...

Um farfalhar nos ramos e eis: numa alta figueira aparece a cabeça de Cosme, entre folha e folha, ofegante. Ela, de baixo para alto, com aquele chicote na mão, olhava para ele e para o grupo, achatando todos num mesmo olhar. Cosme não resistiu; ainda com a língua de fora, desabafou:

— Sabe que ainda não desci das árvores desde aquele dia?

As tarefas que se baseiam numa tenacidade interior devem permanecer mudas e obscuras; por pouco que alguém as anuncie ou delas se vanglorie, tudo parece supérfluo, sem sentido ou até mesquinho. Assim, tão logo meu irmão pronunciou aquelas palavras, arrependeu-se de tê-las dito, e não lhe importava mais nada, e teve até vontade de descer e acabar com aquilo. Ainda mais quando Viola afastou lentamente o chicote da boca e disse, em tom gentil:

— É mesmo?... Que tonto!

Das bocas daqueles piolhentos saiu uma risada em forma de mugido, antes mesmo que se abrissem e explodissem em berros animais, e

Cosme lá na figueira teve um tal sobressalto de raiva que o pé de figo, sendo de madeira traiçoeira, não aguentou, um galho quebrou sob os pés dele. Cosme caiu como uma pedra.

Tombou de braços abertos, não se sustentou. Foi aquela a única vez, para dizer a verdade, durante a sua permanência nas árvores, que não teve força e instinto para manter-se agarrado. Acontece que uma aba do fraque enrolou-se num ramo baixo: a poucos palmos do chão, Cosme encontrou-se pendurado no ar com a cabeça para baixo.

O sangue na cabeça lhe parecia pressionado pela mesma força do vermelho da vergonha. E seu primeiro pensamento ao abrir os olhos ao contrário e vendo de ponta-cabeça os moleques que urravam, agora atingidos por uma febre geral de cambalhotas em que reapareciam um por um na posição normal como se estivessem pendurados numa terra à beira do abismo, e a menina loura esvoaçante no cavalinho empinado, só pensou que aquela fora a primeira e última vez em que havia falado de sua permanência em cima das árvores.

Com um salto dos seus agarrou-se ao galho e voltou a se empoleirar. Viola, mantendo o cavalo outra vez sob controle, agora parecia não ter notado nada do que acontecera. Cosme esqueceu por um momento seu desconcerto. A menina levou o berrante aos lábios e emitiu a densa nota de alarme. Com aquele som os moleques (a quem — comentou mais tarde Cosme — a presença de Viola provocava uma estranha excitação como de lebres à luz do luar) saíram em disparada. Deixaram-se levar assim, como por instinto; mesmo sabendo que ela estava brincando, eles aceitaram o jogo, e corriam ladeira abaixo imitando o som do chifre, atrás dela, que galopava no cavalinho de pernas curtas.

E desciam correndo às cegas, de modo que às vezes perdiam-na de vista. Afastara-se, saíra da estrada, deixando-os espalhados. Por onde seguir? Galopava morro abaixo pelos olivais que desciam rumo ao vale num suave degradar de prados e procurava a oliveira na qual naquele momento se agitava Cosme, dava um galope ao redor, e tornava a fugir. Depois reaparecia no pé de outra oliveira, enquanto entre as copas se agarrava meu irmão. E assim, seguindo linhas tortas como os ramos das oliveiras, desciam juntos para o vale.

Os pequenos ladrões, quando se deram conta, e perceberam o namorico daqueles dois do galho à sela, começaram a assobiar todos

juntos, um silvar maligno de troça. E, aumentando o volume do assobio, afastavam-se em direção à Porta das Alcaparras.

A menina e meu irmão ficaram sozinhos perseguindo-se no olival, mas com pesar Cosme notou que, sumindo o bando, a alegria de Viola com aquele jogo tendia a diminuir, como se já estivesse para ceder ao tédio. E lhe veio a suspeita de que ela fizesse tudo só para provocá-los, mas ao mesmo tempo também a esperança de que agora fizesse de propósito para enfurecê-lo: o que é certo é que precisava sempre provocar alguém para fazer-se mais preciosa. (Todos estes sentimentos foram entendidos por Cosme mais tarde: na realidade, trepava por aquelas ásperas cascas sem perceber nada, como um tonto, imagino.)

Ao contornar um morro, eis que se levanta uma pequena mas violenta rajada de bolotas. A menina protege a cabeça atrás do pescoço do cavaleiro e foge; meu irmão, num cotovelo de galho bem à vista, permanece sob a mira. Mas os seixos chegam lá demasiado oblíquos para fazer mal, excetuando-se alguns na testa ou nas orelhas. Assobiam e riem, aqueles endiabrados, gritam: “Sin-fo-ro-sa é hor-ro-ro-sa...”, e fogem.

Agora os moleques atingiram a Porta das Alcaparras, coberta de cascatas verdes de alcaparras ao longo dos muros. Dos casebres em torno vem uma gritaria de mães. Mas esses são meninos cujas mães, à noite, não gritam para fazê-los retornar a casa, e, sim, por terem voltado, porque vêm comer em casa em vez de ir procurar comida em outros cantos. Ao redor da Porta das Alcaparras, em casinhas e barracas com estacas, carroções cambaleantes, tendas, amontoava-se a gente mais pobre de Penúmbria, tão pobre que era mantida fora das portas da cidade e afastada dos campos, gente expulsa em bandos de terras e aldeias distantes, oprimida pela carestia e pela miséria que se expandia em todos os lugares. Era hora do pôr do sol, e mulheres despenteadas com crianças no colo abanavam pequenos fornos fumacentos, e mendigos espalhavam-se exibindo as feridas, outros jogando dados com berros ensurdecedores. Os companheiros do bando da fruta agora se misturavam àquela fumaça de fritura e àquelas brigas, levavam tabefes das mães, lutavam entre si rolando pela poeira. E seus trapos já tinham assumido a cor de todos os outros trapos, e sua alegria de pássaros misturada naquele amontoado humano se desfazia numa densa insipidez. Tanto que, ante a aparição da menina loura a galope e de

Cosme nas árvores em torno, só ergueram os olhos intimidados, retiraram-se, trataram de perder-se entre a poeira e a fumaça dos fogareiros, como se entre eles de repente se tivesse erguido uma muralha.

Tudo isso para os dois foi um momento, um piscar de olhos. Agora Viola deixara para trás a fumaça das barracas que se misturava com as sombras da noite e os gritos de mulheres e crianças, e corria entre os pinheiros da praia.

Lá estava o mar. Ouvia-se rolar nas pedras. Tudo escuro. Um escorregar mais metálico: era o cavalinho que corria lançando faíscas contra as pedrinhas. De um baixo pinheiro retorcido, meu irmão observava a sombra clara da menina loura atravessar a praia. Uma onda recém-formada elevou-se do mar negro, ergueu-se dobrando-se sobre si mesma, caminhava para a frente toda branca, rompia-se, e a sombra do cavalo com a menina a tocara em grande velocidade e, no pinheiro, um espirro branco de água salgada molhou o rosto de Cosme.

6

Aquelas primeiras jornadas de Cosme nas árvores não tinham objetivos ou programas, mas eram dominadas apenas pelo desejo de conhecer e apropriar-se do seu reino. Gostaria de tê-lo explorado logo até as fronteiras, estudar todas as possibilidades que ele lhe oferecia, descobri-lo planta por planta e ramo por ramo. Explico: ele gostaria, mas de fato nós o víamos passar continuamente sobre nossas cabeças, com aquela expressão atarefada e apressadíssima dos animais selvagens, que talvez observemos neles mesmo quando agachados, mas sempre como se estivessem prestes a dar um bote.

Por que voltava ao nosso parque? Ao vê-lo pular de um plátano a uma azinheira no raio da luneta de mamãe, éramos tentados a dizer que a força que o movia, a sua paixão dominante era sempre aquela polêmica conosco, provocar-nos pena ou raiva. (Digo nós porque ainda não conseguira descobrir o que ele pensava de mim: quando precisava de algo parecia que a aliança comigo não podia ser posta em dúvida; outras vezes, passava por cima de mim como se não me visse.)

Ao contrário, aqui estava só de passagem. Era o muro da magnólia que o atraía, era lá que o víamos desaparecer sempre, mesmo quando a

menina não se levantara ou quando o enxame de governantas e tias a obrigava a recolher-se. No jardim dos Rodamargem, os galhos se lançavam como trombas de extraordinários animais, e no chão abriam-se estrelas de folhas rendilhadas pela verde pele dos répteis, e ondeavam bambus amarelos e leves com barulho de papel. Da árvore mais alta, Cosme, ansioso por aproveitar ao máximo aquele verde diferente e a luz especial que nele transparecia e o silêncio particular, lançava-se com a cabeça para baixo, e o jardim de ponta-cabeça se tornava floresta, uma floresta fora da terra, um mundo novo.

Então surgia Viola. Cosme a descobria de repente já no balanço que tomava impulso, ou então na sela do cavalo anão, ou escutava, vindo do fundo do jardim, o crescendo do berrante.

Os marqueses de Rodamargem jamais se preocuparam com as aventuras da menina. Enquanto andava a pé, tinha todas as tias atrás dela; assim que montava, ficava livre como o ar, pois as tias não andavam a cavalo e não podiam ver para onde ia. E também a intimidade dela com aqueles vagabundos era uma ideia demasiado inconcebível para passar-lhes pela cabeça. Porém, logo se deram conta daquele baronete que se pendurava nos galhos, e estavam alertas, embora com ares de superior desdém.

Ao contrário, papai juntava a amargura pela desobediência de Cosme com sua aversão pelos Rodamargem, como se quisesse culpá-los, atribuindo-lhes responsabilidades pelas incursões no jardim, imaginando que o encobrissem e o encorajassem naquele jogo rebelde. De repente, tomou a decisão de fazer uma excursão para capturar Cosme, não em nossos domínios, mas justamente quando estivesse no jardim dos Rodamargem. Como se pretendesse sublinhar tal intenção agressiva em relação aos vizinhos, não quis ser ele a conduzir a batida, a apresentar-se em pessoa aos Rodamargem pedindo que lhe restituíssem o filho — o que, por mais injusticável que fosse, estaria num nível digno, entre nobres senhores —, mas enviou um grupo de empregados sob as ordens do cavaleiro advogado Eneas Sílvio Carrega.

Chegaram os servidores armados de escadas e cordas aos portões dos Rodamargem. O cavaleiro advogado, vestindo chimarra e fez, gaguejou se lhe permitiam entrar e muitas desculpas. Num primeiro momento, os empregados dos Rodamargem pensaram que tivessem ido podar algumas plantas do nosso lado que entravam no deles; depois, ao ouvir

as meias palavras ditas pelo cavaleiro: “Laçam... Laçam...”, olhando entre os ramos com o nariz para cima e dando corridinhas desajeitadas, perguntaram:

— Mas o que deixaram fugir: um papagaio?

— O filho, o primogênito, o rebento — disse o cavaleiro advogado às pressas e, depois de apoiar uma escada num castanheiro-da-índia, começou a subir ele próprio.

Entre os galhos via-se Cosme, que balançava as pernas como se não fosse com ele. Viola, também como se não tivesse nada a ver com aquilo, caminhava pelos canteiros brincando com um aro de metal. Os empregados estendiam ao cavaleiro advogado cordas que não dava para imaginar como prenderiam meu irmão. Mas Cosme, antes que o cavaleiro chegasse ao meio da escada, já estava em cima de outra planta. O cavaleiro deslocou a escada, o que repetiu quatro ou cinco vezes, e em cada movimento estragava um canteiro, enquanto Cosme com dois pulos passava para a árvore vizinha. Viola viu-se de repente cercada por tias e suas ajudantes, levada para dentro a fim de não presenciar aquele alvoroço. Cosme quebrou um galho e, brandindo-o com as duas mãos, deu uma bordoadada sibilante no vazio.

— Caros senhores, não poderiam dirigir-se ao vosso espaçoso parque para continuar esta caçada? — disse o marquês de Rodamargem aparecendo solenemente na escadaria da vila, de roupão e barrete, o que o tornava estranhamente parecido com o cavaleiro advogado. — Falo convosco, toda a família Chuvasco de Rondó! — e fez um amplo gesto circular que abrangia o baronete na árvore, o tio natural, os servidores e, além do muro, tudo o que era nosso debaixo do sol.

Nessa altura, Eneias Sílvio Carrega mudou de tom. Trotou para o lado do marquês e, como se não fosse com ele, gaguejando, começou a falar-lhe dos jogos d’água do tanque situado diante deles e de como lhe viera a ideia de um esguicho bem mais alto e de efeito, que também poderia servir, trocando-se uma roseta, para aguar os prados. Essa era uma nova prova de quão imprevisível e não confiável era a índole do nosso tio natural: fora mandado ali pelo barão com uma tarefa precisa e com uma intenção de firme polêmica com os vizinhos; que sentido havia em conversar amigavelmente com o marquês, como se quisesse agradecer-lhe? Ainda mais que tais qualidades de conversador o cavaleiro advogado só as demonstrava quando lhe era conveniente e justamente quando se

confiava em seu caráter teimoso. E o melhor foi que o marquês lhe deu corda, fez-lhe perguntas e o levou junto para examinar todos os tanques e repuxos, vestidos iguais, ambos com aqueles longos casacões, imensos, quase da mesma altura, o que daria para confundi-los, e atrás o regimento de criados nossos e deles, alguns com escadas nas costas, que não sabiam mais o que fazer.

Enquanto isso, Cosme saltava impassível pelas árvores vizinhas às janelas da vila, tentando descobrir atrás das cortinas o quarto onde haviam encerrado Viola. Finalmente descobriu-a e lançou uma bolota contra os cortinados.

Abriu-se a janela, surgiu o rosto da menina loura, que disse:

— Por sua culpa estou trancada aqui — fechou de novo, puxou a cortina.

Cosme ficou desesperado.

Quando meu irmão tinha ataques, havia razão para preocupar-se. Nós o víamos correr (se é que a palavra *correr* tem sentido fora da superfície terrestre e referida a um mundo de sustentáculos irregulares em diversas alturas, tendo o vazio no meio) e parecia que de um momento para o outro lhe faltaria pé e ele cairia, coisa que jamais aconteceu. Saltava, movia passos rapidíssimos sobre um galho oblíquo, pendurava-se e erguia-se de repente num ramo superior, e em quatro ou cinco desses precários zigue-zagues já desaparecera.

Onde andava? Daquela vez correu a bom correr, das azinheiras às oliveiras e às faias, e chegou ao bosque. Parou sem fôlego. Debaixo dele estendia-se um prado. O vento baixo movia uma onda, pelos tufo densos de capim, numa constante alteração de nuances de verde. Esvoaçavam impalpáveis penugens das esferas daquelas flores chamadas dentes-de-leão. No meio erguia-se um pinheiro isolado, inalcançável, com pinhas oblongas. Os pica-paus cinzentos, pássaros rapidíssimos, pousavam nas copas cheias de agulhas, em ponta, em posições enviesadas, alguns revirados com as caudas para cima e o bico para baixo, bicando lagartas e pinhas.

Aquela necessidade de entrar num elemento difícil de ser possuído, que pressionara meu irmão a tornar seus os caminhos das árvores, agora ruminava dentro dele, insatisfeita, e lhe comunicava a ânsia de uma

penetração menor, de uma relação que o unisse a todas as folhas e lascas e penas e voos. Tratava-se daquele amor que tem o homem caçador pelo que é vivo e não sabe exprimir a não ser apontando-lhe o fuzil; Cosme ainda não sabia reconhecê-lo e tratava de desabafá-lo insistindo na sua exploração.

O bosque era denso, impraticável. Cosme precisava abrir caminho a golpes de espadim, e pouco a pouco esquecia todas as obsessões, inteiramente preso pelos problemas que devia enfrentar e por um medo (que não queria reconhecer mas existia) de estar afastando-se muito dos locais familiares. Assim, abrindo espaço no intrincado, chegou a um ponto em que viu dois olhos que o fixavam, amarelos, entre as folhas, bem na sua frente. Cosme ergueu o espadim, afastou um ramo, deixou-o voltar de mansinho ao seu lugar. Respirou aliviado, riu do temor que sentira; tinha visto de quem eram aqueles olhos amarelos, eram de um gato.

A imagem do gato, entrevista ao deslocar o ramo, permanecia nítida em sua mente, e após um momento Cosme estava de novo tremendo de medo. Porque aquele gato, em tudo igual a um gato, era um gato terrível, espantoso, de fazer medo só em vê-lo. Não dá para dizer o que tivesse de tão espantoso: era uma espécie de gato-do-mato, maior que todos os gatos-do-mato, mas isso não queria dizer nada, era terrível nos bigodes agudos como dardos de porco-espinho, no bafo que se sentia quase mais com a vista do que com o ouvido sair de uma dupla fila de dentes afiados como ganchos; nas orelhas que eram algo mais do que aguçadas, eram duas chamas de tensão, guarnecidas por uma penugem falsamente tênue; no pelo, todo eriçado, que exibia em volta do pescoço retraído um colar claro, e dali dividiam-se as estrias que fremiam nos flancos como acariciando-se; na cauda firme, numa pose tão artificial que parecia insustentável; a tudo isso que Cosme vira num segundo atrás do ramo logo abandonado para voltar ao próprio lugar acrescentava-se aquilo que não tivera tempo de ver mas imaginava: o tufo exagerado de pelo que em volta das patas ocultava a força lancinante das garras, prontas a jogar-se contra ele; e o que via ainda: íris amarelas que o fixavam entre as folhas rodando em torno da pupila negra; e o que sentia: o rosnar sempre mais pesado e intenso; tudo isso o fez entender que se encontrava diante do mais feroz gato selvagem do bosque.

Silenciavam todos os chilreios e voos. Saltou, o gato-do-mato, mas não contra o rapaz, um salto quase vertical que mais surpreendeu do que assustou Cosme. O susto veio depois, ao ver o felino num ramo exatamente em cima de sua cabeça. Estava lá, encolhido, via sua barriga com o longo pelo quase branco, as patas tesas com as garras na madeira, enquanto arqueava o dorso e fazia fff... e certamente se preparava para lançar-se sobre ele. Cosme, com um movimento perfeito que não foi sequer pensado, passou para um galho mais baixo. Fff... fff... fez o gato selvagem, e a cada fff... dava um pulo, para lá e para cá, e terminou no ramo sobre Cosme. Meu irmão repetiu a manobra, mas acabou montado no ramo mais baixo daquela faia. Embaixo, havia uma certa distância para alcançar o chão, mas não tanto que não fosse preferível saltar em vez de esperar o que ia fazer o animal, assim que terminasse de emitir aquele dilacerante som entre o sopro e o grunhido.

Cosme ergueu uma perna, como se fosse para pular, mas como nele se combatiam dois impulsos — o natural de colocar-se a salvo e o da obstinação de não descer, ainda que com o risco da vida — apertou ao mesmo tempo a coxa e os joelhos no galho; pareceu ao gato que aquele era o momento de lançar-se, enquanto o jovem estava ali oscilante; voou em cima dele numa confusão de pelos, garras eretas e bafo; Cosme não soube fazer nada melhor que fechar os olhos e avançar o espadim, um movimento idiota que o gato evitou e caiu-lhe na cabeça, seguro de arrastá-lo para o chão debaixo das garras. Uma unhada atingiu Cosme na bochecha, mas em vez de cair, colado aos galhos como estava com os joelhos, alongou-se deitando sobre o galho. Exatamente o contrário do que esperava o gato, o qual se viu projetado de lado, caindo ele. Tentou segurar-se, enfiar as garras no tronco, e naquele salto girou sobre si mesmo no ar; um segundo, o quanto bastou a Cosme, num imprevisto impulso de vitória, para dar-lhe uma estocada profunda na barriga e enfiá-lo no espadim.

Estava salvo, imundo de sangue, com a fera metida no espadim como num espeto e um lado do rosto arranhado dos olhos até o queixo por uma tríplice unhada. Urrava de dor e júbilo e não entendia nada, mantendo-se unido ao ramo, à espada, ao cadáver do gato, no momento desesperado de quem venceu a primeira vez e agora sabe que desgraça é vencer, e sabe que doravante será obrigado a continuar no caminho que escolheu e não lhe será dada a salvação de quem falha.

Assim o vi chegar pelas plantas, todo ensanguentado até o cinturão, o chinó desfeito sob o tricórnio deformado, e trazia pelo rabo aquele gato selvagem morto que agora parecia um gato e nada mais.

Corri até a generala no terraço.

— Senhora mãe — gritei —, está ferido!

— *Was?* Ferido como? — E já apontava a luneta.

— Tão ferido que parece de fato um ferido! — disse eu.

E a generala pareceu julgar pertinente minha definição, porque, seguindo-o com a luneta enquanto saltava mais ágil que nunca, disse:

— *Das stimmt.*

Imediatamente ocupou-se em preparar gaze, esparadrapo e bálsamos como se tivesse de equipar a ambulância de um batalhão, e me deu tudo, para que entregasse a ele, sem que nem ao menos lhe despertasse a esperança de que ele, devendo medicar-se, decidisse voltar para casa. Com o pacote de curativos, corri para o parque e me coloquei à espera na última amoreira vizinha ao muro dos Rodamargem, pois ele já desaparecera magnólia abaixo.

No jardim dos Rodamargem ele surgiu triunfante com a fera morta nas mãos. E o que viu no largo em frente à vila? Uma carruagem pronta para partir, com os empregados que carregavam as bagagens na imperial e, em meio a um enxame de governantas e tias zangadas e severíssimas, Viola vestida para viagem abraçando o marquês e a marquesa.

— Viola! — gritou e ergueu o gato pela cauda. — Aonde é que você vai?

Todo mundo em volta da carruagem ergueu o olhar para os ramos, e ao vê-lo rasgado, ensanguentado, com cara de louco, a fera morta nas mãos, sentiram um calafrio.

— *De nouveau ici! Et arrangé de quelle façon!* — E como tomadas de fúria todas as tias empurravam a menina para a carruagem.

Viola virou-se de nariz empinado e com ar de despeito, um despeito aborrecido e provocante contra os parentes mas que também poderia ser contra Cosme, escandiu a frase (certamente em resposta à pergunta dele):

— Mandam-me para o colégio interno! — E virou-se para subir na carruagem. Não se dignara a dirigir-lhe um olhar, nem a ele nem à sua caça.

A portinhola já estava fechada, o cocheiro no assento, e Cosme, que não podia admitir aquela partida, tratou de atrair a atenção dela, demonstrar que lhe dedicava aquela vitória cruel, mas não soube explicar-se a não ser gritando-lhe:

— Derrotei um gato!

O chicote estalou, a carruagem partiu entre o sacudir de lenços das tias, e da portinhola ouviu-se um “Viva, bravo!” de Viola, que tanto podia ser de entusiasmo como de provocação.

Essa foi a despedida deles. E em Cosme, a tensão, a dor dos arranhões, a desilusão de não obter glória em sua empreitada, o desespero por aquela separação imprevista, tudo se engasgou e prorrompeu num pranto feroz, cheio de berros e ramos arrancados.

— *Hors d'ici! Hors d'ici! Polisson sauvage! Hors de notre jardin!* — berravam as tias, e todos os empregados dos Rodamargem acorriam com longos bastões ou atirando pedras para expulsá-lo.

Cosme jogou o gato morto na cara do que estava mais próximo, soluçando e gritando. Os servos pegaram o bicho pela cauda e o jogaram numa estrumeira.

Quando soube que nossa vizinha havia partido, por algum tempo esperei que Cosme descesse. Não sei por quê, relacionava com ela, ou também com ela, a decisão de meu irmão de ficar nas árvores.

Contudo, nem se tocou no assunto. Subi para levar-lhe bandagens e esparadrapo, e ele tratou sozinho dos arranhões do rosto e dos braços. Depois pediu uma linha de pesca com um anzol. Utilizou-os para recuperar, do alto de uma oliveira que pairava sobre o monturo dos Rodamargem, o gato morto. Arrancou-lhe o couro, ajeitou a pele da melhor maneira e fez um gorro. Foi o primeiro gorro de pele que o vimos usar.

7

A última tentativa de capturar Cosme foi feita por Batista. Iniciativa sua, naturalmente, executada em segredo, sem consultar ninguém, como ela costumava fazer as coisas. Saiu de madrugada, com uma vasilha de visgo e uma escada portátil, e lambuzou uma alfarrobeira de cima a baixo. Era uma árvore em que Cosme costumava ficar todas as manhãs.

De manhã, na alfarrobeira encontraram-se grudados pintassilgos que batiam as asas, cambaxirras completamente empapadas de visgo,

mariposas, folhas trazidas pelo vento e também uma aba arrancada da casaca de Cosme. Quem sabe se ele se sentara num galho e depois conseguira libertar-se ou se, ao contrário — mais provavelmente, uma vez que havia alguns dias não o víamos usando aquela roupa —, colara o pedaço de propósito para provocar-nos. De qualquer modo, a árvore ficou asquerosamente melada de visgo e depois secou.

Começamos a convencer-nos de que Cosme não voltaria, inclusive papai. Desde que meu irmão pulava nas árvores de todo o território de Penúmbria, o barão já não se atrevia a passear, pois temia que a dignidade ducal fosse comprometida. Ficava cada dia mais pálido e com o rosto escavado, e não sei até que ponto se tratava de ânsia paterna ou de preocupação pelas consequências dinásticas: mas as duas coisas já constituíam uma só, pois Cosme era seu primogênito, herdeiro do título, e assim, se é difícil tolerar um barão que salta de galho em galho feito um francolim, menos ainda se pode admitir que o faça um duque, embora sendo uma criança, e o título controvertido certamente não encontraria naquela conduta do herdeiro um argumento favorável.

Preocupações inúteis, é claro, pois os habitantes de Penúmbria riam das pretensões de papai; e os nobres que possuíam vilas nos arredores o consideravam doido. Entre a nobreza já era costume morar em vilas, em lugares amenos, deixando os castelos dos feudos, e isso contribuía para que se tendesse a viver como cidadãos e evitar aborrecimentos. Quem ainda se preocuparia com o antigo ducado de Penúmbria? O belo de Penúmbria é que era casa de todos e de ninguém: em relação a certos direitos, dependente dos marqueses de Rodamargem, senhores de quase todas as terras, mas cidade autônoma havia algum tempo, tributária da República de Gênova; podíamos ficar tranquilos, com as terras que tínhamos herdado e outras que havíamos comprado a preço vil da prefeitura num momento em que estava cheia de dívidas. O que se poderia exigir mais? Havia uma pequena sociedade aristocrática, nas imediações, com vilas, parques e pomares até o mar; todos viviam alegremente entre visitas e caçadas, a vida custava pouco, gozavam-se certas vantagens de quem está na corte sem as chateações, os compromissos e as despesas de quem tem uma família real da qual cuidar, uma capital, uma política. Ao contrário, papai não apreciava essas coisas, sentia-se um soberano despojado de poder e acabara rompendo todas as relações com os nobres da região (mamãe, estrangeira, jamais

tivera tais relações); o que também tinha suas vantagens, pois não frequentando ninguém evitávamos muitas despesas e disfarçávamos a penúria de nossas finanças.

Com a população de Penúmbria não dá para dizer que tivéssemos as melhores relações; vocês sabem como são os penúmbrios, gente um tanto rústica, que cuida dos seus negócios; naqueles tempos começavam a vender bem os limões, com o hábito das limonadas com açúcar que se difundia nas classes ricas: e haviam plantado limoeiros por toda a parte e recuperado o porto destruído pelas incursões de piratas de outros tempos. Estando no meio da República de Gênova, possessão do rei da Sardenha, Reino da França e territórios episcopais, traficavam com todos e se lixavam para todos, com exceção daqueles tributos que deviam a Gênova e que faziam suar nos períodos de pagamento, motivo de tumultos anuais contra os cobradores da República.

O barão de Rondó, quando explodiam os tumultos por causa das taxas, achava sempre que estavam a ponto de vir oferecer-lhe a coroa ducal. Então se apresentava em praça pública, oferecendo-se como protetor dos penúmbrios, mas todas as vezes logo fugia sob uma saraivada de limões podres. Aí, dizia que fora montada uma conspiração contra ele: pelos jesuítas, como de hábito. Porque enfiara na cabeça que entre os jesuítas e ele existia uma guerra mortal, e a companhia não pensava em outra coisa a não ser tramar contra seus interesses. De fato, tinham ocorrido alguns choques, por causa de um pomar cuja propriedade era disputada pela nossa família e a Companhia de Jesus; disso resultara um litígio, e o barão, estando naquela altura em boas relações com o bispo, conseguira fazer com que afastassem o padre provincial da diocese. Desde então papai estava convencido de que a companhia mandava agentes para atentar contra a vida dele e seus direitos; e por outro lado tentava organizar uma milícia de fiéis que libertassem o bispo, prisioneiro dos jesuítas em sua opinião; e dava asilo e proteção a todos os que se declarassem perseguidos pelos jesuítas, por isso escolhera como nosso pai espiritual aquele meio jansenista com a cabeça nas nuvens.

Papai só confiava numa pessoa, o cavaleiro advogado. O barão tinha um fraco por aquele irmão natural, como por um filho único e desgraçado; e agora não sei dizer se nos dávamos conta disso, mas

certamente devia existir, na maneira de considerar o Carrega, um pouco de ciúme, pois papai gostava mais daquele irmão cinquentão do que de nós, rapazes. De resto, não éramos os únicos a olhá-lo atravessado: a generala e Batista fingiam respeitá-lo, mas não o aturavam; ele, sob aquela aparência submissa, lixava-se para tudo e para todos, e talvez nos odiasse, inclusive ao barão, a quem tanto devia. O cavaleiro advogado falava pouco, às vezes parecia surdo-mudo ou que não entendia a língua: quem sabe como conseguia trabalhar como advogado, antes, e se já então era tão estranho, anteriormente à chegada dos turcos. Talvez até tivesse sido uma pessoa inteligente, já que aprendera com os turcos todos aqueles cálculos de hidráulica, a única coisa à qual conseguia se dedicar hoje e sobre o que papai fazia elogios exagerados. Jamais conheci bem seu passado, nem quem fora sua mãe, nem quais tivessem sido, na juventude, as relações dele com vovô (é claro que também devia apreciá-lo, para permitir que estudasse direito e fazer com que lhe atribuissem o título de cavaleiro), e tampouco sabia como acabara na Turquia. Nem ao menos sabíamos bem se estivera exatamente na Suíça ou em algum país meio bárbaro, Tunísia, Argélia, enfim, em terras maometanas, e se comentava ter aderido ao islamismo também ele. Tantas coisas contavam: que ocupara cargos importantes, grande dignitário do sultão, engenheiro hidráulico do Divã ou algo semelhante, e após um complô palaciano ou uma ciumada de mulheres ou uma dívida de jogo o teria feito cair em desgraça e ser vendido como escravo. Sabe-se que foi encontrado a remar entre os escravos numa galera otomana aprisionada pelos venezianos, que o libertaram. Em Veneza, vivia em condições pouco melhores que as de um mendigo, até que não sei o que aprontou, uma briga (com quem poderia brigar um homem tão esquivo é difícil imaginar), e foi parar de novo na masmorra. Papai o resgatou, com os bons meios da República de Gênova, e ele voltou a conviver conosco, um homenzinho careca e de barba preta, todo assustado, meio mudo (eu era criança, mas a cena daquela noite ficou marcada), engolido por roupas que não eram dele. Papai o impôs a todos como uma pessoa competente, nomeou-o administrador, destinou-lhe um gabinete que se foi enchendo de papéis sempre em desordem. O cavaleiro advogado usava uma longa chimarra e um barrete em forma de fez, como era comum então entre nobres e burgueses, nos gabinetes de estudo; só que, para dizer a verdade, no

gabinete ele quase não parava e começou-se a vê-lo andar vestido dessa maneira também fora, pelos campos. Acabou por aparecer também à mesa trajado à turca, e o mais estranho foi que papai, tão preocupado com as regras, demonstrou tolerá-lo.

Não obstante suas tarefas de administrador, o cavaleiro advogado não conversava quase nunca com feitores, arrendatários ou servos da gleba, dada sua índole tímida e a dificuldade de falar; e todas as questões práticas, dar ordens, supervisionar o pessoal, de fato, cabiam sempre a papai. Eneias Sílvio Carrega se ocupava da contabilidade, e não sei se nossos negócios iam tão mal pelo modo como ele cuidava das contas ou se as contas iam tão mal pelo modo como andavam nossos negócios. E ainda fazia cálculos e desenhos de instalações para irrigação, e enchia de linhas e cifras um grande quadro, com palavras em turco. De vez em quando, papai fechava-se com ele no gabinete durante horas (eram as mais longas permanências do cavaleiro advogado ali), e logo, através da porta fechada, ouvia-se a voz irritada do barão, em tons elevados de discussão, mas a voz do cavaleiro quase não se distinguia. Depois a porta se abria, o cavaleiro advogado saía com seus passinhos rápidos na fralda da chimarra, o fez empinado na cabeça, atravessava uma porta-janela, e tome parque e campos; “Eneias Sílvio! Eneias Sílvio!”, gritava papai correndo atrás dele, mas o meio-irmão já estava entre os carreiros da vinha ou em meio aos limoeiros, e só se via o fez vermelho movendo-se obstinado entre as folhas. Papai o seguia, chamando-o; pouco depois, víamos retornar os dois, o barão sempre discutindo, alargando os braços, e o cavaleiro diminuído ao lado, encurvado, com os punhos cerrados nos bolsos da chimarra.

8

Naqueles dias, Cosme muitas vezes desafiava quem estava no chão, desafios de pontaria, de destreza, inclusive para testar suas possibilidades, até onde conseguia chegar estando lá em cima. Desafiou os moleques para o jogo de malha. Encontravam-se naqueles lugares próximos da Porta das Alcaparras, entre os barracões dos pobres e dos vagabundos. De uma azinheira meio seca e despojada, Cosme estava jogando malha, quando viu aproximar-se um homem a cavalo, alto, um tanto curvado, envolto num manto negro. Reconheceu seu pai. O bando se dispersou; das entradas das barracas as mulheres ficaram observando.

O barão Armínio cavalgou até debaixo da árvore. Pôr do sol avermelhando. Cosme estava nos galhos pelados. Encararam-se. Era a primeira vez, depois do almoço dos escargots, que se encontravam assim, frente a frente. Muitos dias tinham se passado, as coisas haviam mudado, um e outro sabiam que já não importavam mais nem os escargots nem a obediência dos filhos ou a autoridade paterna; que tantas coisas lógicas e sensatas que podiam ser ditas, todas seriam um despropósito; mesmo assim alguma coisa deviam dizer.

— Que belo espetáculo ofereceis! — começou o pai, amargamente. — É de fato digno de um gentil-homem! (Tratara-o por vós, como fazia nas críticas mais graves, mas então aquele uso teve um sentido de distância, de afastamento.)

— Um gentil-homem, senhor pai, merece esta condição tanto na terra como em cima das árvores — respondeu Cosme. E logo acrescentou: — Se se comporta corretamente.

— Uma sentença justa — admitiu gravemente o barão —, contudo, agora mesmo, estáveis a roubar ameixas a um arrendatário.

Era verdade. Meu irmão fora apanhado em flagrante. O que deveria responder? Esboçou um sorriso, nem orgulhoso nem cínico: um sorriso de timidez, e enrubesceu.

Também o pai sorriu, um sorriso triste, e quem sabe por que enrubesceu junto com o filho.

— Agora, fazeis companhia aos piores bastardos e mendigos — acrescentou.

— Não, senhor pai, eu estou por minha conta e cada um por si — disse Cosme, decidido.

— Convido-vos a descer — disse o barão, com voz pacata, quase apagada — e a retomar os deveres de vossa condição.

— Não pretendo obedecer, senhor pai — afirmou Cosme —, e isso me dói.

Ambos estavam sem jeito, aborrecidos. Cada um sabia o que o outro diria.

— E vossos estudos? E as devoções de cristão? — interrogou o pai. — Pretendeis crescer como um selvagem das Américas?

Cosme calou-se. Eram pensamentos sobre os quais não refletira e não tinha vontade de fazê-lo. A seguir, acrescentou:

— Por estar alguns metros acima do chão, acredita que ficarei alheio aos bons ensinamentos?

Também esta era uma resposta hábil, mas constituía quase uma redução da amplitude do seu gesto: portanto, sinal de fraqueza.

O pai percebeu isso e se fez mais duro:

— A rebeldia não se mede em metros — disse. — Mesmo quando aparenta ter poucos palmos, uma viagem pode não ter retorno.

Nessa altura meu irmão poderia ter dado alguma nobre resposta, talvez uma citação latina, que agora não me vem à mente, mas então sabíamos muitas de cor. Ao contrário, já estava enjoado de ficar bancando o solene; pôs a língua para fora e gritou:

— Mas de cima das árvores mijó mais longe! — frase sem muito sentido, mas que encerrava a questão.

Como se tivessem ouvido aquela frase, elevou-se uma gritaria de moleques ao redor da Porta das Alcaparras. O cavalo do barão de Rondó agitou-se, o barão puxou as rédeas e envolveu-se no manto, como prestes a ir embora. Mas virou-se, pôs um braço para fora do manto e, indicando o céu que rapidamente se carregara de nuvens negras, exclamou:

— Cuidado, filho, há Quem possa mijar sobre todos nós! — E arrancou.

A chuva, havia muito esperada nos campos, começou a cair em grossas e esparsas gotas. Por trás das barracas armou-se um corre-corre de moleques encapuzados com sacos que cantavam: “*Ciêuve! Ciêuve! L’aiga va pe êuve!*”. Cosme desapareceu pendurando-se nas folhas já gotejantes que despejavam água na cabeça de quem as tocasse.

Eu, logo que percebi a chuva, fiquei com pena dele. Imaginava-o ensopado, enquanto se espremia contra um tronco sem conseguir escapar do aguaceiro oblíquo. E já estava convencido de que não bastaria um temporal para fazê-lo voltar. Corri para junto de mamãe:

— Chove! Que fará Cosme, senhora mãe?

A generala afastou a cortina e olhou a água cair. Estava calma.

— O maior inconveniente das chuvas é o terreno lamacento. Estando lá em cima, fica protegido.

— As plantas serão suficientes para resguardá-lo?

— Recuará para seu acampamento.

— Qual, senhora mãe?

— Terá tratado disso com antecedência.

— Mas não acha que seria bom procurá-lo para dar-lhe um guarda-chuva?

Como se a palavra *guarda-chuva* de repente a tivesse arrancado de seu posto de observação campal e a lançasse em sua síndrome de mãe, a generala se apressou em dizer:

— *Ja, ganz gewiss!* E um frasco de xarope de maçã, bem quente, embrulhado em meia de lã! E um encerado, para estender na madeira, que não deixe passar umidade... Mas onde estará agora, pobrezinho... Tomara que você consiga encontrá-lo...

Saí na chuva carregado de pacotes, sob um enorme guarda-chuva verde, e um outro que mantinha fechado embaixo do braço para entregar a Cosme.

Repetia o nosso assobio, mas só me respondia o estalido sem fim da chuva nas plantas. Estava escuro; fora do jardim eu não sabia aonde ir, movia-me ao acaso pelas pedras escorregadias, prados amolecidos, poças, e assobiava. A fim de mandar o som para cima inclinava o guarda-chuva e a água me golpeava o rosto e me lavava o assobio dos lábios. Queria caminhar em direção a certas partes da propriedade repletas de árvores altas, onde imaginava que ele pudesse ter construído seu refúgio, porém me perdi naquele escuro, e continuava ali apertando entre os braços guarda-chuvas e pacotes, e apenas o frasco de xarope enrolado na meia de lã me dava um pouco de calor.

Eis que, no alto, vi um clarão no escuro das árvores que não podia ser nem de lua nem de estrelas. Tive a impressão de ouvir o assobio dele que respondia ao meu.

— Coosme!

— Biááágio! — uma voz na chuva, bem lá em cima.

— Onde está você?

— Aqui...! Vou ao seu encontro, mas vem logo que estou me molhando!

Encontramo-nos. Ele, todo enrolado num cobertor, desceu até a forquilha mais baixa de um salgueiro para mostrar como se subia, através de uma complicada rede de ramificações, até a faixa de tronco alto, de onde provinha aquela luz. Dei-lhe logo o guarda-chuva e alguns

pacotes, e tentamos subir com os guarda-chuvas abertos, mas era impossível, e nos molhávamos do mesmo jeito. Finalmente cheguei aonde ele me guiava; não vi nada, exceto um clarão como entre os panos de uma tenda.

Cosme levantou um dos panos e me fez entrar. À luz de uma lanterna, encontrei-me numa espécie de quartinho, coberto por todos os lados de cortinas e tapetes, atravessado no tronco da faia, tendo galhos como eixo, tudo apoiado em grandes ramos. Ao primeiro olhar, pareceu-me uma suíte real, mas logo me convenci de quanto era instável, pois estar ali dentro em dois talvez já lhe rompesse o equilíbrio, e Cosme teve de fazer consertos imediatamente. Coloquei do lado de fora até os dois guarda-chuvas que trazia, abertos, para tapar duas goteiras; mas a água escorria de outros pontos e já estávamos os dois molhados. Quanto à temperatura, era como estar do lado de fora. Porém, havia uma tal quantidade de cobertores amontoados que se podia sumir embaixo, deixando só a cabeça de fora. A lanterna emitia uma luz incerta, saltitante, e no teto e paredes daquela estranha construção os ramos e folhas projetavam sombras intrincadas. Cosme engolia xarope de maçã em grandes goles, fazendo: “Puah! Puah!”

— É uma linda casa — disse eu.

— Oh, ainda é provisória — apressou-se Cosme a responder. — Devo estudá-la melhor.

— Você a construiu sozinho?

— E com quem mais? É secreta.

— Posso vir aqui?

— Não, você revelaria o caminho a outras pessoas.

— Papai disse que não mandará mais ninguém atrás de você.

— De qualquer modo deve continuar secreta.

— Por causa daqueles meninos que roubam? Mas não são seus amigos?

— Às vezes sim e às vezes não.

— E a menina com o cavalinho?

— O que você tem com isso?

— Queria saber se é sua amiga, se brincam juntos.

— Às vezes sim e às vezes não.

— Por que às vezes não?

— Porque às vezes eu não quero ou ela não quer. — Cosme, com o rosto obscurecido, tentava ajeitar uma esteira acavalada num galho. — ... Se aparecesse, eu a deixaria subir — disse gravemente.

— Ela não quer?

Cosme deitou-se.

— Viajou.

— Diz pra mim — sussurrei —, estão namorando?

— Não — respondeu meu irmão e se fechou num longo silêncio.

No dia seguinte fazia bom tempo e foi decidido que Cosme recomeçaria as aulas com o abade Fauchelafleur. Ninguém disse como. Simplesmente e de forma meio brusca, o barão convidou o abade (“Em vez de ficar aqui olhando as moscas, *l’abbé...*”) a ir procurar meu irmão onde estivesse e fazê-lo traduzir um pouco do seu Virgílio. Em seguida, receando ter metido o abade em apuros, tratou de facilitar-lhe a tarefa; disse para mim: “Vai dizer a seu irmão que esteja no jardim dentro de meia hora para a lição de latim”. Falou isso com o tom mais natural que encontrou, o tom que gostaria de manter doravante: com Cosme pelas árvores tudo devia continuar como antes.

Assim, houve aula. Meu irmão montado num galho de olmo, pernas pendentes, e o abade embaixo, na grama, sentado num banquinho, repetindo hexâmetros em coro. Eu brincava por ali e os perdi de vista durante um tempo; quando voltei, também o abade estava em cima da árvore; com suas longas e esguias pernas nas meias negras tentava içar-se numa forquilha, e Cosme o ajudava, segurando-o por um cotovelo. Encontraram uma posição cômoda para o velho, e juntos enfrentaram uma passagem difícil, inclinados sobre o livro. Parece que meu irmão demonstrava grande empenho.

Depois não sei o que aconteceu, como o aluno fugiu, talvez porque o abade tenha se distraído lá em cima e ficado a olhar o vazio como de costume, o resultado é que acomodado entre os galhos só restou o velho padre negro, com o livro nos joelhos, e olhava uma borboleta branca voando e a acompanhava de boca aberta. Quando a borboleta desapareceu, o abade deu-se conta de estar lá em cima, e ficou com medo. Agarrou-se ao tronco, começou a gritar: “*Au secours! Au secours!*”, até que veio gente com uma escada e devagar ele se acalmou e desceu.

Em resumo, Cosme, com sua famosa fuga, vivia ao nosso lado quase como antes. Era um solitário que não fugia das pessoas. Poderíamos até dizer que só as pessoas lhe agradavam. Movia-se sobre os terrenos em que os camponeses capinavam, espalhavam estrume, colhiam nos prados, e cumprimentava de modo cortês. Eles erguiam a cabeça assustados e Cosme indicava logo onde se encontrava, pois lhe passara o hábito, tão repetido quando andávamos juntos pelas árvores *antes*, de imitar pássaros e brincar com as pessoas que passavam embaixo. Nos primeiros tempos, os camponeses, quando o viam superar grandes distâncias usando apenas os galhos, não entendiam nada, não sabiam se o cumprimentavam tirando o chapéu como se faz com os senhores ou se vociferavam contra ele como se fosse um moleque. Depois se acostumaram e conversavam com ele sobre os trabalhos, sobre o tempo, e demonstravam apreciar o seu jogo de ficar lá em cima, nem mais bonito nem mais feio do que tantos outros jogos que observavam entre os senhores.

Da árvore, ele permanecia por períodos de meia hora a olhar os trabalhos e fazia perguntas sobre engorda e sementeiras, coisa que jamais lhe ocorrera ao caminhar pelo chão, impedido por aquela desconfiança que não lhe permitia dirigir a palavra aos aldeões e aos servos. Às vezes, informava se o sulco que estavam cavando saía direito ou torto, ou se no campo do vizinho já estavam maduros os tomates; às vezes se oferecia para fazer pequenas tarefas como ir dizer à mulher de um ceifador que lhe desse uma pedra de amolar, ou avisar para que aguassem uma horta. E quando se locomovia com semelhantes encargos de confiança para os camponeses, se visse pousar num campo de trigo um grupo de pássaros, fazia barulho e agitava o gorro para afugentá-los.

Em seus passeios solitários pelos bosques, os encontros humanos eram, embora raros, marcantes a ponto de ficarem impressos, encontros com gente com que nós não encontramos. Naqueles tempos uma quantidade de gente sem rumo fixo acampava nas florestas: carvoeiros, caldeireiros, vidraceiros, famílias expulsas de suas terras pela fome, procurando o que comer com ocupações instáveis. Estabeleciam seus negócios ao ar livre e montavam cabanas de galhos para dormir. A princípio, o garoto coberto de pelo que andava pelas árvores metia-lhes medo, especialmente nas mulheres, que o tomavam por um espírito

errante; mas depois ele fazia amizade, ficava horas a vê-las trabalhar e de noite quando se sentavam ao redor do fogo ele se punha num galho próximo, para escutar as histórias que contavam.

Os carvoeiros, na clareira acinzentada de terra batida, eram os mais numerosos. Berravam “Hurra! Hota!” porque eram gente da região de Bérghamo e não se entendia o seu falar. Eram os mais fortes e fechados, muito unidos entre si: uma corporação que se propagava em todos os bosques, com parentelas, ligações e brigas. Cosme às vezes servia de ligação entre um grupo e outro, dava notícias, era encarregado de pequenas tarefas.

— Me disseram aqueles que ficam embaixo do carvalho vermelho para dizer a vocês que *Hanfá la Hapa Hota'l Hoc!*

— Responde a eles que *Hegn Hobet Hò de Hot!*

Ele guardava na memória os misteriosos sons aspirados, e tratava de repeti-los, como tentava reproduzir os pios dos pássaros que o despertavam de manhã.

Mesmo já se tendo espalhado a notícia de que um filho do barão de Rondó havia meses não descia das árvores, papai ainda tentava manter o segredo para quem vinha de fora. Vieram visitar-nos os condes d'Estomac, que se dirigiam para a França, onde possuíam terras na baía de Toulon, e, a caminho, quiseram parar em nossa casa. Não sei que tipo de interesses havia em jogo: para reivindicar certos bens, ou confirmar vantagens para um filho bispo, necessitavam do consenso do barão de Rondó; e papai, imaginem, sobre aquela aliança construía um castelo de projetos para suas pretensões dinásticas com relação a Penúmbria.

Houve um almoço, de matar de tédio, tantos salamaleques fizeram, e os hóspedes viajavam com um filho peralta, um unha de fome de peruca. O barão apresentou os filhos, isto é, eu sozinho:

— Pobrezinha — disse —, minha filha Batista vive tão retirada, é muito pia, não sei se poderão vê-la.

E eis que se apresenta aquela idiota, com o toucado de monja, mas toda empetecada com laços e adornos, pó de arroz no rosto, luvas. Era preciso ser tolerante com ela, desde aquela história do marquesinho da Maçã nunca mais vira um rapaz, a não ser criados ou aldeões. O pequeno conde d'Estomac, rapapés para baixo e para cima; ela,

risadinhas histéricas. O barão, que havia feito uma cruz sobre a filha, pôs o cérebro para maquirar novos possíveis projetos.

Mas o conde deu mostras de indiferença. Perguntou:

— Mas o senhor não tinha outro filho homem, monsieur Armínio?

— Sim, o mais velho — disse papai —, mas, veja a coincidência, saiu para caçar.

Não mentira, pois naquele período Cosme estava sempre no bosque com o fuzil, tocaiando lebres e tordilhos. Eu lhe entregara o fuzil, aquele, leve, que Batista usava contra os ratos e que havia algum tempo ela — negligenciando suas caçadas — abandonara pendurado num prego.

O conde começou a perguntar pela caça miúda dos arredores. O barão respondia de maneira genérica, porque, sem paciência nem atenção para com o mundo circundante, não sabia caçar. Respondi eu, embora me fosse vetado meter o nariz nos discursos dos adultos.

— É o que é que você entende disso, tão criança? — comentou o conde.

— Vou buscar os animais abatidos por meu irmão e os carrego em cima das... — estava dizendo. Mas papai me interrompeu:

— Quem convidou você para conversar? Vai brincar!

Estávamos no jardim, anoitecia, mas restava um pouco de luz, por ser verão. Eis que, através dos plátanos e olmos, Cosme chegava tranquilo, com o gorro de pele de gato na cabeça, fuzil a tiracolo, um espeto do outro lado, e as pernas enfiadas nas polainas.

— Ei, ei! — fez o conde erguendo-se e mexendo a cabeça para ver melhor, divertido. — Quem vem lá? Quem está lá nas árvores?

— Do que se trata? Não sei de nada... Foi impressão sua... — dizia papai, e não olhava na direção indicada, mas nos olhos do conde como para assegurar-se de que enxergasse bem.

Entretanto, Cosme chegara exatamente em cima deles, firme com as pernas abertas numa forquilha.

— Ah, sim, é meu filho Cosme, são jovens, para fazer-nos uma surpresa, veja, trepou na árvore...

— É o mais velho?

— Sim, sim, dos dois homens é o maior, pouca coisa, sabe, são crianças ainda, brincam...

— Mas é esperto para conseguir caminhar assim pelos galhos. E com aquele arsenal nas costas...

— Eh, brincam... — E com um terrível esforço de má-fé que o fez enrubescer: — O que você anda fazendo aí? Hein? Desce ou não desce? Venha cumprimentar o senhor conde!

Cosme tirou o gorro de pele de gato, inclinou-se.

— Eu o reverencio, senhor conde.

— Ah, ah, ah! — ria o conde —, bravíssimo, bravíssimo! Deixe-o estar, deixe-o à vontade, monsieur Armínio! Bravíssimo jovem que caminha pelas árvores! — E ria.

E aquele palerma do pequeno conde:

— *C'est original, ça. C'est très original!* — Só sabia repetir.

Cosme sentou-se na forquilha. Papai mudou de conversa e falava, falava, tentando distrair o conde. Mas de vez em quando o conde erguia o olhar e meu irmão estava sempre lá, na mesma árvore ou em outra, limpando o fuzil, passando cera nas polainas, esfregando a flanela para que brilhassem.

— Ah, mas observe! Sabe fazer de tudo, lá em cima, o rapaz! Gosto muito disso! Ah, contarei na corte, a primeira vez que for lá! Contarei ao meu filho bispo! Vou contar à princesa minha tia!

Papai explodia. Além do mais, pensava noutra coisa: não via mais a filha, e também o pequeno conde desaparecera.

Cosme, que se afastara numa de suas voltas exploratórias, voltou ofegante.

— Provocou-lhe soluço! Provocou-lhe soluço!

O conde preocupou-se.

— Oh, que desagradável. Meu filho sofre muito de soluços. Vá, bravo jovem, vá ver o que se passa, Diga para voltarem.

Cosme saiu aos saltos e depois voltou, mais ofegante do que antes.

— Estão correndo um atrás do outro. Ela quer pôr uma lagartixa viva debaixo da camisa dele para acabar com o soluço! Ele não quer. — E fugiu para continuar a ver.

Assim passamos aquela noitada na vila, na verdade não muito diferente de outras, com Cosme nas árvores que participava como observador privilegiado de nossa vida, mas desta vez havia hóspedes, e a fama do estranho comportamento de meu irmão se espalhava pelas cortes da Europa, para vergonha de papai. Vergonha imotivada, tanto é

verdade que o conde d'Estomac teve uma impressão favorável da família, e assim aconteceu que nossa irmã Batista ficou noiva do pequeno conde.

10

As oliveiras, por caminharem torcidas, são vias cômodas e planas para Cosme, plantas pacientes e amigas, na rude casca, para passar e tornar a passar em cima e também para se estabelecer, embora os galhos grossos sejam poucos por planta e não exista grande variedade de movimentos. Ao contrário, numa figueira, estando atento para não vergar ao peso, não se termina nunca de girar; Cosme acha-se sob o pavilhão das folhas, vê transparecer o sol em meio às nervuras, os frutos verdes que encorpam aos poucos, aspira o látex que rumoreja em torno dos pedúnculos. A figueira domina quem nela sobe, impregna com seu humor borrachento, com o zumbido dos zangões; em pouco tempo Cosme tinha a sensação de estar virando figo ele mesmo e, sem jeito, ia embora. Na dura sorveira ou na amoreira, as pessoas se sentem bem; é pena que sejam raras. Assim acontecia com as nogueiras: para ser franco, ao ver meu irmão perder-se numa nogueira interminável, como num palácio de muitos andares e inumeráveis cômodos, até eu sentia vontade de imitá-lo, ir lá para cima; tamanha é a força e a certeza que aquela árvore dedica para se tornar árvore, a obstinação de ser pesada e dura que afirma inclusive nas folhas.

Cosme sentia-se muito bem entre as onduladas folhas das azinheiras (ou carvalhos ílex, como os chamei enquanto se tratava do parque da nossa casa, talvez por influência da linguagem rebuscada de papai) e amava sua casca gretada, cujos quadradinhos arrancava com os dedos quando estava pensativo, não por instinto de fazer-lhe mal, mas como maneira de ajudar a árvore na sua longa fadiga em refazer-se. Ou então tirava as escamas da alva cortiça dos plátanos, descobrindo estratos de velho ouro mofado. Adorava também os troncos encaroçados que tem o olmo, que em seus nós refaz brotos tenros, tufos de folhas denteadas e sâmaras assemelhando papel; mas é difícil mover-se, pois os ramos estiram-se para o alto, esguios e enfolhados, deixando pouca passagem. Nos bosques, preferia faias e carvalhos: porque no cimo as copas bem próximas, não rígidas e cheias de agulhas não deixam espaço nem pontos de apoio; e o castanheiro, entre folhas espinhosas, invólucros ouriçados,

casca, galhos altos, parece feito de propósito para dele se manter distância.

Estas amizades e distinções, Cosme as identificou mais tarde, pouco a pouco, ou seja, admitiu conhecê-las; mas já naqueles primeiros dias começavam a fazer parte dele como instinto natural. Agora era o mundo que lhe parecia diferente, feito de estreitas e curvas pontes no vazio, de nós ou lascas ou rugas que tornam ásperas as cascas, de luzes que variam o seu verde conforme a cobertura de folhas mais espessas ou ralas, tremulantes ao primeiro sopro de vento nos pedúnculos ou levadas como velas na vergadura da árvore. Quanto ao nosso mundinho, achatava-se lá no fundo, e nós tínhamos figuras desproporcionadas e decerto não entendíamos o que ele sabia lá em cima, ele que passava as noites a escutar como a madeira acumula em suas células os círculos que assinalam os anos no interior dos troncos, e o mofo alarga a mancha à tramontana, e num arrepio os pássaros adormecidos dentro do ninho encolhem a cabeça no canto onde é mais suave a pluma da asa, desperta a lagarta, e eclode o ovo da pega. Chega um momento em que o silêncio do campo se compõe no oco da orelha num rumorejar picado, um grasnar, um chiado, um farfalhar velocíssimo entre o capim, um baque na água, um bater de patas entre terra e seixos, e o canto agudo da cigarra dominando tudo. Um ruído puxa o outro, o ouvido consegue sempre individuar outros novos como dedos que desfazem um novelo de lã revelam fios entrelaçados por fios cada vez mais sutis e impalpáveis. Entretanto, as rãs mantêm o coaxar que permanece como fundo e não muda o fluxo dos sons, como a luz não varia pelo contínuo piscar das estrelas. Ao contrário, a cada lufada ou cessar do vento, cada rumor mudava e era novo. Só restava no ponto mais profundo do ouvido a sombra de um bramido ou murmúrio: era o mar.

Chegou o inverno, Cosme fez um casaco de peles. Costurou-o com pedaços de couro de vários animais que caçara: lebres, raposas, martas e furões. Na cabeça, trazia sempre aquele gorro de gato-do-mato. Fez também calças, de pelo de cabra com fundilhos e joelhos de couro. Quanto a calçados, finalmente percebeu que para as árvores a melhor coisa eram pantufas, e fez um par não sei de que pele, talvez de texugo.

Assim se defendia do frio. É preciso dizer que naquele tempo os invernos eram suaves, não com o frio de agora, que dizem ter expulsado

Napoleão da Rússia e que o perseguiu até aqui. Mas mesmo então passar as noites de inverno no sereno não era propriamente acolhedor.

Para a noite Cosme descobrira o sistema do odre de peles; nada de tendas ou cabanas: um odre com peles na parte interna, dependurado num galho. Escorregava dentro, desaparecia e dormia encolhido como uma criança. Se um ruído insólito atravessava a noite, da boca do saco saía o gorro de pele, o cano do fuzil e ele com olhos arregalados. (Diziam que seus olhos tinham se tornado luminosos no escuro como os dos gatos e corujas: não cheguei a perceber isso.)

Ao contrário, de manhã, quando cantava o tentilhão, saíam do saco duas mãos cerradas, os punhos se erguiam e dois braços se abriam espreguiçando-se lentamente, e esse movimento mostrava seu rosto bocejando, o peito com o fuzil a tiracolo e o tubinho de pólvora, as pernas arqueadas (começavam a ficar meio tortas, pelo hábito de permanecer e de mover-se sempre de quatro ou de cócoras). As pernas saltavam fora, desenroscavam-se, e assim, depois de sacudir os ombros, coçar-se sob o casaco de peles, desperto e fresco como uma rosa, Cosme iniciava a jornada.

Ia até a fonte, pois tinha uma fonte pênsil, inventada por ele, ou melhor, construída em auxílio à natureza. Havia um riacho que numa ribanceira caía em cascata, e lá perto um carvalho erguia seus altos ramos. Cosme, com um pedaço de casca de álamo, dois metros de largura, fizera uma espécie de bica, que transportava a água de cascata aos galhos do carvalho, e assim podia beber e lavar-se. Posso garantir que se lavava, pois eu o vi muitas vezes; não tanto e nem todos os dias, mas tomava banho; usava até sabão. Com o sabão, quando lhe dava na veneta, chegava a lavar roupa; levava uma bacia de propósito para o carvalho. Depois estendia a roupa para secar em cordas presas aos ramos.

Em resumo, fazia de tudo nas árvores. Encontrara também o modo de assar no espeto o que caçava, sem descer. Procedia assim: punha fogo numa pinha com um acendedor e a atirava no chão, num lugar preparado como fogão (aquilo era trabalho meu, com algumas pedras polidas), depois jogava em cima gravetos e ramos de fácil combustão, regulava a chama com palhetas e tenazes ligadas a longos bastões, de modo que chegasse ao espeto, preso entre dois ramos. Tudo isso exigia atenção, pois é fácil provocar um incêndio nos bosques. Não por acaso

este fogão ficava debaixo do carvalho, próximo à cascata da qual se podia tirar, em caso de perigo, toda a água que fosse necessária.

Assim, em parte comendo o que caçava, em parte trocando com os camponeses caça por fruta e verdura, conseguia manter-se, até não precisar que lhe passassem mais nada de casa. Um dia descobrimos que bebia leite fresco todas as manhãs; fizera amizade com uma cabra, que trepava numa forquilha de oliveira, um lugar fácil, a dois palmos do chão, ela nem precisava subir, apoiava-se com as patas de trás, e assim, descendo com uma vasilha, ele a ordenhava do galho. Estabelecera o mesmo acordo com uma galinha, uma vermelha, paduana, das boas. Fizera um ninho secreto, no oco de um tronco, e dia sim dia não encontrava um ovo, que tomava após ter-lhe feito dois furos com um alfinete.

Outro problema: fazer suas necessidades. No começo, aqui ou ali, não fazia diferença, o mundo é grande, fazia onde calhava. Depois percebeu que não estava certo. Encontrou então, na margem da torrente Merdança, um amieiro que lançava no ponto mais propício e afastado uma forquilha na qual se podia sentar comodamente. O Merdança era uma torrente obscura, escondida entre os caniços, de curso rápido, e as aldeias vizinhas jogavam nela as águas servidas. Assim, o jovem Chuvasco de Rondó vivia civilmente, respeitando o decoro do próximo e o seu próprio.

Mas lhe faltava um complemento humano necessário em sua vida de caçador: um cão. Às vezes, eu andava por ali, embrenhando-me nos matos, pelas moitas, para procurar o tordo, a narceja, a codorna, caídos ao receber seu disparo em pleno céu, ou também as raposas quando, após uma noite de tocaia, pegava uma com cauda longa deitada à beira dos brejos. Porém, nem sempre eu podia fugir e acompanhá-lo nos bosques: as lições com o abade, o estudo, ajudar na missa, as refeições com os pais me seguravam; os cem deveres da convivência familiar aos quais me submetia, porque no fundo a frase que ouvia repetir sempre: “Numa família, de rebelde basta um”, não deixava de ter razão e me marcou por toda a vida.

Portanto, Cosme ia caçar quase sempre sozinho e, para recuperar os bichos (quando não acontecia o caso favorável do verdilhão que ficava com as asas amarelas espetadas num galho), usava algo parecido com

instrumentos de pesca: linhas com barbantes, ganchos ou anzóis, mas nem sempre dava certo, e às vezes uma batuíra acabava preta de formigas no fundo de uma moita.

Até aqui falei das tarefas dos cães recolhedores. Porque então Cosme praticamente só fazia caça em posição fixa, passando manhãs ou noites empoleirado no seu galho, esperando que o tordo pousasse no cume de uma árvore ou a lebre aparecesse numa clareira do prado. Caso contrário, girava ao acaso, seguindo o canto dos pássaros ou adivinhando as pistas mais prováveis dos animais com pelo. E, quando ouvia o ladrar dos sabujos atrás da lebre ou da raposa, sabia que precisava passar ao largo, pois aquele não era bicho seu, dele caçador solitário e casual. Respeitador das normas como era, embora de seus infalíveis postos de observação pudesse identificar e mirar a caça perseguida pelos cães alheios, jamais levantava o fuzil. Aguardava que pelo trilho chegasse o caçador ofegante, ouvidos tensos e olhos perdidos, e lhe indicava para que lado fora o animal.

Um dia, viu correr uma raposa: uma onda vermelha em meio ao capim verde, bufando feroz, bigodes eriçados; atravessou o prado e desapareceu nas moitas. E atrás: Uauauaaa!, a cachorrada.

Chegaram a galope, medindo a terra com os focinhos, duas vezes se viram sem cheiro de raposa nas narinas e voltaram em ângulo reto.

Já estavam longe quando, com um ganido, ui, ui, cortou o capim um que vinha com pulos mais de peixe do que de cão, uma espécie de delfim que nadava deixando aflorar um focinho mais pontudo e orelhas mais pendentes que de um sabujo. Atrás, era peixe; parecia nadar agitando barbatanas ou então patas de palmípede, sem pernas e muito comprido. Saiu em campo aberto: era um bassê.

Certamente, juntara-se ao bando de batedores e ficara para trás, jovem como era, quase um filhote. O barulho dos sabujos era agora um buaf de despeito, pois haviam perdido a pista e a corrida compacta desfazia-se numa rede de ansiedades nasais em volta de uma clareira de juncos, com excessiva impaciência para encontrar o fio do cheiro perdido e seguir atrás dele, enquanto o impulso se perdia, e algum já aproveitava para dar uma mijadinha numa pedra.

Assim, o bassê, ofegante, com seu trote de focinho erguido, injustificavelmente triunfal, alcançou-os. Lançava, sempre de modo infundado, latidos de esperteza: Uai! Uai!

Logo os sabujos, aurrch!, rosnaram para ele, abandonaram por um momento a busca do cheiro da raposa e voltaram-se contra ele, arreganhando bocas de mordida: Ggrrrr! Depois, rápidos, tornaram a desinteressar-se e saíram correndo.

Cosme acompanhava o bassê, que se movia ao acaso, e o cachorro, ondulando com focinho distraído, viu o rapaz na árvore e sacudiu o rabo. Cosme estava convencido de que a raposa ainda se escondia por ali. Os sabujos tinham se dispersado mais adiante, podia-se ouvi-los correr pelas colinas próximas com um latido fora de tom e desmotivado, pressionados pelas vozes sufocadas e incitadoras dos caçadores. Cosme disse ao bassê:

— Vai! Vai! Procura!

O jovem cão começou a fuçar, e de vez em quando se virava para olhar o rapaz no alto.

— Vai! Vai!

Agora já não o via. Percebeu moitas que se amassavam e, a seguir, uma explosão: Auauauaaa! Iai, iai, iai! Surpreendera a raposa!

Cosme viu o bicho correndo pelo prado. Mas era possível atirar numa raposa apanhada por um cachorro que não lhe pertencia? Cosme deixou-a passar e não disparou. O bassê levantou o focinho para ele, com o olhar que assumem os cães quando não entendem algo e não sabem que podem ter razão em não entender, e se lançou outra vez com o focinho no chão, atrás da raposa.

Iai, iai, iai! Obrigou-a a dar uma volta inteira. Pronto, voltava. Podia ou não podia disparar? Não disparou. O bassê olhou para o alto com um olhar de dor. Não latia mais, a língua mais pendente do que as orelhas, exausto, mas continuava a correr.

A sua operação desorientara sabujos e caçadores. Pelo caminho corria um velho com um pesado arcabuz.

— Ei — gritou Cosme —, aquele bassê é de vocês?

— Vá plantar batatas, você e toda a sua família! — berrou o velho, que devia estar irritado. — Parecemos tão idiotas a ponto de caçar com um bassê?

— Então, no que ele apanhar, eu é que atiro — insistiu Cosme, que não queria romper as regras do jogo.

— E atire também no santo que protege você! — respondeu o desaforado, e saiu correndo.

O bassê voltou a trazer-lhe a raposa. Cosme disparou e a atingiu. O bassê tornou-se o seu cão; deu-lhe o nome de Ótimo Máximo.

Ótimo Máximo era um cachorro sem dono, que se juntara ao bando de sabujos por entusiasmo juvenil. Mas de onde viria? Para descobrir, Cosme deixou-se guiar por ele.

O bassê, rente ao solo, atravessava sebes e fossos; depois virava a cabeça para ver se o rapaz lá de cima podia seguir o caminho. Era tão estranho o itinerário que Cosme demorou a perceber onde tinham ido parar. Quando se deu conta, agitou-se-lhe o coração no peito: era o jardim dos marqueses de Rodamargem.

A vila estava fechada, as venezianas cerradas; uma apenas, numa água-furtada, batia ao vento. O jardim sem cuidados tinha mais que nunca aquele aspecto de floresta do outro mundo. E pelas alamedas invadidas pelo capim, e pelos canteiros cheios de espinhos, Ótimo Máximo corria feliz e perseguia borboletas.

Desapareceu numa moita. Voltou com uma fita na boca. Bateu mais forte o coração de Cosme.

— O que é, Ótimo Máximo? Hein? De quem é? Diz para mim!

Ótimo Máximo balançava o rabo.

— Traz aqui, traz, Ótimo Máximo!

Cosme, tendo alcançado um ramo mais baixo, pegou da boca do cachorro aquele farrapo desbotado que algum dia certamente enfeitara os cabelos de Viola, bem como aquele cão certamente pertencera a ela, ali esquecido na última mudança da família. E mais, agora Cosme o recuperava na memória, no verão passado, ainda filhote, que saía de um cesto no braço da menina loura e com o qual talvez acabasse de ter sido presentada.

— Procura, Ótimo Máximo!

E o bassê se lançava entre os bambus; e retornava com outras lembranças dela, a corda de pular, um pedaço de pipa, um leque.

No tronco da árvore mais alta do jardim, meu irmão inscreveu com a ponta do espadim os nomes *Viola* e *Cosme*, e depois, mais embaixo, certo de que ela ficaria contente embora o chamasse de outro nome, talhou na madeira: *Cão bassê Ótimo Máximo*.

Daí em diante, quando se via o menino nas árvores, era certo que, olhando-se mais à frente, ou junto dele, via-se o bassê Ótimo Máximo

trotando com a barriga pelo chão. Ensinara-lhe a busca, o apresamento, a entrega: as tarefas de todos os cães de caça, e não havia animal do bosque que não caçassem juntos. Para entregar-lhe a caça, Ótimo Máximo subia com duas patas nos troncos até onde alcançava; Cosme descia para pegar a lebre ou alguma ave em sua boca e fazia-lhe um carinho. Resumiam-se a isso suas intimidades, suas festas. Porém, continuamente, entre a terra e os galhos estabelecia-se um diálogo, uma compreensão, feitos de latidos, monossílabos e estalidos de língua e dedos. Aquela presença necessária que para o cão é o homem e para este é o cão não os traía jamais, nem a um nem ao outro; e, por mais diferentes que fossem de todos os homens e cães do mundo, poderiam declarar-se, como homem e cão, felizes.

11

Por muito tempo, todo um período de sua adolescência, a caça foi o mundo para Cosme. Também a pesca, pois com uma linha esperava enguias e trutas nos remansos da torrente. Às vezes, chegávamos a pensar que ele tinha adquirido sentidos e instintos diferentes dos nossos, e que aquelas peles que havia costurado para cobrir-se correspondiam a uma mutação total de sua natureza. Certamente o fato de ter muito contato com as cascas de árvores, o olho fixo no movimento das penas, nos pelos, nas escamas, naquela gama de cores que esta aparência do mundo apresenta, e depois a corrente verde que circula como sangue do outro mundo nas veias das folhas: todas estas formas de vida tão distantes da humana como um talo de planta, um bico de tordo, uma guelra de peixe, esses limites da selvageria nos quais tão profundamente penetrara, podiam agora modelar seu ânimo, fazê-lo perder toda aparência de homem. Ao contrário, por mais dotes que ele absorvesse da convivência com as plantas e da luta com animais, ficou sempre claro para mim que seu lugar era deste lado, junto conosco.

Contudo, mesmo sem querer, alguns hábitos tornavam-se mais raros e se perdiam. Como acompanhar-nos à missa festiva de Penúmbria. Tentou nos primeiros meses. Todos os domingos, ao sair, a família enfarpelada, ajazada para cerimônia, o encontrávamos nos galhos, também ele de algum modo com intenções de roupa de festa, por exemplo, recuperada a velha casaca, ou o tricórnio em vez do gorro de pele. Tomávamos nosso rumo, ele nos seguia dos galhos, e assim

caminhávamos com majestade para o espaço sacro, observados por todos os penúmbrios (mas logo se acostumaram e diminuiu também o mal-estar de papai), nós compenetrados, ele que pulava pelos ares, estranha visão, especialmente no inverno, com as árvores nuas.

Entrávamos na catedral, sentávamos no banco da família, ele ficava do lado de fora, acomodava-se numa azinheira ao lado da nave, bem na altura de uma grande janela. Do nosso banco víamos através da vidraça a sombra dos ramos e, de permeio, a de Cosme com o chapéu no peito e a cabeça inclinada. Segundo uma combinação de meu pai com um sacristão, aquela vidraça passou a ficar entreaberta aos domingos, assim Cosme podia assistir à missa da sua árvore. Mas com o passar do tempo não tornamos a vê-lo. A vidraça foi fechada porque entrava uma corrente de vento.

Tantas coisas que antes teriam sido importantes, para ele não o eram mais. Na primavera, Batista ficou noiva. Quem teria adivinhado, só um ano antes? Vieram aqueles condes d'Estomac com o pequeno conde, organizou-se uma grande festa. Nosso palácio ficou inteirinho iluminado, estava presente toda a nobreza dos arredores, dançava-se. Quem ainda pensava em Cosme? Bem, não é verdade, todos pensávamos nele. De vez em quando eu olhava fora da janela para ver se chegava; e papai estava triste, e naquela festança familiar certamente seu pensamento ia para ele, que se excluía; e a generala comandava toda a festa como numa praça de armas, queria apenas desafogar sua ansiedade pelo ausente. Quem sabe se até Batista, que fazia piruetas, irreconhecível sem as roupas monacais, com uma peruca que parecia um maçapão, e um *grand panier* guarnecido de corais que não sei qual costureira tinha feito, também ela apostou que pensava no irmão.

E ele lá estava, invisível — soube depois —, à sombra do cimo de um plátano, no frio, e via as janelas cheias de luz, os cômodos familiares adornados para festa, as pessoas usando perucas, dançando. Que pensamentos lhe atravessariam a mente? Lamentaria pelo menos um pouco a nossa vida? Pensaria em quão breve era a passagem que o separava do retorno ao nosso mundo, quão breve e fácil? Não sei o que pensaria, o que desejaria, ali. Sei apenas que ficou até o final da festa e

mais ainda, até que os candelabros, um depois do outro, se apagassem e não restasse sequer uma janela iluminada.

Portanto, as relações de Cosme com a família, bem ou mal, continuavam. Ou melhor, com um de seus membros se estreitaram, e só então se pôde dizer que aprendeu a conhecê-lo: o cavaleiro advogado Eneias Sílvio Carrega. Esse homem meio incorpóreo, fugidio, que não se conseguia saber exatamente onde estava e o que fazia, Cosme descobriu que era o único de toda a família que tinha um grande número de ocupações, e, não bastando isso, nada do que fazia era inútil.

Saía, às vezes, na hora mais quente da tarde, com o fez enterrado na cabeça, os passos arrastados na chimarra que ia até o chão, e desaparecia como se as falhas do terreno o tivessem engolido, ou as sebes, ou as pedras das paredes. Também Cosme, que se divertia em ficar sempre alerta (ou melhor, não que se divertisse, isso se tornara um estado natural seu, como se os olhos abarcassem um horizonte tão amplo que englobasse tudo), a um certo ponto não o via mais. Às vezes, punha-se a correr de galho em galho rumo ao lugar em que desaparecera e jamais conseguia descobrir que caminho seguira. Mas havia um sinal sempre recorrente naquelas paragens: abelhas que voavam. Cosme acabou por convencer-se de que a presença do cavaleiro estava ligada às abelhas e que para localizá-lo era preciso seguir o voo delas. De que modo? Ao redor de qualquer planta florida existia um difuso zunir de abelhas; era preciso não se deixar distrair por percursos isolados e secundários, mas seguir a invisível via aérea em que o vaivém das abelhas se adensava, até lograr ver uma nuvem espessa erguer-se atrás de uma sebe como fumaça. Lá embaixo ficavam as colmeias, uma ou várias, em fila sobre uma mesa, e absorto, em meio ao zum-zum das abelhas, encontrava-se o cavaleiro.

De fato, a apicultura era uma das atividades secretas do nosso tio natural; secreta até certo ponto, pois ele próprio, de vez em quando, levava para a mesa um favo transbordante de mel recém-saído da colmeia; isso acontecia fora do âmbito das propriedades da família, em lugares que ele não queria divulgar de jeito nenhum. Devia ser uma precaução, para subtrair os proventos dessa indústria pessoal à sacola furada da administração familiar; ou então — já que o homem não era avarento e, depois, quanto poderia render-lhe aquele pouco de mel e cera? — para ter algo em que o barão seu irmão não metesse o nariz,

não pretendesse conduzi-lo pela mão; ou ainda para não misturar as poucas coisas que amava, como a apicultura, com as muitas que não amava, como a administração.

De qualquer modo, restava o fato de que papai não lhe teria jamais permitido manter abelhas perto de casa, pois o barão tinha um medo irracional de ser picado e, quando por acaso topava com uma abelha ou com uma vespa no jardim, voava feito flecha pelas alamedas, segurando a peruca com toda a força como a proteger-se das bicadas de uma águia. Uma vez, ao fazer isso, soltou-se a peruca, a abelha assustada pelo arranco inesperado voou sobre ele e cravou-lhe o ferrão na careca. Compressas de vinagre lhe amaciaram a cabeça por três dias, pois ele era feito assim, orgulhoso e forte nos casos mais graves, pobre louco perante um arranhão ou um furúnculo.

Portanto, Eneias Sílvio Carrega disseminara sua criação de abelhas ao longo do vale de Penúmbria; os proprietários lhe davam permissão para manter uma ou duas colmeias numa faixa de campo, em troca de um pouco de mel, e ele corria sempre de um lugar para outro, bulindo ao redor das colmeias com movimentos de quem tem patas de abelha em vez de mãos, sobretudo pelo fato de que, às vezes, para não ser picado, usava meias-luvas negras. No rosto trazia, enrolado no fez com um turbante, um véu preto, que a cada respiração grudava na boca e se soltava. E movia um artefato que espalhava fumaça, para afastar os insetos enquanto ele mexia nas colmeias. E tudo, zum-zum de abelhas, véus, nuvens de fumaça, parecia a Cosme um encantamento que aquele homem tentava suscitar para desaparecer dali, ser cancelado, voar, e depois renascer, num outro tempo, ou noutro lugar. Mas era um mágico de poucos recursos, pois reaparecia sempre igual, talvez chupando uma ponta de dedo magoada.

Chegara a primavera. Certa manhã, Cosme sentiu o ar como enlouquecido, vibrando com um som jamais ouvido, um zumbido que atingia níveis de estrondo, e atravessado por um granizo que em vez de cair deslocava-se numa direção horizontal, e redemoinhava lentamente espalhado, mas seguindo uma espécie de coluna mais densa. Era um mar de abelhas: e ao redor brilhavam as flores, o verde e o sol; e Cosme, que não entendia o que estava acontecendo, sentiu-se dominado por uma excitação incontrolável.

— As abelhas estão fugindo! Cavaleiro advogado! As abelhas estão fugindo! — gritava, enquanto corria pelas árvores à procura de Carrega.

— Não estão fugindo: enxameiam — disse a voz do cavaleiro.

E Cosme o localizou ao pé da árvore em que se achava, onde surgiu instantâneo como um cogumelo, a fazer gestos para que ficasse quieto. Logo depois desapareceu. Para onde fora?

Era o período dos enxames. Um bando de abelhas estava seguindo uma delas fora da velha colmeia. Cosme olhou em volta. Eis que o cavaleiro advogado reaparecia na porta da cozinha, tendo nas mãos uma panela e uma frigideira. Agora batia a panela contra a frigideira e saltava um *doing! doing!* fortíssimo, que reboava nos tímpanos e se apagava numa longa vibração, tão perturbadora que só dava vontade de tapar os ouvidos. Batendo os objetos de cobre a cada três passos, o cavaleiro advogado caminhava atrás do bando de abelhas. Todo ribombo provocava uma espécie de sacudida no enxame, um rápido abaixa-levanta, e o zumbido parecia mais baixo, o voo mais incerto. Cosme não via bem, mas lhe parecia que agora o enxame inteiro convergia para um ponto no verde, e não ia mais naquela direção. E Carrega continuava a dar pancadas na panela.

— O que está acontecendo, cavaleiro advogado? O que faz? — perguntou meu irmão, alcançando-o.

— Rápido — sussurrou ele —, salte para a árvore em que parou o enxame, mas cuidado para não mexer nele até eu voltar!

As abelhas choviam numa romãzeira. Cosme chegou lá e a princípio não viu nada, mas logo depois se apercebeu de uma espécie de grande fruto, em forma de pinha, que pendia de um ramo, e que era feito de abelhas grudadas uma na outra, e sempre surgiam outras para aumentá-lo.

Cosme estava em cima da romãzeira prendendo a respiração. Embaixo pendia o cacho de abelhas, e quanto maior mais leve parecia, como dependurado num fio ou, menos ainda, nas minúsculas patas de uma velha rainha e feito de sutis cartilagens, com todas aquelas asas faiscantes que estendem sua diáfana cor cinzenta sobre as estrias negras e amarelas dos abdômens.

O cavaleiro advogado chegou saltitando, e trazia na mão uma colmeia. Colocou-a de ponta-cabeça sob o cacho.

— Vai — soprou para Cosme —, uma pancadinha seca.

Cosme mal tocou a romãzeira. O enxame de milhares de insetos destacou-se como uma folha, caiu na colmeia, e o cavaleiro cobriu-a com uma tábua.

— Tudo pronto.

Assim nasceu entre Cosme e o cavaleiro advogado um entendimento, uma colaboração que se poderia chamar de uma espécie de amizade, se não fosse um termo excessivo, tratando-se de duas pessoas tão pouco sociáveis.

Inclusive no campo da hidráulica, meu irmão e Eneias Sílvio acabaram por encontrar-se. Isso pode parecer estranho, pois quem está em cima das árvores dificilmente trata de poços e canais; mas já comentei aquele sistema de fonte pênsil que Cosme inventara, com uma casca de álamo que levava água de uma cascata até os galhos de um carvalho. Acontece que, ao cavaleiro advogado, mesmo tão distraído, não escapava nada que se mexesse nos canais de água de toda a região. Sobre a cascata, oculto atrás de um alfeneiro, observou Cosme extrair o conduto dos ramos do carvalho (onde o recolocava quando não lhe servia, por causa daquele costume dos selvagens, do qual logo se apropriou, de esconder tudo), apoiá-lo numa forquilha e pelo outro lado em certas pedras da ribanceira e, finalmente, beber.

Diante de tal visão, quem sabe o que germinou no cérebro do cavaleiro: foi tomado por um de seus raros momentos de euforia. Saiu de trás do alfeneiro, bateu as mãos, fez dois ou três movimentos parecendo pular corda, espalhou água, por pouco não tropeçou na cascata e não voou precipício abaixo. E começou a explicar ao rapaz a ideia que tivera. A ideia era confusa e a explicação mais ainda: o cavaleiro advogado em geral falava dialeto, por modéstia mais do que por ignorância da língua, mas naqueles imprevistos momentos de excitação passava do dialeto diretamente ao turco, sem perceber, e não se entendia mais nada.

Em resumo: viera-lhe a ideia de um aqueduto pênsil, com um conduto sustentado justamente por galhos de árvores, que permitiria alcançar a vertente oposta do vale, seco, e irrigá-lo. E o aperfeiçoamento que Cosme, logo apoiando o projeto dele, sugeriu — usar em certos pontos troncos de canalização furados, para fazer chover nas sementeiras — deixou-o eufórico.

Correu a refugiar-se no gabinete, para preencher folhas e mais folhas de projetos. Também Cosme debruçou-se sobre o problema, porque tudo o que se pudesse fazer nas árvores lhe agradava, e lhe parecia contribuir para dar nova importância e autoridade às suas posições lá no alto; e em Eneias Sílvio Carrega pareceu-lhe ter encontrado um companheiro insuspeito. Marcavam encontros em árvores baixas; o cavaleiro advogado subia com a escada triangular, os braços cheios de rolos de desenho; e discutiam durante horas as modificações cada vez mais complicadas daquele aqueduto.

Porém, jamais se passou à fase prática. Eneias Sílvio cansou-se, rareou os colóquios com Cosme, não completou os desenhos, após uma semana talvez os tivesse esquecido. Cosme não se lamentou: logo se dera conta de que para a sua vida tudo aquilo se tornava uma perturbadora complicação e nada mais.

Era evidente que no campo da hidráulica nosso tio natural poderia ter feito muito mais. Era um apaixonado por aquilo, o talento específico necessário para aquele ramo de estudo não lhe faltava; contudo, não sabia concretizar: perdia-se, perdia-se, como água mal encanada que depois de correr um pouco fosse absorvida por um terreno poroso. A razão talvez fosse esta: enquanto podia dedicar-se à apicultura por conta própria, quase em segredo, sem precisar tratar com ninguém, realizando-se de vez em quando numa oferta de mel e cera que ninguém lhe pedira, teria de executar essas obras de canalização considerando variados interesses, submetendo-se às opiniões e às ordens do barão ou de qualquer outro que lhe encomendasse o trabalho. Tímido e irresoluto como era, não se opunha jamais à vontade dos outros, mas logo se desinteressava do trabalho e o deixava de lado.

Era possível vê-lo a qualquer hora, no meio de um terreno, com homens armados de pás e enxadas, ele com um metro antigo e um mapa enrolado, dando ordens para escavar um canal e mensurar o terreno com seus passos, que, sendo curtíssimos, era obrigado a alongar de forma exagerada. Dava início às escavações naquele lugar, depois noutro, mandava interromper, e recomeçava a tirar medidas. Chegava a noite e tudo parava. Era difícil que no dia seguinte decidisse retomar o trabalho naquele ponto. Desaparecia por uma semana.

De aspirações, impulsos, desejos era feita sua paixão pela hidráulica. Era uma recordação que tinha no coração, as belíssimas, bem irrigadas terras do sultão, hortas e jardins em que ele deveria ter sido feliz, o único período realmente feliz de sua vida; e àqueles jardins da Barbaria ou da Turquia comparava continuamente os campos de Penúmbria, e era levado a corrigi-los, a tratar de identificá-los com sua lembrança e, sendo a hidráulica a sua arte, nela concentrava esse desejo de mutação, e continuamente chocava-se com uma realidade diferente, e daí sobrevinha a desilusão.

Praticava também a rãdomancia, às ocultas, pois corriam ainda os tempos em que aquelas estranhas artes podiam provocar o preconceito da feitiçaria. Certa vez Cosme o descobriu num prado a fazer piruetas agitando uma vara bifurcada. Também aquilo devia ser uma tentativa de repetir algo que vira outros fazendo e em que não tinha nenhuma prática, pois daí nada resultou.

Compreender o caráter de Eneias Sílvio Carrega foi vantajoso num sentido: Cosme entendeu muita coisa sobre estar sozinho que lhe serviu mais tarde. Diria que conservou sempre a imagem esquiva do cavaleiro advogado, como advertência de um modo como pode se tornar o homem que separa a sua sorte da dos outros, e conseguiu nunca se assemelhar a ele.

12

Por vezes Cosme era acordado à noite aos gritos de:

— Socorro! Os bandidos! Corram atrás deles!

Pelas árvores, dirigia-se rápido ao lugar de onde provinham os gritos. Acontecia ser uma cabana de pequenos proprietários, e uma pobre família semidespida estar do lado de fora com as mãos na cabeça.

— Ai de nós, ai de nós, apareceu João do Mato e roubou toda a colheita!

Juntava gente.

— João do Mato? Era ele? Vocês o viram?

— Era ele! Era ele mesmo! Usava máscara, uma pistola assim grande, e vinham mais dois mascarados atrás, e quem comandava era ele! Era João do Mato!

— E onde está? Onde foi parar?

— Ah, sim, é claro, pegar João do Mato! Quem sabe onde andará a esta hora!

Ou então quem gritava era um viajante deixado no meio da estrada, sem nada, cavalo, bolsa, manto e bagagem.

— Socorro! Pega ladrão! João do Mato!

— Como foi? Conta logo!

— Veio daquele lado, escuro, barbudo, de arma em punho, por pouco não morro!

— Rápido! Atrás dele! Pra que lado foi?

— Por aqui! Não, talvez por lá! Corria como o vento!

Cosme enfiara na cabeça que ia encontrar João do Mato. Percorria o bosque de um extremo a outro atrás de lebres ou de pássaros, incitando o bassê:

— Fuça, fuça, Ótimo Máximo!

Mas o que ele pretendia desentocar era o bandido em pessoa, sem a pretensão de fazer ou de dizer-lhe nada, só para ver de frente uma pessoa tão comentada. Contudo, jamais conseguira encontrá-lo, nem quando circulava a noite inteira. “Quem sabe não terá saído esta noite”, dizia-se Cosme; ao contrário, de manhã, em algum ponto do vale, havia um monte de gente na soleira de uma casa ou numa curva da estrada que falava da nova rapina. Cosme acorria, e ficava com ouvidos escancarados escutando aquelas histórias.

— Mas você, que anda sempre pelas árvores do bosque — perguntou alguém certa vez —, nunca viu João do Mato?

Cosme envergonhou-se muito.

— Ah... acho que não...

— E como é que você quer que ele o tenha visto? — questionou um outro. — João do Mato tem esconderijos que ninguém consegue encontrar, e caminha por estradas que ninguém conhece!

— Com a recompensa que dão pela sua cabeça, quem o agarrar está garantido por toda a vida!

— Sim! Mas aqueles que sabem onde ele está também têm contas para acertar com a justiça, e se saem da toca vão juntos para a força!

— João do Mato! João do Mato! Mas será mesmo sempre ele quem comete esses crimes?

— Veja, ele já tem tantas acusações que, se conseguisse isentar-se da punição de dez roubos, nesse meio-tempo acabaria enforcado pelo

décimo primeiro!

— Já assaltou em todos os bosques da costa!

— Quando jovem, matou até um chefe do bando!

— Foi também um bandido dos próprios bandidos!

— Por isso veio refugiar-se por estes lados!

— É que nós somos gente muito boa!

A cada notícia nova Cosme ia conversar com os caldeireiros. Entre o pessoal acampado no bosque, havia naquele tempo toda uma família de obscuros ambulantes: caldeireiros, empalhadores de cadeiras, catadores de trapos, gente que circula pelas casas, premeditando de manhã o roubo que praticará à noite. No bosque, além da oficina, mantinham o refúgio secreto, o esconderijo do butim.

— Souberam? Esta noite João do Mato assaltou uma carruagem!

— Verdade? Com ele tudo é possível...

— Travou os cavalos a galope, agarrando-os pelo focinho!

— Bem, ou não era ele ou em vez de cavalos eram grilos...

— O que estão dizendo? Não acreditam que fosse João do Mato?

— Mas é claro que sim, que ideia quer pôr na cabeça dele, você? Era João do Mato, certamente!

— E do que não é capaz João do Mato?

— Ah, ah, ah!

Ao ouvir falar de João do Mato dessa maneira, Cosme não entendia mais nada, ia para o bosque e ficava à escuta noutra acampamento de ambulantes.

— Digam-me, segundo vocês, a história da carruagem desta noite era um golpe de João do Mato, não?

— Todos os golpes têm a marca de João do Mato quando dão certo. Não sabia?

— Por que *quando dão certo*?

— Porque, quando dão errado, significa que são de João do Mato realmente!

— Ah, ah! Aquele trapalhão!

Cosme não entendia mais nada.

— João do Mato é um trapalhão?

Então os outros se apressavam em mudar o tom:

— Nada disso, é um bandido que mete medo em todo mundo!

— Mas vocês o viram?

— Nós? E quem é que já o viu?

— Mas vocês têm certeza de que ele existe?

— Boa esta! Claro que existe! E mesmo que não existisse...

— Se não existisse?

— ... Seria tal e qual. Ah, ah, ah!

— Mas todos dizem...

— Decerto, assim se deve dizer: é João do Mato quem rouba e mata por todos os lados, aquele terrível bandido! Gostaríamos de ver alguém que duvidasse disso!

— Será que você, menino, teria coragem de pôr isso em dúvida?

Em resumo, Cosme entendera que o medo de João do Mato que dominava a parte baixa do vale, à medida que se subia rumo ao bosque, transformava-se numa atitude interrogativa e muitas vezes abertamente derrisória.

Passou-lhe a curiosidade de encontrá-lo, pois entendeu que João do Mato pouco importava às pessoas mais espertas. E foi justamente aí que aconteceu de encontrá-lo.

Uma tarde, Cosme estava em cima de uma noqueira, e lia. Desde algum tempo, vinha-lhe a nostalgia de certos livros: ficar o dia inteiro com o fuzil em punho, esperando a chegada de um tentilhão, acaba enjoando.

Assim, lia o *Gil Blas*, de Lesage, tendo numa das mãos o livro e na outra o fuzil. Ótimo Máximo, a quem não agradavam as leituras do patrão, andava em círculo, buscando pretextos para distraí-lo: por exemplo, latindo para uma borboleta, para ver se conseguia fazer com que lhe apontasse o fuzil.

Eis então que, montanha abaixo, pelo caminho, vinha correndo e ofegando um barbudo malvestido, desarmado, tendo atrás dois guardas com sabres desembainhados que gritavam:

— Detenham-no! É João do Mato! Conseguimos tirá-lo da toca, finalmente!

Agora o bandido se distanciara um pouco dos policiais, mas, se continuasse a mover-se indeciso como quem tem medo de errar o rumo ou de cair numa armadilha, logo teria os dois de novo nos calcanhares. A noqueira de Cosme não oferecia apoio a quem quisesse subir, mas ele tinha num galho uma corda daquelas que carregava sempre para superar

as passagens difíceis. Jogou uma ponta para o chão e amarrou a outra a um ramo. O bandido viu cair-lhe a corda quase no nariz, torceu as mãos num instante de incerteza, depois agarrou-se à corda e trepou rapidíssimo, revelando-se um daqueles incertos impulsivos ou impulsivos incertos que parecem jamais saber captar o momento exato e, pelo contrário, acertam todas as vezes.

Chegaram os guardas. A corda já fora içada e João do Mato estava ao lado de Cosme na copa da nogueira. Havia uma encruzilhada. Os guardas dividiram-se e não sabiam mais para que lado ir. E deram de cara com Ótimo Máximo, que sacudia o rabo naquelas paragens.

— Ei — disse um dos policiais —, este não é o cachorro do filho do barão, aquele que vive nas árvores? Se o rapaz estiver por aqui, poderá dizer-nos alguma coisa.

— Estou aqui em cima! — gritou Cosme.

Mas já não estava na nogueira de antes e onde se escondera o bandido: deslocara-se rapidamente para um castanheiro ali em frente, e assim os guardas ergueram logo a cabeça naquela direção, sem olhar as árvores ao redor.

— Bom dia, senhorzinho — disseram. — Por acaso não teria visto o assaltante João do Mato passar correndo?

— Não sei quem seria — respondeu Cosme —, mas, se procuram um homenzinho que corria, tomou o rumo da torrente...

— Um homenzinho? É um colosso de homem que mete medo...

— Bem, aqui de cima todos parecem pequenos...

— Obrigado, senhorzinho. — E pegaram um atalho para a torrente.

Cosme voltou para a nogueira e recomeçou a ler *Gil Blas*. João do Mato continuava abraçado ao galho, pálido em meio aos cabelos e barba hirsutos e vermelhos como urzes, com mistura de folhas secas, cascas de castanha e agulhas de pinheiro. Examinava Cosme com dois olhos verdes, redondos e perdidos; feio, era feio.

— Foram embora? — decidiu-se a perguntar.

— Sim, sim — disse Cosme, afável. — O senhor é o bandido João do Mato?

— Como é que me conhece?

— Bem, pela sua fama.

— E o senhor é aquele que não desce das árvores?

— Sim. Como sabe?

— Bem, também eu, pela fama que corre.

Olharam-se com cortesia, como duas pessoas de respeito que se encontram por acaso e ficam contentes por não serem desconhecidas uma da outra.

Cosme não sabia mais o que dizer, e recomeçou a ler.

— O que anda lendo de bom?

— O *Gil Blas*, de Lesage.

— Vale a pena?

— Sim.

— Falta muito para acabar?

— Por quê? Bem, umas vinte páginas.

— Porque, quando terminar, queria saber se podia me emprestar — sorriu, meio confuso. — Sabe, passo os dias escondido, não sei o que fazer. Se tivesse um livro de vez em quando... Certa vez parei uma carruagem, não tinha grande coisa, mas havia um livro e eu o apanhei. Levei-o comigo, escondido no casaco; teria trocado todo o resto do butim em troca daquele livro. De noite, acendo a lanterna, preparo-me para ler... era em latim! Não entendia uma palavra... — Sacudiu a cabeça. — Olhe, latim eu não sei...

— Bem, latim, puxa, é duro — disse Cosme, e sentiu que, a contragosto, assumia um ar protetor. — Este aqui é em francês...

— Francês, toscano, provençal, castelhano, entendo tudo — disse João do Mato. — Também um pouco de catalão: *Bon dia! Bona nit! Està la mar mòlt alborotada.*

Em meia hora Cosme terminou o livro e emprestou-o a João do Mato.

*

Assim estabeleceram relações meu irmão e o bandido. Logo que João do Mato terminava um livro, corria para devolvê-lo a Cosme, pedia outro emprestado, corria para proteger-se em seu refúgio secreto, e mergulhava na leitura.

Quem conseguia os livros para Cosme era eu, na biblioteca da casa e, ao terminar a leitura, ele me restituía um após outro. Começou então a demorar mais porque depois de os ler passava-os para João do Mato, e muitas vezes voltavam com a capa arranhada, manchas de mofo, estrias de lesma, pois quem sabe onde o bandido os guardava.

Em dias fixos, Cosme e João do Mato marcavam encontro numa determinada árvore, trocavam o livro e se separavam rapidamente, pois o bosque estava sempre vigiado pelos guardas. Essa operação tão simples era muito perigosa para ambos: também para meu irmão, que não teria podido justificar sua amizade com aquele criminoso! Mas João do Mato fora acometido por uma tal fúria de leitura que devorava romances e mais romances e, ficando o dia inteiro escondido a ler, num dia devorava certos tomos aos quais meu irmão dedicara uma semana, e então não havia jeito, exigia outro, e se não era o dia combinado lançava-se pelos campos atrás de Cosme, assustando as famílias nas cabanas e arrastando em suas pegadas toda a força pública de Penúmbria.

Agora, a Cosme, sempre pressionado pelos pedidos do assaltante, não lhe bastavam os livros que eu conseguia e teve de procurar outros fornecedores. Conheceu um livreiro judeu, um tal de Orbeque, que lhe arranjava também obras em vários tomos. Cosme ia bater na janela dele através dos ramos de uma alfarrobeira, levando-lhe lebre, tordos e estarnas recém-caçados em troca dos volumes.

Porém, João do Mato tinha suas preferências, não era possível dar-lhe um livro qualquer, caso contrário voltava no dia seguinte para Cosme o trocar. Meu irmão estava na idade em que se começa a tomar gosto pelas leituras mais densas, mas era obrigado a ir devagar, desde quando João do Mato devolveu-lhe *As aventuras de Telêmaco* advertindo-o de que, se lhe desse outra vez um livro tão chato, ele serraria a árvore em que estivesse.

A esta altura, Cosme gostaria de separar os livros que desejava ler por conta própria, com toda a calma, daqueles que conseguia só para emprestar ao bandido. Que nada: pelo menos uma espada devia dar também nestes, pois João do Mato tornava-se cada vez mais exigente e desconfiado, e antes de pegar um livro queria que ele lhe contasse um pouco da trama, e aí dele se errasse. Meu irmão tentou passar-lhe romances de amor: o bandido aparecia furioso perguntando se o confundira com alguma mulherzinha. Não dava para adivinhar qual era a preferência dele.

Em resumo, com João do Mato sempre nos calcanhares, as leituras de Cosme, de distração nas horas vagas, passaram a ocupação principal, objetivo do dia inteiro. E, à força de manejar volumes, de julgá-los e compará-los, de ter de conhecer sempre outros e novos, entre leituras

para João do Mato e a crescente necessidade de leituras suas, Cosme foi arrastado a tamanha paixão pelas letras e por todo o saber humano que não lhe bastavam as horas do amanhecer ao pôr do sol para aquilo que gostaria de ler, e continuava também no escuro à luz de lanterna.

Finalmente, descobriu os romances de Richardson. Agradaram a João do Mato. Terminado um, logo queria outro. Orbeque conseguiu-lhe uma pilha de volumes. O bandido tinha o que ler por um mês. Cosme, reencontrada a paz, lançou-se sobre as vidas de Plutarco.

João do Mato, entretanto, estendido em seu catre, os hirsutos cabelos vermelhos cheios de folhas secas na testa enrugada, os olhos verdes que se avermelhavam com o esforço, lia sem parar, mexendo a mandíbula num soletrar furioso, mantendo no alto um dedo úmido de saliva pronto para virar a página. Ao descobrir Richardson, foi tomado por uma predisposição que já vinha incubando: um desejo de jornadas rotineiras domésticas, de parentes, de sentimentos familiares, de virtude, de aversão pelos maus e pelos viciados. Tudo aquilo que o cercava já não lhe interessava, enchia-o de desgosto. Não saía mais do esconderijo a não ser para ir atrás de Cosme e trocar de livro, especialmente se fosse um romance com mais de um volume e tivesse ficado no meio da história. Vivia assim, isolado, sem perceber a tempestade de ressentimentos que gerava contra ele inclusive entre os moradores do bosque, antigamente cúmplices fiéis mas que agora já se tinham cansado de aturar um bandido inativo, que atraía todos os policiais.

Tempos atrás, tinham estreitado fileiras com ele todos aqueles que, nas redondezas, possuíam contas a ajustar com a justiça, às vezes pouca coisa, pequenos roubos de rotina, como os daqueles vagabundos que consertavam panelas, ou delitos para valer, como os dos seus companheiros bandidos. Para cada furto ou rapina aquela gente se valia da autoridade e experiência dele, utilizando como escudo seu nome, que corria de boca em boca e deixava o deles na sombra. E mesmo quem não participava dos golpes desfrutava de algum modo dos resultados, pois o bosque enchia-se de objetos roubados e de contrabando, que era preciso desfazer ou revender, e todos aqueles que zanzavam por ali encontravam um jeito de traficar com tudo aquilo. E ainda: quem roubava por conta própria, sem avisar João do Mato, servia-se desse nome terrível para assustar as vítimas e obter o máximo. As pessoas viviam aterrorizadas,

viam em cada malfeitor um João do Mato ou alguém do seu bando e apressavam-se a desatar os cordões da bolsa.

Esses bons tempos duraram muito; João do Mato descobrira que podia viver de rendas, e pouco a pouco se acomodara. Achava que tudo continuava como antes, mas, ao contrário, os ânimos haviam mudado e seu nome já não inspirava nenhuma consideração.

Agora, a quem era útil João do Mato? Ficava escondido com os olhos vermelhos de tanto ler romances, não aplicava mais golpes, no bosque ninguém mais podia cuidar dos próprios negócios, vinham os policiais todos os dias para procurá-lo e qualquer desgraçado que tivesse um ar minimamente suspeito era levado. Se se acrescentar a tentação que significava a recompensa pela cabeça dele, ficava claro que os dias de João do Mato estavam contados.

Dois outros bandidos, dois jovens que tinham sido protegidos por ele e não conseguiam resignar-se a perder aquele grande chefe, quiseram dar-lhe a chance de reabilitar-se. Chamavam-se Hugão e Bonitão e haviam integrado o bando dos ladrões de fruta. Agora, adolescentes, tinham se tornado bandidos de respeito.

Assim, foram procurar João do Mato na caverna. Estava lá, deitado na palha.

— Sim, quem é? — perguntou, sem tirar os olhos do papel.

— Queríamos propor uma coisa, João do Mato.

— Hum... O quê? — E lia.

— Sabe onde é a casa de Constâncio, o fiscal da alfândega?

— Sim, sim... Hein? O quê? Quem é o fiscal da alfândega?

Bonitão e Hugão trocaram um olhar contrariado. Se não lhe tirassem aquele maldito livro do alcance da vista, o bandido não entenderia nem uma palavra.

— Fecha o livro um pouco, João do Mato. Ouve o que temos a dizer.

João do Mato agarrou o livro com ambas as mãos, levantou-se de joelhos, deu um jeito para apertá-lo contra o peito, mantendo-o aberto no ponto em que chegara, mas a vontade de continuar a ler era tanta que, sempre tendo-o bem próximo, ergueu-o até poder enfiar o nariz dentro dele.

Bonitão teve uma ideia. Por perto havia uma teia de aranha com sua dona. Bonitão levantou com as mãos ágeis a teia com a aranha dentro e jogou-a em cima de João do Mato, entre livro e nariz. O desgraçado do

João do Mato andava tão mole a ponto de ter medo de aranha. Sentiu no nariz aquela mistura de patas de aranha e filamentos pegajosos, e, antes de entender o que era, soltou um grito de susto, deixou cair o livro e começou a abanar as mãos na frente do rosto, os olhos arregalados e a boca cheia de saliva.

Hugão deu um pulo e conseguiu pegar o livro antes que João do Mato pusesse um pé em cima dele.

— Me dá esse livro de volta! — disse João do Mato, tentando livrar-se da aranha e da teia com uma das mãos, e com a outra arrancar o livro das mãos de Hugão.

— Não, ouve antes! — disse Hugão escondendo o livro nas costas.

— Estava lendo *Clarisse*. Me dá de volta! Estava no momento culminante...

— Escute. Nós vamos levar hoje de noite um carregamento de lenha na casa do fiscal. No saco, em vez de lenha, vai você. De madrugada, sai do saco...

— Eu quero terminar *Clarisse*! — Conseguira livrar as mãos das últimas gosmas da teia e tentava lutar contra os dois jovens.

— Ouça... Quando for de madrugada, você sai do saco, armado com suas pistolas, arranca do fiscal tudo o que foi arrecadado na semana, que ele guarda no cofre que está na cabeceira da cama...

— Deixem ao menos eu terminar o capítulo... Sejam gentis...

Os dois jovens pensavam no tempo em que, ao primeiro que tentasse contrariá-lo, João do Mato apontava duas pistolas na barriga. Amarga nostalgia.

— Você pega os sacos de dinheiro, está bem? — insistiram, tristemente —, entrega tudo para nós, que devolveremos o livro e você poderá ler quando quiser. Está bem assim? Tôpa?

— Não. Não está bem. Não vou!

— Então não vai... É assim, é... Então olhe! — E Hugão pegou uma página do final do livro (“Não!”, berrou João do Mato.), arrancou-a (“Não! Para!”), fez uma bolinha, jogou-a no fogo.

— Aaah! Cachorro! Não pode fazer isso! Vou ficar sem saber como acaba! — E corria atrás de Hugão para arrancar-lhe o livro.

— Agora você vai à casa do fiscal?

— Não, não vou!

Hugão arrancou mais duas páginas.

— Pare com isso! Ainda não cheguei aí! Você não pode queimá-las!
Hugão já tinha mandado as duas para o fogo.

— Porco! *Clarisse!* Não!

— Então, vai?

— Eu...

Hugão arrancou mais três páginas e atirou-as no fogo! João do Mato sentou-se com o rosto entre as mãos.

— Vou — rendeu-se. — Mas vocês me prometem que vão esperar com o livro fora da casa do fiscal.

O bandido foi fechado num saco, com um feixe de lenha na cabeça. Atrás vinha Hugão com o livro. Às vezes, quando João do Mato com um arrastar de pés ou com um grunhido dentro do saco mostrava estar a ponto de arrepender-se, Hugão o fazia ouvir o rumor de uma página arrancada e João do Mato logo ficava bonzinho.

Desse jeito o levaram, vestidos de lenhadores, até a casa do fiscal e o deixaram lá. Foram esconder-se por perto, atrás de uma oliveira, esperando a hora em que, executado o trabalho, devia alcançá-los.

Mas João do Mato estava com muita pressa, saiu antes de acabar de escurecer, ainda havia muita gente pela casa.

— Mãos ao alto! — Porém, já não era aquele de antes, era como se olhasse de fora, sentia-se meio ridículo. — Mãos ao alto, eu disse... Todos nesta sala, encostados na parede... — Mas que nada: nem ele acreditava mais naquilo, dizia por dizer. — Estão todos aqui? — Nem notara que uma menina tinha fugido.

De qualquer modo, era coisa para não se perder um minuto. Ao contrário, a cena rendeu, o fiscal bancava o tonto, não encontrava a chave, João do Mato percebia que já não o levavam a sério, e no fundo estava contente que fosse assim.

Finalmente, saiu com os braços cheios de bolsas com moedas. Correu quase às cegas para a oliveira combinada.

— Aqui está tudo o que havia! Devolvam *Clarisse!*

Quatro, sete, dez braços se lançaram sobre ele, imobilizaram-no das costas até as canelas. Tinha sido preso por um grupo de guardas e amarrado como um presunto.

— Você há de ver Clarisse quadradinha! — e o levaram para o cárcere.

A prisão era uma pequena torre à beira-mar. Um bosque de pinheiros crescia ao lado. Do alto de uma das velhas árvores, Cosme chegava quase à altura da cela de João do Mato e via o seu rosto atrás das grades.

Ao bandido não interessava nada dos interrogatórios e do processo; de um jeito ou de outro, terminaria na forca; mas sua preocupação eram aqueles dias vazios ali na cadeia, sem poder ler, e aquele romance deixado pelo meio. Cosme conseguiu outra cópia de *Clarisse* e levou-a até o pinheiro.

— Aonde você tinha chegado?

— Ao ponto em que Clarisse foge da casa de má fama!

Cosme folheou um pouco e logo:

— Ah, sim, aqui está. Portanto... — E começou a ler em voz alta, virado para a janela de grades, à qual se agarravam as mãos de João do Mato.

O processo foi demorado; o bandido resistia ao cerco da corda; para fazê-lo confessar cada um de seus inúmeros crimes eram necessários dias e dias. Todos os dias, antes e depois dos interrogatórios ficava escutando Cosme, que continuava a leitura. Terminada *Clarisse*, sentindo-o um tanto triste, Cosme achou que Richardson, para quem está preso, talvez fosse meio deprimente; e preferiu começar a ler para ele um romance de Fielding, cujo enredo movimentado lhe compensaria um pouco da liberdade perdida. Eram os dias do processo, e João do Mato só tinha cabeça para os casos de Jonathan Wild.

Antes que o romance fosse concluído, chegou o dia da execução. Na carroça, acompanhado por um frade, João do Mato fez sua última viagem como ser vivo. Os enforcamentos em Penúmbria eram feitos num alto carvalho no meio da praça. Ao redor, o povo fazia um círculo.

Já com a corda no pescoço, João do Mato ouviu um assovio entre os galhos. Ergueu o rosto. Descobriu Cosme com o livro fechado.

— Conta como termina — pediu o condenado.

— Lamento dizer, João — respondeu Cosme —, Jonas acaba pendurado pela garganta.

— Obrigado. O mesmo aconteça comigo! Adeus! — E ele mesmo deu um pontapé na escada, enforcando-se.

Quando o corpo parou de se debater, a multidão foi embora. Cosme permaneceu até a noite, apoiado no ramo do qual pendia o enforcado.

Todas as vezes que um corvo se aproximava para bicar os olhos ou o nariz do cadáver, Cosme o expulsava agitando o gorro.

13

Portanto, convivendo com o bandido, Cosme adquirira uma paixão desmesurada pela leitura e pelo estudo, que lhe ficou pelo resto da vida. A atitude habitual em que passara a ser encontrado era com um livro aberto na mão, acavalado num galho cômodo, ou então apoiado numa forquilha como num banco de escola, uma folha pousada numa tabuleta, o tinteiro num oco da árvore, escrevendo com uma longa pena de pato.

Agora era ele quem procurava o abade Fauchelafleur para as lições, para que lhe explicasse Tácito e Ovídio, os corpos celestes e as leis da química, mas o velho padre, além de um pouco de gramática e uma dose de teologia, afogava-se num mar de dúvidas e de lacunas, e perante as questões do aluno alargava os braços e erguia os olhos para o céu.

— *Monsieur l'abbé*, quantas mulheres se pode ter na Pérsia? *Monsieur l'abbé*, quem é o vigário Savoiarde? *Monsieur l'abbé*, poderia me explicar o sistema de Lineu?

— *Alors... Voyons... Maintenant...* — começava o abade, depois se perdia, e não ia adiante.

Mas Cosme, que devorava livros de todo tipo e passava metade de seu tempo a ler e a outra metade caçando para pagar as contas do livreiro Orbeque, tinha sempre alguma nova história para contar. Sobre Rousseau, que passeava colhendo ervas pelas florestas da Suíça, sobre Benjamin Franklin, que pegava raios com pipas, sobre o barão de La Hontan, que vivia feliz entre os índios da América.

O velho Fauchelafleur escutava tais discursos com maravilhada atenção, não sei se por verdadeiro interesse ou apenas pelo alívio de não ter de ser ele a ensinar; e concordava, e intervinha com expressões do tipo: “*Non! Ditesle moi!*”, quando Cosme se dirigia a ele perguntando: “E sabe como é que...?”, ou então com: “*Tiens! Mais c'est épatant!*”, quando Cosme lhe dava a resposta, e às vezes com: “*Mon Dieu!*”, que podiam ser tanto de exaltação pelas novas grandezas de Deus que naquele momento lhe eram reveladas, quanto de amargura pela onipotência do mal que sob todas as formas dominava sem freios o mundo.

Eu era muito criança e Cosme só tinha amigos nas classes não letradas, por isso sua necessidade de comentar as descobertas que ia

fazendo nos livros eram desafogadas enchendo de perguntas e explicações o velho preceptor. O abade, é sabido, possuía aquela disposição condescendente e conciliante que lhe advinha de uma consciência superior da vaidade de tudo; e Cosme se aproveitava disso. Assim, a relação de aprendizagem entre os dois inverteu-se: Cosme passava a professor e Fauchelafleur a discípulo. E tanta autoridade adquirira meu irmão que conseguia arrastar com ele o velho trêmulo em suas peregrinações pelas árvores. Conseguiu fazê-lo passar uma tarde inteira com as magras pernas pendentes num galho de castanheiro-da-índia, no jardim dos Rodamargem, contemplando as plantas raras e o pôr do sol que se refletia no tanque dos nenúfares, discutindo sobre monarquias e repúblicas, o justo e o verdadeiro nas diversas religiões, ritos chineses, o terremoto de Lisboa, a garrafa de Leiden, o sensacionismo.

Era hora da minha lição de grego e ninguém encontrava o preceptor. Alertou-se toda a família, deu-se uma batida no campo para procurá-lo, chegou-se até a vasculhar a criação de peixes temendo que, distraído, pudesse ter caído e se afogado. Ao anoitecer voltou para casa, lamentando-se de uma dor lombar, consequência das longas horas que passara sentado em posição tão incômoda.

Mas não se pode esquecer que, no velho jansenista, tal estado de passiva aceitação de tudo se alternava com momentos de retomada de sua paixão original pelo rigor espiritual. E se, enquanto ficava distraído e dócil, acolhia sem resistência qualquer ideia nova ou libertina, por exemplo, a igualdade dos homens perante a lei, ou a honestidade dos povos selvagens, ou a influência nefasta das superstições, quinze minutos depois, assaltado por um acesso de austeridade e de absolutismo, mergulhava naquelas ideias aceitas pouco antes de modo tão leviano e lhes transmitia toda sua necessidade de coerência e de severidade moral. Então em seus lábios os deveres dos cidadãos livres ou as virtudes do homem que segue a religião natural transformavam-se em regras de uma disciplina impiedosa, artigos de uma fé fanática, e fora disso só via um negro quadro de corrupção, e todos os novos filósofos eram demasiado frouxos e superficiais na denúncia do mal, e o caminho da perfeição, embora árduo, não permitia compromissos ou meios-termos.

Perante esses sobressaltos imprevistos do abade, Cosme já não ousava dizer nada, com medo de ser censurado de incoerente e não rigoroso, e

o mundo luxuriante que em seus pensamentos tentava suscitar tornava-se árido como um cemitério de mármore. Por sorte o abade cansava-se logo dessas tensões da vontade, e ficava ali prostrado, como se examinar cada conceito para reduzi-lo a pura essência o deixasse presa de sombras dissolvidas e impalpáveis: piscava os olhos, dava um suspiro, do suspiro passava ao bocejo, e retornava ao nirvana.

Mas, entre uma e outra disposição de ânimo, dedicava então suas jornadas a supervisionar os estudos encetados por Cosme, e fazia a ligação entre as árvores em que ele se encontrava e a loja de Orbeque, para encomendar livros aos negociantes de Amsterdam ou Paris, e para retirar os recém-chegados. E assim preparava a sua desgraça. Porque o boato de que em Penúmbria existia um padre que se mantinha a par de todas as publicações mais excomungadas da Europa logo chegou ao tribunal eclesiástico. Certa tarde, os guardas se apresentaram em nossa vila para inspecionar a cela do abade. Entre os breviários dele encontraram as obras de Bayle, ainda intocadas, mas foi o que bastou para que o prendessem e o levassem.

Foi uma cena bem triste, naquela tarde nebulosa, lembro como a segui estarrecido da janela do meu quarto, e parei de estudar a conjugação do aoristo, pois não haveria mais lição. O velho padre Fauchelafleur afastava-se pela alameda entre aqueles brutamontes armados, e erguia os olhos para as árvores, e num certo ponto deu um salto como se quisesse correr em direção a um olmo e subir nele, mas as pernas lhe faltaram. Naquele dia Cosme estava caçando no bosque e não sabia de nada; assim, nem se despediram.

Não pudemos fazer nada para ajudá-lo. Papai fechou-se no quarto e não queria provar a comida, pois tinha medo de ser envenenado pelos jesuítas. O abade passou o resto de seus dias entre prisões e convento, em contínuas abjurações, até morrer, sem ter compreendido, depois de uma vida inteira dedicada à fé, em que coisas ainda acreditava, porém tentando firmemente acreditar nelas até o derradeiro momento.

Contudo, a prisão do abade não provocou nenhum prejuízo nos progressos da educação de Cosme. É daquele período que data a sua correspondência com os maiores filósofos e cientistas europeus, aos quais ele se dirigia a fim de que lhe resolvessem problemas e contestassem objeções, ou então só pelo prazer de discutir com espíritos

melhores e ao mesmo tempo exercitar-se nas línguas estrangeiras. Pena que suas cartas, que guardava em cavidades de árvores conhecidas só por ele, jamais tenham sido encontradas, e na certa acabaram sendo roídas por esquilos ou mofaram; ali seriam descobertas cartas escritas de punho próprio pelos mais famosos sábios do século.

Para conservar os livros, Cosme construiu em diversas ocasiões algo semelhante a bibliotecas pênseis, protegidas da chuva e dos roedores, mas mudava-as constantemente de lugar, segundo os estudos e os gostos do momento, pois ele considerava os livros um pouco como pássaros e não queria vê-los parados ou engaiolados, senão se entristeciam. Na mais maciça daquelas estantes aéreas alinhava os tomos da *Enciclopédia*, de Diderot e D'Alembert, à medida que lhe chegavam de um livreiro de Livorno. E mesmo que, nos últimos tempos, à força de estar em meio aos livros ficara com a cabeça meio nas nuvens, cada vez menos interessado pelo mundo ao redor, agora, a leitura da *Enciclopédia*, certos belíssimos verbetes como *Abeille*, *Arbre*, *Bois*, *Jardin* faziam-no redescobrir todas as coisas em torno como novas. Dentre os livros que encomendava começaram a figurar também manuais de artes e ofícios, por exemplo, a arboricultura, e não via a hora de aplicar os novos conhecimentos.

Cosme sempre gostara de observar as pessoas no trabalho, mas até então suas deslocções e caçadas haviam sempre correspondido a impulsos isolados e injustificáveis, como se fosse um passarinho. Ao contrário, agora estava tomado pela necessidade de fazer algo de útil ao próximo. E também isso, pensando bem, era uma coisa que tinha aprendido na convivência com o bandido: o prazer de tornar-se útil, de realizar um trabalho indispensável para os outros.

Aprendeu a arte de podar as árvores, e oferecia a sua obra aos cultivadores de pomares, no inverno, quando as árvores lançam irregulares labirintos de ramos secos e parecem não desejar outra coisa além de serem reduzidas a formas mais ordenadas para cobrir-se de flores e folhas e frutos. Cosme podava bem e pedia pouco: assim não havia pequeno proprietário ou arrendatário que não lhe pedisse ajuda, e era possível vê-lo, no ar cristalino daquelas manhãs, espigado com as pernas largas sobre as baixas árvores nuas, o pescoço envolto numa echarpe até as orelhas, erguer a tesoura e, zac! zac!, com golpes seguros

fazer voar ramos secundários e pontas. A mesma técnica usava nos jardins, com as plantas de sombra e ornamentação, armado com uma foice curta, e nos bosques, onde, em vez do machado dos lenhadores que só servia para golpear a base de um tronco secular para abatê-lo inteiro, tratou de usar sua rápida machadinha que só trabalhava nas ramificações e nos topos.

Em resumo, soube tornar o amor por esse elemento arbóreo, como acontece com todos os amores verdadeiros, também sem piedade e doloroso, que fere e corta para fazer crescer e dar forma. Certamente, ele cuidava sempre, podando e derrubando árvores, de atender não apenas ao interesse do proprietário da planta mas também ao seu, de viajante que tem necessidade de tornar mais acessíveis as estradas; por isso, fazia com que os ramos que lhe serviam de ponte entre uma planta e outra fossem sempre preservados e ganhassem força com a supressão dos outros. Assim, essa natureza de Penúmbria que ele encontrara tão benigna, com sua arte contribuía para torná-la pouco a pouco mais favorável a si próprio, amigo ao mesmo tempo do próximo, da natureza e de si mesmo. E as vantagens desse sábio trabalho veio a desfrutá-las em idade mais tardia, quando a forma das árvores supria cada vez mais a perda das forças. Depois, bastou o advento de gerações desatinadas, com imprevidente avidez, gente sem amizade por nada, nem por si mesma, e tudo então mudou, nenhum Cosme poderá mais caminhar pelas árvores.

14

Se o número dos amigos de Cosme crescia, ele também fizera inimigos. Os vagabundos do bosque, de fato, após a conversão de João do Mato às boas leituras, e sua queda posterior, viram-se em má situação. Uma noite, meu irmão dormia em seu odre pendurado num freixo, no bosque, quando foi despertado por um latido do bassê. Abriu os olhos e viu luz; vinha de baixo, havia fogo justamente ao pé da árvore e as chamas já atingiam o tronco.

Um incêndio no bosque! Quem o provocara? Cosme tinha certeza de não ter tocado no acendedor, naquela noite. Portanto, era um golpe dos malfeitores! Pretendiam queimar o bosque para juntar lenha e ao mesmo tempo jogar a culpa em Cosme; e, de quebra, assá-lo vivo.

De imediato Cosme não pensou no perigo que o ameaçava tão de perto: imaginou que aquele interminável reino de caminhos e refúgios

só seus podia ser destruído, e este era todo o seu terror. Otimo Máximo já fugia para não queimar-se, virando-se de vez em quando para lançar um latido desesperado: o fogo estava se propagando pela vegetação rasteira.

Cosme não desanimou. No freixo que então constituía seu refúgio, armazenara, como sempre fazia, muitas coisas; dentre elas, uma garrafa com orchata para aplacar a sede no verão. Alcançou a garrafa. Pelos galhos do freixo fugiam os esquilos e as corujas assustadas e dos ninhos voavam os pássaros. Pegou a garrafa e estava a ponto de tirar a tampa e molhar o tronco do freixo para salvá-lo das chamas, quando pensou que o incêndio já estava se propagando pelo capim, pelas folhas secas, pelos arbustos e atingiria todas as árvores ao redor. Decidiu arriscar: “Que se perca o freixo! Se com esta bebida consigo molhar o chão em torno, onde as chamas ainda não chegaram, interrompo o incêndio!”. E, abrindo a garrafa, com impulsos ondulantes e circulares dirigiu o jato sobre o terreno, sobre as línguas de fogo mais externas, apagando-as. Assim, o fogo na vegetação rasteira encontrou-se rodeado de capim e folhas molhadas e não pôde mais expandir-se.

Do alto do freixo, Cosme pulou para uma faia próxima. Escapara por um fio: o tronco, ardendo na base, transformou-se de estalo numa fogueira, em meio aos inúteis chiados dos esquilos.

O incêndio teria ficado restrito àquele ponto? Já uma nuvem de centelhas e chamas se propagava ao redor; certamente a leve barreira de folhas molhadas não o impediria de propagar-se.

— Fogo! Fogo! — começou a gritar Cosme com todas as forças. — Fogooo!

— O quêêê? Quem gritaaa? — ecoavam vozes.

Não longe daquele ponto ficava uma carvoaria, e uma turma de bergamascos amigos dele dormia lá numa barraca.

— Fogooo! Socorrooo!

Logo toda a montanha era uma gritaria só. Os carvoeiros dispersos pelo bosque espalhavam a notícia, em seu dialeto incompreensível. Começaram a chegar pessoas de todos os lados. O incêndio foi domado.

Essa primeira tentativa de incêndio doloso e de atentado contra sua vida deveria ter alertado Cosme para manter-se longe do bosque. Mas não: começou a preocupar-se em como controlar os incêndios. Era o

verão de um ano seco e escaldante. Nos bosques da costa, nos lados da Provença, ardia havia uma semana um incêndio imenso. Durante a noite, observavam-se os clarões altos na montanha como um resto de pôr do sol. O ar estava seco, plantas e espinhos representavam um grande combustível naquela aridez. Parecia que os ventos propagavam as chamas em nossa direção, caso não viesse a explodir por aqui algum incêndio casual ou doloso, que se juntaria com aquele numa única fogueira ao longo de toda a costa. O céu parecia não ficar imune a esta carga de fogo: todas as noites, estrelas cadentes moviam-se em quantidade pelo firmamento e esperávamos vê-las cair em nossas cabeças.

Naqueles dias de estupor geral, Cosme fez estoque de pequenos barris e içou-os cheios d'água até o cume das plantas mais altas e situadas em lugares dominantes. “Quase nada, mas para alguma coisa hão de servir.” Não satisfeito, estudava o regime das torrentes que atravessavam o bosque, meio secas como estavam, e o das nascentes que soltavam apenas um fio d'água. Foi consultar o cavaleiro advogado.

— Ah, sim! — exclamou Eneias Sílvio Carrega, batendo a mão na testa. — Bacias! Diques! É preciso fazer projetos! — E explodia em pequenos gritos e saltos de entusiasmo enquanto uma miríade de ideias inundava sua mente.

Cosme obrigou-o a fazer cálculos e desenhos; nesse meio-tempo convocou os proprietários dos bosques particulares, os arrendatários dos bosques públicos, os lenhadores, os carvoeiros. Todos juntos, sob a direção do cavaleiro advogado (ou seja, o cavaleiro advogado submetido a eles, forçado a dirigi-los e a não se distrair) e tendo Cosme para supervisionar os trabalhos do alto, construíram reservas d'água de modo que em todo ponto no qual surgisse um incêndio fosse possível sincronizar a ação das bombas.

Mas não bastava, era preciso organizar um grupo de vigilantes, equipes que em caso de alarme soubessem logo dispor-se em cadeia para passar baldes d'água de mão em mão e bloquear o incêndio antes que se propagasse. O resultado foi uma espécie de milícia que fazia turnos de guarda e inspeção noturna. Os homens eram recrutados por Cosme entre os camponeses e os artesãos de Penúmbria. De repente, como acontece em qualquer associação, nasceu um espírito corporativo, uma emulação entre as equipes, e sentiam-se prontos para fazer grandes

coisas. Também Cosme sentiu uma nova força e contentamento: descobrira uma aptidão para associar pessoas e dirigi-las; capacidade da qual, para sorte sua, jamais foi levado a abusar, e só a exercitou muito poucas vezes em sua vida, apenas em função de importantes resultados a serem conseguidos, e obtendo sempre êxito.

Compreendeu isto: que as associações tornam o homem mais forte e põem em destaque os melhores dotes dos indivíduos, e produzem a alegria que raramente se obtém ficando isolado, ao ver quanta gente honesta e séria e capaz existe e pelas quais vale a pena desejar coisas boas (ao passo que vivendo por conta própria é mais frequente o contrário, acabamos por ver o outro lado das pessoas, aquele que exige manter sempre a mão na espada).

Portanto, a onda de incêndios trouxe um bom verão: havia um problema comum que todos se empenhavam em resolver, e cada um o colocava na frente de seus interesses pessoais, gratificando-se com a satisfação de ficar em paz e harmonia com tantas outras ótimas pessoas.

Mais tarde, Cosme deverá entender que, quando o problema comum não existe mais, as associações não funcionam bem como antes, e vale mais ser um homem só do que um chefe. Mas por enquanto, sendo um chefe, passava as noites completamente sozinho de sentinela no bosque, em cima de uma árvore, como sempre vivera.

Se por acaso via brilhar um foco de incêndio, instalara no alto de uma árvore uma campainha, que podia ser ouvida de longe e dar o alarme. Com esse sistema, nas três ou quatro vezes em que houve incêndios, conseguiram dominá-los em tempo e salvar os bosques. E, já que existia dolo, descobriram os culpados naqueles dois bandidos, Hugão e Bonitão, e os expulsaram da região. No final de agosto começaram os aguaceiros; o perigo dos incêndios havia passado.

Naquele tempo, em Penúmbria, só se ouvia falar bem de meu irmão. Até à nossa casa chegavam essas opiniões favoráveis, aqueles: “Mas é tão esperto”, “Mas certas coisas ele faz muito bem”, com o tom de quem deseja fazer avaliações objetivas sobre pessoas de diferentes religiões, ou de partidos contrários, e quer demonstrar-se de mente tão aberta que compreende até as ideias mais distantes das suas.

As reações da generala a tais notícias eram bruscas e sumárias.

— Possuem armas? — perguntava, quando lhe falavam da vigilância contra os incêndios organizada por Cosme. — Fazem exercícios? — Pois ela já pensava na constituição de uma milícia armada que pudesse, no caso de uma guerra, tomar parte em operações militares.

Papai, ao contrário, ouvia em silêncio, sacudindo a cabeça de forma que não se entendia se cada notícia sobre aquele filho lhe era dolorosa ou se, em vez disso, estava de acordo, tocado por um fundo de lisonja, não esperando outra coisa a não ser voltar a ter esperanças nele. Devia ser assim, desta última maneira, porque passados alguns dias montou a cavalo e foi procurá-lo.

Encontraram-se num lugar aberto, com uma fila de árvores em volta. O barão conduziu o cavalo para cima e para baixo duas ou três vezes, sem olhar para o filho, mas já o avistara. Partindo da última planta, de salto em salto, o rapaz veio para plantas cada vez mais próximas. Quando chegou na frente do pai, tirou o chapéu de palha (que no verão substituía o boné de gato selvagem) e disse:

— Bom dia, senhor pai.

— Bom dia, filho.

— O senhor vai bem?

— Proporcionalmente aos anos e aos desprazeres.

— Fico feliz de vê-lo animado.

— O mesmo quero dizer de você, Cosme. Ouvi contar que você trabalha pelo bem comum.

— Sou responsável pela proteção das florestas onde vivo, senhor pai.

— Você sabe que uma parte do bosque é propriedade nossa, herança de sua pobre avó Elisabete, boa alma?

— Sim, senhor pai. Na localidade de Belrio. Ali crescem trinta castanheiros, vinte e duas faias, oito pinheiros e um ácer. Tenho cópia de todos os mapas cadastrais. É justamente como membro de família proprietária de bosques que pretendi associar todos os interessados em conservá-los.

— Certo — disse o barão, acolhendo favoravelmente a resposta. Mas acrescentou: — Dizem-me que se trata de uma associação de padeiros, hortelões e cavalariços.

— Também, senhor pai. De todas as profissões, desde que honestas.

— Você sabe que poderia comandar a nobreza vassala com o título de duque?

— Sei que, quando tenho mais ideias do que os outros, entrego aos outros tais ideias, se as aceitam; e isto é comandar.

“E para comandar, hoje, é costume ficar em cima das árvores?”, coçava a língua do barão. Mas de que valia trazer à baila aquela história? Suspirou, absorto em seus pensamentos. Depois desatou o cinturão em que estava pendurada sua espada.

— Você tem dezoito anos... É hora de considerar-se um adulto... Eu já não tenho muito tempo de vida... — E segurava a espada achatada com as duas mãos. — Você se lembra de que é barão de Rondó?

— Sim, senhor pai, lembro meu nome.

— Pretende ser digno do nome e do título que carrega?

— Tratarei de ser o mais digno que possa do nome de homem, e igualmente de todo atributo seu.

— Receba esta espada, a minha espada. — Ergueu-se sobre os estribos, Cosme abaixou-se no galho e o barão conseguiu cingi-la.

— Obrigado, senhor pai... Prometo que farei bom uso dela.

— Adeus, meu filho. — O barão virou o cavalo, deu um breve puxão de rédeas, afastou-se cavalgando lentamente.

Cosme ficou um momento a pensar se não devia cumprimentá-lo com a espada, depois refletiu que o pai lhe dera a arma para defender-se e não para fazer gestos de parada, e a manteve na bainha.

15

Foi naquele período que, frequentando o cavaleiro advogado, Cosme apercebeu-se de algo de estranho no comportamento dele, ou melhor, diferente do habitual, mais ou menos estranho que fosse. Como se seu ar absorto não derivasse mais de distração, mas de um pensamento fixo que o dominava. Os momentos em que se mostrava conversador eram agora mais frequentes, e se antigamente, antissociável como era, jamais punha os pés na cidade, agora ao contrário estava sempre no porto, nas rodas de conversa ou sentado nos espaldões com os velhos patrões e marinheiros, comentando as chegadas e as partidas dos barcos ou as malvadezas dos piratas.

Ao largo das nossas costas chegavam ainda as falucas dos piratas da Barbaria, perturbando os nossos tráficos. Hoje era uma pirataria de pouca monta, não mais como nos tempos em que ao encontrar piratas acabava-se escravo em Túnis ou Argel ou se perdiam nariz e orelhas.

Agora, quando os maometanos conseguiam alcançar uma tartana de Penúmbria, roubavam a carga: barris de bacalhau, fôrmas de queijo holandês, rolos de algodão etc. Às vezes os nossos eram mais ágeis, escapavam, davam um tiro de espingarda contra as velas da faluca; e os bárbaros respondiam cuspiendo, fazendo gestos feios e berrando.

Em suma, era uma pirataria moderada, que continuava por causa de certos créditos que os paxás daqueles países pretendiam exigir dos nossos comerciantes e armadores, não tendo sido — segundo eles — bem atendidos em algum fornecimento, ou até lesados. E assim tratavam de saldar a conta aos poucos, por meio de roubos, mas ao mesmo tempo continuavam as negociações comerciais, com contínuas contestações e pactos. Portanto, não havia interesse nem de uma parte nem de outra em provocar grandes más-criações; e a navegação estava cheia de incertezas e riscos, os quais, todavia, nunca degeneravam em tragédias.

A história que agora contarei foi narrada por Cosme em muitas versões diferentes: vou me ater à mais rica em detalhes e menos ilógica. Mesmo sendo verdade que meu irmão ao contar suas aventuras acrescentava muito de sua lavra, eu, na falta de outras fontes, trato sempre de seguir literalmente o que ele dizia.

Certa vez Cosme, que por montar guarda contra os incêndios adquirira o hábito de acordar à noite, viu uma luz que descia pelo vale. Seguiu-a entre os ramos, silencioso com seu passo de gato, e viu Eneias Sílvio Carrega, que caminhava rapidinho, com o fez e a chimarra, segurando uma lanterna.

O que estaria tramando àquela hora o cavaleiro advogado, que costumava deitar-se com as galinhas? Cosme saiu atrás dele. Estava atento para não fazer barulho, mesmo sabendo que o tio, quando caminhava tão compenetrado, era igual a um surdo e só enxergava um palmo diante dos pés.

Através de atalhos e veredas o cavaleiro advogado chegou à beira-mar, num trecho de praia pedregosa, e começou a agitar a lanterna. Não havia lua, no mar não se conseguia ver nada, exceto um movimento de espuma das ondas mais próximas. Cosme estava num pinheiro, meio distante da margem porque ali rareava a vegetação e já não era fácil aproximar-se pelos galhos. Contudo, distinguia bem o velhote com o

alto fez na costa deserta, que agitava a lanterna voltado para a escuridão do mar, e daquela escuridão lhe respondia uma outra luz de lanterna, de repente, bem próxima, como se tivessem acabado de acendê-la, e emergiu velocíssima uma pequena embarcação com uma vela quadrada escura e remos, diferente dos barcos locais, e aportou.

À ondulante luz das lanternas Cosme viu homens de turbante na cabeça: alguns permaneceram no barco mantendo-o na margem com pequenas pancadas de remos; outros desceram, e tinham amplos calções vermelhos bufantes, e também brilhantes cimitarras na cintura. O tio e aqueles bárbaros falavam entre si, numa língua que não se entendia, ainda que frequentemente se pudesse achar o contrário, e certamente era a famosa língua franca. De vez em quando Cosme entendia uma palavra em nossa língua, sobre a qual Eneias Sílvia insistia, misturando-a com outras palavras incompreensíveis, e as nossas palavras eram nomes de navios, conhecidos nomes de tartanas ou brigues que pertenciam aos armadores de Penúmbria ou que faziam a ligação entre o nosso porto e outros.

Era fácil entender o que estava dizendo o cavaleiro! Informava os piratas sobre os dias de chegada e de partida dos navios de Penúmbria, e sobre a carga, a rota, as armas que levavam a bordo. Agora o velho devia ter contado tudo o que sabia, pois virou-se e foi embora rapidamente, enquanto os piratas subiam na lancha e desapareciam no mar de breu. Pelo modo rápido como se deu a conversa entendia-se que devia ser coisa habitual. Quem sabe há quanto tempo os atentados bárbaros ocorriam seguindo as informações de nosso tio!

Cosme permanecera no pinheiro, incapaz de afastar-se dali, da praia deserta. Ventava, a onda roía as pedras, a árvore gemia em todas as suas juntas e meu irmão batia os dentes, não pelo frio do ar mas pelo frio da triste revelação.

Eis que aquele velhote tímido e misterioso que nós, quando crianças, sempre consideramos não confiável e que Cosme pensava ter aprendido a apreciar e desculpar, revelava-se um traidor imperdoável, um homem ingrato que desejava o mal da terra que o recolhera como um despojo após uma vida de erros... Por quê? A tal ponto o empurrava a nostalgia daquelas regiões e daquela gente entre a qual deveria ter se sentido, uma vez na vida, feliz? Ou então incubava um rancor irrefreável contra esta aldeia em que cada bocado devia saber-lhe à humilhação? Cosme estava

dividido entre o impulso de correr a denunciar as tramoias do espião e salvar as cargas de nossos comerciantes, e o pensamento da dor que isso provocaria em papai, por causa daquele afeto que inexplicavelmente o ligava àquele irmão natural. Cosme já imaginava a cena: o cavaleiro manietado no meio dos policiais, entre duas alas de penúmbrios que o injuriavam, e assim era conduzido até a praça, punham-lhe a corda no pescoço, enforcavam-no... Depois do velório de João do Mato, Cosme havia jurado a si mesmo que nunca mais assistiria a uma execução capital; e agora acontecia de caber a ele ser o árbitro da condenação à morte de um parente!

Atormentou-se com aquele pensamento a noite inteira, e assim continuou por todo o dia seguinte, passando furiosamente de um galho para outro, dando pontapés, erguendo os braços, escorregando pelos troncos, como sempre fazia quando era dominado por um pensamento. Finalmente, tomou uma decisão: escolheria um meio-termo, assustar os piratas e o tio, a fim de que interrompessem suas escusas relações sem necessidade da intervenção da justiça. Iria postar-se naquele pinheiro à noite, com três ou quatro fuzis carregados (consequira montar um arsenal, para as várias necessidades da caça): quando o cavaleiro se encontrasse com os piratas, começaria a disparar uma arma atrás da outra, fazendo zunir as balas por cima da cabeça deles. Ao ouvir uma tal fuzilaria, piratas e tio fugiriam, cada um para o seu lado. E o cavaleiro, que não era decerto um homem audaz, na dúvida de ter sido reconhecido e na certeza de que agora vigiavam aqueles encontros na praia, evitaria repetir suas aproximações com os tripulantes maometanos.

De fato, Cosme, com os fuzis apontados, esperou no pinheiro duas noites. E não aconteceu nada. Na terceira noite, eis o velhote de fez a saltitar tropeçando nos seixos da praia, a fazer sinais com a lanterna, e o barco que chega, com os marinheiros de turbante.

Cosme estava pronto com o dedo no gatilho, mas não disparou. Porque dessa vez era tudo diferente. Após uma breve conversa, dois dos piratas que haviam descido fizeram sinais para a embarcação, e os outros começaram a descarregar coisas: barris, caixas, sacos, garrafões, padiolas cheias de queijos. Não havia um barco só, eram muitos, todos cheios, e uma fila de carregadores de turbante espalhou-se pela praia, precedida por nosso tio natural que os conduzia com sua corridinha hesitante até

uma gruta entre os escolhos. Lá os mouros deixaram todas aquelas mercadorias, certamente o fruto das últimas piratarias.

Por que descarregavam nessa margem? Em seguida foi fácil reconstruir o caso: devendo a faluca bárbara lançar âncora num dos nossos portos (para algum negócio legítimo, como sempre ocorriam entre eles e nós em meio às ações de rapina), e tendo, portanto, de sujeitar-se aos controles alfandegários, era preciso que escondessem as mercadorias roubadas em lugar seguro, para recuperá-las no retorno. Assim a embarcação comprovaria seu não envolvimento nos últimos assaltos e reforçaria as relações comerciais normais com a região.

Tudo isso ficou evidente depois. De momento Cosme não parou para fazer perguntas. Havia um tesouro de piratas escondido numa gruta, os piratas voltavam para o navio e o deixavam ali: era preciso apoderar-se dele o mais rápido possível. Por um momento meu irmão pensou em ir acordar os comerciantes de Penúmbria, que deviam ser os legítimos proprietários das mercadorias. Mas, de repente, lembrou-se de seus amigos carvoeiros, que passavam fome no bosque com a família. Não hesitou: correu pelos galhos direto até os lugares em que, ao redor das cinzentas clareiras de terra batida, os bergamascos dormiam em simples cabanas.

— Rápido! Venham todos! Descobri o tesouro dos piratas!

Sob as tendas e as ramagens das cabanas houve uma agitação só, gente escarrando, xingando, e por fim exclamações maravilhadas, perguntas:

— Ouro? Prata?

— Não vi bem... — disse Cosme. — Pelo cheiro, diria que há uma quantidade de bacalhau e de queijo pecorino!

Diante dessas palavras, levantaram-se todos os homens do bosque. Quem tinha espingardas apanhava espingardas, os outros machadinhas, espetos, escavadeiras ou pás, mas sobretudo pegaram recipientes para colocar coisas, mesmo as cestas estragadas de carvão e os sacos negros. Organizou-se uma grande procissão — Hurra! Hota! —, também as mulheres desciam com as cestas vazias na cabeça, e os meninos encapuzados com os sacos, segurando as tochas. Cosme os precedia do pinheiro do bosque à oliveira, da oliveira ao pinheiro do mar.

Já estavam para virar na ponta do escolho, quando, no alto de uma figueira torta, apareceu a branca sombra de um pirata, levantou a cimitarra e deu o alarme. Com poucos saltos Cosme chegou a um ramo

sobre ele e enfiou-lhe a espada nos rins, até que se jogasse ribanceira abaixo.

Na gruta, havia uma reunião de chefes piratas. (Antes, Cosme não percebera que tinham ficado lá, naquele vaivém do desembarque.) Ouvem o grito da sentinela, saem e se veem rodeados por aquela horda de homens e mulheres sujos de fuligem no rosto, encapuzados com sacos e armados de pás. Erguem as cimitarras e se lançam à frente para abrir espaço. “Hurra! Hota!” “Inxalá!” Começou a batalha.

Os carvoeiros eram mais numerosos, mas os piratas eram superiores em armas. E assim foi: para lutar contra cimitarras, como se sabe, não existe nada melhor do que pás. Deng! Deng!, e aquelas lâminas de Marrocos retiravam-se todas denteadas. As espingardas, ao contrário, produziam barulho e fumaça e depois mais nada. Também alguns dos piratas (oficiais, dava para notar) tinham fuzis muito bonitos de se ver, adamascados; mas na gruta as pedras de centelha haviam umedecido e negavam fogo. Os mais espertos dos carvoeiros insistiam em confundir os oficiais piratas com golpes de pá na cabeça para arrancar-lhe os fuzis. Mas, com aqueles turbantes, cada golpe chegava amaciado como numa almofada; era melhor dar joelhadas no estômago, pois tinham o umbigo de fora.

Visto que a única coisa que não faltava eram pedras, os carvoeiros começaram a dar pedradas. Os mouros, então, pedradas também eles. Com as pedras, finalmente, a batalha ganhou um aspecto mais ordenado, porém como os carvoeiros tendiam a entrar na gruta, cada vez mais atraídos pelo odor de bacalhau que dali saía, e os bárbaros tendiam a fugir rumo à chalupa que permanecera na margem, entre as duas partes faltavam razões significativas de contraste.

Num certo ponto, houve um assalto dos bergamascos que lhes deu acesso à gruta. Os maometanos ainda resistiam sob uma chuva de pedras, quando perceberam que o caminho do mar estava livre. Por que continuavam a resistir? Melhor içar velas e sumir.

Alcançada a pequena barca, três piratas, todos nobres oficiais, desenrolaram a vela. Com um salto de um pinheiro próximo da margem, Cosme lançou-se sobre o mastro, agarrou-se à travessa da verga e, lá de cima, firmando-se com os joelhos desembainhou a espada. Os três piratas ergueram as cimitarras. Com golpes à direita e à esquerda, meu irmão mantinha em xeque todos os três. O barco ainda

parado inclinava-se ora para um lado ora para outro. Apareceu a lua naquele momento e relampejaram a espada dada pelo barão ao filho e as lâminas maometanas. Meu irmão escorregou mastro abaixo e enterrou a espada no peito de um pirata, que caiu n'água. Ágil como uma lagartixa, voltou a subir defendendo-se com duas estocadas dos golpes dos outros, a seguir desceu de novo e perfurou o segundo, subiu outra vez, esgrimiu rápido com o terceiro e com outra de suas escorregadelas atravessou-lhe o metal.

Os três oficiais maometanos estavam em parte dentro d'água e em parte fora, com a barba cheia de algas. Os outros piratas na entrada da gruta viam-se tontos com as pedradas e os golpes de pá. Cosme ainda pendurado no mastro do barco olhava triunfante em torno, quando pulou fora da gruta, desgovernado como um gato com fogo no rabo, o cavaleiro advogado, que lá estivera escondido até então. Correu pela praia de cabeça baixa, deu um empurrão no barco afastando-o da margem, pulou em cima e firmes os remos começou a mover-se com toda a força, navegando em direção ao mar alto.

— Cavaleiro! O que está fazendo? Ficou louco? — dizia Cosme agarrando na verga. — Volte para a praia! Aonde vamos?

Em vão. Era evidente que Eneas Sílvio Carrega queria atingir a nave dos piratas para pôr-se a salvo. Sua vilania estava irremediavelmente descoberta e se permanecesse na praia acabaria no patíbulo. Por isso, remava, remava, e Cosme, embora ainda se achasse com a espada desembainhada na mão e o velho estivesse desarmado e fraco, não sabia o que fazer. No fundo, ser violento contra um tio não lhe agradava, e para alcançá-lo teria de descer da árvore, e a questão se descer a um barco equivalia a descer a terra ou se já não havia derogado suas leis interiores saltando de uma árvore com raízes para um mastro de embarcação era demasiado complicada para ser colocada naquele momento. Assim, não fazia nada, acomodara-se na verga, uma perna de um lado e a outra do outro lado do mastro, e acompanhava a onda, enquanto um leve vento inflava a vela, e o velho não parava de remar.

Ouviu um latido. Sentiu um arrepio de alegria. O cão Ótimo Máximo, que perdera de vista durante a batalha, reaparecia agachado no fundo do barco, e sacudia o rabo como se não houvesse nada. Afinal de contas, refletiu Cosme, não era o caso de ficar tão preocupado: estava em

família, com seu tio, com seu cachorro, andava de barco, o que após tantos anos de vida nas árvores era um agradável divertimento.

A lua caminhava pelo mar. O velho já estava cansado. Remava com esforço, e chorava, e começou a dizer:

— Ah, Zaira... Ah, Alá, Alá, Zaira... Ah, Zaira, inxalá... — E assim, inexplicavelmente, falava em turco, e repetia sem parar, entre lágrimas, este nome de mulher que Cosme jamais ouvira.

— O que está dizendo, cavaleiro? O que se passa? Aonde vamos? — perguntava.

— Zaira... Ah, Zaira... Alá, Alá... — repetia o velho.

— Quem é Zaira, cavaleiro? Pensa que chegará até Zaira, por este caminho?

E Eneias Sílvio Carrega respondia que sim com a cabeça, e falava turco entre lágrimas, e gritava para a lua aquele nome.

Sobre Zaira, a cabeça de Cosme começou logo a moer suposições. Talvez estivesse a ponto de revelar-se o segredo mais profundo daquele homem esquivo e misterioso. Se o cavaleiro, indo rumo à nave pirata, pretendia alcançar essa Zaira, deveria tratar-se de uma mulher que estava lá, naqueles países otomanos. Talvez toda a sua vida tivesse sido dominada pela nostalgia daquela mulher, quem sabe era ela a imagem de felicidade perdida que ele perseguia criando abelhas ou traçando canais. Talvez fosse uma amante, uma esposa que tivesse em terras distantes, nos jardins daqueles países de além-mar, ou quem sabe mais provavelmente uma filha, uma filha sua que não via desde criança. Para procurá-la devia ter tentado durante anos estabelecer contatos com algumas das embarcações turcas ou mouriscas que chegavam a nossos portos, e finalmente deviam ter lhe dado notícias dela. Quem sabe descobrira que se tornara escrava, e para resgatá-la haviam proposto a ele informá-los sobre as viagens das tartanas de Penúmbria? Ou então era um resgate que ele devia pagar para ser readmitido no grupo e embarcar para a terra de Zaira.

Agora, desmascarada a operação, era obrigado a fugir de Penúmbria, e aqueles bárbaros já não podiam recusar-se a levá-lo junto e conduzi-lo até ela. Em suas frases ofegantes e fragmentárias misturavam-se tons de esperança, de súplica, e também de medo: medo de que ainda não fosse o momento certo, de que alguma desventura ainda haveria de separá-lo da criatura desejada.

Já não aguentava mais remar, quando se aproximou uma sombra, uma outra lancha bárbara. Talvez do barco tivessem escutado o barulho da batalha na praia, e agora mandavam batedores.

Cosme desceu até o meio do mastro, para ficar escondido pela vela. O velho, ao contrário, começou a gritar em língua franca que o apanhassem, que o levassem à embarcação, e estendia os braços. De fato, foi ouvido: dois janízaros de turbante, assim que o tiveram ao alcance da mão, agarraram-no pelos ombros, ergueram-no leve como era, e o atiraram na barca deles. Aquela em que estava Cosme, devido ao contragolpe foi empurrada, a vela pegou o vento, e meu irmão, que já se via morto, escapou de ser descoberto.

Afastando-se com o vento, chegavam a Cosme, da lancha pirata, vozes como uma discussão. Uma palavra, dita pelos mouros, que soou semelhante a: “Porco!”, e a voz do velho, que se ouvia repetir como um idiota: “Ah, Zaira!”, não deixavam dúvidas sobre o acolhimento que fora dispensado ao cavaleiro. Certamente consideravam-no responsável pela emboscada na gruta, pela perda do butim, pela morte dos seus, acusavam-no de tê-los traído... Ouviu-se um berro, um baque, depois silêncio; a Cosme voltou a lembrança, nítida como se a ouvisse, da voz do pai quando gritava: “Eneias Sílvio! Eneias Sílvio!”, correndo atrás do irmão natural pelo campo; e escondeu o rosto na vela.

Tornou a subir na verga para ver onde estava indo o barco. Alguma coisa boiava em meio ao mar como transportada por uma corrente, um objeto, uma espécie de boia, mas uma boia com rabo... Um raio de lua bateu em cima, e viu que não era um objeto mas uma cabeça, uma cabeça com fez e laço, e reconheceu o rosto revirado do cavaleiro advogado que mantinha o habitual olhar esgazeado, de boca aberta, e da barba para baixo tudo o mais estava na água e não se via, e Cosme gritou:

— Cavaleiro! Cavaleiro! O que está fazendo? Por que não sobe? Segure no barco! Já o ajudo a subir! Cavaleiro!

Mas o tio não respondia: boiava, boiava, olhando para o alto com aquele olhar esgazeado que parecia não ver nada. E Cosme disse:

— Vai, Ótimo Máximo! Pula na água! Pega o cavaleiro pelo cangote! Salva-o! Salva-o!

O cão obediente mergulhou, tentou agarrar com os dentes a nuca do velho, não conseguiu, pegou-a pela barba.

— Pelo cangote, Otimo Máximo, já disse! — insistiu Cosme, mas o cão levantou a cabeça pela barba e a empurrou para o bordo do barco, e se viu que nuca não havia mais, nem corpo nem nada, era só uma cabeça, a cabeça de Eneias Sílvio Carrega decepada por um golpe de cimitarra.

16

A primeira versão de Cosme sobre o fim do cavaleiro advogado foi bem diferente. Quando o vento levou de volta para a terra o barco, trazendo ele no mastro e seguido por Ótimo Máximo, que arrastava a cabeça decepada, Cosme contou às pessoas que acorreram ao seu chamado — da planta na qual subira rapidamente ajudado por uma corda — uma história bem mais simples: o cavaleiro fora sequestrado pelos piratas e depois morto. Talvez fosse uma variante ditada pela preocupação com o pai, cuja dor teria sido tão grande perante a notícia da morte do irmão e diante daqueles lastimáveis restos que Cosme não teve coragem de agredi-lo com a revelação da infâmia do cavaleiro. Pelo contrário, em seguida, ao ouvir falar do mal-estar em que caíra o barão, tentou construir para nosso tio natural uma glória fictícia, inventando uma luta secreta e astuta dele para derrotar os piratas, à qual ele se dedicava havia tempo e que, descoberta, o teria conduzido ao suplício. Mas era um relato contraditório e lacunoso, mesmo porque havia algo mais que Cosme pretendia ocultar, isto é, o desembarque do butim dos piratas na gruta e a intervenção dos carvoeiros. E de fato, se a coisa ficasse conhecida, toda a população de Penúmbria teria ido ao bosque para recuperar as mercadorias em poder dos bergamascos, tratando-os como ladrões.

Após algumas semanas, quando tinha certeza de que os carvoeiros já haviam consumido tudo, contou o assalto à gruta. E quem chegou a subir para recuperar algo ficou de mãos vazias. Os carvoeiros tinham dividido tudo em partes exatas, o bacalhau filé por filé, os salames, os queijos, e de todo o remanescente haviam feito um grande banquete no bosque que durou o dia inteiro.

Papai envelhecera muito, e a dor pela perda de Eneias Sílvio teve estranhas consequências sobre seu caráter. Adquiriu a mania de impedir que as obras do irmão natural se perdessem. Por isso, queria cuidar ele

mesmo das criações de abelhas, e a isso dedicou-se com grande orgulho, embora antes nunca tivesse visto uma colmeia de perto. Para aconselhar-se, dirigia-se a Cosme, que aprendera algo a respeito; não que lhe fizesse perguntas, mas conduzia o discurso para a apicultura e escutava o que Cosme dizia, e depois o repetia como ordem aos camponeses, com tom irritado e presunçoso, como se fosse coisa bem conhecida. Procurava não se aproximar muito das colmeias, devido àquele medo de levar uma ferroadada, mas queria mostrar que podia superá-lo, e quem sabe quanto lhe custava. Do mesmo modo, dava ordens para escavar certos canais, para executar um projeto iniciado pelo pobre Eneias Sílvio: e se conseguisse seria um êxito, aquela boa alma não conseguira levar a cabo nenhum.

Infelizmente, essa tardia paixão do barão pelas tarefas práticas durou pouco, muito pouco. Um dia andava atarefado e nervoso entre colmeias e canais, e a um movimento brusco viu um par de abelhas que vinham contra ele. Ficou com medo, começou a agitar as mãos, derrubou uma colmeia, fugiu com uma nuvem de abelhas atrás. Correndo às cegas, acabou naquele canal que estavam tentando encher d'água, e o retiraram ensopado.

Foi colocado na cama. Entre a febre pelas picadas e a da gripe pelo banho, parou uma semana; depois poderia dizer-se curado. Porém, foi tomado por um tal desânimo que não queria mais se levantar.

Estava sempre na cama e perdera todo o interesse pela vida. Não conseguira fazer nada do que pretendia, sobre o ducado não falava mais, seu primogênito estava sempre em cima das plantas mesmo agora que já era um homem, seu meio-irmão fora assassinado, a filha, longe, se casara com gente mais antipática do que ela, eu era ainda muito criança para estar ao seu lado e sua mulher demasiado apressada e autoritária. Começou a delirar, a dizer que os jesuítas tinham invadido a casa e não podia sair do quarto e assim, cheio de amarguras e manias como sempre vivera, veio a morrer.

Também Cosme acompanhou o funeral, passando de uma árvore a outra, mas no cemitério não conseguiu entrar, porque nos ciprestes, densos como são de folhagem, ninguém consegue se pendurar de jeito nenhum. Assistiu ao enterro do outro lado do muro e quando todos nós jogamos um punhado de terra sobre o caixão ele atirou um raminho

com folhas. Eu pensava que tínhamos ficado todos sempre distantes de papai como Cosme nas árvores.

Agora, o barão de Rondó era Cosme. A sua vida não mudou. Cuidava, é verdade, dos nossos interesses, mas sempre de forma irregular. Quando os feitores e arrendatários o procuravam, não sabiam nunca onde encontrá-lo; e, quando menos queriam ser vistos por ele, ei-lo no galho mais próximo.

Inclusive para cuidar dos negócios familiares, Cosme agora aparecia mais na cidade, parava na grande nogueira da praça ou nas azinheiras vizinhas ao porto. As pessoas o reverenciavam, chamavam-no de “senhor barão”, e ele assumia poses um pouco de velho, como às vezes agrada aos jovens, e parava ali para contar casos a um grupo de penúmbrios que se espalhava ao pé da árvore.

Continuava a narrar, sempre de formas diferentes, o fim de nosso tio natural, e pouco a pouco foi revelando a convivência do cavaleiro com os piratas, mas, para refrear a indignação imediata dos cidadãos, acrescentou a história de Zaira, quase como se Carrega a tivesse confidenciado a ele antes de morrer, e assim levou-os até a comover-se com o triste destino do velho.

Partindo de pura invenção, acho eu, Cosme chegara, por sucessivas aproximações, a um relato bastante verossímil dos fatos. Aconteceu assim duas ou três vezes; depois, não se cansando os penúmbrios de ouvir o relato, e sempre juntando-se novos ouvintes e todos exigindo novos detalhes, foi levado a fazer acréscimos, ampliações, hipérboles, a introduzir novas personagens e episódios, e assim a história foi se deformando e acabou mais inventada do que no início.

Já então Cosme possuía um público que ficava ouvindo de boca aberta tudo aquilo que ele dizia. Adquiriu o gosto de narrar, e a sua vida nas árvores, as caçadas, o bandido João do Mato, e o cão Ótimo Máximo tornaram-se pretextos de narrativas que não tinham mais fim. (Muitos episódios destas memórias de sua vida são transcritos tal e qual ele os contava a pedido de seu público plebeu, e digo isso para me desculpar se nem tudo o que escrevo parece verdadeiro e compatível com uma visão harmoniosa da humanidade e dos fatos.)

Por exemplo, um daqueles desocupados lhe perguntava:

— Mas é verdade que jamais tirou os pés das árvores, senhor barão?

E Cosme começava:

— Sim, uma vez, por engano, subi nos chifres de um cervo. Acreditava estar passando em cima de um ácer, mas era um cervo, fugido da reserva de caça real, que estava parado ali. O cervo sente o meu peso nos chifres e corre pelo bosque. Nem lhes conto as batidas! Lá em cima eu me sentia atingido por todos os lados, entre as pontas afiadas dos chifres, os espinhos, os galhos do bosque que me acertavam no rosto... O cervo se debatia, procurando livrar-se de mim, eu me mantinha firme...

Suspendia o relato, e eles então:

— É como escapou dessa, senhorzinho?

E ele, todas as vezes, a inventar um final diferente:

— O animal correu, correu, alcançou o bando dos cervos, que ao vê-lo com um homem sobre os chifres em parte fugiam, em parte se aproximavam curiosos. Apontei o fuzil que trazia sempre a tiracolo, e cada cervo que via eu derrubava. Matei cinquenta...

— E onde é que apareceram, por estes lados, cinquenta cervos? — perguntava um daqueles vadios.

— Agora a raça desapareceu. Pois aqueles cinquenta eram todos cervos fêmeas, entenderam? Todas as vezes que o meu cervo se aproximava de uma fêmea, eu disparava, e ela caía morta. O bicho não conseguia entender, e ficava desesperado. Então... então decidi suicidar-se, correu até uma rocha elevada e se jogou de lá. Mas eu me agarrei a um pinheiro do caminho e eis-me aqui!

Ou então era uma batalha que se verificara entre dois cervos, a chifradas, e a cada golpe ele saltava dos chifres de um para os do outro, até que com uma pancada mais forte encontrou-se estatelado num carvalho...

Em resumo, fora dominado por aquela mania de quem conta histórias e nunca sabe se são mais bonitas aquelas que de fato lhe aconteceram e que ao serem recordadas trazem consigo todo um mar de horas passadas, de sentimentos miúdos, tédios, felicidades, incertezas, glórias vãs, náuseas de si próprio, ou então as inventadas, em que se corta grosseiramente, e tudo parece fácil, mas depois quanto mais variamos mais nos damos conta de que voltamos a falar de coisas obtidas ou entendidas a partir da realidade.

Cosme ainda estava na idade em que a vontade de contar dá vontade de viver, e se acredita não ter vivido experiências suficientes para contá-las, e assim partia para a caça, ficava fora durante semanas, depois

voltava para as árvores da praça segurando pelo rabo fuinhas, texugos e raposas, e contava aos penúmbrios novas histórias que, se verdadeiras, narrando-as tornavam-se inventadas e, se inventadas, verdadeiras.

Mas em toda aquela ânsia havia uma insatisfação mais profunda, uma falta, naquela procura de gente que o escutasse existia uma busca diferente. Cosme não conhecia ainda o amor, e toda experiência, sem essa, o que é? De que vale ter arriscado a vida, quando dela ainda não se experimentou o sabor?

As moças camponesas ou vendedoras de peixe passavam pela praça de Penúmbria, e as jovens damas em carruagens, e Cosme da árvore lançava olhares furtivos e ainda não entendera bem por que em todas havia algo que ele procurava e que não estava inteiramente em nenhuma. À noite, quando nas casas se acendiam as luzes e nos ramos Cosme estava sozinho com os olhos amarelos das corujas, ocorria-lhe sonhar com o amor. Enchia-se de admiração e inveja dos casais que marcavam encontro atrás das sebes e entre as fileiras de plantas, e os acompanhava com o olhar enquanto se perdiam na escuridão, porém quando se deitavam ao pé da árvore em que estava fugia todo envergonhado.

Então, para vencer o pudor natural de seus olhos, ficava observando o amor dos animais. Na primavera, o mundo sobre as árvores era um mundo nupcial: os esquilos amavam-se com movimentos e gemidos quase humanos, os pássaros se acasalavam batendo as asas, até as lagartixas corriam juntas, com os rabos enlaçados; e os porcos-espinhos pareciam ter se tornado macios para fazer mais doces seus abraços. O cão Ótimo Máximo, nem um pouco intimidado por ser o único bassê de Penúmbria, cortejava grandes cadelas dos pastores, ou cadelas-lobos, com arrogante audácia, confiante na simpatia natural que despertava. Às vezes voltava desconjuntado pelas mordidas; mas bastava um amor bem-sucedido para compensá-lo de todas as derrotas.

Também Cosme, como Ótimo Máximo, era o único exemplar de uma espécie. Em seus sonhos de olhos abertos, via-se amado por belíssimas donzelas; mas como encontraria o amor, estando em cima das árvores? Ao fantasiar, conseguia não imaginar onde aquelas coisas aconteceriam, se no chão ou nas alturas em que andava: um lugar sem lugar, imaginava, como um mundo ao qual se chega andando para cima, não

para baixo. Isto: talvez existisse uma árvore tão alta que subindo tocasse um outro mundo, a lua.

No entanto, com aquele hábito das conversas na praça, sentia-se cada vez menos satisfeito consigo mesmo. E desde quando, num dia de feira, um tipo, vindo da aldeia vizinha de Olivabaixa, disse: “Oh, vocês também possuem o seu espanhol!”, e, ante as perguntas sobre o significado daquilo, respondeu: “Em Olivabaixa existe todo um clã de espanhóis que vivem em cima das árvores!”, Cosme não teve mais paz até que não empreendeu, através das árvores dos bosques, uma viagem para Olivabaixa.

17

Olivabaixa era uma aldeia do interior. Cosme chegou lá depois de dois dias de caminhada, superando perigosamente os trechos de vegetação mais escassa. No percurso, próximo aos lugares habitados, as pessoas que nunca o tinham visto gritavam maravilhadas, e alguns lhe atiravam pedras, razão pela qual tratou de passar despercebido o mais possível. Mas, à medida que se aproximava de Olivabaixa, deu-se conta de que, se algum lenhador ou lavrador ou colhedor de azeitonas o via, não demonstrava nenhum estupor, ao contrário, os homens o cumprimentavam tirando o chapéu, como se o conhecessem, e diziam palavras certamente não pertencentes ao dialeto local, que na boca deles soavam estranhas, como:

— *Señor! Buenos días, señor!*

Era inverno, parte das árvores estava nua. Em Olivabaixa o casario era atravessado por uma dupla fila de plátanos e de olmos. E meu irmão, aproximando-se, viu que entre os ramos nus havia pessoas, uma ou duas ou até três por árvore, sentadas ou em pé, em atitude grave. Em poucos saltos alcançou-as.

Eram homens com vestimentas nobres, tricórnios emplumados, grandes mantos, e mulheres com expressão igualmente nobre, com véus na cabeça, que estavam sentadas nos galhos em grupos de duas ou três, algumas bordando, e olhando de vez em quando para a estrada com um breve movimento lateral do busto e um apoiar do braço ao longo do ramo, como num parapeito.

Os homens dirigiam-lhe cumprimentos como cheios de amarga compreensão:

— *Buenos días, señor!* — E Cosme se inclinava e tirava o chapéu.

Um que parecia o mais autorizado dentre eles, um obeso, encastrado na forquilha de um plátano do qual parecia não poder mais levantar-se, uma pele de doente do fígado, sob a qual a sombra dos bigodes e da barba raspados transparecia negra apesar da idade avançada, pareceu perguntar a um vizinho seu, macilento, magro, vestido de preto e também ele com as bochechas escuras de barba feita, quem seria aquele desconhecido que se movimentava pela fileira de árvores.

Cosme pensou que era chegado o momento de apresentar-se.

Foi até o plátano do senhor obeso, inclinou-se e disse:

— Barão Cosme Chuvasco de Rondó, para servi-lo.

— *Rondos? Rondos?* — inquiriu o obeso. — *Aragonés? Gallego?*

— Não, senhor.

— *Catalán?*

— Não, senhor. Sou desta região.

— *Desterrado también?*

O gentil-homem magro sentiu-se na obrigação de intervir e servir de intérprete, muito pomposamente.

— Diz Sua Alteza Frederico Alonso Sanchez de Guatamurra y Tobasco se Vossa Senhoria é também um eLivros, uma vez que o vemos deambular por estas ramagens.

— Não, senhor. Ou, pelo menos, não eLivros por decreto alheio.

— *Viaja usted sobre los árboles por gusto?*

E o intérprete:

— Sua Alteza Frederico Alonso se compraz em indagar-lhe se é por gosto pessoal que Vossa Senhoria percorre este itinerário.

Cosme pensou um pouco, e respondeu:

— Porque penso que seja adequado a mim, embora ninguém me imponha tal trajeto.

— *Feliz usted!* — exclamou Frederico Alonso Sanchez, suspirando. — *Ay de mí, ay de mí!*

E a personagem de negro, a explicar, cada vez mais pomposa:

— Sua Alteza considera que Vossa Senhoria deve ser considerada feliz por desfrutar de tamanha liberdade, a qual não podemos deixar de comparar ao nosso constrangimento, que suportamos resignados à vontade de Deus — e persignou-se.

Assim, entre uma lacônica exclamação do príncipe Sanchez e uma circunstanciada versão do senhor vestido de negro, Cosme conseguiu reconstruir a história da colônia que se hospedava nos plátanos. Eram nobres espanhóis, rebelados contra o rei Carlos III por questões de privilégios feudais negados, e por isso mandados para o exílio com as famílias. Tendo chegado a Olivabaixa foram proibidos de continuar a viagem: de fato, aqueles territórios, com base num antigo tratado com Sua Majestade Católica, não podiam dar abrigo a pessoas exiladas da Espanha e nem mesmo ser atravessados por elas. A situação daquelas famílias nobres era bem difícil de ser resolvida, porém os magistrados de Olivabaixa, que não queriam ter problemas com as chancelarias estrangeiras mas que tampouco tinham razões de aversão por aqueles ricos viajantes, chegaram a uma conciliação: a letra do tratado prescrevia que os eLivross não deveriam “tocar o solo” daquele território, portanto bastava que ficassem nas árvores e tudo estaria em ordem. Assim, os eLivross haviam subido nos plátanos e olmos, com escadas cedidas pela prefeitura que depois foram retiradas. Estavam empoleirados lá em cima havia alguns meses, confiando no clima ameno, num próximo decreto de anistia de Carlos III e na providência divina. Possuíam uma reserva de dobrões espanhóis e compravam mantimentos, incrementando o comércio da cidade. Para levar os pratos para cima, tinham instalado alguns cestos sobe e desce. Noutras árvores havia baldaquinos sob os quais dormiam. Em resumo, aprenderam a adaptar-se, ou seja, tinham sido os moradores de Olivabaixa a equipá-los tão bem, pois conseguiam um bom retorno. Os eLivross, por sua vez, não mexiam um dedo durante o dia inteiro.

Era a primeira vez que Cosme encontrava outros seres humanos vivendo sobre as árvores, e começou a fazer perguntas práticas.

— E quando chove, como é que vocês fazem?

— *Sacramos todo el tiempo, señor!*

E o intérprete, que era o padre Sulpício de Guadalete, da Companhia de Jesus, eLivros desde que sua ordem fora prescrita da Espanha:

— Protegidos por nossos baldaquinos, dirigimos o pensamento ao Senhor, agradecendo-lhe pelo pouco que nos basta!...

— Não caçam nunca?

— *Señor, algunas veces con el visco.*

— Às vezes um de nós unta de visgo um galho, para distrair-se.

Cosme não se cansava de verificar como haviam resolvido alguns problemas que se tinham apresentado também a ele.

— E para lavar-se, para lavar-se, como fazem?

— *Para lavar? Hay lavanderas!* — disse dom Frederico, com um levantar de ombros.

— Entregamos nossas roupas às lavadeiras da aldeia — traduziu dom Sulpício. — Todas as segundas-feiras, para ser preciso, baixamos o cesto da roupa suja.

— Não, eu estava falando de lavar o rosto e o corpo.

Dom Frederico grunhiu e deu de ombros, como se este problema nunca tivesse se apresentado a ele.

Dom Sulpício sentiu-se no dever de interpretar:

— Segundo a opinião de Sua Alteza, estas são questões particulares de cada um.

— E, data venia, onde fazem as necessidades?

— *Ollas, señor.*

E dom Sulpício, sempre com seu tom modesto:

— Usam-se alguns urinóis, na verdade.

Despedindo-se de dom Frederico, Cosme foi conduzido pelo padre Sulpício para visitar os vários membros da colônia, em suas respectivas árvores residenciais. Todos aqueles fidalgos e aquelas damas mantinham, mesmo com os inevitáveis incômodos da permanência, atitudes habituais e comedidas. Certos homens, para ficar acavalados nos galhos, usavam selas de montar, e isso agradou muito a Cosme, que em tantos anos nunca pensara nisso (muito útil por causa dos estribos — notou logo — que eliminam o inconveniente de se dever manter os pés pendurados, coisa que após algum tempo provoca câibras). Alguns apontavam binóculos de marinheiro (um deles possuía o grau de almirante) que talvez só servissem para se olharem entre si de uma árvore para outra, dar largas à curiosidade e fazer fofocas. As senhoras e senhoritas sentavam-se todas em almofadas bordadas por elas próprias, trançando agulhas (eram as únicas pessoas de algum modo ocupadas) ou então acariciando grandes gatos. Gatos não faltavam naquelas árvores, bem como pássaros, estes em gaiolas (quem sabe eram as vítimas do visgo), excetuando algumas pombas livres que vinham pousar nas mãos das donzelas, e eram tristemente acariciadas.

Nessas espécies de salões arbóreos Cosme era recebido com hospitaleira austeridade. Ofereciam-lhe café, em seguida punham-se a falar dos palácios que haviam abandonado em Sevilha, em Granada, e das suas propriedades e celeiros e escuderias, e convidavam-no para o dia em que fossem reintegrados em suas honras. Do rei que os havia banido falavam com um tom que era ao mesmo tempo de fanática aversão e de devota reverência, às vezes conseguindo separar perfeitamente a pessoa contra a qual suas famílias estavam em luta e o título real de cuja autoridade emanava também a deles. Às vezes, ao contrário, excitados pelo tema, misturavam os dois modos de consideração opostos num só impulso: e Cosme, toda vez que o discurso caía sobre o soberano, já não sabia mais que expressão adotar.

Pairava sobre todos os gestos e conversas dos eLivross uma aura de tristeza e luto, que em parte correspondia à natureza deles, em parte a uma determinação voluntária, como acontece com quem combate por uma causa da qual não está bem convencido e trata de compensar com a importância da contenda.

Nas moças — que numa primeira olhada pareceram a Cosme todas um tanto peludas e de peles opacas — ondulava uma pontinha de vibração, sempre contida a tempo. Duas delas jogavam peteca, de um plátano a outro. Tique e taque, tique e taque, depois um gritinho: a peteca caía no chão. Era recuperada por um menino de Olivabaixa que para devolvê-la exigia duas *pesetas*.

Na última árvore, um olmo, estava um velho, chamado de El Conde, sem peruca, mal trajado. O padre Sulpício, aproximando-se, baixou a voz, e Cosme foi induzido a imitá-lo. El Conde de vez em quando afastava um galho com um braço e observava o declive da colina e uma planície ora verde ora amarelada que se perdia na distância.

Sulpício murmurou aos ouvidos de Cosme uma história de um filho detido nos cárceres do rei Carlos e torturado. Cosme entendeu que ao passo que todos aqueles fidalgos posavam de eLivross, mas deviam a cada instante lembrar e repetir por que e como se encontravam ali, só aquele velho sofria de verdade. Aquele gesto de afastar o ramo como esperando ver surgir uma outra terra, aquele inserir pouco a pouco o olhar na distância ondulada como esperando jamais encontrar o horizonte, conseguir identificar uma aldeia tão longínqua, era o primeiro sinal verídico de exílio que Cosme via. E compreendeu o

quanto contava para os demais fidalgos a presença do conde, como se fosse ela que os mantinha unidos, que lhes dava um sentido. Era ele, talvez o mais pobre, certamente entre eles o que tinha menos autoridade na pátria, quem dizia o que deviam sofrer e esperar.

Retornando das visitas, Cosme distinguiu num amieiro uma menina que não notara antes. Com dois pulos chegou lá.

Era uma jovem com olhos de belíssima cor de pervinca e pele perfumada. Segurava um balde.

— Como é que quando fui apresentado a todos não a vi?

— Andava em busca de água no poço. — E sorriu.

Do balde, meio inclinado, caiu água. Ele a ajudou a segurá-lo.

— Então vocês descem das árvores?

— Não; há uma cerejeira torta que faz sombra para o poço. Dali baixamos os baldes. Venha.

Caminharam por um ramo, ultrapassando o muro de um pátio. Ela o conduziu até a passagem acima da cerejeira. Embaixo ficava o poço.

— Viu, barão?

— Como sabe que sou um barão?

— Sei de tudo. — Sorriu. — Minhas irmãs logo me informaram de sua visita.

— São aquelas da peteca?

— Irene e Raimunda, exatamente.

— As filhas de dom Frederico?

— Sim...

— E o seu nome?

— Úrsula.

— Você anda nas árvores melhor do que qualquer outro aqui.

— Já andava quando era criança: em Granada tínhamos grandes árvores no *patio*.

— Seria capaz de colher aquela rosa? — Em cima de uma árvore florescera uma rosa trepadeira.

— Que pena: não.

— Bem, vou colhê-la eu para você. — Movimentou-se, voltou com a flor.

Úrsula sorriu e estendeu as mãos.

— Quero colocá-la eu mesmo. Diga-me onde.

— Na cabeça, obrigada. — E acompanhou a mão dele.

— Agora diga-me: seria capaz — Cosme perguntou — de alcançar aquela amendoeira?

— Como se faz? — Riu. — Não sei voar.

— Espere. — E Cosme preparou um laço. — Se você se deixar amarrar por esta corda, puxo do outro lado, como numa roldana.

— Não... Tenho medo. — Mas ria.

— É o meu sistema. Viajo assim há anos, fazendo tudo sozinho.

— Virgem Maria!

Transportou-a para o outro lado. Depois seguiu atrás. Era uma amendoeira jovem e não muito grande. Estavam perto um do outro. Úrsula ainda estava ofegante e vermelha por causa daquele voo.

— Assustada?

— Não. — Mas seu coração acelerava.

— A rosa não caiu — disse ele e a tocou para arrumá-la.

Assim, rentes à árvore, a cada gesto se abraçavam.

— Uh! — disse ela, e, iniciativa dele, se beijaram.

Desse modo começou o amor, o rapaz feliz e aturdido, ela feliz e nem um pouco surpresa (para as moças nada acontece por acaso). Era o amor tão esperado por Cosme e agora inesperadamente surgido, e tão belo que não entendia como não pudera imaginá-lo tão belo antes. E da sua beleza a coisa mais nova era o fato de ser tão simples, e ao jovem naquele momento pareceu que deveria ser sempre assim.

18

Floresceram os pessegueiros, as amendoeiras, as cerejeiras. Cosme e Úrsula passavam juntos os dias nas árvores em flor. A primavera coloria de alegrias até a fúnebre vizinhança dos parentes.

Na colônia dos eLivross meu irmão logo soube tornar-se útil, ensinando os vários modos de passar de uma árvore para outra e encorajando aquelas famílias nobres a sair da habitual compostura para exercitar-se um pouco. Lançou até alguns pontos de corda que permitiam aos eLivross mais velhos visitar-se. E assim, em quase um ano de permanência entre os espanhóis, dotou a colônia de muitos equipamentos por ele inventados: reservatórios de água, pequenos fornos, sacos forrados com peles para dormir. O desejo de fazer novas invenções conduzia-o a reforçar os costumes daqueles fidalgos mesmo quando não coincidiam com as ideias de seus autores favoritos: assim,

verificando o desejo daquelas piedosas pessoas de confessar-se regularmente, escavou dentro de um tronco um confessionário, no qual podia entrar o magro dom Sulpício e de uma janelinha com cortina e grade ouvir os pecados deles.

A simples paixão pelas inovações técnicas, afinal de contas, não bastava para livrá-lo da sujeição às normas vigentes; eram necessárias ideias. Cosme escreveu ao livreiro Orbeque pedindo a ele que de Penúmbria lhe enviasse pelo correio os volumes que tivessem chegado naquele período. Assim pôde emprestar a *Úrsula Paulo e Virgínia* e *A nova Heloísa*.

Os eLivross faziam frequentes reuniões num grande carvalho, assembleias em que redigiam cartas ao soberano. Essas cartas em princípio deviam ser sempre de protesto indignado e de ameaça, quase ultimatoss; mas, a um certo ponto, por algum deles eram propostas fórmulas mais brandas, mais respeitossas, e assim terminava-se numa súplica em que se prosternavam humildemente aos pés das Graciosas Majestades implorando-lhes o perdão.

Então levantava-se El Conde. Todos emudeciam. El Conde, olhando para o alto, começava a falar, em voz baixa e vibrante, e dizia tudo aquilo que trazia no coração. Quando se sentava outra vez, os outros permaneciam sérios e mudos. Ninguém se referia mais à súplica.

Cosme já fazia parte da comunidade e participava das sessões. E nelas, com ingênuo fervor juvenil, explicava as ideias dos filósofos, e os erros dos soberanos, e como os estados podiam ser dirigidos com razão e justiça. Mas, dentre todos, os únicos que podiam acompanhá-lo eram El Conde, que, apesar de velho, empenhava-se sempre na busca de um modo de compreender e reagir, Úrsula, que lera alguns livros, e uma dupla de moças um pouco mais espertas do que as outras. O restante da colônia não passava de um bando de cabeças ocas.

Em suma, esse conde, vira e mexe, em vez de estar sempre a contemplar a paisagem começou a ter vontade de ler alguns livros. Rousseau pareceu-lhe meio desagradável; de Montesquieu, ao contrário, ele gostava: já era um passo. Os demais fidalgos, nada, embora alguns às escondidas de padre Sulpício pedissem emprestada a *Pulzella* para ler as páginas mais picantes. Assim, com o conde que maquinava novas ideias, as reuniões no carvalho adquiriram um outro viés: agora se falava em ir para a Espanha fazer a revolução.

A princípio, padre Sulpício não percebeu o perigo. Ele não era particularmente esperto e, alheio a toda a hierarquia dos superiores, não estava mais em dia quanto aos venenos das consciências. Mas assim que pôde reordenar as ideias (ou então, dizem outros, recebeu certas cartas com lacres episcopais) começou a dizer que o demônio penetrara naquela comunidade e que era de esperar uma chuva de raios que incendiaria as árvores com todos eles em cima.

Uma noite Cosme acordou com um lamento. Acorreu com uma lanterna e no olmo do conde viu o velho já amarrado na árvore e o jesuíta que apertava os nós.

— Alto lá, padre! O que é isto?

— O braço da Santa Inquisição, filho! Agora toca este velho desgraçado, para que confesse a heresia e cuspa o demônio. Depois será a sua vez!

Cosme puxou da espada e cortou as cordas.

— Em guarda, padre! Existem também outros braços, que servem à razão e à justiça!

O jesuíta retirou do manto uma espada desembainhada.

— Barão de Rondó, sua família desde algum tempo tem uma conta em suspenso com minha ordem!

— Tinha razão meu pai, que Deus o tenha! — exclamou Cosme cruzando o ferro. — A companhia não perdoa!

Bateram-se equilibrando-se nos galhos. Dom Sulpício era um excelente esgrimista, e várias vezes meu irmão se viu em apuros. Estavam no terceiro assalto quando El Conde, voltando a si, começou a gritar. Os outros e Livross despertaram, acorreram, interpuseram-se entre os dois duelistas. Sulpício logo fez desaparecer sua espada e como se nada houvesse acontecido tratou de recomendar calma.

Fazer silêncio sobre um fato tão grave seria impensável em qualquer outra comunidade, menos naquela, com a preocupação de reduzir ao mínimo todos os pensamentos que afloravam em suas cabeças. Assim dom Frederico ofereceu seus bons préstimos e chegou-se a uma espécie de conciliação entre dom Sulpício e El Conde, que deixaram tudo como antes.

Cosme, certamente, devia se manter alerta, e quando andava pelas árvores com Úrsula temia sempre ser espionado pelo jesuíta. Sabia que ele andava pondo pulgas atrás da orelha de dom Frederico para que não

deixasse mais a moça sair com ele. Aquelas famílias nobres, na verdade, eram educadas segundo costumes muito fechados; mas ali estavam em cima das árvores, no exílio, não ligavam mais para muitas coisas. Cosme parecia-lhes um bom rapaz, titulado, e sabia tornar-se útil, ficava lá com eles sem que ninguém lhe tivesse imposto isso; e, mesmo se percebiam que entre ele e Úrsula devia haver algo de terno e os viam afastar-se frequentemente para procurar flores e frutas, fechavam um olho para não ter o que criticar.

Porém, agora que dom Sulpício disseminava veneno, dom Frederico não podia mais fingir que não sabia de nada. Chamou Cosme para conversar no seu plátano. Ao lado estava Sulpício, comprido e negro.

— *Baron*, tu és visto com frequência com minha *niña*, me dizem.

— Ensina-me a *hablar vuestro idioma*, Alteza.

— Quantos anos tens?

— Vou pelos *diez y nueve*.

— *Joven!* Demasiado jovem! Minha filha é uma moça em idade de casar. *Por qué* fazes companhia a ela?

— Úrsula tem dezessete anos...

— Já pensas em *casarte*?

— Em quê?

— Minha filha te ensina mal *el castellano, hombre*. Pergunto se pensas em escolher uma *novia*, em construir uma casa.

Sulpício e Cosme, juntos, fizeram um gesto como se pusessem as mãos para a frente. A conversa tomava um certo rumo que não era aquele pretendido pelo jesuíta e muito menos por meu irmão.

— Minha casa... — disse Cosme e apontou ao redor, em direção aos ramos mais altos, as nuvens —, minha casa está por toda a parte, onde quer que seja possível subir, andando para o alto...

— *No es esto*. — E o príncipe Frederico Alonso sacudiu a cabeça. — *Baron*, se queres vir para Granada quando voltarmos, verás o mais rico feudo da Sierra. *Mejor que aquí*.

Dom Sulpício já não conseguia ficar calado:

— Mas, Alteza, este jovem é um voltairiano... Não deve mais frequentar sua filha...

— *Oh, es joven, es joven*, as ideias vão e vem, *que se case*, casando isso passa, vem para Granada, vem.

— *Muchas gracias a usted...* Pensarei nisso... — E Cosme revirando nas mãos o boné de pele de gato retirou-se com muitas reverências.

Quando reviu Úrsula estava preocupado.

— Sabe, Úrsula, seu pai conversou comigo... Veio com umas histórias...

Úrsula se assustou.

— Não quer que a gente se veja mais?

— Não é isso... Gostaria que eu, quando termine o exílio, vá com vocês para Granada...

— Ah, sim! Que bom!

— Bem, veja, eu gosto de você, mas vivi sempre em cima das árvores, e pretendo continuar...

— Oh, Cosme, temos belas árvores também lá em nossa terra...

— Sim, mas para fazer a viagem com vocês teria de descer, e uma vez tendo descido...

— Não se preocupe, Cosme. De qualquer modo, hoje somos eLivross e talvez continuemos assim por toda a vida.

E meu irmão não se preocupou mais.

Mas Úrsula não calculara bem. Depois de pouco tempo chegou a dom Frederico uma carta com os lacres reais espanhóis. O exílio, por gracioso indulto de Sua Majestade Católica, fora revogado. Os nobres degredados podiam retornar às próprias casas e aos próprios bens. Imediatamente houve uma grande agitação nos plátanos.

— Vamos voltar! Vamos voltar! Madri! Cádiz! Sevilha!

A notícia correu pela cidade. Os habitantes de Olivabaixa chegaram com escadas. Entre os eLivross, alguns desciam, festejados pelo povo, outros juntavam as bagagens.

— Mas não acabou! — exclamava El Conde. — As Cortes vão ouvir-nos! E a Coroa! — E como seus companheiros de exílio naquele momento não queriam lhe dar atenção, e as damas já se preocupavam com os vestidos fora de moda, com o guarda-roupa a ser renovado, ele começou a fazer grandes discursos para a população de Olivabaixa: — Agora vamos para a Espanha e vocês verão! Lá ajustaremos as contas! Eu e este jovem faremos justiça! — E apontava para Cosme. E Cosme, confuso, fazia sinais negativos.

Dom Frederico, carregado, descera para o chão.

— *Baja, joven bizarro!* — gritou para Cosme. — Jovem valoroso, desce! Vem conosco para Granada!

Cosme, encolhido num galho, se defendia.

E o príncipe:

— *Como no?* Serás como um filho meu!

— O exílio acabou! — dizia El Conde. — Finalmente podemos pôr em prática aquilo que discutimos por tanto tempo! O que vai ficar fazendo em cima das árvores, barão? Não há mais motivo!

Cosme abriu os braços.

— Subi aqui antes dos senhores, e aqui hei de continuar!

— Queira descer! — gritou El Conde.

— Não: resistirei — respondeu o barão.

Úrsula, que fora das primeiras a descer e com as irmãs se ocupava em arrumar as bagagens numa charrete, precipitou-se na direção da árvore.

— Então fico com você! Fico com você! — E correu para a escada.

Quatro ou cinco a detiveram, arrancaram-na de lá, tiraram a escada das árvores.

— *Adiós*, Úrsula, seja feliz! — disse Cosme, enquanto transportavam-na à força para a charrete que partia.

Explodiu um latido festivo. O bassê Ótimo Máximo, que durante todo tempo em que seu patrão permanecera em Olivabaixa, demonstrara um descontentamento litigioso, talvez exasperado pelas contínuas brigas com os gatos dos espanhóis, agora parecia voltar a ser feliz. Começou a perseguir, de brincadeira, os poucos gatos remanescentes, esquecidos nas árvores, que eriçavam o pelo e bufavam para ele.

Alguns a cavalo, outros de charrete, outros de berlinda, os eLivross partiram. A estrada esvaziou-se. Nas árvores de Olivabaixa restou meu irmão, sozinho. Presas aos ramos havia ainda algumas plumas, alguma fita ou renda que se agitava ao vento, e uma luva, uma sombrinha com espiguiha, um leque, uma bota com espora.

19

Era um verão feito de luas cheias, coaxar de rãs, cantos de tentilhões, quando o barão reapareceu em Penúmbria. Dava a impressão de estar dominado por uma inquietude de pássaro: saltava de galho em galho, intrometido, assustadiço, inconcludente.

Logo começou a circular o boato de que uma certa Chica, do outro lado do vale, era sua amante. O que havia de certo era que a moça vivia numa casa solitária, com uma tia surda, e um ramo de oliveira passava ali perto da janela. Os desocupados da praça discutiam se era ou não era.

— Vi os dois, ela no parapeito, ele no galho. Ele se agitava como um morcego e ela ria!

— Num determinado momento ele dá um salto!

— Que nada: se jurou nunca descer das árvores em sua vida...

— Bem, ele estabeleceu as regras, pode estabelecer também as exceções...

— Hum, se se começa com exceções...

— Não, quero dizer: é ela quem salta da janela para a oliveira!

— E como se arranjam? Devem ficar sem posição...

— Acho que nunca se tocaram. Sim, ele a corteja, ou então é ela quem o provoca. Mas ele não desce de lá de cima...

Sim, não, ele, ela, o parapeito, o salto, o ramo... as discussões não tinham fim. Os noivos e os maridos, agora, brigavam se suas namoradas ou esposas levantavam os olhos para uma árvore. As mulheres, por sua vez, assim que se encontravam, “Ti ti ti...”, de quem falavam? Dele.

Chica ou não Chica, meu irmão tinha os seus casos sem jamais descer das árvores. Encontrei-o certa vez a correr pelos galhos com um colchão, com a mesma naturalidade com que o víamos carregar fuzis, cordas, machadinhas, alforjes, cantis, saquinhos de pólvora.

Uma certa Doroteia, mulher licenciada, confessou-me ter se encontrado com ele, por iniciativa própria, e não por dinheiro, mas para ter uma ideia de como era.

— E que tal a experiência?

— Ah! Estou bem contente...

Uma outra, uma tal de Zobeida, contou-me ter sonhado com “o homem trepador” (assim o chamava) e o sonho era tão rico em detalhes que chego a pensar que o tivesse realmente vivido.

Bem, não sei como acontecem essas coisas, mas Cosme devia exercer um certo fascínio sobre as mulheres. Desde que convivera com os espanhóis passara a cuidar-se mais, e deixara de circular vestido de peles como um urso. Andava de calças e casaca bem cortada e cartola à inglesa, e raspava a barba e penteava a peruca. Para ser franco, agora era

difícil dizer, do modo como andava vestido, se ia para a caça ou para um encontro galante.

O fato é que uma nobre senhora madura cujo nome não digo, aqui de Penúmbria (ainda estão vivas as filhas e os netos, e poderiam ofender-se, mas naquele tempo era uma história que se contava pelas esquinas), viajava sempre de carruagem, sozinha, com o velho cocheiro em seu assento, e se fazia conduzir pelo trecho da estrada principal que passa pelo bosque. Num certo ponto dizia ao cocheiro: “Tônico, o bosque está cheio de cogumelos. Vai, enche este cesto e depois volta”, e lhe dava um cabaz. O pobre homem, com seus reumatismos, pulava do assento, punha o cabaz nas costas, saía da estrada e abria caminho entre as samambaias, inclinando-se a fuçar embaixo de cada folha para descobrir cogumelos. Nesse ínterim, a nobre senhora desaparecia da carruagem, como se fosse raptada pelos céus, em direção às densas frondes que sombreavam a estrada. Não se sabe de mais nada, exceto que, muitas vezes, quem por ali passava podia ver a carruagem parada e vazia no bosque. Depois, misteriosamente como desaparecera, eis a nobre senhora sentada de novo na carruagem, olhando ao redor, lânguida. Voltava Tônico, enlameado, com os poucos cogumelos espalhados no cabaz, e partiam.

Histórias desse tipo contavam-se tantas, especialmente na casa de certas damas genovesas que promoviam reuniões para homens ricos (também eu as frequentava quando era solteiro), e assim aquelas cinco senhoras devem ter tido vontade de fazer visitas ao barão. De fato, fala-se de um carvalho que se chama ainda o Carvalho das Cinco Peruas, e nós, velhos, sabemos o que isso significa. Foi um tal de Zé, comerciante de passas de uva, que contou, homem ao qual se pode dar crédito. Era um belo dia de sol, e este Zé ia caçar no bosque; chega àquele carvalho e o que vê? Cosme distribuía as cinco pelos galhos, uma aqui e outra ali, e desfrutavam o bom tempo, todas nuas, com sombrinhas abertas para não se queimarem com o sol, e o barão estava lá no meio, a ler versos latinos, não conseguiu distinguir se de Ovídio ou de Lucrécio.

Tantas histórias se contavam, e o que tinham de verdadeiro não sei: naquele tempo ele era reservado e pudico sobre tais coisas; depois de velho, ao contrário, contava a mais não poder, porém, quase sempre, casos sem pé nem cabeça e que nem ele conseguia entender. Acontece que naquele tempo surgiu o costume de, quando uma moça engravidava

e não se sabia quem era o responsável, atribuir-se a culpa a ele, era cômodo. Uma vez, uma moça contou que estava colhendo azeitonas e se sentira transportada por dois braços longos como de um macaco... Em pouco tempo pariu gêmeos. Penúmbria encheu-se de bastardos do barão, reais ou fictícios. Agora cresceram e alguns, de fato, parecem-se com ele: mas também poderia ser mera sugestão, pois as mulheres grávidas ao verem Cosme saltar de repente de um galho para outro certas vezes ficavam perturbadas.

Contudo, em geral não acredito nestas histórias contadas para explicar os nascimentos. Não sei se teve tantas mulheres como afirmam, mas é certo que aquelas que o haviam conhecido preferiam ficar caladas.

E depois, se tinha tantas mulheres atrás dele, não se explicariam as noites de lua quando ele circulava como um gato, pelos pés de figo, ameixeiras e romãzeiras próximos do casario, naquela região de pomares que domina a parte externa das casas de Penúmbria, e se lamentava, emitia uma espécie de suspiros, ou bocejos, ou gemidos, que por mais que ele pretendesse suportar, controlar, dar-lhes ares de manifestações banais, saíam-lhe da garganta como grunhidos ou urros. E os moradores de Penúmbria, que já estavam habituados, surpreendidos no sono nem se assustavam, viravam-se na cama e diziam: “Olha o barão procurando mulher. Esperemos que encontre, e nos deixe dormir”.

Às vezes, algum velho, daqueles que sofrem de insônia e vão de boa vontade à janela se ouvem um rumor, aproximava-se para observar entre as plantas e via a sombra dele no meio dos ramos da figueira, projetada na terra pela lua.

— Não consegue dormir esta noite, senhoria?

— Não, há muito tempo que me agito e estou sempre acordado — dizia Cosme, como se falasse da cama, com o rosto afundado no travesseiro, não esperando outra coisa a não ser sentir as pálpebras baixarem, ao passo que estava lá suspenso como um acrobata. — Não sei o que acontece hoje, um calor, um nervoso: talvez o tempo vá mudar, não sente também?

— É, sinto, sinto... Mas eu sou velho, senhoria, e o senhor, ao contrário, tem o sangue que se agita...

— Isso é, agitar agita...

— Bem, veja se pode se agitar um pouco mais longe daqui, senhor barão, pois aqui não há nada que lhe possa dar sossego: só pobres

famílias que acordam ao amanhecer e que agora querem dormir...

Cosme não contestava, desaparecia para outros pomares. Soube sempre manter-se nos limites justos e por outro lado os penúmbrios sempre souberam tolerar suas esquisitices; em parte porque ele era sempre o barão e em parte porque era um barão diferente dos outros.

Às vezes, aquelas notas lastimosas que lhe saíam do peito encontravam outras janelas, mais curiosas em escutá-las; bastava o sinal de acender-se uma vela, de um murmúrio de risos aveludados, de palavras femininas entre a luz e a sombra que não se conseguia entender mas certamente eram brincadeiras sobre ele, ou para responder-lhe, ou fingir que o chamavam, e já era coisa séria, já era amor, para aquela abandonada criatura que saltava pelos ramos como um passarinho.

Pronto, agora uma corajosa chegava à janela como para ver do que se tratava, ainda quente da cama, o seio descoberto, os cabelos soltos, o riso branco nos fortes lábios abertos, e desenrolavam-se os diálogos.

— Quem é? Um gato?

E ele:

— É homem, é homem.

— Um homem que mia?

— Bem, suspiro.

— Por quê? O que lhe falta?

— Falta-me o que você tem.

— O quê?

— Vem aqui e eu te conto...

Jamais houve desaforos dos homens, ou vinganças, dizia eu, sinal de que — parece-me — não constituía grande perigo. Só uma vez, misteriosamente, foi ferido. Espalhou-se a notícia uma certa manhã. O farmacêutico de Penúmbria teve de subir na nogueira onde ele se lamentava. Tinha uma perna cheia de pequenas balas de fuzil, daquelas para passarinho: foi preciso arrancá-las uma por uma com a pinça. Doeu-lhe, mas logo ficou curado. Jamais se soube direito como acontecera: ele disse que tinha levado um tiro inadvertidamente, ao escalar um ramo.

Convalescente, imóvel na nogueira, retemperava-se em seus estudos mais severos. Começou naquela época a escrever um *Projeto de constituição de um Estado ideal fundado em cima das árvores*, em que

descrevia a imaginária República Arbórea, habitada por homens justos. Iniciou-o como um tratado sobre as leis e os governos, mas, ao redigir, a sua inclinação de inventor de histórias complicadas acabou predominando e o resultado foi uma miscelânea de aventuras, duelos e histórias eróticas, inseridas, estas últimas, num capítulo sobre o direito matrimonial. O epílogo do livro deveria ser este: o autor, fundado o Estado perfeito sobre as árvores e convencida toda a humanidade a estabelecer-se ali e a viver feliz, descia para habitar na terra deserta. Deveria ter sido, mas a obra permaneceu incompleta. Mandou um resumo para Diderot, assinando simplesmente: *Cosme Rondó, leitor da Enciclopédia*. Diderot agradeceu com um bilhete.

20

Sobre aquela época não posso dizer muito, pois remonta ao mesmo período minha primeira viagem pela Europa. Completara vinte e um anos e podia desfrutar do patrimônio familiar como melhor me aprouvesse, porque a meu irmão bastava pouco, e não mais necessitava nossa mãe, que, coitada, andava envelhecendo muito nos últimos tempos. Meu irmão queria assinar um documento que me tornava usufrutuário de todos os bens, desde que lhe entregasse uma mesada, pagasse os impostos e mantivesse os negócios em ordem. Não me restava alternativa além de assumir a direção das propriedades, escolher uma esposa e já me via naquela vida regulada e pacífica que, não obstante os grandes transtornos da passagem do século, acabei por viver de fato.

Porém, antes de começar, concedi-me um período de viagens. Fui também a Paris, justo em tempo de ver as triunfais acolhidas tributadas a Voltaire, que para lá retornava após muitos anos para a rerepresentação de uma tragédia sua. Mas estas não são as memórias da minha vida, que certamente não mereceriam ser escritas; queria apenas dizer como durante toda a viagem fui surpreendido pela fama que se difundira do homem sobre as árvores de Penúmbria, inclusive nas nações estrangeiras. Até num almanaque vi uma figura com a legenda: “L’homme sauvage d’Ombreuse (Rép. Génoise). Vit seulement sur les arbres”. Haviam-no representado como um ser todo recoberto de penugem, com uma longa barba e uma longa cauda, e comia um

gafanhoto. Essa figura estava no capítulo dos monstros, entre o hermafrodita e a sereia.

Perante fantasias desse gênero, eu evitava revelar que o homem selvagem era meu irmão. Mas o proclamei bem alto quando, em Paris, fui convidado para uma recepção em homenagem a Voltaire. O velho filósofo estava em sua poltrona, paparicado por um enxame de damas, feliz como um pássaro e maligno como um porco-espinho. Ao saber que vinha de Penúmbria, apostrofou-me:

— *C'est chez vous, mon cher chevalier, qu'il y a ce fameux philosophe qui vit sur les arbres comme un singe?*

E eu, lisonjeado, não pude me conter ao lhe responder:

— *C'est mon frère, monsieur, le baron de Rondeau.*

Voltaire ficou muito surpreso, talvez pelo fato de que o irmão daquele fenômeno parecesse uma pessoa tão normal, e se pôs a fazer-me perguntas, como:

— *Mais c'est pour approcher du ciel, que votre frère reste là-haut?*

— Meu irmão afirma — respondi — que aquele que pretende observar bem a terra deve manter a necessária distância. — E Voltaire apreciou muito a resposta.

— *Jadis, c'était seulement la Nature qui créait des phénomènes vivants* — concluiu —; *maintenant c'est la Raison.* — E o velho sábio mergulhou de novo na conversa das suas hipócritas teístas.

Logo tive de interromper a viagem e voltar a Penúmbria, chamado por um comunicado urgente. A asma de mamãe agravara-se de repente e a coitada não saía mais da cama.

Quando adentrei o portão e ergui os olhos para a nossa vila estava certo de que o veria ali. Cosme estava montado num alto ramo de amoreira, perto da sacada do quarto de mamãe.

— Cosme! — chamei-o, mas com voz abafada.

Fez-me um sinal que queria dizer ao mesmo tempo que nossa mãe encontrava-se um pouco melhor, embora continuasse em estado grave, e que subisse, mas fizesse silêncio.

A peça achava-se em penumbra. Mamãe na cama com uma pilha de travesseiros que lhe mantinham as costas levantadas parecia maior do que nunca. À sua volta estavam as poucas mulheres da casa. Batista ainda não chegara, pois o conde, seu marido, que devia acompanhá-la, fora

retido pela colheita. Na sombra do quarto, destacava-se a janela aberta, que enquadrava Cosme parado no galho da árvore.

Inclinei-me para beijar a mão de mamãe. Reconheceu-me logo e pôs a mão em minha cabeça.

— Oh, você chegou, Biágio... — Falava com um fio de voz, quando a asma não lhe oprimia o peito, mas correntemente com total coerência.

Porém, o que me impressionou foi que ela se dirigia indiferentemente a mim como a Cosme, quase como se ele também estivesse ali na cabeceira. E Cosme da árvore lhe respondia.

— Já faz tempo que tomei o remédio, Cosme?

— Não, foi há poucos minutos, mamãe, espere para tomar outra vez, pois agora pode não lhe fazer bem.

Num certo ponto ela disse:

— Cosme, quero um gomo de laranja. — E eu me senti excluído.

Mas fiquei ainda mais admirado quando vi que Cosme introduzia no quarto através da janela uma espécie de arpão de barco e com ele pegava um gomo de laranja de um móvel e o colocava na mão de mamãe.

Observei que, para todas essas pequenas coisas, ela preferia dirigir-se a ele.

— Cosme, me dá o xale.

E ele com o arpão procurava entre as coisas jogadas na poltrona, erguia o xale, entregava-o a ela.

— Aqui está, mamãe.

— Obrigada, meu filho.

Sempre lhe falava como se estivesse a um passo de distância, mas notei que nunca lhe pedia coisas que ele não conseguisse fazer da árvore. Nesses casos, pedia sempre a mim ou às mulheres.

Durante a noite mamãe não adormecia. Cosme tomava conta dela da árvore, com um pequeno candeeiro preso ao galho, a fim de que o visse mesmo no escuro.

A parte da manhã era o pior momento para a asma. O único remédio era tratar de distraí-la, e Cosme tocava pequenas árias com um pífaro, ou imitava o canto dos pássaros, ou então capturava borboletas e depois soltava-as no quarto, ou ainda montava festões com cachos de glicínia.

Foi num dia de sol. Cosme, com uma tigela na árvore, começou a fazer bolhas de sabão e soprava-as através da janela, em direção à cama da doente. Mamãe via aquelas cores do arco-íris a voar e encher o

quarto e dizia: “Que brincadeira vocês fazem!”, como quando éramos crianças e desaprovava sempre nossos jogos, considerando-os demasiado fúteis e infantis. Mas agora, quem sabe pela primeira vez, sentia prazer com um de nossos divertimentos. As bolhas de sabão chegavam-lhe até o rosto, e ela ao respirar fazia com que estourassem, e sorria. Uma bolha chegou-lhe aos lábios e permaneceu intacta. Inclina-mo-nos sobre ela. Cosme deixou cair a tigela. Estava morta.

*

Aos lutos sucedem-se cedo ou tarde eventos alegres, é a lei da vida. Um ano depois da morte de mamãe fiquei noivo de uma donzela da nobreza dos arredores. Foi preciso muito esforço para habituar a minha futura esposa à ideia de que passaria a viver em Penúmbria: tinha medo de meu irmão. O pensamento de que houvesse um homem que se movia entre as folhas, que observava cada movimento pelas janelas, que aparecia quando menos se esperava, enchia-a de terror, inclusive porque jamais vira Cosme e o imaginava como uma espécie de índio. Para arrancar-lhe esse medo da cabeça, programei um almoço ao ar livre, sob as árvores, para o qual Cosme também estava convidado. Cosme comia acima de nós, numa faia, com os pratos apoiados numa mesinha, e devo admitir que, embora estivesse destreinado das refeições em sociedade, comportou-se muito bem. Minha noiva tranquilizou-se um pouco, dando-se conta de que, exceto pelo fato de viver nas árvores, era um homem em tudo igual aos outros; mas restou-lhe uma invencível desconfiança.

Mesmo quando, já casados, nos estabelecemos juntos na vila de Penúmbria, fugia o mais possível não só às conversas mas também à simples visão do cunhado, apesar de ele, coitado, presenteá-la às vezes com maços de flores ou peles preciosas. Quando começaram a nascer os filhos e depois a crescer, enfiou na cabeça que a proximidade do tio podia ter má influência na educação deles. Não se deu por contente até que mandamos reformar o castelo no nosso velho feudo de Rondó, havia tempos desocupado, e pudemos ficar mais lá do que em Penúmbria, para que as crianças não tivessem maus exemplos.

E também Cosme começava a dar-se conta do tempo que passava, e a referência era o bassê Ótimo Máximo, que estava ficando velho e não

tinha mais vontade de juntar-se aos turnos dos sabujos atrás de raposas, nem tentava mais amores absurdos com cadelas alanas ou mastins. Ficava sempre deitado, como se, pela pouca distância que separava sua barriga do chão quando estava em pé, não valesse a pena erguer-se. E ali estendido em todo o seu comprimento, da cauda ao focinho, junto à árvore em que estava Cosme, erguia um olhar cansado para o patrão e só sacudia o rabo. Cosme ia ficando triste: o sentido do transcorrer do tempo comunicava-lhe uma espécie de insatisfação com sua vida, com o eterno vaivém entre aquele monte de gravetos. E nada lhe dava mais alegria plena, nem a caça, nem os amores fugazes, nem os livros. Nem ele próprio sabia o que desejava: dominado por seus ataques, subia rapidíssimo até os ramos mais tenros e frágeis, como se buscasse outras árvores que crescessem sobre o cume das árvores para trepar também nelas.

Um dia Ótimo Máximo estava inquieto. Parecia aspirar um vento de primavera. Levantava o focinho, cheirava, baixava-o novamente. Duas ou três vezes se levantou, moveu-se ao redor, tornou a deitar. De repente saiu correndo. Agora, só conseguia trotar lentamente, e de vez em quando parava para tomar fôlego. Cosme o seguia dos galhos.

Ótimo Máximo pegou o rumo do bosque. Parecia ter em mente uma direção bem precisa, pois embora parasse de vez em quando, desse uma mijadinha, descansasse com a língua de fora olhando o patrão, logo se animava e retomava o caminho sem incertezas. Estava assim andando por paragens pouco frequentadas por Cosme, ou melhor, quase desconhecidas, porque era para os lados da reserva de caça do duque Ptolomeu. O duque Ptolomeu era um velho decadente e sem dúvida não caçava havia muito tempo, mas na reserva dele nenhum caçador furtivo atrevia-se a pôr os pés, pois os guardas eram muitos e sempre vigilantes, e Cosme, que já tivera problemas ali, preferia manter-se distante. Agora, Ótimo Máximo e Cosme penetravam na reserva do príncipe Ptolomeu, mas nem um nem outro pensava em desentocar as preciosas aves: o bassê trotava seguindo um apelo secreto e o barão estava tomado de impaciente curiosidade para descobrir aonde é que ia o cão.

Assim o bassê chegou a um ponto em que a floresta acabava e havia um prado. Dois leões de pedra sentados sobre pilastras apoiavam um brasão. Desse lado talvez devesse começar um parque, um jardim, uma parte mais privada da propriedade de Ptolomeu: mas não havia nada

além daqueles dois leões de pedra, e, depois do parque, um prado imenso, com capim verde e curto, do qual só à distância se via o fim, um fundo de carvalhos negros. O céu apresentava uma leve pátina de nuvens. Nem sequer um pássaro cantava ali.

Para Cosme, aquele prado era uma visão desanimadora. Tendo vivido sempre no meio da densa vegetação de Penúmbria, convencido de poder sempre alcançar qualquer sítio com seus meios, ao barão bastava ter pela frente uma extensão sem árvores, impossível de percorrer, nua contra o céu, para experimentar uma sensação de vertigem.

Ótimo Máximo lançou-se no prado e, como se tivesse rejuvenescido, corria a bom correr. Do freixo em que estava empoleirado, Cosme começou a assobiar, a chamá-lo:

— Aqui, volte aqui, Ótimo Máximo! Aonde vai?

Mas o cachorro não o obedecia, nem sequer se virava: corria, corria pelo prado, até não se ver senão uma vírgula distante, seu rabo, e também ela desapareceu.

Cosme no freixo torcia as mãos. Já se habituara a fugas e ausências do bassê, mas agora Ótimo Máximo desaparecia nesse prado insuperável e a sua fuga fundia-se com a angústia experimentada pouco antes, e a carregava de uma espera indefinida, de um aguardar algo além daquele prado.

Estava remoendo esses pensamentos quando ouviu passos sob o freixo. Viu um guarda que passava, as mãos no bolso, assobiando. Para ser franco, tinha uma expressão muito relaxada e distraída para ser um daqueles terríveis vigilantes da reserva, contudo as insígnias eram as do corpo ducal, e Cosme encolheu-se no tronco. Depois, a preocupação com o cachorro prevaleceu; interrogou o guarda:

— Ei, sargento, será que não viu um bassê?

O guarda ergueu o olhar:

— Ah, é o senhor! O caçador que voa com o cão que se arrasta! Não, não vi o bassê! O que caçou, de interessante, hoje de manhã?

Cosme reconheceu um de seus adversários mais zelosos, e disse:

— Não é nada disso, o cachorro fugiu e tive que vir atrás dele até aqui... O fuzil está descarregado...

O guarda riu:

— Oh, pode carregá-lo, e disparar quanto quiser! Agora...

— Agora o quê?

— Agora que o duque está morto, quem mais pensa que se interessa pela reserva?

— Então morreu, não sabia.

— Está morto e sepultado há três meses. E há uma briga entre os herdeiros do primeiro e do segundo matrimônio e a jovem viúva.

— Tinha uma terceira mulher?

— Casaram-se quando ele tinha oitenta anos, um ano antes de morrer, ela é uma moça na faixa dos vinte, acho uma loucura uma esposa que não ficou ao lado dele nem um dia, e só agora começa a visitar suas propriedades, e não lhe agradam.

— Como: *não lhe agradam?*

— Só vendo, instala-se num palácio, ou num feudo, chega com toda a sua corte, pois traz sempre uma chusma de galanteadores atrás, e depois de três dias acha tudo feio, tudo triste, e se põe a caminho. Então os outros herdeiros caem em cima, lançam-se sobre aquela propriedade, reivindicam direitos. E ela: “Ah, sim, levem tudo!”. Agora chegou aqui no pavilhão de caça, mas quanto tempo ficará? Pouco, acho eu.

— E onde é o pavilhão de caça?

— Lá depois do prado, além dos carvalhos.

— Então o meu cachorro foi para lá...

— Deve estar à procura de ossos... Desculpe, mas tenho a impressão de que Vossa Senhoria o trata meio mal! — E explodiu numa risada.

Cosme não respondeu, observava o prado insuperável, esperava que o bassê voltasse.

Passou-se o dia e ele não voltou. No dia seguinte Cosme estava de novo no freixo, contemplando o prado, como se não pudesse passar sem o desânimo que lhe provocava.

Ao anoitecer, o bassê reapareceu, uma pequena mancha no relvado que só o olho agudo de Cosme conseguia perceber, e corria fazendo-se mais visível.

— Ótimo Máximo! Venha cá! Onde andou?

O cão havia parado, sacudia o rabo, olhava o patrão, latiu, parecia convidá-lo a vir, a segui-lo, mas se dava conta da distância que ele não podia ultrapassar, voltava-se para trás, dava passos incertos, e pronto, retrocedia.

— Ótimo Máximo! Venha cá! Ótimo Máximo! — Mas o bassê corria, desaparecia na infinitude do prado.

Mais tarde passaram dois guardas.

— Continua à espera do cachorro, senhoria! Mas acabo de vê-lo no pavilhão, em boas mãos...

— Como?

— Isso mesmo, a marquesa, isto é, a duquesa viúva (nós a chamamos de marquesa porque era marquesinha quando menina) fazia-lhe tantas festas, como se ele tivesse sido sempre dela. É um cão que merece ser tratado a pão de ló, se me permite uma opinião, senhoria. Agora encontrou um jeito de ficar no macio e se deixa ficar...

E os dois valentões se afastavam grunhindo.

Ótimo Máximo não voltava mais. Cosme estava todos os dias no freixo observando o prado como se nele pudesse ler alguma coisa que havia muito tempo o consumia por dentro: a própria ideia da distância, da insaciedade, da espera que pode prolongar-se para além da vida.

21

Certo dia Cosme vigiava no alto do freixo. Brilhou o sol, um raio atravessou o prado que de verde-ervilha se fez verde-esmeralda. Ao longe, no negrume do bosque de carvalhos algumas folhagens se moveram e saltou fora um cavalo. O cavalo trazia na sela um cavaleiro, vestido de preto, com uma capa, não: uma saia; não era um cavaleiro, era uma amazona, corria de rédeas soltas e era loura.

Cosme sentiu disparar o coração e foi tomado pela esperança de que aquela amazona se aproximaria até poder distinguir-lhe bem o rosto, e de que aquele rosto se revelaria belíssimo. Mas além da espera de sua aproximação e de sua beleza havia uma terceira espera, um terceiro ramo de esperança que se entrelaçava aos outros dois e era o desejo de que aquela beleza sempre mais luminosa correspondesse a uma necessidade de reconhecer uma impressão familiar e quase esquecida, uma lembrança da qual permaneceu apenas uma linha, uma cor e gostaria de fazer emergir novamente todo o resto, ou melhor, reencontrá-lo em algo de presente.

E com tal ânimo não via a hora que ela se aproximasse da parte do prado próxima dele, onde se impunham as duas pilastras dos leões; mas essa espera começou a tornar-se dolorosa, pois se dera conta de que a amazona não cortava o prado em linha reta rumo aos leões, mas em diagonal, e assim logo desapareceria de novo no bosque.

Já estava a ponto de perdê-la de vista, quando ela virou bruscamente o cavalo e agora cortava o prado numa outra diagonal, que a traria um pouco mais perto mas certamente faria com que desaparecesse na parte oposta do prado.

Entretanto, Cosme percebeu com irritação que do bosque surgiam dois cavalos marrons, montados por cavaleiros, mas tratou de eliminar logo tal pensamento, decidiu que aqueles cavaleiros não contavam, bastava ver como giravam de um lado para outro atrás dela, decerto não mereciam nenhuma consideração, contudo, devia admitir, incomodavam-no.

Eis que a amazona, antes de sumir do prado, também desta vez virava o cavalo, mas para trás, afastando-se de Cosme... Não, agora o cavalo girava sobre si mesmo e galopava em sua direção, e o movimento parecia proposital para desorientar os dois cavaleiros batedores que de fato agora se distanciavam e não haviam ainda entendido que ela corria na direção oposta.

Agora as coisas se sincronizavam: a amazona galopava ao sol, cada vez mais bela e sempre correspondendo mais àquela sede de lembranças de Cosme, e a única coisa alarmante era o contínuo zigue-zague do percurso, que não deixava prever nada de suas intenções. Nem mesmo os dois cavaleiros entendiam aonde ia, e tentavam seguir suas evoluções acabando por dar muitas voltas inúteis, mas sempre com muita boa vontade e presteza.

Pronto, como Cosme esperava, a mulher do cavalo atingira os limites do prado perto dele, agora passava entre as duas pilastras coroadas por leões como se ali estivessem para reverenciá-la, e se virava para o prado e para tudo aquilo que ficava daquele lado do prado com um amplo gesto como de adeus, e galopava para a frente, passava sob o freixo, e Cosme conseguira distinguir-lhe o rosto e o corpo, ereto na sela, a expressão de mulher orgulhosa e ao mesmo tempo de moça, a testa feliz por estar acima daqueles olhos, os olhos felizes por se encontrarem sobre aquela face, o nariz, a boca, o queixo, o colo, cada parte dela feliz com todas as outras partes, e absolutamente tudo relembrava a menina vista aos doze anos no balanço, no primeiro dia que passou nas árvores: Sofonisba Viola Violante de Rodamargem.

Tal descoberta, ou seja, ter carregado desde o primeiro momento esta inconfessada descoberta a ponto de poder proclamá-la a si próprio,

encheu Cosme de uma espécie de febre. Teve ganas de gritar, para que ela erguesse os olhos até o freixo e o visse, mas da garganta só lhe escapou o pio da narceja e ela não se virou.

Agora o cavalo branco galopava no bosque de castanheiros, e os cascos batiam nas bolotas espalhadas pelo chão abrindo-as e mostrando a casca lígnea e brilhante do fruto. A amazona dirigia o cavalo para um lado e para o outro, e Cosme, ora pensava nela já distante e inalcançável, ora saltando de árvore em árvore, surpreendia-se ao vê-la reaparecer na perspectiva dos troncos, e aquele modo de movimentar-se incandescia a lembrança que flamejava na mente do barão. Queria lhe dirigir um apelo, dar-lhe um sinal de sua presença, mas lhe vinha aos lábios apenas o assobio da perdiz cinzenta e ela não ligava.

Os dois cavaleiros que a seguiam pareciam entender menos ainda suas intenções e o percurso, e continuavam a caminhar em direções erradas, enrascando-se em sarças ou atolando-se em pântanos, enquanto ela voava segura e fugidia. De vez em quando emitia algo como ordens ou incitações aos cavaleiros levantando o braço com o chicote ou arrancando a vagem de uma alfarrobeira e atirando-a, como se dissesse que precisava ir por aquele lado. De repente os cavaleiros partiam naquela direção a galope pelos prados e margens, mas ela se virava noutra direção e não os olhava mais.

“É ela! É ela!”, pensava Cosme sempre mais inflamado de esperança e queria gritar o seu nome mas dos lábios não lhe saía senão um lamento longo e triste como o da tarambola.

Ora, acontecia que todos aqueles jogos e vaivéns e enganos para os cavaleiros se desenrolassem em torno de uma linha que mesmo sendo irregular e ondulada não excluía uma possível intenção. E adivinhando essa intenção, e não resistindo mais à tarefa impossível de segui-la, Cosme disse a si mesmo: “Vou a um lugar que, se é realmente ela, me acompanhará. Ou melhor, não pode estar aqui a não ser para ir até lá”. E, saltando pelos seus caminhos, rumou para o velho parque abandonado dos Rodamargem.

Naquela sombra, naquele ar cheio de aromas, naquele lugar onde as folhas e as madeiras possuíam outra cor e outra substância, sentiu-se tão tomado pelas lembranças da infância que quase se esqueceu da amazona, ou se não a esqueceu pensou que bem podia não ser ela, e tanta força tinham essa espera e esperança que era quase como se ela estivesse ali.

Mas ouviu um rumor. Eram os cascos do cavalo branco no cascalho. Vinha pelo jardim não mais às carreiras, como se a amazona quisesse olhar e reconhecer detalhadamente cada coisa. Dos cavaleiros tontos não havia mais sinal: devia tê-los feito perder completamente sua pista.

Viu-a: circulava pelo tanque, pelo quiosque, pelas ânforas. Observava as plantas que se tinham tornado enormes, com raízes aéreas pendentes, as magnólias transformadas num bosque. Porém, não o via, ele que tentava chamá-la com o arrulhar da poupa, com o trinado do verdilhão, com sons que se perdiam no denso chilreio dos pássaros do jardim.

Desmontara da sela, andava a pé conduzindo o cavalo pelas rédeas. Chegou à vila, deixou o cavalo, penetrou no pórtico. Começou a gritar:

— Hortência! Caetano! Tarquínio! Aqui é preciso pintar de branco, repintar as persianas, pendurar as tapeçarias! E quero aqui a mesa, lá o console, no meio a espineta, e os quadros precisam ser todos mudados de lugar.

Cosme percebeu então que aquela casa, que para o seu olhar distraído estava fechada e desabitada como sempre, estava agora aberta, cheia de gente, empregados que limpavam, arrumavam, abriam tudo, punham móveis no lugar, batiam tapetes. Era Viola que retornava, portanto, Viola que se restabelecia em Penúmbria, que tomava posse da vila da qual partira criança! E a agitação de alegria no peito de Cosme não era, porém, muito diferente de uma agitação de medo, porque ela ter voltado, tê-la sob os olhos tão imprevisível e orgulhosa, podia significar não contar mais com ela, nem na lembrança, nem mesmo naquele secreto perfume de folhas e cor da luz através do verde, podia significar que ele teria sido obrigado a fugir dela e assim deixar fugir também a primeira recordação dela criança.

Com essa agitação alternada Cosme a observava mover-se em meio à criadagem, fazendo transportar divãs, cravos, cantoneiras, e depois passar depressa para o jardim e montar de novo a cavalo, perseguida por muitos que ainda aguardavam ordens, e agora se dirigia aos jardineiros, indicando como deviam arrumar os canteiros abandonados e reordenar nas alamedas o cascalho carregado pelas chuvas, e consertar as cadeiras de vime, o balanço...

Do balanço apontou, com gestos largos, o ramo onde estivera pendurado um dia e tinha de ser recolocado agora, e quão longas deviam ser as cordas, e a amplitude do movimento, e assim falando com

gestos e olhares caminhou até a magnólia na qual Cosme lhe aparecera uma vez. E na magnólia, pronto, reencontrou-o.

Ficou surpresa. Muito. Difícil dizer quanto. É claro que se recuperou logo e se fez de autossuficiente, à sua maneira, mas por um instante ficou muito surpresa e lhe sorriram os olhos e a boca e um dente que continuava igual a quando era menina.

— Você! — E logo, procurando o tom de quem fala de uma coisa natural, mas sem conseguir ocultar o interesse e a satisfação: — Ah, com que então conseguiu ficar aí sem descer?

Cosme logrou transformar aquela voz que lhe queria sair como um grito de um pássaro num:

— Sim, sou eu, Viola, lembra?

— Sem nunca, nunca mesmo pôr um pé no chão?

— Nunca.

E ela, como se já lhe tivesse concedido muito:

— Ah, viu como conseguiu? Então não era tão difícil.

— Esperava sua volta...

— Ótimo. Ei, vocês, aonde é que estão levando aquela cortina? Deixem tudo aqui para que eu decida! — Voltou a olhar para ele. Nesse dia, Cosme estava vestido para caçar: hirsuto, com o gorro de gato, com a espingarda. — Parece Robinson!

— Você leu? — ele disse logo, para demonstrar familiaridade com o livro.

Viola já se virara:

— Caetano! Ampélio! As folhas secas! Está tudo cheio de folhas secas!

— E para ele: — Dentro de uma hora, no fundo do parque. Espere por mim. — E correu para dar ordens, a cavalo.

Cosme lançou-se no mato: tinha vontade de que fosse mil vezes mais denso, uma avalanche de folhas e ramos e espinhos e madressilvas e avencas para mergulhar e desaparecer e só depois de ter submergido completamente começar a compreender se estava feliz ou louco de medo.

Na grande árvore no fundo do parque, com os joelhos apertados no galho, olhava agora num relógio de bolso que pertencera ao avô materno general Von Kurtewitz e dizia: não vem. Pelo contrário, dona Viola chegou quase pontual, a cavalo; parou-o ao pé da planta, sem olhar para cima; não trazia mais o chapéu nem a capa de amazona; a

blusa branca bordada de rendas sobre a saia preta era quase monacal. Erguendo-se nos estribos deu uma das mãos a ele no ramo; ele a ajudou; subindo na sela, ela alcançou o galho, depois, sempre sem encará-lo, trepou rápido no ramo, buscou uma forquilha cômoda, sentou-se. Cosme aninhou-se aos pés dela, e só podia começar assim:

— Você voltou?

Viola o examinou irônica. Era loura como quando menina.

— Como sabe? — perguntou.

E ele, sem entender a brincadeira:

— Vi você naquele prado da reserva do duque...

— A reserva é minha. Que se encha de urtigas! Sabe tudo? Quer dizer, sobre mim?

— Não... Só agora soube que você é viúva...

— Claro, sou viúva. — Deu uma palmada na saia negra, alisando-a, e começou a falar rápido e condensado: — Você nunca sabe de nada. Fica em cima das árvores metendo o nariz na vida dos outros, e acaba não sabendo de nada. Casei com o velho Ptolomeu porque os meus me obrigaram, me forçaram. Diziam que eu me fazia de difícil e que não podia ficar sem marido. Durante um ano fui a duquesa Ptolomeu, e foi o ano mais tedioso de minha vida, embora com o velho não tenha ficado mais do que uma semana. Não tornarei a pôr os pés em nenhum daqueles castelos e ruínas e ninhos de ratos, que se enchem de cobras! Doravante permanecerei aqui, onde vivi quando menina. Ficarei enquanto tiver vontade, é claro, depois irei embora: sou viúva e finalmente posso fazer o que me apetece. Para ser franca, sempre fiz o que me apetecia: só casei com Ptolomeu porque tinha vontade de fazê-lo, não é verdade que me tenham obrigado, queriam que me casasse a todo custo e então escolhi o pretendente mais decrépito que havia. “Assim fico viúva mais cedo”, afirmei, e consegui o que pretendia.

Cosme estava um tanto aturdido sob aquela avalanche de novidades e de afirmações peremptórias, e Viola achava-se mais distante que nunca: mimada, viúva e duquesa, fazia parte de um mundo inalcançável, e tudo o que ele conseguiu dizer foi:

— E para quem você se exibia?

E ela:

— Pronto. Está com ciúmes. Olha que jamais vou permitir que você seja ciumento.

Cosme teve uma reação característica de ciumento provocado para a briga, mas logo reagiu: “Como? Ciumento? Mas como admite que possa ter ciúmes dela? Por que diz: *não vou permitir que?* É como se dissesse que nós...”.

Então, ruborizado, comovido, tinha vontade de dizer-lhe, de pedir-lhe, de ouvir, mas foi ela quem perguntou, seca:

— Agora você: o que fez da vida?

— Ah, fiz muita coisa — começou a dizer —, cacei, até javalis, mas sobretudo raposas lebres fuinhas e, é claro, tordos e melros; depois, houve o caso dos piratas, desembarcaram os piratas turcos, houve uma grande batalha, meu tio morreu; li muitos livros, leitura para mim e para um amigo, um bandido enforcado; tenho a *Enciclopédia*, de Diderot, completa, cheguei a escrever-lhe e ele me respondeu, de Paris; e trabalhei muito, pudei, salvei um bosque de um incêndio...

— ... E você me amará sempre, absolutamente, acima de todas as coisas, e será capaz de fazer qualquer coisa por mim?

Perante tal saída, Cosme, atordoado, disse:

— Sim...

— Você é um homem que viveu nas árvores só por mim, para aprender a amar-me...

— Sim... Sim...

— Beije-me.

Empurrou-a contra o tronco, beijou-a. Erguendo o rosto percebeu a beleza dela como se nunca a tivesse visto antes.

— Como você é linda...

— Para você. — E desabotoou a blusa branca. O peito era teso e com botões de rosa, Cosme chegou a tocá-lo, Viola voou pelos galhos feito pássaro, ele saltava atrás e tinha aquela saia no rosto.

— Mas aonde está me levando? — dizia Viola como se fosse ele quem a conduzia, não ela que o arrastava.

— Por aqui — disse Cosme e começou a guiá-la, e a cada mudança de galho agarrava-a pela mão ou pela cintura e lhe indicava onde pisar.

— Por aqui.

E caminhavam por certas oliveiras, protegidas por uma ladeira íngreme, e do cume de uma das árvores o mar que até então só entreviam de fragmento em fragmento, retalhado por folhas e ramos, de repente abriu-se calmo e límpido e vasto como o céu. O horizonte se

descortinava largo e alto e o azul estava denso e limpo sem uma única vela e se contavam encrespações levemente desenhadas pelas ondas. Apenas um suave repuxo, como um suspiro, corria pelas pedras da praia.

Com os olhos meio toldados, Cosme e Viola desceram na sombra verde-escura da folhagem.

— Por aqui.

Numa nogueira, na sela do tronco, havia uma cavidade em concha, a ferida de um antigo trabalho de machado, e aquele era um dos refúgios de Cosme. Uma pele de javali estava estendida, e em volta espalhavam-se um frasco, alguns instrumentos, uma tigela.

Viola estendeu-se na pele de javali.

— Trouxe outras mulheres aqui?

Ele hesitou. E Viola:

— Se não trouxe outras mulheres você é um banana.

— Sim... Algumas...

Levou uma bofetada no rosto com a mão cheia.

— Era assim que me esperava?

Cosme passava a mão na face vermelha e não sabia o que dizer; mas ela parecia ter readquirido o bom humor.

— E como eram? Diga-me: como eram?

— Não como você, Viola, não como você...

— Como é que você sabe como eu sou, heim, como é que sabe?

Tornara-se doce, e Cosme, diante de tais mudanças bruscas, não cansava de se admirar. Aproximou-se. Viola era de ouro e mel.

— Diga...

— Diga...

Conheceram-se. Ele a conheceu e a si próprio, pois na verdade jamais soubera quem fosse. E ela o conheceu e a si própria, pois, mesmo já se conhecendo, nunca pudera se reconhecer assim.

22

A primeira peregrinação deles foi até aquela árvore que numa incisão profunda na casca, já tão velha e deformada que nem parecia obra de mão humana, trazia escrito em grandes letras: *Cosme, Viola* e — mais abaixo — *Ótimo Máximo*.

— Aqui em cima? Quem foi? Quando?

— Eu: naquele tempo.

Viola estava emocionada.

— E isso o que quer dizer? — E indicava as palavras: *Ótimo Máximo*.

— Meu cachorro. Isto é, o seu. O bassê.

— Turcaret?

— Ótimo Máximo, chamei-o assim.

— Turcaret! Quanto chorei por ele, quando ao partir me dei conta de que não o levava na carruagem... Oh, nem me importava de não ver mais você, mas estava desesperada por não ter mais o bassê!

— Se não fosse por ele não teria reencontrado você! Foi ele quem cheirou no vento que você estava próxima, e não teve paz até que a encontrou...

— Reconheci-o imediatamente, assim que o vi chegar ao pavilhão, todo esbaforido... Os outros diziam: “E este de onde saiu?”. Inclinei-me para observá-lo, a cor, as manchas. “Mas este é Turcaret! O bassê que tinha quando menina em Penúmbria!”

Cosme ria. Ela torceu o nariz imprevistamente.

— Ótimo Máximo... Que nome horrível... Onde você vai procurar nomes tão feios? — E Cosme logo se zangou.

Ao contrário, para Ótimo Máximo a felicidade agora não tinha limites. Seu velho coração de cão dividido entre dois patrões enfim encontrava paz, após ter se esforçado dias inteiros para atrair a marquesa para os confins da reserva, até o freixo onde se encontrava Cosme. Puxava-lhe o vestido, ou lhe escapava carregando um objeto, correndo até o prado a fim de ser seguido, e ela: “Mas o que quer você? Aonde me arrasta? Turcaret! Pare com isso! Que cachorro atrevido encontrei!”. Mas a simples vista do bassê havia agitado em sua memória as recordações da infância, a saudade de Penúmbria. E logo ordenara a mudança do pavilhão ducal para regressar à velha vila de plantas estranhas.

Viola estava de volta. Para Cosme começara a estação mais bela, e também para ela, que batia os campos em seu cavalo branco e assim que avistava o barão entre copas e céu erguia-se na sela, subia pelos troncos oblíquos e pelos galhos, logo se tornando quase tão ágil quanto ele, e o alcançava aonde quer que fosse!

— Oh, Viola, eu não sei mais, eu treparei até...

— Até mim — dizia Viola, baixinho, e ele enlouquecia.

O amor era para ela exercício heroico: o prazer se misturava a provas de audácia e generosidade e dedicação e tensão de todas as faculdades do

espírito. O mundo deles eram as árvores, as mais intrincadas e tortas e inacessíveis.

— Lá! — exclamava indicando uma alta forquilha de ramos, e juntos se lançavam para atingi-la e começava entre eles uma competição de acrobacias que culminava em novos abraços. Amavam-se suspensos no vazio, escorando-se nos ramos ou aferrando-se a eles, ela jogando-se sobre ele quase voando.

A obstinação amorosa de Viola combinava com a de Cosme, e às vezes com esta entrava em choque. Cosme evitava demoras, molezas, perversidades refinadas: nada que não fosse o amor natural lhe agradava. As virtudes republicanas estavam no ar: preparavam-se épocas severas e ao mesmo tempo licenciosas. Cosme, amante insaciável, era um estoico, um asceta, um puritano. Sempre em busca da felicidade amorosa, permanecia inimigo da voluptuosidade. Chegava a desconfiar do beijo, das carícias, dos jogos verbais, de qualquer coisa que ofuscasse ou pretendesse substituir-se à sanidade da natureza. Fora Viola que lhe revelara a plenitude; e com ela jamais conheceu a tristeza depois do amor, predicada pelos teólogos; e mais, sobre este tema escreveu uma carta filosófica a Rousseau, que, talvez perturbado, não respondeu.

Mas Viola era também uma mulher refinada, caprichosa, mimada, católica de corpo e alma. O amor de Cosme enchia-lhe os sentidos, mas deixava-lhe insatisfeitas as fantasias. Daí, brigas e ressentimentos sombrios. Mas duravam pouco, tão variada era a vida deles e o mundo ao redor.

Cansados, procuravam seus refúgios ocultos nas árvores de copa mais densa: redes que envolviam seus corpos numa espécie de folha acolchoada, ou pavilhões pênseis, com cortinas que voavam ao vento, ou leitos de plumas. Nesses arranjos se explicava o gênio de dona Viola: onde quer que se achasse a marquesa possuía o dom de criar em torno de si bem-estar, luxo e uma complicada comodidade; complicada de se ver mas que ela obtinha com espantosa facilidade, pois qualquer coisa que ela desejava devia ver imediatamente realizada a todo custo.

Naquelas alcovas aéreas pousavam a cantar os pintarroxos e pelas cortinas entravam borboletas aos pares, perseguindo-se. Nas tardes de verão, quando o sono envolvia os dois amantes um ao lado do outro, entrava um esquilo, procurando algo para roer, e acariciava o rosto deles com a cauda emplumada, ou aparecia o polegar de algum animal. Então,

fechavam as cortinas com maior cautela: mas uma família de caxinguelês começou a roer o teto do pavilhão e caiu em cima deles.

Era o período em que estavam se descobrindo, contando as vivências, interrogando-se.

— E você se sentia sozinho?

— Faltava você.

— Mas sozinho em relação ao resto do mundo?

— Não. Por quê? Tinha sempre alguma coisa para fazer com outras pessoas: colhi frutas, pudei, estudei filosofia com o abade, lutei contra os piratas. Não é assim com todos?

— Só com você é assim, por isso o amo.

Mas o barão ainda não havia entendido bem o que Viola aceitava dele e o que não aceitava. Às vezes bastava uma coisa à toa, uma palavra ou uma mudança de tom dele para provocar a ira da marquesa.

Ele, por exemplo:

— Com João do Mato lia romances, com o cavaleiro fazia projetos hidráulicos...

— E comigo?

— Com você faço o amor. Como a poda, a colheita das frutas...

Ela se calava, imóvel. De repente Cosme se dava conta de ter provocado a sua ira: seus olhos tinham gelado inesperadamente.

— Mas o que é, Viola, o que eu disse?

Ela ficava distante como se não o visse nem escutasse, a quilômetros dali, o rosto de pedra.

— Mas não, Viola, o que foi, por quê, escute...

Viola se erguia e ágil, sem precisar de ajuda, se punha a descer da árvore.

Cosme ainda não entendera qual tinha sido seu erro, não conseguira ainda pensar nisso, talvez preferisse não pensar no caso, não entendê-lo, para melhor proclamar sua inocência:

— Ah, não, você não entendeu, Viola, ouça...

Ele a seguia até o ramo mais baixo.

— Viola, não vai embora, não desta maneira, Viola...

Agora ela falava, mas com o cavalo, que alcançara e desamarrava; montava na sela e partia.

Cosme começava a se desesperar, a pular de uma árvore para outra.

— Não, Viola, diga-me, Viola!

Ela galopava. Ele a seguia pelos ramos:

— Por favor, Viola, eu a amo! — Mas não a via mais. Lançava-se sobre galhos incertos, com movimentos arriscados. — Viola! Viola!

Quando estava seguro de tê-la perdido, e não podia refrear os soluços, eis que ela reaparecia trotando, sem erguer o olhar.

— Olhe, olhe, Viola, o que sou capaz de fazer! — E dava cabeçadas contra um tronco, sem nenhuma proteção na cabeça (que, a bem da verdade, era duríssima).

Ela nem ligava. Já ia longe.

Cosme esperava que voltasse, em zigue-zague por entre as árvores.

— Viola! Estou desesperado! — E lançava-se no vazio, de ponta-cabeça, agarrando-se a um ramo com as pernas e golpeando-se com os punhos cabeça e rosto. Ou então se punha a quebrar galhos com fúria destruidora, e um olmo frondoso em poucos instantes estava reduzido a um tronco nu e desguarnecido como se tivesse havido uma chuva de granizo.

Porém, jamais ameaçou suicidar-se, ou melhor, nunca fez nenhuma ameaça, as chantagens sentimentais não eram com ele. Fazia o que tinha vontade e enquanto o fazia o anunciava, não antes.

Num certo ponto, dona Viola, imprevisivelmente como se enfurecera, tornava-se doce. Dentre todas as loucuras de Cosme que pareciam não comovê-la, de repente uma a enchia de emoção e amor.

— Não, Cosme, querido, espere! — E saltava da sela, e se precipitava para agarrar-se num tronco, e do alto os braços dele estavam prontos para suspendê-la.

O amor se reacendia com furor parecido ao da briga. Na realidade era a mesma coisa, mas Cosme não entendia nada disso.

— Por que me faz sofrer?

— Porque o amo.

Agora era ele quem se enfurecia.

— Não, não me ama! Quem ama quer a felicidade, não a dor.

— Quem ama só quer o amor, mesmo à custa da dor.

— Então me faz sofrer de propósito.

— Sim, para ver se me ama.

A filosofia do barão se recusava a ir além.

— A dor é um estado negativo da alma.

— O amor é tudo.

- A dor deve ser sempre combatida.
- O amor não se furta a nada.
- Jamais admitirei certas coisas.
- Mas é claro que admitirá, pois me ama e sofre.

Assim como os desesperos, eram marcantes em Cosme as explosões de alegria incontida. Por vezes, sua felicidade chegava a um ponto que ele era obrigado a afastar-se da amante e andar aos saltos, gritando e proclamando as maravilhas de sua dama.

— *Yo quiero the most wonderful puellam de todo el mundo!*

Aqueles que estavam sentados nos bancos de Penúmbria, desocupados e velhos marinheiros, já se tinham habituado a essas rápidas aparições. Eis que se fazia ver aos saltos entre as azinheiras a declamar:

*Zu dir, zu dir, gunàika
Vo cercando il mio ben,
En la isla de Jamaica,
Du soir jusqu'au matin!*

ou então:

*Il y a un pré where the grass grows toda de oro
Take me away, take me away, che io ci moro!*

e desaparecia.

Seus estudos de línguas clássicas e modernas, embora pouco profundos, permitiam-lhe entregar-se a essa rumorosa exibição de sentimentos e, quanto mais seu ânimo era sacudido por uma intensa emoção, mais sua linguagem se fazia obscura. Todos se lembram de uma vez que, ao festejar o padroeiro, a gente de Penúmbria estava reunida na praça e havia um pau de sebo e os festões e o estandarte. O barão surgiu no alto de um plátano e, com um daqueles pulos de que só a sua agilidade acrobática era capaz, saltou no pau de sebo, trepou nele até em cima, gritou: “*Que viva die schöne Venus posterìor!*”, deixou-se escorregar pela madeira engordurada até perto do chão, voltou a subir velozmente, arrancou do troféu uma fôrma de queijo redonda e rosada e com outro

pulo dos seus voou de volta para o plátano e fugiu, deixando boquiabertos os penúmbrios.

Nada deixava a marquesa feliz como tais demonstrações de exuberância; e a estimulavam a retribuí-las com manifestações de amor igualmente vertiginosas. Os penúmbrios, quando a viam cavalgar a rédeas soltas, o rosto quase imerso na crina branca do cavalo, sabiam que corria ao encontro do barão. Mesmo no andar a cavalo ela exprimia uma força amorosa, mas aqui Cosme não podia mais acompanhá-la; e a paixão equestre dela, embora muito a admirasse, era para ele também uma razão secreta de ciúme e rancor, pois a via dominar um mundo mais vasto que o seu e compreendia que jamais poderia tê-la só para si, encerrá-la nos limites de seu reino. A marquesa, por seu lado, talvez sofresse por não poder ser ao mesmo tempo amante e amazona: às vezes a tomava uma indefinida necessidade de que o amor dela e Cosme fosse amor a cavalo, e correr sobre as árvores já não lhe bastava, desejaria correr a galope na sela de seu ginete.

E na realidade o cavalo à força de correr por aquele terreno de subidas e despenhadeiros tornara-se rampante como um cabrito, e Viola agora o conduzia a correr contra certas árvores, por exemplo, velhas oliveiras com troncos torcidos. O cavalo chegava às vezes até a primeira forquilha de ramos, e ela adquiriu o hábito de amarrá-lo não mais ao chão, mas lá sobre a oliveira. Desmontava e o deixava a mastigar folhas e ramos tenros.

Assim, quando um bisbilhoteiro, passando pela oliveira e erguendo os olhos curiosos, viu lá em cima o barão e a marquesa abraçados e depois foi contar o caso com um acréscimo: “E o cavalo branco também estava em cima de um galho!”, foi considerado lunático e ninguém acreditou nele. Ainda daquela vez o segredo dos amantes foi mantido.

23

O que acabei de narrar prova que os penúmbrios, assim como haviam sido pródigos em intrigas sobre a precedente vida galante de meu irmão, agora, perante essa paixão que se desencadeava, literalmente sobre a cabeça deles, mantinham uma respeitosa reserva, como se estivessem perante qualquer coisa maior do que eles. Não que a conduta da marquesa não fosse reprovada: porém, isso acontecia mais por seus

aspectos exteriores, como aquele galopar desenfreado (“Quem sabe onde andará, com tanto furor?”), perguntavam, sabendo perfeitamente que ia ao encontro de Cosme) ou aquela mobília que levava para o alto das árvores. Já existia uma tendência de considerar tudo como uma moda dos nobres, uma das tantas extravagâncias (“Agora, todo mundo nas árvores: mulheres, homens. Não tinham mais nada para inventar?”); em suma aproximavam-se tempos talvez mais tolerantes, todavia mais hipócritas.

Se o barão aparecia nas azinheiras da praça com grandes intervalos de tempo, isso era sinal de que ela partira. Porque às vezes Viola ficava ausente durante meses, cuidando de seus bens espalhados por toda a Europa, mas tais partidas correspondiam sempre a momentos em que suas relações haviam sofrido choques e a marquesa se ofendera com Cosme por ele não compreender o que ela desejava fazê-lo compreender do amor. Não que Viola partisse ofendida com ele: conseguiam sempre fazer as pazes antes, mas nele restava a suspeita de que aquela viagem tivesse sido decidida por cansaço em relação a ele, pois não lograva retê-la, talvez estivesse se cansando dele, quem sabe se uma ocasião da viagem ou uma pausa de reflexão a levassem a decidir não voltar. Assim meu irmão vivia angustiado. Por um lado, tratava de retomar sua vida habitual anterior ao reencontro, voltar à caça e à pesca, e seguir os trabalhos agrícolas, os seus estudos, as bravatas em praça pública, como se nunca houvesse feito outra coisa (persistia nele o teimoso orgulho juvenil de quem não quer admitir que sofre influência de outros), e ao mesmo tempo se comprazia com tudo o que aquele amor lhe dava, em alegria, em orgulho; mas por outro lado percebia que muitas coisas já não lhe importavam, que sem Viola a vida não tinha mais sabor, que seus pensamentos corriam sempre para ela. Quanto mais procurava, fora da agitação da presença de Viola, reapropriar-se das paixões e prazeres numa sábia economia do espírito, mais sentia o vazio por ela provocado ou a febre de esperá-la. Em suma, seu enamoramento era exatamente como Viola o queria, não como ele pretendia que fosse; era sempre a mulher que triunfava, mesmo se distante, e Cosme, a contragosto, acabava por apreciar isso.

De repente, a marquesa voltava. Nas árvores recomeçava a estação dos amores, mas também a dos ciúmes. Onde estivera Viola? O que fizera? Cosme ficava ansioso por saber, mas ao mesmo tempo tinha medo do

modo como ela respondia às suas indagações, tudo por meio de alusões, a cada alusão encontrava modos de insinuar um motivo de suspeita para Cosme, e ele entendia que o fazia para atormentá-lo, mas tudo bem podia ser verdade, e nesse estado de ânimo incerto ora mascarava seu ciúme ora o deixava irromper violento, e Viola respondia de modo sempre diferente e imprevisível às suas reações, ora ela lhe parecia mais que nunca ligada a ele, ora não mais capaz de se excitar com ele.

Qual fosse de fato a vida da marquesa em suas viagens, nós de Penúmbria não podíamos saber, longe como estávamos das capitais e de suas intrigas. Mas naquele período fiz minha segunda viagem a Paris, por causa de certos contratos (um fornecimento de limões, pois agora muitos nobres punham-se a comerciar, estando eu entre os primeiros).

Uma noite, num dos mais ilustres salões parisienses, encontrei dona Viola. Apresentava-se com um penteado tão suntuoso e uma roupa tão esplêndida que só não tive dificuldades em reconhecê-la, a bem dizer estremeci ao vê-la, foi porque era justamente mulher que não podia ser confundida com nenhuma. Cumprimentou-me com indiferença, mas logo encontrou o modo de afastar-se comigo e me perguntar, sem aguardar resposta entre uma pergunta e outra:

— Tem novidades de seu irmão? Volta logo para Penúmbria? Pegue, entregue-lhe como lembrança minha. — E, tirando do seio um lenço de seda, colocou-o em minha mão.

Em seguida, deixou-se envolver pela corte de admiradores que se arrastava atrás dela.

— Conhece a marquesa? — perguntou-me em voz baixa um amigo parisiense.

— Só de passagem — respondi, e era verdade: em suas estadas em Penúmbria, dona Viola, contagiada pela selvageria de Cosme, não se preocupava em frequentar a nobreza da vizinhança.

— Raramente tanta beleza se faz acompanhar de tanta inquietude — disse meu amigo. — Os mexeriqueiros pretendem que em Paris ela passe de um amante a outro, num carrossel tão contínuo que não permite a ninguém afirmar que ela é sua e dizer-se privilegiado. Mas de vez em quando desaparece durante meses e meses e dizem que se retira para um convento, a fim de mortificar-se em penitências.

Com dificuldades contive o riso, ao ver que a permanência da marquesa nas árvores de Penúmbria era tida pelos parisienses como

período de penitência; mas ao mesmo tempo aquelas intrigas me perturbaram, fazendo prever tempos de tristeza para meu irmão.

Para preveni-lo de surpresas desagradáveis, quis avisá-lo, e logo que voltei a Penúmbria fui procurá-lo. Interrogou-me longamente sobre a viagem, as novidades da França, mas não consegui dar-lhe nenhuma notícia sobre política e literatura da qual já não estivesse ao corrente.

Por último, tirei do bolso o lenço de dona Viola.

— Em Paris num salão encontrei uma dama que o conhece, e me deu isso para você, com seus cumprimentos.

Desceu rapidamente o cestinho preso pelo barbante, levantou o lenço de seda e o levou ao rosto como para aspirar-lhe o perfume.

— Ah, você a viu? E como estava? Diga-me: como estava?

— Muito bela e brilhante — respondi lentamente —, mas dizem que este perfume é aspirado por muitos narizes...

Enfiou o lenço no peito como se temesse que lhe fosse arrancado. Voltou-se para mim com o rosto vermelho:

— E você não tinha uma espada para empurrar goela abaixo estas mentiras a quem as difundia?

Tive de confessar que isso nem me passara pela cabeça.

Permaneceu um pouco em silêncio. Depois deu de ombros.

— Tudo mentira. Só eu sei que é apenas minha. — E fugiu para os galhos sem cumprimentar-me.

Reconheci a sua maneira habitual de recusar qualquer coisa que o obrigasse a sair de seu mundo.

Dali em diante passou a ser visto triste e impaciente, saltitando aqui e ali, sem fazer nada. Se às vezes eu o ouvia assobiar, competindo com os melros, o seu trinado era sempre mais nervoso e pesado.

A marquesa chegou. Como sempre, o ciúme dele lhe proporcionou prazer: em parte a incitou, em parte a colocou na berlinda. Assim voltaram os lindos dias de amor e meu irmão estava feliz.

Mas agora a marquesa não perdia oportunidade de acusar Cosme de ter uma ideia estreita do amor.

— O que quer dizer? Que sou ciumento?

— Faz bem em ser ciumento. Mas você pretende submeter o ciúme à razão.

— Claro: assim posso torná-lo mais eficaz.

— Você argumenta demais. Por que o amor deve funcionar com raciocínios?

— Para amá-la ainda mais. Todas as coisas, com o uso da razão, aumentam seu poder.

— Você vive em cima das árvores e tem a mentalidade de um tabelião com gota.

— Os empreendimentos mais audaciosos têm de ser vividos com o ânimo mais simples.

Continuava a ditar regras, até o momento em que ela fugia: então, ele se punha a segui-la, a desesperar-se, a arrancar os cabelos.

Naqueles dias, um navio almirante inglês lançou âncora em nossa enseada. O almirante deu uma festa para os notáveis de Penúmbria e para os oficiais de outras embarcações de passagem; a marquesa compareceu; daquele dia em diante Cosme sofreu as penas do ciúme. Dois oficiais de navios diferentes encantaram-se com dona Viola e passaram a ser vistos sempre na praia, cortejando a dama e tentando superar-se em suas atenções. Um era tenente da Marinha inglesa; o outro também era tenente, mas da frota napolitana. Tendo alugado dois alazões, os tenentes faziam turno sob os terraços da marquesa, e quando se encontravam o napolitano dirigia ao inglês um olhar capaz de fuzilá-lo, ao passo que das pálpebras semicerradas do inglês saía um olhar como a ponta de uma espada.

E dona Viola? Não começa, a coquete, a ficar horas e horas em casa, a passear no terraço em *matinée*, como se fosse uma viuvinha fresca, recém-saída do luto? Cosme, sem contar com ela nas árvores, sem escutar a aproximação do galope do cavalo branco, ficava louco, e o seu posto de observação acabou sendo (também ele) em frente ao terraço, a controlá-la e aos dois tenentes.

Estava estudando o modo de pregar uma peça nos rivais que os obrigasse a voltar o mais rápido possível aos respectivos navios, mas, ao ver que Viola demonstrava apreciar de igual modo a corte de um e de outro, veio-lhe a esperança de que ela quisesse apenas jogar com ambos, e com ele próprio. Nem por isso diminuiu a vigilância: ao primeiro sinal que ela tivesse dado de preferir um dos dois, estava pronto para intervir.

Eis que, certa manhã, passa o inglês. Viola encontra-se na janela. Sorriem. A marquesa deixa cair um bilhete. O oficial o apanha no ar, lê,

inclina-se, ruborizado, e esporeia o cavalo. Um encontro! Era o inglês o felizardo! Cosme jurou que não o deixaria tranquilo até a noite.

Nessa altura passa o napolitano. Viola joga um bilhete também para ele. O oficial o lê, leva-o aos lábios e o beija. Considerava-se, portanto, o eleito? E o outro como ficava? Contra qual dos dois Cosme devia agir? Certamente com um dos dois dona Viola marcara um encontro; e com o outro devia ter feito apenas uma de suas brincadeiras. Ou queria blefar com ambos?

Quanto ao local de encontro, Cosme suspeitava de um dos quiosques do fundo do parque. Pouco tempo antes a marquesa mandara arrumar e decorar o lugar, e Cosme se roía de ciúmes, pois não era mais o tempo em que ela enchia os topos das árvores de cortinas e divãs: agora se preocupava com espaços onde ele jamais entraria. “Vou vigiar o pavilhão”, Cosme disse para si. “Se marcou um encontro com um dos dois tenentes, só pode ser lá.” E empoleirou-se no interior da copa de um castanheiro-da-índia.

Pouco antes do pôr do sol, ouviu-se um galope. Chega o napolitano. “Agora o desafio!”, pensa Cosme e com uma zarabatana atira-lhe no pescoço uma bola de esterco de esquilo. O oficial se sobressalta, olha em torno. Cosme sobressai do galho, e ao mover-se vê além da sebe o tenente inglês que está descendo da sela, e amarra o cavalo num tronco. “Agora é a vez dele; talvez o outro estivesse passando aqui por acaso.” E tome uma zarabatanada de esquilo no nariz.

— *Who's there?* — diz o inglês, e faz menção de atravessar a sebe.

Mas se encontra cara a cara com o colega napolitano, que, tendo também descido do cavalo, diz igualmente:

— Quem está aí?

— *I beg your pardon, sir* — diz o inglês —, mas devo convidá-lo a retirar-se imediatamente deste local.

— Se estou aqui é com todo o direito — diz o napolitano —, convido Vossa Senhoria a retirar-se!

— Nenhum direito pode sobrepor-se ao meu — replica o inglês. — *I'm sorry*, não lhe permito ficar.

— É uma questão de honra — diz o outro —, e tenha como penhor a minha tradição familiar: Salvatore di San Cataldo di Santa Maria Capua Venere, da Marinha das Duas Sicílias!

— Sir Osbert Castlefight, terceiro desta linhagem! — apresenta-se o inglês. — É minha honra que impõe a sua saída de campo.

— Não sem antes tê-lo expulso com esta espada! — E a retira da bainha.

— Senhor, queira bater-se — diz sir Osbert, pondo-se em guarda. Duelam.

— Era aqui que eu o desejava, colega, e não é de hoje! — E lhe dá uma estocada.

E sir Osbert, aparando:

— Há algum tempo seguia seus movimentos, tenente, e o esperava justamente para isso!

Equilibrando-se em força, os dois tenentes esgotavam-se em assaltos e fintas. Estavam no limite das energias, quando:

— Parem, em nome do céu! — No umbral do pavilhão surgira dona Viola.

— Marquesa, este homem... — disseram os dois militares a uma só voz, baixando a espada e apontando-se reciprocamente.

E dona Viola:

— Meus caros amigos! Guardem as armas, suplico-lhes! É este o modo de assustar uma mulher? Preferia este pavilhão por ser o lugar mais silencioso e secreto do parque, e acontece que mal adormeço me desperta o bater de suas espadas!

— Mas, milady — diz o inglês —, não tinha sido eu convidado aqui pela senhora?

— Estava aqui para me esperar, senhora... — diz o napolitano.

Da garganta de dona Viola elevou-se um riso leve como um bater de asas.

— Ah, sim, sim, tinha convidado o senhor... ou o senhor... Oh, esta minha cabeça tão confusa... Bem, o que esperam? Entrem, acomodem-se, por favor...

— Milady, pensei que se tratasse de um convite só para mim. Enganei-me. Cumprimento-a e peço licença.

— O mesmo queria dizer eu, senhora, e ausentar-me.

A marquesa ria:

— Meus bons amigos... Meus caros amigos... Sou tão aérea... Pensava ter convidado sir Osbert a uma certa hora... e dom Salvatore noutro momento... Não, não, desculpem-me: na mesma hora, mas em lugares

diferentes... Oh, não, como pode ser?... Bem, visto que estão os dois aqui, por que não podemos sentar-nos e conversar civilmente?

Os dois tenentes se olharam, depois olharam para ela.

— Devemos entender, marquesa, que demonstrava aceitar nossas atenções só para jogar com os dois?

— Por quê, meus bons amigos? Ao contrário, ao contrário... A assiduidade de vocês não podia me deixar indiferente... São ambos tão simpáticos... Esta é minha tristeza... Se escolhesse a elegância de sir Osbert, eu o perderia, meu apaixonado dom Salvatore... E, optando pelo fogo do tenente de San Cataldo, deveria renunciar a um sir! Oh, por quê... por que não...

— Não o quê? — perguntaram em uníssono os dois oficiais. E dona Viola, baixando a cabeça:

— Por que não poderia pertencer aos dois ao mesmo tempo...?

Do alto do castanheiro-da-índia ouviu-se um estalar de galhos. Era Cosme que já não conseguia manter-se calmo.

Mas os dois tenentes estavam demasiado sobressaltados para ouvi-lo. Retrocederam juntos de um passo.

— Isto nunca, senhora.

A marquesa ergueu o belo rosto com seu sorriso mais radioso:

— Bem, eu serei do primeiro que, como prova de amor, para satisfazer-me em tudo, se declarar pronto a dividir-me também com o rival!

— Senhora...

— Milady...

Os dois tenentes, inclinando-se para Viola numa seca reverência de despedida, viraram-se um de frente para o outro, estenderam-se as mãos, e apertaram-nas.

— *I was sure you were a gentleman, signor Cataldo* — disse o inglês.

— Nem eu duvidava de sua honra, mister Osberto — respondeu o napolitano.

Deram as costas para a marquesa e dirigiram-se para os cavalos.

— Amigos... Por que tão ofendidos... Tolinhos... — dizia Viola, mas os dois oficiais já tinham o pé no estribo.

Era o momento que Cosme aguardava havia um bom tempo, antecipando o sabor da vingança que preparara: agora os dois teriam uma dolorosa surpresa. Acontece que, perante a atitude viril deles ao se

despedirem da pouco modesta marquesa, Cosme se sentiu inesperadamente reconciliado com eles. Tarde demais! Já agora o terrível dispositivo de vingança não podia mais ser travado! No espaço de um segundo, Cosme generosamente decidiu avisá-los:

— Alto lá! — gritou da árvore —, não se sentem na sela!

Os dois oficiais levantaram vivamente a cabeça.

— *What are you doing up there?* O que faz aí em cima? Como se permite? *Come down!*

Atrás deles ouviu-se o riso de dona Viola, uma de suas risadas em cascata.

Os dois estavam perplexos. Havia um terceiro, que segundo tudo indicava assistira à cena. A situação se complicava.

— *In any way* — disseram-se —, nós dois permanecemos solidários!

— Por nossa honra!

— Nenhum dos dois consentirá em dividir milady com quem quer que seja!

— Jamais em toda a vida!

— Mas se um dos dois decidisse consentir...

— Neste caso, sempre solidários! Consentiremos juntos!

— De acordo! E agora, a caminho!

Diante desse novo diálogo, Cosme mordeu um dedo de raiva por ter tentado evitar a realização da vingança. “Que se cumpra, sem mais!”, e retraiu-se entre as frondes. Os dois oficiais saltavam em arco. “Agora gritam”, pensou Cosme, e teve vontade de tapar os ouvidos. Ressoou um berro duplo. Os dois tenentes tinham se sentado em cima de dois porcos-espinhos ocultos sob as gualdrapas das selas.

— Traição! — E voaram para o chão, numa explosão de saltos e gritos e rodopios sobre eles mesmos, e parecia que quisessem zangar-se com a marquesa.

Mas dona Viola, mais indignada do que eles, gritou para cima:

— Macaco maligno e monstruoso! — E trepou pelo tronco do castanheiro-da-índia, desaparecendo tão depressa da vista dos oficiais que imaginaram que tivesse sido engolida pela terra.

Entre os ramos Viola encontrou-se diante de Cosme. Olhavam-se com olhos chamejantes, e tal ira lhes dava uma espécie de pureza, como arcanjos. Pareciam a ponto de devorar-se, quando a mulher:

— Oh, meu querido! — exclamou. — Assim, é assim mesmo que desejo você: ciumento, implacável! — Já lhe atirara os braços no pescoço, e se abraçavam, e Cosme não se lembrava de mais nada.

Ela se desvencilhou, afastou o rosto do dele, como se refletisse, e depois:

— Contudo, também eles dois, como me amam, você viu? Estão prontos a dividir-me entre eles...

Cosme ameaçou lançar-se contra ela, depois ergueu-se entre os ramos, mordeu a folhagem, bateu a cabeça contra o tronco:

— São dois vermeees...!

Viola se afastara dele com seu rosto de estátua.

— Você tem muito a aprender com eles. — Virou-se, desceu rápido da árvore.

Os dois cortejadores, esquecidos das disputas, não haviam encontrado outra solução além de começar com paciência a tirar os espinhos um do outro. Dona Viola interrompeu-os.

— Rápido! Subam na minha carruagem!

Desapareceram atrás do pavilhão. A carruagem partiu. Cosme, no castanheiro-da-índia, escondia o rosto entre as mãos.

Começou uma fase de tormentos para Cosme, mas também para os dois ex-rivais. E para Viola, talvez se pudesse falar de um tempo de alegrias? Creio que a marquesa atormentava os outros só porque desejava atormentar-se. Os dois nobres oficiais estavam sempre por perto, inseparáveis, sob as janelas de Viola, ou convidados ao seu salão, ou em longas paradas solitárias na hospedaria. Ela lisonjeava ambos e pedia-lhes sempre novas provas de amor, para as quais eles se declaravam todas as vezes prontos, e já estavam dispostos a possuí-la pela metade, e não só, mas a dividi-la também com terceiros, e tendo chegado às concessões não podiam mais parar, levados pelo desejo de assim conseguir finalmente comovê-la e obter a manutenção de suas promessas, e ao mesmo tempo, empenhados pelo pacto de solidariedade com o rival, e devorados pelo ciúme e pela esperança de superá-lo, e agora também por um apelo da obscura degradação em que se sentiam afundar.

A cada nova promessa arrancada dos oficiais da Marinha, Viola montava a cavalo e ia dizê-lo a Cosme.

— Sabe que o inglês está disposto a isso e aquilo... E o napolitano também... — gritava-lhe, apenas o via lugubrememente empoleirado numa árvore.

Cosme não respondia.

— Isso é amor absoluto — ela insistia.

— Patifarias absolutas, dignas de vocês! — berrava Cosme, e desaparecia.

Era este o modo cruel que agora tinham de amar-se, e não encontravam mais a maneira de escapar disso.

A nau capitânea inglesa ia zarpar.

— O senhor fica, não é? — disse Viola a sir Osbert.

Sir Osbert não se apresentou a bordo; foi declarado desertor. Por solidariedade e emulação, dom Salvatore também desertou.

— Eles desertaram! — anunciou triunfalmente Viola a Cosme. — Por mim! E você...

— E eu??? — urrou Cosme com um olhar tão feroz que Viola não disse nem mais uma palavra.

Sir Osbert e Salvatore di San Cataldo, desertores da Marinha das respectivas Majestades, passavam dias inteiros na hospedaria, jogando dados, pálidos, inquietos, tratando de desbancar-se reciprocamente, enquanto Viola estava no auge do descontentamento consigo e com tudo o que a circundava.

Pegou o cavalo, rumou para o bosque. Cosme estava num carvalho. Ela parou embaixo, num prado.

— Estou cansada.

— Daqueles dois?

— De todos vocês.

— Ah.

— Eles me deram as maiores provas de amor...

Cosme cuspiu.

— ... Mas não me bastam.

Cosme ergueu os olhos para ela.

E ela:

— Você não acredita que o amor seja dedicação absoluta, renúncia de si mesmo...

Estava ali no prado, linda como nunca, e a frieza que endurecia de leve os seus traços e o seu porte orgulhoso teria bastado um nada para

pacificá-los, e voltar a tê-la nos braços... Podia dizer qualquer coisa, Cosme, uma coisa qualquer para ir ao encontro dela, poderia dizer: “Diga-me o que deseja que eu faça, estou pronto...”, e teria sido outra vez a felicidade para ele, a felicidade juntos e sem sombras. Ao contrário, disse:

— Não pode haver amor se não somos nós mesmos com as nossas próprias forças.

Viola fez um movimento de contrariedade que era também de cansaço. Contudo, ainda teria podido entendê-lo, como de fato o entendia, e mais, tinha nos lábios as palavras para dizer: “Você é como eu gosto...” e logo subir até ele... Mordeu um lábio. Disse:

— Pois então, seja você mesmo sozinho.

“Mas então ser eu mesmo não faz sentido...”, eis o que desejava dizer Cosme. Porém, falou:

— Se prefere aqueles dois vermes...

— Não lhe permito desprezar os meus amigos! — ela gritou, e ainda pensava: “Só você me importa, é só por você que faço tudo o que faço!”.

— Só eu posso ser desprezado...

— O seu modo de pensar!

— Sou uma coisa inteira com ele.

— Então adeus. Parto esta noite. Não me verá mais.

Correu para a vila, fez as malas, partiu sem dizer nada aos tenentes. Manteve a palavra. Não regressou a Penúmbria. Foi para a França, e os acontecimentos históricos sobrepuseram-se à sua vontade, quando ela só desejava voltar. Estourou a revolução, depois a guerra; a marquesa, de início interessada pelo novo curso dos acontecimentos (estava na *entourage* de La Fayette), emigrou depois para a Bélgica e de lá para a Inglaterra. Na névoa de Londres, durante os longos anos das guerras contra Napoleão, sonhava com as árvores de Penúmbria. Mais tarde, voltou a casar-se com um lorde interessado pela Companhia das Índias e se estabeleceu em Calcutá. Do seu terraço olhava as florestas, as árvores ainda mais estranhas do que aquelas do jardim da sua infância, e a todo momento parecia-lhe ver Cosme abrir caminho entre as folhas. Mas era a sombra de um macaco, ou de um jaguar.

Sir Osbert Castlefight e Salvatore di San Cataldo permaneceram ligados para sempre, e dedicaram-se à carreira de aventureiros. Foram

vistos nas casas de jogo de Veneza, em Göttingen, na faculdade de teologia, em São Petersburgo na corte de Catarina II, e depois perderam-se suas pistas.

Cosme ficou vagabundeando pelos bosques durante muito tempo, chorando, maltrapilho, recusando-se a comer. Chorava alto, como os recém-nascidos, e os pássaros que antigamente fugiam em bandos ao se aproximarem daquele infalível caçador, agora ficavam junto dele, nos cumes das árvores ao redor ou voando-lhe sobre a cabeça, e os pássaros gritavam, gorjeavam os pintassilgos, arrulhava a rolinha, cantava o tordo, chilreava o tentilhão e a carriça; e dos altos esconderijos saíam os esquilos, os seretazes, os ratos do campo, e uniam seus chiados ao coro, e assim se movia meu irmão em meio àquela nuvem de lamentos.

Depois veio o tempo da violência destruidora: toda árvore, começava da extremidade e, corta uma folha, corta outra, rapidíssimo tornava-a pelada como no inverno, mesmo que não fosse do tipo desfolhante. Depois subia de novo e quebrava todos os ramos até que só restassem os grandes galhos, voltava a subir, e com um canivete começava a arrancar a casca, e viam-se as plantas despojadas exibirem o branco com arrepiante expressão ferida.

E, em toda essa fúria, não havia mais ressentimento contra Viola, mas apenas o remorso de tê-la perdido, de não ter sabido mantê-la ligada a ele, de tê-la ferido com um orgulho injusto e idiota. Porque, agora o compreendia, ela lhe fora sempre fiel, e se arrastava outros dois homens atrás dela era para dar a entender que considerava apenas Cosme digno de ser o seu único amante, e todas as suas insatisfações e birras não passavam da sede insaciável de fazer sua paixão aumentar sem admitir que tocasse um ponto máximo, e ele, só ele, não entendera nada disso e a provocara até perdê-la.

Durante algumas semanas permaneceu no bosque, sozinho como jamais estivera; não tinha mais nem Ótimo Máximo, pois Viola o levara embora. Quando meu irmão voltou a aparecer em Penúmbria, estava mudado. Nem eu podia mais ter ilusões: desta vez Cosme tinha mesmo ficado louco.

24

Que Cosme era louco, em Penúmbria sempre se disse, desde quando aos doze anos subira nas árvores recusando-se a descer. Mas em seguida,

como costuma acontecer, aquela sua loucura fora aceita por todos, e não falo somente da sua fixação de viver lá em cima, mas das várias esquisitices de seu caráter, e todos o consideravam um original, nada mais do que isso. Depois, em plena estação de seu amor por Viola houve as manifestações em idiomas incompreensíveis, especialmente aquela durante a festa do padroeiro, que alguns julgavam sacrílega, interpretando suas palavras como um grito herético, talvez em cartaginês, língua dos pelagianos, ou uma declaração de socinianismo, em polonês. Desde então, começou a circular a versão: “O barão enlouqueceu!”, e os bem pensantes acrescentavam: “Como pôde enlouquecer alguém que sempre foi louco?”.

Em meio a esses juízos contrastantes, Cosme se tornara louco de verdade. Se antes andava vestido com peles da cabeça aos pés, agora começara a enfeitar a cabeça com penas, como os aborígenes da América, penas de poupa ou de verdilhão, com cores vivas, e além de usá-las na cabeça espalhava algumas pelas roupas. Acabou por fazer casacas totalmente recobertas de penas, e a imitar os hábitos dos diferentes pássaros, como o pica-pau, extraindo dos troncos lombrigas e larvas e considerando-as como grande riqueza.

Fazia também apologias dos pássaros, para as pessoas que se reuniam para ouvi-lo e zombar dele sob as árvores: e de caçador se fez advogado das aves e se proclamava ora abelheiro ora coruja ora pintarroxo, com camuflagens adequadas, e pronunciava discursos de acusação contra os homens, que não sabiam reconhecer nos pássaros seus verdadeiros amigos, discursos que afinal eram de acusação contra toda a sociedade humana, sob a forma de parábolas. Também os pássaros tinham se dado conta dessa sua mudança de ideias, e se aproximavam dele, mesmo quando embaixo havia gente a escutá-lo. Assim ele podia ilustrar o seu discurso com exemplos vivos que indicava nos ramos ao redor.

Por essa sua virtude, muito se falou entre os caçadores de Penúmbria em usá-lo como chamariz, mas ninguém se atreveu a atirar nos pássaros que pousavam perto dele. Porque o barão, mesmo agora que andava tão fora de esquadro, continuava a provocar uma certa sujeição; caçoavam dele, sim, e muitas vezes havia embaixo da árvore um bando de moleques e desocupados que zombavam dele, mas o barão era também respeitado, e ouvido sempre com atenção.

Suas árvores agora eram enfeitadas com folhas escritas e também com máximas de Sêneca e Shaftesbury, e com objetos: cocares de penas, círios de igreja, pequenas foices, coroas, bustos de mulher, pistolas, balanças, ligados uns aos outros numa certa ordem. A gente de Penúmbria passava horas tentando adivinhar o que queria dizer aquele quebra-cabeça: os nobres, o papa, a virtude, a guerra, e eu acho que às vezes não tinham nenhum significado, mas só serviam para aguçar a mente e fazer entender que mesmo as ideias mais fora do comum podiam ser justas.

Cosme se pôs também a escrever certos textos, como *O verso do Melro*, *O Pica-Pau que bate*, *Os diálogos das Corujas*, e a distribuí-los publicamente. E mais, foi justamente nesse período que aprendeu a técnica da imprensa e começou a imprimir espécies de libelos ou gazetas (dentre as quais *A Gazeta das Pegas*), todas reunidas mais tarde sob o título: *O Monitor dos Bípedes*. Transportara para o alto de uma noqueira um banco de carpinteiro, um tear, uma prensa, uma caixa de tipos, um garrafão de tinta, e passava os dias a compor suas páginas e a tirar cópias. Às vezes entre o tear e o papel apareciam aranhas, borboletas, e a sua marca ficava impressa na página; às vezes um caxinguelê saltava na folha fresca de tinta e borrava tudo com batidas de cauda; às vezes os esquilos pegavam uma letra do alfabeto e a carregavam para suas tocas pensando que fosse comestível, como aconteceu com a letra Q, a qual devido à forma redonda e pedunculada foi confundida com um fruto, e Cosme teve de começar alguns artigos com *cuando* e *cual*.

Tudo muito bonito, porém eu tinha a impressão de que naquele tempo meu irmão não só havia enlouquecido completamente, mas estava também se imbecilizando um pouco, o que é mais grave e doloroso, pois a loucura é uma força da natureza, no mal ou no bem, enquanto a cretinice é uma fraqueza da natureza, sem contrapartida.

De fato, no inverno, ele pareceu reduzir-se a uma espécie de letargia. Estava pendurado num tronco embutido em seu saco, só com a cabeça de fora, como ave de ninho, e já era muito se, nas horas mais quentes, dava quatro saltos para chegar ao amieiro na torrente Merdança para fazer suas necessidades. Ficava no saco lendo um pouco (acendia, no escuro, uma lanterninha a óleo), resmungando ou cantarolando. Mas passava a maior parte do tempo dormindo.

Para comer, tinha suas provisões misteriosas, mas aceitava pratos de sopa e de ravióli, quando alguma boa alma ia levá-los até lá, com uma escada. De fato, criara-se uma espécie de superstição entre a gente do povo, no sentido de que fazer uma oferta ao barão trazia fortuna; sinal de que ele suscitava ou temor ou bem-querer, e eu creio que era o segundo. O fato de que o herdeiro do título baronial de Rondó se punha a viver de esmolas públicas me pareceu degradante; e pensei sobretudo no falecido papai, se tivesse sabido disso. Quanto a mim, até então estava com a consciência tranquila, pois meu irmão sempre desprezara as comodidades da família, e assinara uma declaração segundo a qual, após lhe destinar uma pequena renda (quase toda aplicada na compra de livros), não tinha obrigações em relação a ele. Mas agora, ao vê-lo incapaz de procurar comida, tentei fazer subir até ele, numa escada, um de nossos lacaios usando libré e peruca branca, com um quarto de peru e um copo de borgonha numa bandeja. Pensei que fosse recusar, por uma daquelas misteriosas questões de princípio, mas aceitou logo de boa vontade e, desde então, todas as vezes que nos lembrávamos, mandávamos uma porção dos nossos alimentos para ele na árvore.

Em resumo, era uma decadência lastimável. Por sorte houve a invasão dos lobos, e Cosme voltou a dar prova das suas melhores qualidades. Era um inverno gélido, a neve caíra até em nossos bosques. Bandos de lobos, expulsos dos Alpes pela fome, chegaram às nossas praias. Alguns lenhadores os encontraram e trouxeram a notícia aterrorizados. Os penúmbrios, que desde o tempo da guarda contra os incêndios haviam aprendido a unir-se nos momentos de perigo, começaram a fazer turnos de sentinela nos arredores da cidade, para impedir a aproximação daquelas feras famintas. Mas ninguém se atrevia a sair do povoado, especialmente à noite.

— É uma pena que o barão não seja mais aquele de antigamente! — comentava-se em Penúmbria.

Aquele inverno violento tivera consequências para a saúde de Cosme. Ficava ali balançando enrolado em seu odre como uma lagarta no casulo, com o nariz pingando, o ar distante e o rosto inchado. Houve o alarme por causa dos lobos, e as pessoas passando embaixo o apostrofavam:

— Ah, barão, antes era você quem fazia a guarda para nós de cima das árvores, e agora somos nós que fazemos a guarda para você.

Ele permanecia com os olhos semicerrados, como se não entendesse ou não lhe importasse nem um pouco. Contudo, de repente levantou a cabeça, respirou fundo e disse, rouco:

— As ovelhas. Para caçar os lobos. Devem ser colocadas ovelhas nas árvores. Amarradas.

As pessoas já se reuniam embaixo para ouvir que loucuras dizia, e zombar dele. Ele, ao contrário, bufando e escarrando, ergueu-se do saco e disse:

— Vou mostrar-lhes onde. — E correu pelos galhos.

Em cima de algumas nogueiras e carvalhos, entre o bosque e a área cultivada, em posições escolhidas com grande cuidado, Cosme exigiu que conduzissem ovelhas ou carneiros e os amarrou ele mesmo nos ramos, vivos, balindo, mas de um jeito que não pudessem despencar. Em cada uma das árvores escondeu um fuzil carregado. Ele também se vestiu de ovelha: capuz, juba, calças, tudo de pelagem ovina encaracolada. E se pôs a esperar a noite no sereno em cima das árvores. Todos acreditavam que era a maior de suas loucuras.

Ao contrário, naquela noite chegaram os lobos. Sentindo o cheiro das ovelhas, ouvindo o balido e vendo-as lá em cima, o bando inteiro parava em volta da árvore, e ululavam, com famintas goelas abertas, e arranhavam o tronco com as garras. Eis que então, balançando-se nos ramos, aproximava-se Cosme, e os lobos vendo aquela forma entre a ovelha e o homem que saltava lá em cima como um pássaro ficavam tontos com a boca escancarada. Até que — bum! bum! — recebiam duas balas bem na goela. Duas: porque Cosme carregava um fuzil com ele (e voltava a carregá-lo de cada vez) e um outro estava ali pronto com a bala no cano em cada árvore; portanto, a cada vez eram dois lobos que ficavam estendidos no chão gelado. Exterminou assim um grande número e a cada disparo os bandos passavam a girar desorientados, e os caçadores correndo para o local de onde vinham os urros e os disparos faziam o resto.

Em seguida, Cosme contava episódios desta caça aos lobos em muitas versões, e não sei dizer qual era a correta. Por exemplo:

— A batalha caminhava bem quando, dirigindo-me para a árvore em que se encontrava a última ovelha, encontrei três lobos que haviam conseguido subir e estavam acabando com ela. Meio cego e aturdido pelo resfriado como estava, cheguei quase ao focinho dos lobos sem me

dar conta. Os lobos, ao verem aquela outra ovelha que caminhava em pé entre os ramos, voltaram-se contra ela, escancarando as bocarras ainda rubras de sangue. Eu tinha descarregado o fuzil, porque depois do tiroteio ficara sem pólvora; e o fuzil preparado naquela árvore, não podia alcançá-lo porque ali estavam os lobos. Estava num ramo secundário e meio frágil, mas acima de mim existia um galho mais forte ao alcance do braço. Comecei a recuar no meu ramo, afastando-me lentamente do tronco. Um lobo, bem devagar, me seguiu. Mas eu me pendurava com as mãos no ramo de cima, e fingia mover os pés sobre o galho tenro; na verdade estava suspenso sobre ele. O lobo, enganado, confiou em seguir avançando, e o ramo se quebrou, enquanto eu pulava para o galho de cima. O lobo caiu esboçando um latido de cão, e arrebentou os ossos no chão, morrendo ali mesmo.

— E os outros dois lobos?

— ... Os outros dois estavam me estudando, imóveis. Então, de um golpe só, tirei a juba e o capuz de pele de ovelha e joguei em cima deles. Um dos dois lobos, ao ver que lhe voava em cima aquela sombra branca de carneiro, tratou de agarrá-la com os dentes, mas, como tinha se preparado para receber um grande peso e sendo aquilo um despojo vazio, balançou e perdeu o equilíbrio, acabando ele também por arrebentar patas e pescoço no chão.

— Resta um ainda...

— ... Resta um ainda, mas, como fiquei inesperadamente mais leve ao atirar a juba, me veio um daqueles espirros de fazer tremer o céu. O lobo, diante daquela irrupção tão inesperada e nova, teve um sobressalto tão grande que caiu da árvore, quebrando o pescoço como os outros.

Assim meu irmão contava sua noite de batalha. O que é certo é que o frio que sentira, doente como já estava, quase lhe foi fatal. Esteve alguns dias entre a vida e a morte, e foi tratado à custa da prefeitura de Penúmbria, em sinal de reconhecimento. Estendido numa rede, foi cercado por um sobe e desce de médicos pelas escadas. Os melhores especialistas das vizinhanças foram consultados, e havia quem se ocupasse dos pequenos serviços, quem fizesse sangrias, cataplasmas, massagens com bálsamos. Ninguém mais falava do barão de Rondó como de um louco, mas todos como de um dos maiores talentos e fenômenos do século.

Isso enquanto ficou doente. Quando se curou, voltaram a considerá-lo sábio como antes, ou louco como sempre. O fato é que não fez mais tantas esquisitices. Continuou a publicar um semanário, não mais intitulado *O Monitor dos Bípedes*, e, sim, *O Vertebrado Racional*.

25

Não sei se naquele tempo já tinha sido fundada em Penúmbria uma loja de francomaçons: fui iniciado na maçonaria muito mais tarde, depois da primeira campanha napoleônica, junto com grande parte da burguesia abastada e da pequena aristocracia da nossa região e por isso não sei dizer quais tenham sido os primeiros contatos de meu irmão com a loja. A propósito, citarei um episódio ocorrido mais ou menos no período sobre o qual estou narrando, e que várias testemunhas poderiam confirmar.

Chegaram um dia a Penúmbria dois espanhóis, viajantes de passagem. Dirigiram-se à casa de um certo Bartolomeu Cavador, confeitiro, conhecido como maçom. Parece que se teriam apresentado como irmãos da loja de Madri, de forma que ele os levou para assistir a uma sessão da maçonaria penúmbria, que então se reunia à luz de tochas e círios numa clareira no meio do bosque. Sobre tudo isso só se tem notícias por meio de boatos e suposições: o que é certo é que no dia seguinte os dois espanhóis, assim que saíram de casa, foram seguidos por Cosme de Rondó, que sem ser visto os vigiava do alto das árvores.

Os dois viajantes entraram no pátio de uma hospedaria fora dos muros da cidade. Cosme empoleirou-se numa glicínia. Numa das mesas, estava um freguês que esperava por eles; não se distinguia o seu rosto, protegido por um chapéu preto de abas largas. Aquelas três cabeças, ou melhor, aqueles três chapéus, convergiram para o quadrado branco da toalha; e, após ter confabulado um pouco, as mãos do desconhecido passaram a escrever num papel estreito alguma coisa que os demais lhe ditavam e que, pela ordem em que alinhava as palavras uma debaixo da outra, parecia uma lista de nomes.

— Bom dia, meus senhores! — disse Cosme.

Os três chapéus se levantaram deixando aparecer três rostos com os olhos arregalados em direção ao homem em cima da glicínia. Mas um dos três, o das abas largas, abaixou-se logo, tanto que tocou a mesa com

a ponta do nariz. Meu irmão tivera tempo de entrever uma fisionomia que não lhe parecia estranha.

— *Buenos días a usted!* — disseram os dois. — Mas é um costume do lugar apresentar-se aos forasteiros caindo do céu como um pombo? Espero que pretenda descer logo e explicar-nos isso!

— Quem está no alto acha-se bem à vista de qualquer ângulo — disse o barão —, ao passo que existe quem se arraste para ocultar o rosto.

— Saiba que nenhum de nós é obrigado a mostrar-lhe o rosto, *señor*, não mais de quanto seja obrigado a mostrar as nádegas.

— Sei que para determinados tipos de pessoas é um ponto de honra manter o rosto na sombra.

— Quais, por favor?

— Espiões, por exemplo!

Os dois compadres sobressaltaram-se. O que estava inclinado permaneceu imóvel, mas pela primeira vez se ouviu a sua voz.

— Ou, para dar outro exemplo, os membros de sociedades secretas... — escandiu lentamente.

Essa observação poderia ser interpretada de várias formas. Cosme pensou e a seguir disse alto:

— Esta observação, senhores, pode ser interpretada de várias formas. Vocês dizem “membros de sociedades secretas” insinuando que eu o seja, ou insinuando que vocês o sejam, ou que o sejamos todos, ou que nós não o sejamos, mas outros, ou porque de todo modo é uma observação que pode servir para verificar o que digo eu depois?

— *Como como como?* — disse desorientado o homem com o chapéu de abas largas, e em sua desorientação, esquecendo que devia manter a cabeça inclinada, ergueu-se até olhar Cosme nos olhos.

Cosme o reconheceu: era dom Sulpício, o jesuíta inimigo seu dos tempos de Olivabaixa!

— Ah! Não estava enganado! Tire a máscara, reverendo padre! — exclamou o barão.

— O senhor! Tinha certeza — fez o espanhol e tirou o chapéu, inclinou-se, descobrindo a coroinha. — Dom Sulpício de Guadalete, *superior de la Compañia de Jesus*.

— Cosme de Rondó, franco-maçom, membro efetivo!

Também os outros dois espanhóis se apresentaram com uma breve inclinação.

— Dom Calisto!

— Dom Fulgêncio!

— Jesuítas os senhores também?

— *Nosotros también!*

— Mas a ordem de vocês não foi recentemente dissolvida por ordem do papa?

— Não para dar trégua aos libertinos e aos hereges de sua laia! — disse dom Sulpício, desembainhando a espada.

Eram jesuítas espanhóis que após a dissolução da ordem haviam ido para o campo, tentando formar uma milícia armada em todos os povoados, a fim de combater as ideias novas e o teísmo.

Também Cosme desembainhara a espada. Muita gente se reunira em volta.

— Faça o favor de descer, se quiser bater-se *caballerosamente* — disse o espanhol.

Ali perto havia um bosque de nogueiras. Era o tempo da colheita e os camponeses haviam estendido lençóis de uma árvore a outra, para receber as nozes que derrubavam. Cosme correu até uma nogueira, saltou no lençol, e ali se manteve ereto, travando os pés que escorregavam sobre o tecido naquela espécie de grande rede.

— Suba o senhor dois palmos, dom Sulpício, pois eu já desci mais do que costume! — E puxou ele também a espada.

O espanhol pulou para o lençol estendido. Era difícil manter-se ereto, porque o lençol tendia a fechar-se em forma de saco em volta deles, mas os dois contendores estavam tão decididos que conseguiram cruzar os ferros.

— *Para maior glória de Deus!*

— *Pela glória do Grande Arquiteto do Universo!*

E pelejavam a golpes contínuos.

— Antes que lhe enfie esta lâmina no piloro — disse Cosme —, dê-me notícias da *señorita Úrsula*.

— Morreu num convento!

Cosme ficou perturbado com a notícia (que imagino tivesse sido inventada ali mesmo) e o ex-jesuíta aproveitou para dar um golpe com a canhota. Com um movimento atingiu uma das pontas que, amarradas aos galhos da nogueira, sustentavam o lençol do lado de Cosme, e a cortou. Cosme teria certamente caído se não tivesse sido ágil em pular

para o lado de dom Sulpício e agarrar-se a uma borda. No salto, a sua espada rompeu a guarda do espanhol e penetrou-lhe o ventre. Dom Sulpício abandonou-se, escorregou pelo lençol inclinado na parte em que fora cortado, e caiu no chão. Cosme subiu na nogueira. Os outros dois ex-jesuítas ergueram o corpo do companheiro ferido ou morto (jamais se soube direito), fugiram e não apareceram mais.

O povo se reuniu ao redor do lençol ensanguentado. Daquele dia em diante meu irmão ganhou fama de franco-maçom.

O segredo da sociedade não me permitiu saber mais. Quando passei a fazer parte dela, conforme disse, ouvi falar de Cosme como de um antigo irmão cujas relações com a loja não eram bem claras, e havia quem o definisse como “adormecido”, e quem dissesse ser ele um herético que havia adotado outro rito; que se tornara um apóstata; mas sempre com grande respeito por sua atividade passada. Não excludo sequer que pudesse ter sido ele o lendário mestre “Pica-pau pedreiro”, a quem se atribuía a fundação da loja O Leste de Penúmbria, e que além do mais a descrição dos primeiros ritos que teriam existido se ressentiriam da influência do barão: basta dizer que os neófitos eram vendados, obrigados a subir numa árvore e descer pendurados em cordas.

É certo que entre nós as primeiras reuniões dos maçons aconteciam à noite no meio dos bosques. Portanto, a presença de Cosme seria mais do que justificada, tanto no caso de que tenha sido ele a receber de seus correspondentes estrangeiros os opúsculos com os regulamentos maçônicos e a fundar aqui a loja, quanto no caso de que tenha sido algum outro, provavelmente após ter sido iniciado na França ou na Inglaterra, a introduzir os ritos também em Penúmbria. Talvez seja possível que a maçonaria já existisse havia tempos, sem que Cosme o soubesse, e ele casualmente numa noite, movimentando-se pelas árvores do bosque, tenha descoberto numa clareira uma reunião de homens com estranhas roupagens e instrumentos, à luz de candelabros, tenha parado para escutar, e depois tenha intervindo provocando desconcerto com uma de suas saídas, como, por exemplo: “Se levantas uma parede, pensa naquilo que permanece de fora!” (frase que o ouvi repetir várias vezes), ou uma outra das suas, e os maçons, reconhecida a sua profunda

doutrina, o tenham feito entrar na loja, com incumbências especiais, e introduzindo um grande número de novos ritos e símbolos.

O fato é que, durante todo o tempo em que meu irmão dela participou, a maçonaria ao ar livre (como a chamarei para distingui-la daquela que se reunirá depois num edifício fechado) teve um ritual muito mais rico, em que entravam corujas, telescópios, pinhas, bombas hidráulicas, cogumelos, diabinhos de Descartes, teias de aranha, tabuletas pitagóricas. Havia também uma certa exibição de crânios, não apenas humanos, mas também de vacas, lobos e águias. Objetos desse gênero e outros ainda, tais como colheres de pedreiro, esquadros e compassos da habitual liturgia maçônica, eram encontrados naquela época pendurados nos galhos em conjuntos bizarros, e sempre atribuídos à loucura do barão. Só poucas pessoas deixavam entender que agora esse quebra-cabeça tinha um significado mais sério; contudo, nunca se conseguiu estabelecer uma separação nítida entre os signos de antes e os posteriores, e excluir que desde o princípio fossem sinais esotéricos de alguma sociedade secreta.

Porque Cosme, bem antes da maçonaria, já se filiara a várias associações ou confrarias de profissionais, como a de São Crispim ou dos Sapateiros, ou à dos Virtuosos Tanoeiros, dos Justos Armeiros ou dos Chapeleiros Conscienciosos. Fazendo por conta própria todas as coisas de que se utilizava, conhecia as técnicas mais variadas, e podia declarar-se membro de muitas corporações, que por seu lado ficavam bem contentes de ter entre os seus um membro de família nobre, de talento bizarro e de desinteresse comprovado.

Como essa paixão que Cosme sempre demonstrou pela vida associativa se conciliava com a sua perpétua fuga da convivência civil, nunca entendi bem, e isso permanece uma das singularidades não menores do seu caráter. Dir-se-ia que ele, quanto mais decidido estava a ficar escondido entre seus galhos, mais sentia necessidade de criar novas relações com o gênero humano. Contudo, por mais que às vezes se lançasse, de corpo e alma, a organizar uma nova associação, estabelecendo meticulosamente os estatutos, as finalidades, a escolha dos homens mais adequados para cada cargo, jamais seus companheiros sabiam até que ponto podiam contar com ele, quando e onde encontrá-lo, e quando ao contrário seria inesperadamente absorvido por sua natureza de pássaro e não se deixaria mais apanhar. Talvez, se realmente

se pretender reconduzir tais atitudes contraditórias a um único impulso, seja preciso pensar que ele era igualmente avesso a todo tipo de convivência humana vigente em sua época, e por isso fugia de todos, e se obstinava em experimentar novos; mas nenhum deles lhe parecia suficientemente justo e diferente dos outros: daí seus contínuos intervalos de selvageria absoluta.

O que tinha em mente era uma ideia de sociedade universal. E todas as vezes que se ocupou em associar pessoas, seja para fins bem precisos como a vigilância contra incêndios ou a defesa contra os lobos, seja em fraternidades de artesãos como os Perfeitos Afiadores ou os Iluminados Curtidores de Couros, como conseguia sempre levá-los a se reunir no bosque, noite adentro, em volta de uma árvore, da qual ele pregava, daí resultava sempre um clima de conjuração, de seita, de heresia, e naquele clima também os discursos passavam facilmente do particular ao geral e das simples regras de uma ocupação artesanal passava-se com a maior naturalidade para o projeto de instauração de uma república mundial de iguais, de livres e de justos.

Portanto, na maçonaria Cosme apenas repetia o que já fizera nas outras sociedades secretas ou semisecretas de que participara. E, quando um certo lorde Liverpuck, enviado pela grande loja de Londres para visitar os irmãos do continente, chegou a Penúmbria enquanto era mestre meu irmão, ficou tão escandalizado com sua pouca ortodoxia que escreveu a Londres que a de Penúmbria devia ser uma nova maçonaria de rito escocês, financiada pelos Stuart para fazer propaganda contra o trono dos Hanôver, pela restauração jacobita.

Depois disso ocorreu o fato que contei, dos dois viajantes espanhóis que se apresentaram como maçons a Bartolomeu Cavador. Convidados a uma reunião da loja, eles acharam tudo muito normal, chegando a dizer que era tal e qual no O Leste de Madri. Foi isso que despertou suspeitas em Cosme, que sabia bem quanto daquele ritual era invenção sua: por isso, seguiu a pista dos espiões e os desmascarou, triunfando contra seu velho inimigo dom Sulpício.

Contudo, sou de opinião que tais mudanças de liturgia eram uma necessidade pessoal dele, pois de todas as profissões poderia adotar os símbolos a justo título, exceto os de pedreiro, ele que jamais quisera construir nem habitar casas de alvenaria.

Penúmbria era uma terra de vinhas, também. Jamais o destaquei porque ao acompanhar Cosme tive sempre de me restringir às plantas de grande porte. Mas havia vastas colinas de vinhedo, e em agosto, sob a folhagem das fileiras, a uva vermelha inchava em cachos de um suco denso já cor de vinho. Algumas vinhas estavam dispostas em parreira: digo isso também porque Cosme, ao envelhecer, se tornara tão miúdo e leve e aprendera tão bem a arte de caminhar sem peso que as traves dos parreirais o aguentavam. Ele podia, portanto, passar sobre as videiras, e assim andando, e ajudando-se com as árvores de fruta ao redor, e apoiando-se nas estacas chamadas de *scarasse*, podia realizar muitos trabalhos como a poda, no inverno, quando as vides são garatujas nuas em torno do arame, ou reduzir o excesso de folhas no verão, ou caçar insetos, e finalmente em setembro a vindima.

Para a vindima toda a gente de Penúmbria vinha trabalhar nas vinhas, recebendo por dia, e entre o verde das fileiras só se viam saias de cores vivas e gorros com a borla. Os tropeiros carregavam cestos cheios ao longo das cercas e os descarregavam nas tinas; outras eram requisitadas pelos vários exatores que chegavam com tropas de guardas para controlar os tributos para os nobres da região, para o governo da República de Gênova, para o clero e outros dízimos. Todo ano ocorriam algumas brigas.

As questões relativas às partes da colheita a serem entregues à direita e à esquerda foram as que deram origem aos maiores protestos nos “registros de queixas” quando ocorreu a revolução na França. Sobre tais registros se puseram a escrever também em Penúmbria, para ver o que acontecia, embora aqui não levasse a nada. Fora uma das ideias de Cosme, que naquele tempo não precisava mais ir às reuniões da loja para discutir com aqueles maçons esvaziadores de garrações. Ficava nas árvores da praça e era rodeado pelo pessoal do porto e do campo que desejava explicações sobre as notícias, pois ele recebia as gazetas pelo correio, e além disso alguns amigos lhe escreviam, entre eles o astrônomo Bailly, que depois foi *maire* de Paris, e outros membros de clubes. A todo momento havia uma novidade: o Necker, e o ténis, e a Bastilha, e La Fayette com o cavalo branco, e o rei Luís disfarçado de lacaio. Cosme explicava e recitava tudo saltando de um galho para outro, e num ramo imitava Mirabeau na tribuna, e noutro Marat entre

os jacobinos, e noutro ainda o rei Luís, em Versalhes, colocando o gorro vermelho para satisfazer as comadres que vinham a pé de Paris.

Para explicar o que eram os “registros de queixas”, Cosme disse: “Vamos experimentar fazer um”. Pegou um caderno escolar e o pendurou numa árvore com um barbante; cada um ia até ali e assinalava o que não andava bem. Apareciam problemas de todo o tipo: sobre o preço do peixe os pescadores, e os vinhateiros sobre os dízimos, e os pastores sobre os limites dos pastos, e os lenhadores sobre os bosques de domínio público, e ainda todos aqueles que tinham parentes presos, e os que haviam recebido umas pancadas por algum crime, e os que tinham disputas com os nobres por causa de mulheres: não acabava mais. Cosme pensou que embora fosse um “registro de queixas” não era bom que fosse tão triste, e lhe veio a ideia de pedir a cada um que escrevesse a coisa que mais desejava. E de novo cada um ia dar sua contribuição, dessa vez de modo positivo: um escrevia sobre bolos, outro falava de sopas; um queria uma loura, outro duas morenas; um gostaria de dormir o dia inteiro, outro gostaria de procurar cogumelos o ano todo; um desejava uma carruagem com quatro cavalos, outro se contentava com uma cabra; um gostaria de rever sua mãe morta, outro encontrar os deuses do Olimpo: em resumo, tudo quanto existe de bom no mundo era escrito no caderno, ou então desenhado, pois muitos não sabiam escrever, ou até colorido. Também Cosme escreveu: um nome — Viola. O nome que havia anos escrevia por toda a parte.

Resultou um belo caderno, e Cosme o intitulou “Registro das dores e das alegrias”. Mas quando ficou pronto não havia nenhuma assembleia para a qual mandá-lo, por isso continuou ali, pendurado na árvore com um barbante, e quando choveu começou a se apagar e ensopar, e aquela visão oprimia o coração dos penúmbrios pela miséria presente e os enchia de desejos de rebelião.

Em suma, também entre nós existiam todas as causas da Revolução Francesa. Só que não estávamos na França, e a revolução não se fez. Vivemos num país onde se verificam sempre as causas e não os efeitos.

Em Penúmbria, porém, houve igualmente tempos difíceis. Contra os austro-sardos o exército republicano fazia guerra a dois passos dali. Masséna em Collardente, Laharpe no Nervia, Mouret ao longo da Corniche, com Napoleão que então era apenas general de artilharia, por

isso as explosões que às vezes chegavam a Penúmbria com o vento era exatamente ele quem as provocava.

Em setembro preparavam-se para a vindima. E parecia que se gestava algo de secreto e de terrível.

Os conciliábulos de porta em porta:

— A uva está madura!

— Está madura! Claro que sim!

— Mais do que madura! Está na hora de colher!

— Está na hora de amassar!

— Vamos todos! Aonde vai você?

— Para a vinha do outro lado da ponte. E você? E você?

— Para a propriedade do conde Pigna.

— Eu para a vinha do moinho.

— Viu quantos guardas? Parecem melros que baixaram para roubar os cachos.

— Mas este ano não levam!

— Se os melros são tantos, aqui somos todos caçadores!

— Contudo, há quem não se queira apresentar. Há quem fuja.

— Como é que este ano a vindima não agrada mais a tanta gente?

— Em nossa região queriam adiá-la. Mas a uva já está madura!

— Bem madura!

No dia seguinte a vindima começou silenciosa. As vinhas estavam cheias de gente em cadeia ao longo das fileiras, mas não nascia nenhum canto. Algum chamado esporso, gritos; “Vocês também por aqui? Está madura!”, uma agitação de grupos, algo de tenso, talvez um pouco por causa do céu, que não estava inteiramente coberto mas um tanto pesado, e se uma voz iniciava uma canção parava logo no meio, não acompanhada pelo coro. Os tropeiros carregavam os cestos cheios de uva para as tinas. Antes costumava-se fazer as partes para os nobres, o bispo e o governo; este ano não, parecia que haviam esquecido.

Os exatores, vindos para cobrar os dízimos, estavam nervosos, não sabiam bem que peixe apresar. Mais passava o tempo, menos coisas aconteciam, mais se sentia que algo devia acontecer, mais percebiam os guardas que era preciso mover-se, mas menos entendiam o que fazer.

Cosme, com seus passos de gato, começara a caminhar pelas parreiras. Com uma tesoura na mão, cortava um cacho aqui e outro lá, sem

ordem, entregando-o aos vindimadores e às vindimadoras lá de baixo, sussurrando a cada um alguma coisa.

O chefe dos policiais não aguentava mais. Disse:

— Bem, então, vamos acertar estes dízimos? — Acabara de dizê-lo e já se arrependera.

Pelas vinhas ressoou um ruído entre o estrondo e a sibilação: era um vindimador que soprava numa concha em forma de buzina e difundia um som de alarme pelos vales. De cada morro responderam sons iguais, os vinhateiros ergueram as conchas como trompas, e também Cosme, do alto de uma parreira.

Pelas fileiras se propagou um canto; de início quebrado, dissonante, que não se entendia o que era. Depois as vozes encontraram um entendimento, sintonizaram, pegaram a ária, e cantaram como se corressem, num voo, e os homens e as mulheres firmes e meio escondidos ao longo das fileiras, e as estacas as videiras os cachos, tudo parecia correr, e a uva vindimar-se sozinha, lançar-se dentro das tinas e pisar-se, e o ar, as nuvens, o sol, tornar-se tudo mosto, e já se começava a entender aquele canto, primeiro as notas da música e depois algumas das palavras, que diziam: *Ça ira! Ça ira! Ça ira!*, e os jovens pisavam a uva com pés descalços e vermelhos — *Ça ira!* —, e as moças enterravam as tesouras apontadas como punhais no verde denso ferindo os torcidos cabos dos cachos — *Ça ira!* —, e nuvens de mosquitinhos invadiam o ar acima dos montes de racimos prontos para a prensa — *Ça ira!* —, e foi então que os guardas perderam o controle e:

— Alto lá! Silêncio! Basta com a putaria! Quem cantar leva um tiro!
— E começaram a descarregar os fuzis para cima.

Respondeu-lhes um trovão de fuzilaria que parecia regimentos distribuídos para batalha nas colinas. Todas as espingardas de caça de Penúmbria explodiam, e Cosme no topo de uma alta figueira comandava a carga na concha em forma de trompa. Em todos os vinhedos houve movimento de gente. Não se entendia mais o que era vindima e o que era luta: homens uva mulheres varas foices parras *scarasse* fuzis cestos cavalos arames socos coices de mula canelas peitos e todos cantando: *Ça ira!*

— Aqui estão os dízimos!

Terminou com os policiais e exatores atirados de cabeça nas tinas cheias de uva, com as pernas de fora dando pontapés no vazio. Voltaram

sem ter obtido nada, sujou os pés à cabeça de suco de uva, de grãos amassados, de vinhaça, de bagaço, de racimos que ficavam agarrados nos fuzis, nas cartucheiras, nos bigodes.

A vindima prosseguiu como uma festa, todos convencidos de terem abolido os privilégios feudais. Entretanto, nós, nobreza e pequena nobreza, ficamos barricados nos palácios, armados, prontos a vender caro a pele. (Eu na verdade limitei-me a não pôr o nariz fora do esconderijo, sobretudo para não escutar dos outros nobres que estava de acordo com aquele anticristo do meu irmão, considerado o pior instigador, jacobino e organizador de clubes de toda a região.) Mas durante a jornada, expulsos os exatores e a tropa, não se tocou num fio de cabelo de ninguém.

Estavam todos muito ocupados em preparar festas. Montaram uma Árvore da Liberdade para acompanhar a moda francesa; só que não sabiam bem como eram feitas, e como tínhamos tamanha quantidade de árvores não valia a pena fazer uma falsa. Assim enfeitaram uma árvore de verdade, um olmo, com flores, cachos de uva, festões, escritas: *Vive la Grande Nation!* Bem no alto estava meu irmão, com o tricórnio tricolor sobre gorro de pele de gato, e fazia uma conferência sobre Rousseau e Voltaire, da qual não se ouvia nem uma palavra, pois todo o povo fazia rodas cantando: *Ça ira!*

A alegria durou pouco. Vieram tropas em grande quantidade: genovesas, para exigir os dízimos e garantir a neutralidade do território, e austro-sardas, pois já se difundira o boato de que os jacobinos queriam proclamar a anexação à “Grande Nação Universal”, isto é, à República Francesa. Os rebeldes tentaram resistir, construíram algumas barricadas, fecharam as portas da cidade... Mas era preciso muito mais! As tropas entraram na cidade por todos os lados, puseram postos de controle em todas as estradas do campo, e aqueles que tinham fama de agitadores foram presos, exceto Cosme, pois era preciso alguém muito esperto para apanhá-lo, e outros poucos que ficaram com ele.

O processo contra os revolucionários foi montado às pressas, mas os acusados conseguiram demonstrar que não tinham nada a ver com aquilo e que os verdadeiros chefes eram justamente aqueles que haviam conseguido fugir. Assim foram todos libertados, tanto que com as tropas estacionadas em Penúmbria não havia o que temer dos outros súditos. Instalou-se também uma guarnição de austro-sardos, para garantir-se

contra possíveis infiltrações do inimigo, e no comando estava nosso cunhado D'Estomac, o marido de Batista, emigrado da França no séquito do conde de Provença.

Portanto, tive de aturar minha irmã Batista, deixo a vocês imaginar com quanto prazer. Instalou-se em minha casa, com o marido oficial, os cavalos, as tropas de ordenanças. Ela passava as noitadas contando-nos as últimas execuções capitais em Paris; possuía inclusive uma miniatura de guilhotina, com uma lâmina autêntica, e para explicar o final de todos os seus amigos e parentes adquiridos, decapitava lagartixas, lombrigas e também ratos. Assim passávamos as noites. Eu invejava Cosme, que vivia os seus dias e as suas noites na clandestinidade, escondido quem sabe em que bosques.

27

A propósito das façanhas por ele executadas nos bosques durante a guerra, Cosme contou uma infinidade, e tão incríveis, que não tenho coragem de avalizar nenhuma das versões. Deixo a palavra a ele, reportando fielmente alguns de seus relatos:

Aventuravam-se pelo bosque patrulhas de exploradores dos exércitos adversários. Do topo dos galhos, a cada passo que escutava entre os arbustos, apurava o ouvido para distinguir se eram de austro-sardos ou de franceses.

Um tenentinho austríaco, louro louro, comandava uma patrulha de soldados perfeitamente uniformizados, com rabo de cavalo e fita, tricórnio e polainas, faixas brancas atravessadas, fuzil e baioneta, e os fazia marchar em filas de dois, tentando manter o alinhamento naqueles caminhos íngremes. Desconhecendo como era feito o bosque, mas convicto de seguir à risca as ordens recebidas, o oficialzinho procedia conforme as linhas traçadas no mapa, dando continuamente com o nariz nos troncos, fazendo a tropa escorregar com seus calçados ferrados sobre pedras lisas ou furar os olhos nas sarças, mas sempre cõscio da supremacia das armas imperiais.

Eram soldados magníficos. Eu os esperava num vau escondido num pinheiro. Tinha nas mãos uma pinha de meio quilo e deixei-a cair na cabeça do abre-alas. O infante abriu os braços, dobrou os joelhos e caiu

entre as samambaias da vegetação rasteira. Ninguém se deu conta; o grupo continuou a sua marcha.

Alcansei-os de novo. Dessa vez joguei um porco-espinho enrolado no pescoço de um caporal. O caporal inclinou a cabeça e desmaiou. O tenente percebeu o fato, mandou que dois homens apanhassem uma padiola, e prosseguiu.

A patrulha, como se fizesse de propósito, embrenhava-se nos trechos mais densos do bosque. E deparava sempre com um novo atentado. Juntei num cartucho certas lagartas peludas, azuis, que ao mais leve toque faziam inchar a pele mais do que urtiga, e derramei uma centena sobre eles. O pelotão passou, desapareceu no mato, reapareceu coçando-se, com mãos e rostos transformados em bolinhas vermelhas, e marchou para a frente.

Maravilhosa tropa e magnífico oficial. Tudo no bosque lhes era tão estranho que nem distinguiam o que havia de insólito, e prosseguiam com os efetivos reduzidos, mas sempre altaneiros e indomáveis. Recorri então a uma família de gatos selvagens: jogava-os pelo rabo, depois de tê-los agitado um pouco pelo ar, o que os enraivecia além da conta. Houve muito barulho, especialmente felino, depois silêncio e trégua. Os austríacos medicavam os feridos. A patrulha, esbranquiçada de ataduras, retomou a marcha.

Aqui a única solução é fazê-los prisioneiros!, pensei, apressando-me a precedê-los, esperando encontrar uma patrulha francesa a quem avisar a aproximação do inimigo. Mas há um bom tempo os franceses pareciam não dar sinal de vida naquele front.

Ao superar certos locais cheios de musgo, vi algo se mover. Parei, apurei o ouvido. Ouvia-se uma espécie de rumor de córrego, que foi se escandindo num gargarejo contínuo e agora podiam-se distinguir palavras como: *Mais alors... Crénom-de... foutez-moi-donc... tu m'emmer... quoi...* Aguçando os olhos na penumbra, verifiquei que aquela vegetação suave era composta sobretudo de colbaques de pele e grandes bigodes e barbas. Era um pelotão de hussardos franceses. Tendo se impregnado de umidade durante a campanha invernal, todas as peles que os protegiam estavam florescendo de mofo e musgo.

Comandava o posto avançado o tenente Agripa Borboleta, de Rouen, poeta, voluntário na Armada republicana. Persuadido da bondade da natureza em geral, o tenente Borboleta não queria que seus soldados

arrancassem as agulhas de pinheiro, as bolas de castanha, os raminhos, as folhas, as lesmas que grudavam neles ao atravessarem o bosque. E a patrulha já se estava fundindo de tal maneira com a natureza circundante que era necessário o meu olho apurado para identificá-la.

Entre seus soldados estacionados, o oficial-poeta, com longos cabelos encaracolados que lhe emolduravam o rosto magro sob o chapéu de bicos, declamava aos bosques:

— Ó floresta! Ó noite! Eis-me em vosso poder! Um tenro ramo de avenca, enleado no tornozelo destes valorosos soldados, poderá impedir o destino da França? Ó Valmy! Quanto estás distante!

Adiantei-me:

— *Pardon, citoyen.*

— O quê? Quem está aí?

— Um patriota destes bosques, cidadão oficial.

— Ah! Aqui? Onde está?

— Bem em cima do seu nariz, cidadão oficial.

— Vejo! De que se trata? Um homem-pássaro, um filho das harpias? Será talvez uma criatura mitológica?

— Sou o cidadão Rondó, filho de seres humanos, asseguro-lhe que tanto por parte de pai quanto de mãe, cidadão oficial. Mais ainda, minha mãe foi um valoroso soldado, nos tempos das Guerras de Sucessão.

— Entendo. Ó tempos, ó glória. Acredito, cidadão, e estou ansioso por ouvir as notícias que parece ter vindo me transmitir.

— Uma patrulha austríaca está penetrando em suas linhas!

— O que diz? É a batalha! Chegou a hora! Ó riacho, suave riacho, pronto, dentro em pouco estará tinto de sangue! Vamos! Às armas!

Ao comando do tenente-poeta, os hussardos reuniram armas e objetos, mas se moviam de modo tão desencontrado e mole, espreguiçando-se, escarrando, xingando, que comecei a ficar preocupado com sua eficiência militar.

— Cidadão oficial, já tem um plano?

— Um plano? Marchar sobre o inimigo!

— Sim, mas como?

— Como? Em filas cerradas!

— Bem, se me permite um conselho, eu manteria os soldados parados, em ordenação esparsa, deixando que a patrulha inimiga caia na armadilha sozinha.

O tenente Borboleta era um homem conciliador e não fez objeções ao meu plano. Os hussardos, espalhados pelos bosque, mal se distinguiam das moitas, e o tenente austríaco era certamente o menos indicado para captar tal diferença. A patrulha imperial marchava seguindo o itinerário traçado no mapa, com um eventual e brusco “alinhar à direita!” ou “alinhar à esquerda!”. Assim, passaram debaixo do nariz dos hussardos franceses sem se dar conta. Os hussardos, silenciosos, propagando ao redor apenas ruídos naturais como farfalhar de frondes e bater de asas, dispuseram-se em manobra circular. Do alto das árvores, eu lhes indicava com o assobio da codorna ou o grito da coruja os movimentos das tropas inimigas e os atalhos que deviam tomar. Os austríacos, alheios a tudo, estavam na armadilha.

— Alto lá! Em nome da liberdade, fraternidade e igualdade, declaro os todos prisioneiros! — ouviram gritar de repente, de uma árvore, e apareceu entre os ramos uma sombra humana que brandia um fuzil de cano longo.

— *Urràh! Vive la Nation!* — E todas as moitas ao redor se revelaram hussardos franceses, tendo à frente o tenente Borboleta.

Ressoaram pesadas imprecações austro-sardas, mas antes que tivessem podido reagir já estavam desarmados. O tenente austríaco, pálido mas com a cabeça erguida, consignou a espada ao colega inimigo.

Tornei-me um precioso colaborador da Armada republicana, mas preferia fazer minhas caçadas sozinho, valendo-me da ajuda dos animais da floresta, como daquela vez em que pus para fugir uma coluna austríaca atirando um ninho de vespas contra os soldados.

Minha fama se espalhara no campo austro-sardo, ampliada a tal ponto que se dizia que o bosque pululava de jacobinos armados ocultos nas árvores. Caminhando, as tropas reais e imperiais apuravam os ouvidos: ao mais leve baque de castanha saindo da casca ou diante do mais sutil chiado de esquilo, já se viam circundadas por jacobinos, e mudavam de direção. Desse modo, provocando rumores e sussurros quase imperceptíveis, fazia desviar as colunas piemontesas e austríacas e conseguia conduzi-las para onde pretendia.

Um dia levei uma para um denso matagal de espinhos, e fiz com que se perdesse. Lá se escondia uma família de javalis; arrancados dos

montes onde troavam os canhões, os javalis desciam em bandos para refugiar-se nos bosques mais baixos. Os austríacos desorientados marchavam sem enxergar um palmo diante do nariz, e de repente um bando de javalis hirsutos se levantou debaixo dos pés deles, emitindo grunhidos lancinantes. Lançando-se com as garras para a frente as feras se metiam entre os joelhos dos soldados jogando-os para o alto, e pisoteavam os caídos com uma avalanche de cascos afiados, e enfiavam presas nas barrigas. O batalhão inteiro foi arrastado. Postado nas árvores junto com meus companheiros, nós os perseguimos com golpes de fuzil. Dos que voltaram para o campo, alguns contaram sobre um terremoto que inesperadamente havia sacudido o terreno espinhoso sob os pés deles; outros falaram de uma batalha contra jacobinos que tinham surgido de subterrâneos, pois esses jacobinos não eram outra coisa senão diabos, metade homens e metade animais, que viviam nas árvores ou no fundo das moitas.

Já disse que preferia executar meus golpes sozinho, ou com aqueles poucos companheiros de Penúmbria que se refugiaram comigo nos bosques após a vindima. Com a Armada francesa tratava de ter o mínimo de relações possível, porque os exércitos sabe-se como são, cada vez que se movem provocam desastres. Porém, eu me afeiçoara ao posto avançado do tenente Borboleta, e estava bastante preocupado com sua sorte. De fato, a imobilidade do front ameaçava ser fatal ao pelotão comandado pelo poeta. Musgos e líquens cresciam sobre as fardas dos soldados, e às vezes até urzes e samambaias; sobre os colbaques faziam ninho as cambaxirras, ou despontavam e floresciaam plantas liliáceas; as botas soldavam-se com o húmus num bloco compacto: todo o pelotão estava a ponto de deitar raízes. A rendição do tenente Agripa Borboleta fazia mergulhar aquele grupo de valentes num amálgama animal e vegetal.

Era preciso despertá-los. Mas como? Tive uma ideia e me apresentei ao tenente para propô-la. O poeta declamava para a lua.

— Ó lua? Redonda como uma boca de fogo, como uma bola de canhão que, exausto o impulso da pólvora, continua a sua lenta trajetória rolando silenciosa pelos céus! Quando detonará, lua, erguendo uma alta nuvem de pó e centelhas, submergindo os exércitos inimigos, e os tronos, e abrindo para mim uma brecha de glória no muro compacto da

escassa consideração em que me têm meus concidadãos! O Rouen! O lua! Ó sorte! Ó Convenção! Ó rãs! Ó donzelas! Ó vida minha!

E eu:

— *Citoyen...*

Borboleta, aborrecido por ser sempre interrompido, disse seco:

— E então?

— Queria dizer, cidadão oficial, que existe um sistema para despertar seus homens de uma letargia que se torna perigosa.

— Queira o Céu, cidadão. Eu, como vê, me consumo com a ação. E qual seria esse sistema?

— As pulgas, cidadão oficial.

— Lamento desiludi-lo, cidadão. O Exército republicano não tem pulgas. Morreram todas de inanição em consequência do bloqueio e da carestia.

— Eu posso fornecê-las, cidadão oficial.

— Não sei se fala com bom senso ou por brincadeira. Contudo, farei uma exposição aos comandos superiores, e veremos. Cidadão, eu lhe agradeço por aquilo que faz pela causa republicana! Ó glória! Ó Rouen! Ó pulgas! Ó lua! — E se afastou delirando.

Compreendi que devia agir por minha iniciativa. Providenciei uma grande quantidade de pulgas, e das árvores, assim que via um hussardo francês, com a zarabatana lhe atirava uma em cima, tentando com minha mira precisa fazê-la entrar pela gola. Depois comecei a distribuí-las por todo o regimento, a mancheias. Eram missões perigosas, pois, se fosse apanhado em flagrante, de nada me valeria a fama de patriota: teria sido feito prisioneiro, levado à França e guilhotinado como um emissário de Pitt. Felizmente, minha intervenção foi providencial: o prurido das pulgas reacendeu para valer nos hussardos a humana e civil necessidade de coçar-se, de esfregar-se, de tirar piolhos; jogavam para o alto as indumentárias musgosas, as mochilas e os fardos recobertos de cogumelos e teias de aranha, lavavam-se, barbeavam-se, penteavam-se, em suma, retomavam a consciência de sua humanidade individual, e reassumiam o sentido da civilidade, da libertação da natureza bruta. Além do mais eram tomados por um estímulo de atividade, um zelo, uma combatividade, havia tempos esquecidos. O momento do ataque encontrou-os dominados por este afã: as Armadas da República

superaram a resistência inimiga, levaram de roldão o front, e avançaram até as vitórias de Dego e Millésimo...

28

De Penúmbria, nossa irmã e o emigrado D'Estomac fugiram bem a tempo, não tendo sido capturados pelo Exército republicano. O povo de Penúmbria parecia ter voltado aos dias da vindima. Ergueram a *Árvore da Liberdade*, dessa vez mais semelhante aos exemplos franceses, isto é, mais ou menos parecida com um pau de sebo. Cosme, nem é preciso dizer, subiu no alto, com o gorro frígio na cabeça; mas se cansou logo e foi embora.

Ao redor dos palácios dos nobres houve um pouco de barulho, de gritos: “Sinhô, sinhô, à lanterna, *ça ira!*”. A mim, por ser irmão de quem era e por sermos nobres de pouca importância, deixaram-me em paz; ou melhor, em seguida me consideraram um patriota (assim, quando as coisas mudaram de novo, tive problemas).

Estabeleceram a *municipalité*, o *maire*, tudo à francesa; meu irmão foi nomeado para a junta provisória, embora muita gente não estivesse de acordo, por considerá-lo demente. O pessoal do velho regime ria e afirmava que era tudo um bando de loucos.

As sessões da junta tinham lugar no antigo palácio do governador genovês. Cosme se empoleirava numa alfarrobeira, à altura das janelas, e acompanhava as discussões. Às vezes intervinha, gritando, e dava o seu voto. Sabe-se que os revolucionários são mais formalistas do que os conservadores: encontraram o que criticar, que era um sistema inconveniente, que reduzia o decoro da assembleia, e assim por diante, e, quando no lugar da República oligárquica de Gênova criaram a República Lígure, não elegeram mais meu irmão para a nova administração.

E dizer que Cosme naquele período havia escrito e difundido um *Projeto de Constituição para cidades republicanas com declaração dos direitos dos homens, das mulheres, das crianças, dos animais domésticos e selvagens, incluindo pássaros, peixes e insetos, e tanto plantas de grande porte quanto hortaliças e ervas*. Era um belíssimo trabalho, que podia servir como orientação para todos os governantes; contudo, ninguém o tomou em consideração e permaneceu letra morta.

Porém, Cosme passava a maior parte do tempo no bosque, onde os sapadores do Gênio da Armada francesa abriram uma estrada para o transporte da artilharia. Com as longas barbas que saíam por baixo dos colbaques e se perdiam nos aventais de couro, os sapadores eram diferentes de todos os outros militares. Talvez isso dependesse do fato de que atrás de si não carregavam aquela trilha de desastres e de destruição das outras tropas, mas a satisfação pelas coisas que ficavam e a ambição de fazê-las o melhor que podiam. Além do mais tinham tanto para contar: tinham atravessado nações, vivido assédios e batalhas; alguns deles tinham visto também as grandes coisas que haviam acontecido em Paris, quedas de bastilhas e guilhotinas; e Cosme passava as noites a escutá-los. Guardadas as enxadas e as pás, sentavam-se ao redor do fogo, fumando cachimbos e ruminando lembranças.

Durante o dia Cosme ajudava os medidores a delinear o percurso da estrada. Ninguém melhor do que ele estava em condições de fazê-lo: sabia todas as passagens pelas quais os carros poderiam passar com menos desnível e menos perdas de plantas. E sempre tinha em mente, mais do que as artilharias francesas, as necessidades das populações daquelas regiões sem estradas. Pelo menos, de todo o vaivém de soldados ladrões de galinhas, resultava uma vantagem: uma estrada feita por conta deles.

Menos mal: porque agora as tropas ocupantes, em especial quando passaram de republicanas a imperiais, pesavam sobre todos. E todo mundo ia desabafar com os patriotas: “Vejam os seus amigos o que andam fazendo!”. E os patriotas abriam os braços, levantavam os olhos para o céu e respondiam: “É fogo! Soldados! Esperemos que passe logo!”.

Dos estábulos, os napoleônicos requisitavam porcos, vacas, até cabras. Quanto a taxas e a dízimos era pior do que antes. Além disso foi imposto o serviço militar obrigatório. Essa história de ser soldado, entre nós, ninguém quis entender: e os jovens convocados se refugiavam nos bosques.

Cosme fazia o que podia para aliviar estes males: controlava o rebanho no bosque quando os pequenos proprietários, com medo de uma rapina, soltavam-no na mata; ou fazia a vigilância para os transportes clandestinos de trigo para o moinho ou de azeitonas para o lagar, de modo que os napoleônicos não tomassem uma parte; ou indicava aos

jovens convocados as cavernas do bosque onde poderiam esconder-se. Em suma, tratava de defender o povo das prepotências, mas ataques contra as tropas ocupantes não promoveu nunca, se bem que naquele período tivessem começado a circular pelos bosques bandos de “barbudos” armados que tornavam a vida difícil para os franceses. Cosme, teimoso como era, jamais queria ser desmentido e, tendo sido amigo dos franceses antes, continuava achando que lhes devia lealdade, embora tantas coisas tivessem mudado e fosse tudo diferente do que imaginava. Depois, é preciso também considerar que começava a ficar velho, e não se empenhava muito mais, nem a favor de um lado nem de outro.

Napoleão foi a Milão para ser coroado e a seguir fez algumas viagens pela Itália. Em cada cidade o acolhiam com grandes festas e o levavam para conhecer as raridades e os monumentos. Em Penúmbria incluíram no programa uma visita ao “patriota em cima das árvores”, pois, como costuma acontecer, aqui ninguém ligava para Cosme, mas fora era muito comentado, especialmente no exterior.

Não foi um encontro bem-sucedido. Foi uma coisa arranjada pelo comitê municipal dos festejos para causar boa impressão. Escolheu-se uma bela árvore; queriam um carvalho, porém o que aparecia melhor era uma nogueira, e então disfarçaram a nogueira com folhagens de carvalho, acrescentaram fitas com as três cores francesas e o tricolor lombardo, rosetas, festões. Fizeram com que meu irmão se empoleirasse lá em cima, vestido de festa mas com o característico boné de pele de gato, e um esquilo nas costas.

Tudo estava marcado para as dez, havia uma multidão ao redor, mas naturalmente até as onze e meia Napoleão não apareceu, provocando grande incômodo para meu irmão que, envelhecendo, começava a sofrer da bexiga e de vez em quando tinha de se esconder atrás do tronco para urinar.

Chegou o imperador, com o séquito ondulante de chapéus de dois bicos. Já era meio-dia, Napoleão observava Cosme entre os galhos e recebia o sol nos olhos. Começou a dirigir a Cosme algumas frases de circunstância:

— *Je sais très bien que vous, citoyen...* — E tome sol: — ... *parmi les forêts...* — E dava um pulinho de lado para desviar os olhos do sol; ...

parmi les frondaison de votre luxuriante... — E dava outro pulinho, pois Cosme num movimento para elevar-se descobrira de novo o sol.

Percebendo a inquietude de Bonaparte, Cosme perguntou, cortês:

— Posso fazer algo pelo senhor, *mon empereur*?

— Sim, sim — disse Napoleão —, fique um pouco mais deste lado, por favor, para proteger-me do sol, isso, assim, parado... — Depois se calou, como assaltado por um pensamento, e virou-se para o vice-rei Eugênio: — *Tout cela me rappelle quelque chose... Quelque chose que j'ai déjà vu...*

Cosme correu em seu auxílio:

— Não era Vossa Senhoria, Majestade: era Alexandre Magno.

— Ah, certamente! — disse Napoleão. — O encontro de Alexandre e Diógenes!

— *Vous n'oubliez jamais votre Plutarque, mon empereur* — bajulou Beauharnais.

— Só que então — acrescentou Cosme — era Alexandre quem perguntava a Diógenes o que podia fazer por ele, e Diógenes quem pedia a ele que se deslocasse...

Napoleão estalou os dedos como se tivesse finalmente encontrado a frase que procurava. Assegurou-se com uma olhadela que os dignitários do séquito o estavam ouvindo, e disse, num italiano perfeito:

— Se eu não fosse o imperador Napoleão, gostaria de ser o cidadão Cosme Rondó!

E se virou e foi embora. O séquito o acompanhou com um grande rumor de esporas.

Tudo se encerrou ali. Daria para imaginar que dentro de uma semana chegaria para Cosme a cruz da Legião de Honra. Nada disso. Meu irmão talvez não ligasse nem um pouco, mas nossa família teria gostado muito.

29

A juventude passa rápido na terra, imaginem nas árvores, onde tudo está destinado a cair: folhas, frutos. Cosme envelhecia. Tantos anos, com todas as noites passadas no frio, no vento, na água, sob frágeis abrigos ou sem nada em torno, cercado de ar, sem jamais ter uma casa, um fogo, um prato quente... Cosme se tornara um velho encolhido, pernas arqueadas e braços longos como um macaco, corcunda, enfiado num

casaco de pele que terminava num capuz, como um frade peludo. O rosto estava tostado pelo sol, enrugado como uma castanha, com claros olhos redondos entre as rugas.

A armada de Napoleão mandada de volta em Berezina, a esquadra inglesa prestes a desembarcar em Gênova, passávamos os dias esperando as notícias dos acontecimentos. Cosme não aparecia em Penúmbria: estava empoleirado num pinheiro do bosque, à beira do caminho da artilharia, lá onde haviam passado os canhões para Marengo, e olhava para leste, na direção do deserto batido em que agora se encontravam pastores com cabras ou mulas carregadas de lenha. O que esperava? Encontrara Napoleão, sabia como terminara a revolução, só se podia esperar o pior. Mesmo assim estava ali, com os olhos fixos, como se de um momento para outro a Armada imperial fosse aparecer na curva ainda recoberta de gelo russo, com Bonaparte montado, o queixo mal barbeado inclinado no peito, febril, pálido... Teria parado sob o pinheiro (atrás dele, um confuso amortecer de passos, barulho de mochilas e fuzis no chão, descontraír de soldados exaustos à beira da estrada, alívio de pés feridos), e haveria de dizer: “Tinha razão, cidadão Rondó: entreguem-me as constituições redigidas por você, devolva-me o conselho que nem o Diretório nem o Consulado nem o Império quiseram escutar: recomeçemos tudo, vamos erguer de novo as Árvores da Liberdade, salvemos a pátria universal!”. Certamente esses eram os sonhos, as esperanças de Cosme.

Pelo contrário, um dia, avançando pelo caminho da artilharia, do leste surgiram três figuras. Um, manco, apoiava-se numa muleta, o outro tinha a cabeça num turbante de ataduras, e o terceiro era o mais saudável, pois tinha apenas um tapa-olho. Os farrapos desbotados que vestiam, os retalhos de alamares que lhes pendiam do peito, o colbaque sem a parte superior mas com o penacho que um deles ainda tinha, as botas desfeitas ao longo das pernas, pareciam ter pertencido a uniformes da guarda napoleônica. Armas já não possuíam: ou seja, um deles brandia um estojo de baioneta vazio, um outro trazia no ombro um cano de fuzil à maneira de bastão, para segurar uma trouxa. E avançavam cantando:

- *De mon pays... De mon pays... De mon pays...* — Como três bêbados.
- Ei, forasteiros — gritou-lhes meu irmão —, quem são vocês?
- Olha que raça de pássaro! O que faz aí em cima? Come pinhas?

E um outro:

— Quem nos quer dar pinhas? Com a fome atrasada que sentimos, quer nos obrigar a comer pinhas?

— E a sede! A sede que temos de tanto comer neve!

— Somos o terceiro regimento dos hussardos!

— Completo!

— Todos os que restaram!

— Três em trezentos: não é pouco!

— Para mim, escapei eu e já me basta!

— Ah, não é definitivo, ainda não levou a pele até sua casa!

— Que uma peste pegue você!

— Somos os vencedores de Austerlitz!

— E os fodidos de Vilna! Alegria!

— Diga, pássaro falante, explique-nos onde existe uma cantina, por estes lados!

— Esvaziamos barris por meia Europa, mas a sede não passa!

— É porque estamos cravados de balas, e o vinho escorre.

— Você foi baleado naquele lugar!

— Uma cantina que nos ofereça crédito!

— Passaremos para pagar noutro dia!

— Napoleão paga!

— Prrr...

— Quem paga é o czar! Está vindo atrás de nós, apresentem a conta para ele!

Cosme disse:

— Vinho por estas bandas, nada, mais adiante há um riacho e podem saciar a sede.

— Afogue-se você, no riacho, corujão!

— Se não tivesse perdido o fuzil no Vístula já teria disparado em você e o teria assado no espeto como um tordo.

— Esperem: eu vou pôr os pés de molho neste riacho, pois me queimam...

— Não esquece de lavar também o traseiro...

Entretanto, foram todos os três para o riacho, tirar o que restava das botas, pôr os pés de molho, lavar o rosto e os panos. Receberam o sabão de Cosme, que era um daqueles que depois de velho torna-se limpo, porque lhe vem um certo nojo de si mesmo que na juventude não se

percebe; assim andava sempre com um sabonete. A frescura da água aliviou um pouco a bebedeira dos três sobreviventes. E passada a embriaguez ia-se a alegria, voltava a tristeza por sua condição e suspiravam e gemiam; mas naquela tristeza a água límpida se tornava um prazer, e aproveitavam, cantando:

— *De mon pays... De mon pays...*

Cosme voltara ao seu posto de observação à beira da estrada. Ouviu um galope. Eis que chegava um pelotão de cavalaria ligeira, levantando muita poeira. Envergavam uniformes desconhecidos; e sob os pesados colbaques mostravam certos rostos louros, barbudos, meio amassados, com olhos verdes semicerrados. Cosme cumprimentou-os com o chapéu:

— Que bom vento os traz, cavaleiros?

Pararam.

— *Sdrastvuy!* Diga, *batjuska*, quanto falta para chegar?

— *Sdrastvujte*, soldados — disse Cosme, que aprendera um pouco de todas as línguas e também do russo. — *Kudà vam?* para chegar onde?

— Para chegar ao final desta estrada...

— Bem, esta estrada leva a tantos lugares... Para onde se dirigem?

— *V Pariž.*

— Bem, para Paris existem outras mais cômodas...

— *Niet, nie Pariž. Vo Frantsiu, za Napoleonom. Kudà vedjòt eta doroga?*

— Ah, por tantos lugares: Olivabaixa, Pedrapequena, Emboscada...

— *Kak?* Aliviaembaixo? *Niet, niet.*

— Bem, se quiserem podem chegar até Marselha...

— *V Marsel... da, da, Marsel... Frantsia...*

— E o que vão fazer na França?

— Napoleão veio fazer guerra ao nosso czar, e agora o czar corre atrás de Napoleão.

— E por onde andaram?

— *Iz Charkova. Iz Kieva. Iz Rostova.*

— Então viram belas terras! E gostam mais daqui ou da Rússia?

— Lugares bonitos, lugares feios, gostamos mais da Rússia.

Um galope, uma poeirada, e um cavalo parou ali, montado por um oficial que gritou aos cossacos:

— *Von! Marš! Kto vam pozvolil ostanovitsja?*

— *Do svidanja, batjuska!* — disseram aqueles a Cosme. — *Nam porà...*
— E partiram esporeando os cavalos.

O oficial permaneceu embaixo do pinheiro. Era alto, esguio, o ar nobre e triste; mantinha erguida a cabeça descoberta em direção ao céu toldado de nuvens.

— *Bonjour, monsieur* — disse a Cosme —, *vous connaissez notre langue?*

— *Da, gospodin ofitsèr* — respondeu meu irmão —, *mais pas mieux que vous le français, quand-même.*

— *Êtes-vous un habitant de ce pays? Êtiez-vous ici pendant qu'il y avait Napoléon?*

— *Oui, monsieur l'officier.*

— *Comment ça allait-il?*

— *Vous savez, monsieur, les armées font toujours des dégâts, quelles que soient les idées qu'elles apportent.*

— *Oui, nous aussi nous faisons beaucoup de dégâts... mais nous n'apportons pas d'idées...*

Estava melancólico e inquieto, contudo era um vencedor. Cosme simpatizou com ele e queria consolá-lo:

— *Vous avez vaincu!*

— *Oui. Nous avons bien combattu. Très bien. Mais peut-être...*

Ouviu-se uma explosão de berros, um baque, um tinir de metais.

— *Kto tam?* — perguntou o oficial. Voltaram os cossacos, e arrastavam pelo chão corpos seminus, e na mão seguravam algo, na esquerda (a direita empunhava o largo sabre curvo, desembainhado e — sim — gotejante de sangue), e a coisa eram as cabeças barbudas dos três hussardos bêbados. — *Frantsuzy! Napoleon! Todos mortos!*

O jovem oficial mandou levá-los embora com ordens secas. Virou a cabeça. Falou ainda para Cosme:

— *Vous voyez... La guerre... Il y a plusieurs années que je fais le mieux que je puis une chose affreuse: la guerre... et tout cela pour des idéals que je ne saurais presque expliquer moi même...*

— Também eu — respondeu Cosme — vivo há muitos anos por ideais que não saberia explicar nem a mim mesmo: *mais je fais une chose tout à fait bonne: je vis dans les arbres.*

O oficial de melancólico se pusera nervoso.

— *Alors* — disse —, *je dois m'en aller.* — Saudou militarmente. — *Adieu, monsieur... Quel est votre nom?*

— *Le baron Cosme de Rondeau* — gritou-lhe Cosme, enquanto ele partia. — *Proščajte, gospodin... Et le vôtre?*

— *Je suis le prince Andréj...* — E o galope do cavalo carregou o sobrenome.

30

Não sei o que nos trará este décimo nono século, que começou mal e continua sempre pior. Pesa sobre a Europa a sombra da Restauração; todos os inovadores — jacobinos ou bonapartistas que fossem — derrotados; o absolutismo e os jesuítas retomaram o campo; os ideais de juventude, as Luzes, as esperanças do nosso décimo oitavo século, tudo é cinzas.

Confio meus pensamentos a este caderno, nem saberia exprimi-los de outra maneira: fui sempre um homem tranquilo, sem grandes entusiasmos ou ideias fixas, pai de família, de nobre estirpe, iluminado em ideias, cumpridor das leis. Os excessos da política jamais me provocaram comoções muito fortes, e espero que continue assim. Mas por dentro, que tristeza!

Antes era diferente, havia meu irmão; dizia para mim mesmo: “já existe ele que pensa”. E eu tratava de viver. O sinal de que as coisas mudaram para mim não foi nem a chegada dos austro-russos nem a anexação ao Piemonte nem as novas taxas ou sei lá mais o quê, mas não poder mais vê-lo, ao abrir a janela, lá em cima em equilíbrio. Agora que ele não existe, tenho a impressão de que deveria pensar em tantas coisas, a filosofia, a política, a história, acompanho os jornais, leio os livros, quebro a cabeça, mas as coisas que ele queria dizer não estão ali, ele pensava em muito mais, algo que abarcasse tudo, e não podia dizê-lo com palavras, mas apenas vivendo como viveu. Somente sendo tão impiedosamente ele mesmo como foi até a morte, podia dar algo a todos os homens.

Lembro quando ficou doente. Pudemos percebê-lo porque levou seu saco para a grande nogueira no meio da praça. Antes, os lugares onde dormia foram mantidos sempre ocultos, com seu instinto selvagem. Agora sentia necessidade de estar sempre à vista dos outros. A mim, me apertava o coração: sempre pensara que não lhe agradaria morrer sozinho, e aquilo talvez já fosse um sinal. Mandamos um médico, que

chegou até ele com uma escada; quando desceu fez uma careta e abriu os braços.

Subi eu pela escada.

— Cosme — comecei a dizer-lhe —, você passou dos sessenta e cinco anos, como pode continuar aqui em cima? O que você tinha para dizer já foi dito, entendemos, foi uma grande força de ânimo a sua, conseguiu, agora pode descer. Mesmo para quem passou a vida inteira no mar chega o momento do desembarque.

Que nada. Fez sinal negativo com a mão. Quase não falava mais. Levantava, de vez em quando, enrolado numa coberta quase até a cabeça, e sentava-se num galho para apanhar um pouco de sol. Não ia mais longe. Havia uma velha do povo, uma santa mulher (quem sabe uma antiga amante), que ia fazer a faxina, levar pratos quentes. Mantinham a escada apoiada no tronco, porque havia sempre necessidade de ir ajudá-lo, e também porque se esperava que se decidisse de um momento para outro a descer. (Esperavam os outros; eu sabia bem de que massa ele era feito.) Ao redor, na praça, havia sempre um círculo de gente que lhe fazia companhia, conversando entre eles e às vezes também lhe dirigindo uma piada, embora se soubesse que não tinha mais vontade de falar.

Piorou. Içamos uma cama à árvore, conseguimos mantê-la em equilíbrio; ele se deitou de boa vontade. Tivemos um certo remorso por não ter pensado nisso antes; para dizer a verdade ele não recusava as comodidades desde que fosse em cima das árvores, tratara sempre de viver o melhor que podia. Então nos apressamos em oferecer-lhe outros confortos: esteiras para protegê-lo do vento, um baldaquim, um braseiro. Melhorou um pouco, e lhe levamos uma poltrona, conseguimos firmá-la entre dois galhos; passou a ficar ali, enrolado nas suas cobertas.

Certa manhã não o vimos nem na cama nem na poltrona, erguemos o olhar, atemorizados: subira ao topo de uma árvore e estava empoleirado num galho altíssimo, vestindo apenas um camisolão.

— O que faz aí em cima?

Não respondeu. Estava meio rígido. Parecia estar lá em cima por milagre. Preparamos um grande lençol daqueles que serviam para colher azeitonas, e ficamos num grupo de umas vinte pessoas para mantê-lo estendido, pois se receava que caísse.

Entretanto, subiu um médico; foi uma subida difícil, foi preciso emendar duas escadas. Desceu e disse:

— É a vez do padre.

Já tínhamos combinado que um certo dom Péricles tentasse, amigo dele, padre constitucional no tempo dos franceses, inscrito na loja quando ainda era permitido ao clero, e recentemente readmitido em suas atividades pelo arcebispado, após muitas complicações. Subiu com os paramentos e o cibório, tendo atrás o coroinha. Ficou um pouco lá em cima, pareciam confabular, depois desceu.

— Então, recebeu os sacramentos, dom Péricles?

— Não, não, mas diz que está bem, que para ele está tudo certo. — Não se conseguiu saber mais nada.

Os homens que seguravam o lençol estavam cansados. Cosme estava lá no topo e não se movia. O vento começou a soprar, era o vento africano, o cume da árvore ondulava, nós estávamos prontos. Naquele momento apareceu um balão no céu.

Alguns aeronautas ingleses faziam experiências de voo com *montgolfières* na costa. Era uma bela construção, enfeitada de franjas, festões e laços, com uma barqueta de vime pendurada: dentro desta dois oficiais com dragonas douradas e pontudos chapéus de dois bicos observavam com telescópio a paisagem de que fazíamos parte. Apontaram o telescópio para a praça, examinando o homem na árvore, o lençol esticado, a multidão, aspectos estranhos do mundo. Também Cosme erguera a cabeça, e olhava atento o balão.

Eis que o balão foi apanhado por uma virada do vento africano; começou a dar voltas como uma piorra, e dirigia-se para o mar. Os aeronautas, sem desanimar, trataram de reduzir — creio — a pressão do balão e ao mesmo tempo desenrolaram a âncora para baixo, tentando fixar-se em algum ponto. A âncora voava prateada no céu, pendurada numa longa corda, e seguindo oblíqua a corrida do balão agora passava sobre a praça, estava mais ou menos na altura da noqueira, tanto que receamos que atingisse Cosme. Mas não podíamos supor o que dentro de um instante nossos olhos iriam ver.

O agonizante Cosme, no momento em que a corda da âncora passou perto dele, deu um salto daqueles que costumava dar em sua juventude, agarrou-se na corda, com os pés na âncora e o corpo enrolado, e assim o

vimos levantar voo, levado pelo vento, refreando um pouco a corrida do balão, até desaparecer no mar...

A *montgolfière*, superado o golfo, conseguiu aterrizar na outra margem. Pendurada na corda havia somente a âncora. Os aeronautas, demasiado preocupados em manter uma rota, não tinham percebido nada. Imaginou-se que o velho moribundo tivesse desaparecido enquanto voava sobre o golfo.

Assim desapareceu Cosme, e não nos deu nem a satisfação de vê-lo voltar para a terra depois de morto. No jazigo da família há uma esteira que o recorda com a escrita: “Cosme Chuvasco de Rondó — Viveu nas árvores — Amou sempre a terra — Subiu ao céu”.

Enquanto escrevo de vez em quando vou até a janela. O céu está vazio, e a nós, velhos de Penúmbria, habituados a viver sempre sob aquelas verdes cúpulas, faz mal aos olhos observá-lo. Dir-se-ia que as árvores não resistiram, depois que meu irmão se foi, ou que os homens tenham sido dominados pela fúria do machado. Mais tarde, a vegetação mudou: não mais as azinheiras, os olmos, os carvalhos. Agora a África, a Austrália, as Américas, as Índias alongam até aqui ramos e raízes. As plantas antigas retrocederam para as partes altas: nas colinas, as oliveiras, e nos bosques dos montes, pinheiros e castanheiros; próximo à costa existe uma Austrália vermelha de eucaliptos, elefantasca de *ficus*, plantas de jardim enormes e solitárias, e todo o resto são palmeiras, com seus tufos descarnados, árvores inóspitas do deserto.

Penúmbria não existe mais. Olhando para o céu vazio, pergunto-me se terá existido algum dia. Aquele recorte de galhos e folhas, bifurcações, copas, miúdo e sem fim, e o céu apenas em clarões irregulares e retalhos, talvez existisse só porque ali passava meu irmão com seu leve passo de abelheiro, era um bordado feito no nada que se assemelha a este fio de tinta, que deixei escorrer por páginas e páginas, cheio de riscos, de indecisões, de borrões nervosos, de manchas, de lacunas, que por vezes se debulha em grandes pevides claros, por vezes se adensa em sinais minúsculos como sementes puntiformes, ora se contorce sobre si mesmo, ora se bifurca, ora une montes de frases com contornos de folhas ou de nuvens, e depois se interrompe, e depois recomeça a contorcer-se, e corre e corre e floresce e envolve um último cacho insensato de palavras ideias sonhos e acaba.

O CAVALEIRO
INEXISTENTE

1

Sob as muralhas vermelhas de Paris perfilava-se o exército da França. Carlos Magno ia passar em revista os paladinos. Encontravam-se ali havia mais de três horas; fazia calor, era uma tarde de começo de verão, meio encoberta, nebulosa; quem usava armadura fervia como se estivesse em panelas em fogo baixo. É provável que, naquela fila imóvel de cavaleiros, alguém já houvesse perdido os sentidos ou cochilasse, mas a armadura os mantinha empertigados na sela de modo uniforme. De repente, três agudos de corneta: as plumas dos penachos agitaram-se pelo ar parado como depois de uma rajada de vento, e logo silenciou aquela espécie de rumor do mar que se ouvira até então, e era, deu para sentir, um ressoar das gargantas metálicas dos elmos. Finalmente, vislumbraram-no avançando lá do fundo, Carlos Magno, num cavalo que parecia maior que o natural, com a barba no peito, as mãos no arção da sela. Reina e guerreia, guerreia e reina, faz e desfaz, parecia um tanto envelhecido, desde a última vez que aqueles guerreiros o tinham visto.

Parava o cavalo diante de cada oficial e virava-se para examiná-lo de alto a baixo.

— E quem é você, paladino da França?

— Salomon da Bretanha, sire! — respondia o militar a plenos pulmões, erguendo a viseira e mostrando o rosto afogueado; e acrescentava alguma informação prática, do tipo: — Cinco mil cavaleiros, três mil e quinhentos soldados de infantaria, mil e oitocentos ajudantes, cinco anos de campanhas.

— Mão firme com os bretões, paladino! — dizia Carlos, e, toc-toc, toc-toc, aproximava-se de outro chefe de esquadrão.

— E-quem-é-você, paladino da França? — recomeçava.

— Ulivieri de Viena, sire! — escandiam os lábios assim que a grade do elmo se erguia. E direto: — Três mil cavaleiros escolhidos, tropa de sete mil homens, vinte máquinas de assédio. Vencedor do pagão

Fierabraccia, graças a Deus e para maior glória de Carlos, rei dos francos!

— Muito bem, bravo vienense — dizia Carlos Magno; e aos oficiais do séquito: — Muito magrinhos aqueles cavalos, aumentem-lhes a ração. — E seguia adiante: — E-quem-é-você, paladino da França? — repetia, sempre com a mesma cadência: “Tata-tatai-tata-tata-tatata...”.

— Bernardo de Montpellier, sire! Vencedor de Brunamonte e Galiferno.

— Linda cidade, Montpellier! Cidade das belas mulheres! — E dirigindo-se ao séquito: — Vamos tratar de promovê-lo. — Todas coisas que, ditas pelo rei, dão prazer, mas eram sempre as mesmas frases, há tantos anos.

— E-quem-é-você, com esse brasão que me é familiar? — Conhecia a todos pela arma que traziam no escudo, sem que dissessem nada, mas o costume impunha que fossem eles a revelar o nome e o rosto. Se fosse de outro modo, alguém, tendo coisa melhor para fazer do que participar da revista, poderia mandar para lá sua armadura com outro dentro.

— Alardo de Dordona, do duque Amone...

— Força, Alardo, lembranças ao papai — e assim por diante. “Tata-tatai-tata-tata-tatata...”

— Gualfré de Mongioja! Oito mil cavaleiros exceto os mortos!

Ondulavam os penachos. “Uggeri Dinamarquês! Namó da Baviera! Palmerino da Inglaterra!”

Caía a noite. Os rostos, entre o bocal e a gola, já não se distinguiam muito bem. Cada palavra, cada gesto era perfeitamente previsível, como tudo naquela guerra que durava tantos anos, cada embate, cada duelo, conduzido sempre conforme as mesmas regras, de tal modo que se sabia na véspera quem havia de ganhar, perder, tornar-se herói, velhaco, quem acabaria com as tripas de fora e quem se safaria com uma queda do cavalo e a bunda no chão. Sobre as couraças, durante a noite, à luz das tochas, os ferreiros martelavam sempre as mesmas amassaduras.

— E você? — O rei chegara à frente de um cavaleiro com a armadura toda branca; só uma tirinha negra fazia a volta pelas bordas; no mais era alva, bem conservada, sem um risco, bem-acabada em todas as juntas, encimada no elmo por um penacho de sabe-se lá que raça de galo oriental, cambiante em cada nuance do arco-íris. No escudo, exibia-se um brasão entre duas fímbrias de um amplo manto drapejado, e dentro

do manto abriam-se outros dois panejamentos tendo no meio um brasão menor, que continha mais um brasão amantado ainda menor. Com desenho sempre mais delicado representava-se uma sequência de mantos que se entreabriam um dentro do outro, e no meio devia estar sabe-se lá o quê, mas não se conseguia discernir, tão miúdo se tornava o desenho. — E você aí, que se mantém tão limpo... — disse Carlos Magno, que, quanto mais durava a guerra, menos respeito pela limpeza encontrava nos paladinos.

— Eu sou — a voz emergia metálica do interior do elmo fechado, como se fosse não uma garganta mas a própria chapa da armadura a vibrar, e com um leve eco — Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez!

— Aaah... — fez Carlos Magno, e do lábio inferior, alongado para a frente, escapou-lhe também um pequeno silvo, como quem diz: “Se tivesse de lembrar o nome de todos estaria frito!”. Mas logo franziu as sobrancelhas. — E por que não levanta a celada e mostra o rosto?

O cavaleiro não fez nenhum gesto; sua direita enluvada com uma manopla férrea e bem encaixada cerrou-se mais ainda ao arção da sela, enquanto o outro braço, que regia o escudo, pareceu ser sacudido por um arrepio.

— Falo com o senhor, ei, paladino! — insistiu Carlos Magno. — Como é que não mostra o rosto para o seu rei?

A voz saiu límpida da barbela.

— Porque não existo, sire.

— Faltava esta! — exclamou o imperador. — Agora temos na tropa até um cavaleiro que não existe! Deixe-nos ver melhor.

Agilulfo pareceu hesitar um momento, depois com mão firme e lenta ergueu a viseira. Vazio o elmo. Na armadura branca com penacho iridescente não havia ninguém.

— Ora, ora! Cada uma que se vê! — disse Carlos Magno. — E como é que está servindo, se não existe?

— Com força de vontade — respondeu Agilulfo — e fé em nossa santa causa!

— Certo, muito certo, bem explicado, é assim que se cumpre o próprio dever. Bom, para alguém que não existe está em excelente forma!

Agilulfo era o último da fila. O imperador terminara a revista; girou o cavalo e afastou-se rumo ao acampamento real. Já velho, tendia a eliminar da mente as questões complicadas.

A corneta deu o toque de “avançar”. Houve o habitual debandar de cavalos, e a grande floresta de lanças dobrou-se, moveu-se em ondas como um campo de trigo tocado pelo vento. Os cavaleiros desciam da sela, moviam as pernas para espantar o torpor, os escudeiros conduziam as montarias pelas rédeas. Depois, da mixórdia e da poeira destacaram-se os paladinos, agrupados em pequenos abrigos cobertos por penachos coloridos, dando vazão à imobilidade forçada naquelas horas em brincadeiras e em bravatas, em intrigas sobre mulheres e honra.

Agilulfo deu alguns passos para misturar-se a um daqueles abrigos, depois sem motivo foi para outro, mas não se ambientou e ninguém ligou para ele. Permaneceu um pouco indeciso às costas de um e de outro, sem participar dos diálogos, depois colocou-se à parte. Anoitecia; no penacho, as plumas irisadas agora pareciam ter uma única cor indistinta; mas a armadura branca despontava isolada em meio ao prado. Agilulfo, como se de repente se sentisse nu, fez o gesto de cruzar os braços e encolher os ombros.

Em seguida, sacudiu-se e, com passadas largas, dirigiu-se para as estalagens. Lá chegando, soube que os cuidados com os animais não se realizavam segundo as regras, gritou com os cavaleiros, distribuiu punições aos que mereciam, inspecionou todos os turnos de corveia, redistribuiu as tarefas explicando minuciosamente a cada um como deveriam ser executadas e pediu que repetissem o que dissera para confirmar se haviam entendido bem. E, como a cada momento vinham à tona as negligências no serviço dos colegas paladinos, chamava-os um por um, retirando-os das doces conversas ociosas da noitada, e contestava com discrição e firme exatidão as faltas deles, e obrigava um a fazer piquete, outro a entrar na escolta, um terceiro na patrulha e assim por diante. Tinha sempre razão, e os paladinos não conseguiam escapar, mas não ocultavam seu descontentamento. Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez era certamente um modelo de soldado; porém, antipático a todos.

A noite, para os exércitos acampados, é regulada como o céu estrelado: os turnos de guarda, o oficial de sentinela, as patrulhas. Todo o resto, a perpétua confusão do exército em guerra, o formigueiro diurno no qual o imprevisto pode se manifestar como a fúria de um cavalo, agora silencia, pois o sono venceu a todos: guerreiros e quadrúpedes da cristandade, estes enfileirados e em pé, às vezes esfregando um casco no chão ou emitindo um breve relincho ou zurrando, aqueles finalmente livres dos elmos e das couraças, satisfeitos por se tornarem seres humanos distintos e inconfundíveis, ali estão todos roncando em uníssono.

Por outro lado, no acampamento dos infiéis, tudo igual: os mesmos passos de sentinelas para a frente e para trás, o militar no comando que vê escorrer os últimos grãos de areia da ampulheta e vai despertar os homens para o turno, o oficial que aproveita a noite de vigia escrevendo para a mulher. E as patrulhas cristãs e infiéis avançam ambas meia milha, chegam quase até o bosque mas depois dão meia-volta, uma aqui e outra ali sem se encontrar nunca, voltam às bases para informar que está tudo em paz e vão dormir. As estrelas e a lua passeiam silenciosas sobre os campos adversários. Em nenhum lugar se dorme tão bem como no exército.

Somente Agilulfo não conseguia esse alívio. Na armadura branca, completamente equipada, no interior de sua tenda, uma das mais ordenadas e confortáveis do acampamento cristão, tentava manter-se deitado e continuava pensando: não os pensamentos ociosos e divagantes de quem está para pegar no sono, mas sempre raciocínios determinados e exatos. Pouco depois, erguia-se sobre um cotovelo: necessitava de alguma ocupação manual, como lustrar a espada, que já era bem brilhante, ou passar graxa nas juntas da armadura. Não durava muito: logo se levantava, logo deixava a tenda, empunhando lança e escudo, e sua sombra esbranquiçada percorria o acampamento. Das tendas em forma de cone erguia-se o concerto do pesado arfar dos adormecidos. Como era possível aquele fechar de olhos, aquela perda de consciência de si próprio, aquele afundar num vazio das próprias horas e depois, ao despertar, descobrir-se igual a antes, juntando os fios da própria vida, Agilulfo não conseguia saber, e sua inveja da faculdade de dormir característica das pessoas existentes era uma inveja vaga, como de algo que não se pode nem mesmo conceber. Incomodava-o e

inquietava-o mais que tudo ver pés descalços que despontavam aqui e ali da entrada das tendas, os dedões apontando para cima: durante o sono, o acampamento era o reino dos corpos, uma exposição de velha carne de Adão, cheirando ao vinho bebido e ao suor da jornada de lutas; ao passo que no umbral dos pavilhões jaziam descompostas as armaduras vazias, que os escudeiros e os fâmulos, de manhã, lustrariam e deixariam tinindo. Agilulfo passava, atento, nervoso, hierático: o corpo das pessoas que tinham um corpo de verdade dava-lhe um mal-estar semelhante à inveja, mas também uma sensação que era de orgulho, de desdenhosa superioridade. Ali estavam os colegas tão falados, os gloriosos paladinos; o que eram? A armadura, testemunho de seu grau e nome, das façanhas executadas, da potência e do valor, ei-la reduzida a um invólucro, a uma ferragem vazia; e aquele pessoal roncando, o rosto amassado no travesseiro, um fio de baba descendo dos lábios abertos. Menos ele, não era possível decompô-lo em pedaços, desmembrá-lo: era e permanecia em cada momento do dia e da noite Agilulfo Emo Bertrando dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, armado cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez no dia tal, tendo para maior glória das armas cristãs realizado as ações tais e tais e tais, assumido no exército do imperador Carlos Magno o comando de tais tropas e daquelas outras. E possuidor da armadura mais linda e imaculada de todo o campo, dele inseparável. E melhor oficial do que muitos que se vangloriam de feitos por demais ilustres; até mesmo o melhor de todos os oficiais. E, ainda assim, passeava infeliz pela noite.

Ouviu uma voz:

— Senhor oficial, peço desculpas, mas quando é que muda o turno? Me plantaram aqui há três horas! — Era uma sentinela que se apoiava na lança como se sofresse de cólicas violentas.

Agilulfo nem se virou; disse:

— Engano seu, não sou o oficial de vigia. — E seguiu adiante.

— Perdão, senhor oficial. Vendo-o circular por aqui, pensei que...

A menor falha no serviço dava a Agilulfo a mania de controlar tudo, encontrar outros erros e negligências na ação alheia; sofria duramente por tudo o que era malfeito, que estava fora do lugar... Mas, não sendo atribuição dele fazer uma inspeção assim àquela hora, também sua interferência seria considerada um despropósito, até uma indisciplina. Agilulfo tratava de conter-se, limitar o interesse a questões particulares

de que teria de cuidar no dia seguinte, como a organização de certos suportes de armas onde se guardavam as lanças ou os dispositivos para manter seco o feno... mas sua sombra branca terminava sempre por perturbar o militar na chefia, o oficial em serviço, a patrulha que revistava a adega procurando umas garrafinhas de vinho que tivessem sobrado da noite anterior... Todas as vezes, Agilulfo passava por um momento de incerteza, se devia comportar-se como quem sabe impor apenas com sua presença o respeito pela autoridade ou como quem, estando onde não tem razões para estar, dá um passo atrás, discreto, e finge não estar ali. Nessa incerteza, parava, pensativo: e não conseguia tomar nenhuma atitude; só sentia que incomodava a todos e gostaria de fazer algo para estabelecer uma relação qualquer com o próximo, por exemplo, começar a dar ordens, dizer impropérios dignos de um caporal, ou provocar e dizer palavrões como se faz entre companheiros de pensão. Ao contrário, murmurava alguns cumprimentos ininteligíveis, com uma timidez mascarada de soberba, ou então uma soberba atenuada pela timidez, e seguia adiante; mas ainda achava que alguém lhe dirigira a palavra e mal se virava, dizendo: “Hein?”, porém logo se convencia de que não era com ele que falavam e ia embora como se fugisse.

Caminhava nos limites do acampamento, em lugares solitários, por morros despojados. A noite calma era atravessada apenas pelo voo suave de sombras informes com asas silenciosas, que se moviam por ali sem nenhuma direção definida: os morcegos. Mesmo aquele seu miserável corpo impreciso entre o rato e o volátil era sempre algo de tangível e seguro, alguma coisa que podia se sacudir pelos ares de boca aberta engolindo pernilongos, ao passo que Agilulfo com toda aquela couraça era atravessado em cada fissura por sopros de vento, pelo voo dos insetos e dos raios de lua. Uma raiva indeterminada, que lhe crescera dentro, explodiu de repente: desembainhou a espada, agarrou-a com as duas mãos, brandiu-a no alto com todas as forças contra cada morcego que se abaixava. Nada: continuavam seu voo sem princípio nem fim, tocados apenas pelas deslocções de ar. Agilulfo desferia um golpe atrás do outro; já nem tentava atingir os morcegos; seus movimentos cortantes seguiam trajetórias mais regulares, ordenavam-se segundo os modelos da esgrima com espadão; acontece que Agilulfo começara a

fazer exercícios como se estivesse treinando para o próximo combate e expunha a teoria das travessas, das paradas, das fintas.

Estacou de repente. Um jovem surgira de uma sebe, ali no alto, e o fixava. Trazia só uma espada e tinha o peito protegido por uma leve couraça.

— Oh, cavaleiro! — exclamou. — Não queria interrompê-lo! Está treinando para a batalha? Porque vai mesmo começar ao amanhecer, não? Permite que treine junto com o senhor? — E após um silêncio: — Cheguei ao acampamento ontem... Será minha primeira batalha... É tudo tão diferente do que imaginava...

Então Agilulfo ficou de lado, a espada contra o peito, braços cruzados, cerrado atrás do escudo.

— As orientações para um eventual choque armado, deliberadas pelo comando, são comunicadas aos senhores oficiais e à tropa uma hora antes do início das operações — informou.

O jovem ficou meio confuso, como travado em seu entusiasmo, porém, vencido um leve gaguejar, recomeçou, com o ânimo de antes:

— É que eu, sabe, acabei de chegar... para vingar meu pai... E gostaria que me dissessem, vocês, veteranos, por favor, como devo agir para enfrentar aquele cão, o pagão emir Isoarre, sim, exatamente ele, e romper-lhe a lança nas costelas, tal como ele fez com meu heroico pai, que Deus tenha sempre em sua glória, o defunto marquês Gherardo de Rossiglione!

— É muito simples, jovem — disse Agilulfo, e agora também na sua voz havia certo calor; o calor de quem, conhecendo as minúcias de regulamentos e normas, aprecia demonstrar a própria competência e igualmente questionar a falta de preparo dos outros —, deve fazer um pedido à Superintendência para Duelos, Vinganças e Máculas à Honra, especificando os motivos da solicitação, e será estudada a melhor maneira de colocá-lo em condições de ter seu desejo satisfeito.

O rapaz, que esperava pelo menos um sinal de reverência admirada ao nome do pai, ficou mortificado mais pelo tom do que pelo conteúdo do discurso. Depois tratou de refletir sobre as palavras que o cavaleiro lhe dissera, porém para negá-las de novo dentro de si e manter vivo seu entusiasmo.

— Mas, cavaleiro, não é com superintendências que me preocupo, o senhor me compreende, é porque me pergunto se vou manter na batalha

a coragem que sinto, a sanha que daria para destripar não apenas um mas cem infieis, e também minha valentia nas armas, pois sou bem adestrado, sabe? Mas, no meio daquela grande confusão, antes de jazer no chão, não sei... Se não encontrar aquele cão, se fugir de mim, gostaria de saber como se faz num caso destes, diga-me, cavaleiro, quando na batalha está em causa uma questão nossa, uma questão absoluta para nós e só para cada um de nós...

Agilulfo respondeu seco:

— Sigo rigorosamente as orientações. Faça assim também que tudo vai dar certo.

— Desculpe — disse o rapaz, e ficou ali todo teso —, não queria importuná-lo. Gostaria de fazer alguns exercícios de espada com o senhor, com um paladino! Porque, é bom que saiba, na esgrima sou bom, mas às vezes, de manhã cedo, os músculos estão meio entorpecidos, frios, não respondem como gostaria. Acontece o mesmo com o senhor?

— Comigo não — garantiu Agilulfo, e já lhe dava as costas, ia embora.

O jovem tomou o rumo dos acampamentos. Era a hora incerta que precede o amanhecer. Notava-se entre os pavilhões um começo de movimento de pessoas. Já antes da alvorada os estados-maiores estavam de pé. Nas tendas dos comandos e dos intendentess acendiam-se as tochas, contrastando com a meia-luz que filtrava pelo céu. Era de fato um dia de batalha aquele que despontava, conforme os comentários desde a noite anterior? O recém-chegado fora tomado pela excitação, mas uma excitação diferente daquela que imaginara, daquela que o conduzira até ali; ou melhor: era uma ânsia de reencontrar terra sob os pés, agora que parecia que tudo o que tocava soava vazio.

Encontrava paladinos já fechados em suas couraças, nos esféricos elmos emplumados, o rosto coberto pela celada. O jovem virava-se para observá-los e tinha vontade de imitar a postura deles, o modo orgulhoso de mover-se em volta da cintura, couraça elmo espaldar como se fosse tudo uma coisa só. Ei-lo entre os paladinos invencíveis, pronto para a emulação da batalha, armas em punho, a ponto de tornar-se um deles! Mas os dois que ele estava seguindo, em vez de montar a cavalo; acomodaram-se a uma mesa cheia de mapas: certamente eram dois grandes comandantes. O rapaz correu para apresentar-se a eles:

— Sou Rambaldo de Rossiglione, aspirante a cavaleiro, do falecido marquês Gherardo! Vim alistar-me para vingar meu pai, morto como herói sob as muralhas de Sevilha!

Os dois levam as mãos ao elmo emplumado, erguem-no separando o barbote do gorjal e o colocam na mesa. E debaixo dos elmos surgem duas calvas, douradas, dois rostos com a pele meio mole, cheia de rugas, e com bigodes ralos: duas caras de escrivães, de velhos funcionários rabiscadores de papel.

— Rossiglione, Rossiglione — repetem, mexendo em certos rolos com dedos úmidos de saliva. — Mas se já o alistamos ontem! Que mais quer? Por que não está com o seu batalhão?

— Nada, não sei, esta noite não consegui pegar no sono, a ideia da batalha, tenho de vingar meu pai, tenho de matar o emir Isoarre e assim procurar... Pronto: a Superintendência para Duelos, Vinganças e Máculas à Honra, onde é que fica?

— Este aqui, nem acabou de chegar, veja só o que está inventando! Mas o que sabe da superintendência?

— Explicou-me aquele cavaleiro, como se chama, o da armadura toda branca...

— Ufa! Só faltava ele! Imaginem se não havia de meter em toda a parte o nariz que nem tem!

— Como? Não tem nariz?

— Já que não pega sarna — comentou o outro atrás da mesa —, não acha nada melhor do que coçar a sarna dos outros.

— E por que não pega sarna?

— E onde quer que a pegue se não tem nenhum lugar disponível? Ele é um cavaleiro que não existe...

— Mas como não existe? Eu o vi! Era de verdade!

— O que viu? Ferragem... É alguém que existe sem existir, entende, aprendiz?

O jovem Rambaldo jamais teria imaginado que as aparências pudessem revelar-se tão enganadoras: desde que chegara ao acampamento descobrira que tudo era tão diferente do que parecia...

— Então, no exército de Carlos Magno é possível ser cavaleiro com todos os nomes e títulos e além disso combatente destemido e zeloso oficial, sem necessidade de existir!

— Calma lá! Ninguém foi tão longe: no exército de Carlos Magno é possível etc. Dissemos apenas: em nosso regimento, há um cavaleiro assim ou assado. Isso é tudo. O que possa existir ou não em geral não nos interessa. Deu para entender?

Rambaldo dirigiu-se ao pavilhão da Superintendência para Duelos, Vinganças e Máculas à Honra. Já não se deixava enganar pelas couraças e elmos emplumados: percebia que atrás daquelas mesas as armaduras encerravam homenzinhos mirrados e poeirentos. E se devia agradecer quando havia alguém dentro!

— Com que então, quer vingar seu pai, marquês de Rossiglione, patente de general! Vejamos: para vingar um general, o melhor procedimento é eliminar três majores. Poderíamos indicar-lhe três fáceis e tudo em ordem para você.

— Não me expliquei bem: quem devo matar é Isoarre, o emir. Foi ele em pessoa quem derrubou meu glorioso pai!

— Sim, sim, entendemos, mas você não se iluda porque derrubar um emir não é coisa simples... Quer quatro capitães? Podemos garantir-lhe quatro capitães infieis durante a manhã. Note que quatro capitães valem um general de exército e seu pai era apenas general de brigada.

— Vou procurar Isoarre e arrancar-lhe as tripas! Ele, e só ele!

— Você vai acabar preso, sem ir ao campo de batalha, pode ter certeza! Reflita um pouco antes de falar! Se criamos obstáculos em relação a Isoarre é porque temos boas razões... Se, por exemplo, o nosso imperador tivesse alguma negociação em curso com Isoarre...

Mas um dos funcionários que até aquele momento mantivera a cabeça enfiada nos mapas levantou-se contente:

— Tudo resolvido! Tudo resolvido! Não é preciso fazer nada. Nada de vingança, nem é preciso! Outro dia, Ulivieri, pensando que seus dois tios haviam morrido em combate, vingou-os! Contudo, eles estavam bêbados debaixo de uma mesa! Acabamos ficando com duas vinganças de tio a mais, uma boa trapalhada. Agora está tudo certo: uma vingança de tio podemos contar como meia vingança de pai; é como se tivéssemos uma vingança de pai completa, já executada.

— Ah, meu pai! — Rambaldo quase tinha um ataque.

— Mas o que tem você?

Acabara de soar a alvorada. O acampamento, com as primeiras luzes, pululava de homens armados. Rambaldo gostaria de ter se misturado

com aquela multidão que pouco a pouco tomava a forma de pelotões e companhias incorporadas, mas tinha a impressão de que aquele bater de ferros era como um vibrar de élitros de insetos, um crepitar de invólucros secos. Muitos dos guerreiros estavam fechados no elmo e na couraça até a cintura, e sob os flancos e os protetores dos rins despontavam as pernas com calças e meias porque deixavam para colocar coxotes, perneiras e joelheiras quando já estivessem montados. As pernas, sob aquele tórax de aço, pareciam mais finas, como patas de grilo; e a maneira como se moviam, falando, as cabeças redondas e sem olhos, e também o modo de manter dobrados os braços pesados de cubitais e manoplas parecia coisa de grilo ou de formiga; e, assim, toda aquela azáfama lembrava um zumbido indistinto de insetos. No meio deles, os olhos de Rambaldo procuravam algo: era a armadura branca de Agilulfo que ele esperava reencontrar, talvez porque sua aparição teria tornado mais concreto o resto do exército, ou então porque a presença mais sólida com que ele se deparara havia sido justamente a do cavaleiro inexistente.

Localizou-o debaixo de um pinheiro, sentado no chão, arrumando as pequenas pinhas caídas segundo um desenho regular, um triângulo isósceles. Na hora do alvorecer, Agilulfo precisava sempre dedicar-se a um exercício de precisão: contar objetos, ordená-los em figuras geométricas, resolver problemas de aritmética. É a hora em que as coisas perdem a consistência de sombra que as acompanhou durante a noite e readquirem pouco a pouco as cores, mas nesse meio-tempo atravessam uma espécie de limbo incerto, somente tocado e quase envolto em halo pela luz: a hora em que se tem menos certeza da existência do mundo. Ele, Agilulfo, sempre necessitara sentir-se perante as coisas como uma parede maciça à qual contrapor a tensão de sua vontade, e só assim conseguia manter uma consciência segura de si. Porém, se o mundo ao redor se desfazia na incerteza, na ambigüidade, até ele sentia que se afogava naquela penumbra macia, não conseguia mais fazer florescer do vazio um pensamento distinto, um assomo de decisão, uma obstinação. Ficava mal: eram aqueles os momentos em que se sentia pior; por vezes, só às custas de um esforço extremo conseguia não dissolver-se. Aí, punha-se a contar: folhas, pedras, lanças, pinhas, o que lhe surgisse pela frente. Ou então colocava tudo em fila, arrumado em quadrados ou em pirâmides. Dedicar-se a essas ocupações exatas

permitia-lhe vencer o mal-estar, absorver o desprazer, a inquietude e o marasmo, e retomar a lucidez e compostura habituais.

Assim observou-o Rambaldo, enquanto com movimentos absortos e rápidos dispunha as pinhas em triângulo, depois em quadrados ao lado do triângulo e somava com obstinação as pinhas dos quadrados dos catetos, confrontando-as com as do quadrado da hipotenusa. Rambaldo compreendia que aqui tudo caminhava mediante rituais, convenções, fórmulas, e por baixo disso, o que havia por baixo? Sentia-se presa de uma angústia indefinível, sabendo-se fora de todas aquelas regras do jogo... Mas, afinal, sua própria decisão de vingar a morte do pai, até esse ardor de combater, de alistar-se entre os guerreiros de Carlos Magno, não seria também um ritual para não mergulhar no nada, como aquele tira e põe pinhas do cavaleiro Agilulfo? E, oprimido pela perturbação de tão inesperadas questões, o jovem Rambaldo jogou-se no chão e desatou a chorar.

Sentiu alguma coisa pousar-lhe nos cabelos, a mão de alguém, mão de ferro, porém leve. Agilulfo estava ajoelhado junto a ele.

— O que tem, jovem? Por que chora?

Os estados de perda ou de desespero ou de furor nos outros seres humanos davam imediatamente a Agilulfo uma calma e uma segurança perfeitas. Sentir-se imune aos sobressaltos e às angústias a que estão sujeitas as pessoas existentes levava-o a tomar uma atitude superior e protetora.

— Desculpe-me — disse Rambaldo —, talvez seja o cansaço. Passei a noite em claro, e agora me sinto meio perdido. Se pudesse cochilar um pouco... Mas o dia já está aí. E o senhor, que também não pregou olhos, como aguenta?

— Sentir-me-ia perdido se deitasse só por um instante — disse baixinho Agilulfo —, ou melhor, não me reencontraria de jeito nenhum, estaria perdido para sempre. Por isso, passo bem desperto todos os instantes do dia e da noite.

— Deve ser pesado...

— Não. — A voz voltara a ser seca, forte.

— E a armadura, nunca sai de dentro dela?

Tornou a murmurar.

— Não há dentro nem fora. Tirar ou pôr não faz sentido para mim.

Rambaldo erguera a cabeça e observava as fissuras da celada, como se buscasse naquele escuro a centelha de um olhar.

— E então?

— E então o quê?

A mão de ferro da armadura branca ainda estava pousada nos cabelos do rapaz. Rambaldo mal sentia seu peso na cabeça, como uma coisa, sem que lhe comunicasse qualquer calor de proximidade humana, fosse ela consoladora ou aborrecida; mesmo assim captava uma espécie de tensa obstinação que nele se propagava.

3

Carlos Magno cavalgava à frente do exército dos francos. Iam em marcha de aproximação; não havia pressa, não se andava muito rápido. Ao redor do imperador agrupavam-se os paladinos, freando com as rédeas os cavalos impetuosos; e, entre corcovear e dar cotoveladas, seus escudos prateados erguiam-se e abaixavam-se como guelras de um peixe. O exército se parecia com um peixe comprido repleto de escamas: uma enguia.

Camponeses, pastores, aldeões acorriam às margens da estrada. “Aquele é o rei, aquele é Carlos!”, e inclinavam-se até o chão, reconhecendo-o, mais do que pela coroa pouco familiar, pela barba. Depois, logo se levantavam para identificar os guerreiros: “Aquele é Orlando! Nada disso, é Ulivieri!”. Não acertavam um, mas dava no mesmo, pois, quem quer que fosse, estavam todos ali, e podiam sempre jurar ter visto quem bem entendessem.

Agilulfo, cavalgando no grupo, de vez em quando dava uma corridinha para a frente, depois parava para esperar os outros, voltava-se para controlar se a tropa marchava compacta, ou virava-se para o sol, como se calculasse a hora por sua altura no horizonte. Estava impaciente. Só ele, ali no meio, tinha em mente a ordem da marcha, as etapas, o lugar aonde teriam de chegar naquela noite. Os demais paladinos, bem, marcha de aproximação, andar rápido ou devagar era sempre chegar mais perto, e com a desculpa de que o imperador estava velho e cansado estavam sempre dispostos a deter-se para beber em todas as tabernas. Pelo caminho só viam emblemas de tabernas e traseiros de empregadas, para dizer algumas bobagens; quanto ao resto, viajavam como se estivessem fechados num baú.

Carlos Magno continuava a ser aquele que tinha mais curiosidade por todas as espécies de coisas que se viam ao redor.

— Uh, os patos, os patos! — exclamava.

Movia-se um bando pelos prados que margeavam o caminho. Em meio às aves, havia um homem, mas não dava para entender o que fazia: andava de cócoras, com as mãos atrás das costas, levantando os pés de pato como um palmípede, com o pescoço duro, e dizendo: “Quá... quá... quá...”. Os patos não ligavam para ele, como se o reconhecessem enquanto um deles. E, para dizer a verdade, entre o homem e os patos o olhar não fazia grande diferença, porque a roupa que trazia o homem, de um tom marrom terroso (parecia costurada, em boa parte, com pedaços de saco), apresentava grandes pedaços de um cinza esverdeado igualzinho às penas deles, e além disso havia remendos e andrajos e manchas das mais variadas cores, como as estrias irisadas daquelas aves.

— Ei, você, acha que esta é a melhor maneira de reverenciar o imperador? — gritaram-lhe os paladinos, sempre dispostos a procurar sarna para se coçar.

O homem não se virou, mas os patos, assustados com aquele vozerio, bateram asas todos juntos. O homem demorou um momento observando-os alçar voo, nariz empinado, depois abriu os braços, deu um pulo e assim, aos saltos e espojando-se com os braços abertos de onde pendiam franjas esfarrapadas, soltando risadas e “Quáá! Quáá!” cheios de alegria, tentava acompanhar o bando.

Ali perto havia um pântano. Os patos voaram para lá, pousando na superfície, e, bem leves, com asas fechadas, foram embora nadando. No pântano, o homem atirou-se na água de barriga, levantou enormes jatos d’água, agitou-se com gestos atrapalhados, tentou ainda um “Quá! Quá!” que terminou num borbulhar porque estava afundando, tentou nadar, voltou a imergir.

— Mas aquele é o guardião dos patos? — perguntaram os guerreiros a uma pobre camponesa que se aproximava com um caniço na mão.

— Não, sou eu quem cuida dos patos, são meus, ele não tem nada a ver com isso, é Gurdulu... — disse a camponesa.

— E o que fazia com seus patos?

— Oh, nada, de vez em quando fica assim, toma conta deles, erra, acha que ele é...

— Acha que ele também é um pato?

— Acha que ele é o bando de patos... Sabem como é Gurdulu: não presta atenção...

— Mas onde é que foi parar?

Os paladinos acercaram-se do pântano. Não se via Gurdulu. Os patos, atravessado o espelho d'água, haviam retomado o caminho entre o capim com seus passos palmípedes. Ao redor da água, do meio das avencas, subia um coro de rãs. O homem tirou a cabeça da água de repente, como se lembrasse que devia respirar naquele momento. Viu-se perdido, como se não entendesse o que era aquele contorno de avencas dentro d'água a um palmo de seu nariz. Em cada folha, sentava-se um animalzinho verde, liso liso, que o examinava e coaxava com toda a força: “Gra! Gra! Gra!”.

— Gra! Gra! Gra! — respondeu Gurdulu, contente, e, ao som de sua voz, de todas as avencas era um tal de rã pular na água, e, da água, rãs saltando para a margem, e Gurdulu gritando: — Gra! — deu um pulo ele também, foi para a margem, ensopado e enlameado da cabeça aos pés, encolheu-se feito uma rã e lançou um “Gra!” tão forte que com um barulho de caniços e capins tornou a cair no pântano.

— Mas não se afoga? — perguntaram os paladinos a um pescador.

— É, às vezes Omobó se esquece, se perde... Afogar não... O problema é quando acaba na rede com os peixes... Um dia lhe aconteceu quando começara a pescar... Joga a rede na água, vê um peixe que está a ponto de ser apanhado, e se identifica tanto com o peixe que mergulha e entra ele na rede... Sabem como é, Omobó...

— Omobó? Mas não se chama Gurdulu?

— Nós o chamamos de Omobó.

— Mas aquela moça...

— Ah, ela não é da nossa aldeia, pode ser que na aldeia dela o chamem desse jeito.

— E ele de onde é?

— Bom, vagueia por aí...

A cavalgada ladeava um pomar de pereiras. Os frutos estavam maduros. Com as lanças os guerreiros espetavam peras, fazendo-as desaparecer no bico dos elmos, depois cuspiam o que sobrava. Enfileirado entre as pereiras, quem se vê? Gurdulu-Omobó. Mantinha os braços para cima, torcidos feito ramos, e nas mãos, na boca, na cabeça e nos rasgões da roupa carregava peras.

— Olhem, ele está bancando uma pereira! — exclamava Carlos Magno, risonho.

— Já vou sacudi-lo! — disse Orlando, e deu-lhe uma pancada.

Gurdulu deixou cair ao mesmo tempo todas as peras, que rolaram pelo prado em declive, e ao vê-las descer não pôde fazer outra coisa senão rolar também ele feito pera no relvado e assim desapareceu da vista de todos.

— Vossa Majestade queira perdoá-lo! — disse um velho hortelão. — Martinzul às vezes não percebe que seu lugar não é entre as plantas ou entre os frutos inanimados, e, sim, entre os devotos súditos de Vossa Majestade!

— Mas que parafuso falta a esse louco a quem vocês chamam de Martinzul? — perguntou, afável, o nosso imperador. — Parece-me que nem sabe o que lhe passa pela mioleira!

— Que podemos saber nós, Majestade? — O velho hortelão falava com a modesta sabedoria de quem já viu de tudo. — Talvez não se possa chamá-lo de doido: é só alguém que existe mas não tem consciência disso.

— Boa esta! Aqui temos um súdito que existe mas não tem consciência disso e aquele meu paladino que tem consciência de existir mas de fato não existe. Fazem uma bela dupla, é o que lhes digo!

Carlos Magno já estava cansado de andar a cavalo. Apoiando-se em seus estribeiros, ofegando através da barba, resmungando: “Pobre França!”, desmontou. Como obedecendo a um sinal, assim que o imperador pôs o pé no chão, todo o exército parou e montou um bivaque. Prepararam as marmitas para o rancho.

— Tragam-me aqui aquele Gurgur... Como se chama? — perguntou o rei.

— Conforme as aldeias que atravessa — disse o sábio hortelão — e os exércitos cristãos ou infiéis aos quais se junta, chamam-no de Gurduru ou Gudi-Ussuf ou Ben-Va-Ussuf ou Ben-Stambul ou Pestanzul ou Bertinzul ou Martimbon ou Omobon ou Omobestia ou então de Monstrengo do Valão ou Gian Paciasso ou Pier Paciugo. Pode acontecer que numa chácara perdida lhe deem um nome totalmente diferente dos outros: notei ainda que, por toda a parte, seus nomes mudam de uma estação para outra. Dir-se-ia que os nomes deslizam nele sem jamais fixar-se. De qualquer modo, ele não liga nada para o

jeito como o chamam. Chamem-no e ele pensa que estão falando com uma cabra; digam “queijo” ou “torrente” e ele responde: “Estou aqui”.

Dois paladinos — Sansoneto e Dudão — iam na frente arrastando Gurdulu com todo o seu peso como se fosse um saco. Aos empurrões, colocaram-no em pé diante de Carlos Magno.

— Tire o chapéu, sua besta! Não vê que está diante do rei?

O rosto de Gurdulu iluminou-se; era uma carantonha encalorada em que se misturavam caracteres francos e mourescos: um pontilhado de sardas vermelhas numa pele azeitonada; olhos azuis líquidos estriados de sangue sobre um nariz achatado e uma bocarra de lábios proeminentes; cabelo alourado mas crespo e uma barba hirsuta com manchas. E no meio dos pelos, emaranhados, invólucros espinhosos de castanha e espigas de aveia.

Começou a desfazer-se em reverências e a falar sem parar. Aqueles nobres senhores, que até então só haviam escutado de sua boca vozes de animais, ficaram espantados. Falava muito rápido, comendo as palavras e confundindo-se; às vezes, parecia passar sem interrupção de um dialeto para outro e até de uma língua para outra, tanto cristã quanto moura. Entre palavras ininteligíveis e despropósitos, seu discurso era mais ou menos este:

— Toco o nariz com a terra, caio em pé nos vossos joelhos, declaro-me augusto servidor de Vossa Humilíssima Majestade, comandem-se e me obedecerei! — Brandiu uma colher que trazia presa na cintura. — ... E quando a Majestade Vossa diz: “Ordeno comando e quero”, e faz assim com o cetro, assim com o cetro como eu faço, estão vendo?, e grita como eu: “Ordenooo comandooo e querooo!”, vocês, todos súditos cães, têm de me obedecer senão mando empalar todos e, em primeiro lugar, você aí com essa barba e cara de velho decrepito!

— Devo cortar-lhe a cabeça de um golpe só, sire? — perguntou Orlando, e já desembainhava.

— Rogo graça para ele, Majestade — apressou-se o hortelão. — Foi um de seus descuidos habituais: falando com o rei, confundiu-se e não se lembrou mais se o rei era ele ou aquele com quem falava.

Das marmitas fumegantes exalava-se um odor de rancho.

— Deem-lhe uma gamelada de sopa! — ordenou, clemente, Carlos Magno.

Com caretas, inclinações e discursos incompreensíveis, Gurdulu retirou-se para comer debaixo de uma árvore.

— E agora, o que está fazendo?

Estava enfiando a cabeça dentro da gamela pousada no chão, como se quisesse entrar nela. O bom hortelão foi sacudi-lo pelo ombro.

— Quando há de entender, Gurdulu, que é você quem deve comer a sopa e não ela que deve comê-lo? Não se lembra? Tem de levá-la à boca com a colher...

Gurdulu começou a mandar colheradas goela abaixo, avidamente. Manejava a colher com tanta gana que às vezes errava a mira. Na árvore a cujo pé se sentara, abria-se uma cavidade, exatamente na altura de sua cabeça. Gurdulu pôs-se a jogar colheradas de sopa no buraco do tronco.

— Aquela não é sua boca! É da árvore!

Agilulfo seguira desde o início, com uma mistura de atenção e perturbação, os movimentos daquele corpanzil carnoso, que parecia rolar no meio das coisas existentes satisfeito como um potro que deseja coçar as costas; e sentia uma espécie de vertigem.

— Cavaleiro Agilulfo! — chamou Carlos Magno. — Sabe o que lhe digo? Concedo-lhe aquele homem ali como escudeiro! Hein? Não é uma boa ideia?

Os paladinos, irônicos, debochavam. Agilulfo, que, ao contrário, levava tudo a sério (e ainda mais uma ordem imperial expressa), dirigiu-se ao novo escudeiro para dar-lhe as primeiras orientações, mas Gurdulu, com tanta sopa no bucho, caíra no sono à sombra daquela árvore. Estendido na grama, roncava de boca aberta, com peito estômago e ventre subindo e descendo feito um fole de ferreiro. A gamela engordurada rolara para perto de um de seus grandes pés descalços. No meio do capim, um porco-espinho, talvez atraído pelo cheiro, aproximou-se da gamela e começou a lamber as últimas gotas de sopa. Ao fazer isso, pressionava os espinhos contra a planta desprotegida do pé de Gurdulu e quanto mais se mexia atrás do fio de sopa mais empurrava suas agulhas contra o pé descalço. Até que o vagabundo abriu os olhos: deu uma olhada ao redor, sem entender de onde vinha aquela sensação de dor que o despertara. Viu o pé descalço, erguido no meio do capim como uma palma de figueira-da-índia, e, pressionando o pé, o porco-espinho.

— O, pé — começou a dizer Gurdulu —, pé, ei, estou falando com você! O que está fazendo aí plantado feito um idiota? Não vê que esse animal lhe espeta? Ei, pééé! Ei, estúpido! Por que não vem pra cá? Não sente que o machuca? Imbecil de um pé! Basta tão pouco, basta que se desloque um tantinho assim! Mas como é possível ser tão imbecil? Pééé! Escute o que estou falando. Mas olhe só como se deixa massacrar! Mas vem pra cá, idiota! Como vou lhe dizer? Preste atenção: observe como eu faço, já lhe mostro como tem de fazer... — E, dizendo isso, dobrou a perna, puxando o pé para si e afastando-o do porco-espinho. — Pronto: era tão fácil, bastou que lhe mostrasse como se faz e você também conseguiu. Pé estúpido, por que se deixou espetar durante tanto tempo?

Esfregou a planta doída, deu um pulo, começou a assoviar, ensaiou uma corrida, lançou-se através das moitas, soltou um peido, depois outro, acabou desaparecendo.

Agilulfo mexeu-se como para ir procurá-lo, mas onde é que fora parar? O vale se abria delineado por densos campos de aveia e sebes de medronheiro e alfeneiro, acariciado pelo vento, por lufadas prenes de pólen e borboletas, e, no céu, por babas de nuvens brancas. Gurdulu desaparecera lá no meio, naquele declive onde o sol, ao girar, desenhava manchas móveis de sombra e luz; podia estar em qualquer ponto desta ou daquela vertente.

De algum lugar impreciso ergueu-se um canto desafinado:

— *De sur les ponts de Bayonne...*

A armadura branca de Agilulfo, destacando-se contra o espigão do vale, cruzou os braços no peito.

— E então: quando começa a trabalhar o novo escudeiro? — admoestaram os colegas.

Maquinalmente, com a voz sem entoação, Agilulfo asseverou:

— Uma afirmação verbal do imperador tem valor imediato de decreto.

— *De sur les ponts de Bayonne...* — ouviu-se ainda a voz, mais distante.

4

Ainda era confuso o estado das coisas do mundo, no tempo remoto em que esta história se passa. Não era raro defrontar-se com nomes, pensamentos, formas e instituições a que não correspondia nada de existente. E, por outro lado, o mundo pululava de objetos e faculdades e

pessoas que não possuíam nome nem distinção do restante. Era uma época em que a vontade e a obstinação de existir, de deixar marcas, de provocar atrito com tudo aquilo que existe, não era inteiramente usada, dado que muitos não faziam nada com isso — por miséria ou ignorância ou porque tudo dava certo para eles do mesmo jeito — e assim uma certa quantidade andava perdida no vazio. Podia até acontecer então que num ponto essa vontade e consciência de si, tão diluída, se condensasse, formasse um coágulo, como a imperceptível partícula de água se condensa em flocos de nuvem, e esse emaranhado, por acaso ou por instinto, tropeçasse num nome ou numa estirpe, como então havia muitos disponíveis, numa certa patente da organização militar, num conjunto de tarefas a serem executadas e de regras estabelecidas; e — sobretudo — numa armadura vazia, pois sem ela, com os tempos que corriam, até um homem que existia corria o risco de desaparecer, imaginem um que não existia... Assim havia começado a atuar Agilulfo dos Guildiverni e a esforçar-se para obter glórias.

Eu, que estou contando esta história, sou irmã Teodora, religiosa da ordem de são Columbano. Escrevo no convento, deduzindo coisas de velhos documentos, de conversas ouvidas no parlatório e de alguns raros testemunhos de gente que por lá andou. Nós, freiras, temos poucas ocasiões de conversar com soldados: e, assim, o que não sei, trato de imaginar; caso contrário, como faria? E nem tudo da história está claro para mim. Vocês vão me desculpar: somos moças do interior, ainda que nobres, tendo vivido sempre em retiro, em castelos perdidos e depois em conventos; excetuando-se funções religiosas, tríduos, novenas, trabalhos de lavoura, debulha de cereais, vindimas, açoitamento de servos, incestos, incêndios, enforcamentos, invasões de exércitos, saques, estupros, pestilências, não vimos nada. O que pode saber do mundo uma pobre freira? Portanto, prossigo penosamente esta história que comecei a narrar como penitência. Agora Deus sabe como farei para contar-lhes a batalha, eu que das guerras, Deus nos livre, sempre fiquei afastada e, exceto aqueles quatro ou cinco embates em campo aberto que tiveram lugar na planície embaixo de nosso castelo e que, meninas, acompanhávamos das ameias, entre caldeirões de piche fervente (quantos mortos ficavam apodrecendo depois pelos prados e os encontrávamos ao brincar, no verão seguinte, sob uma nuvem de zangãos!), sobre batalhas, dizia, não sei nada.

Tampouco Rambaldo sabia alguma coisa do assunto: embora nunca tivesse pensado em outra coisa na sua curta vida, aquele era o batismo de fogo. Aguardava o sinal de ataque, em fila, a cavalo, mas não gostava daquilo. Estava usando coisas demais: a cota de malha de ferro com camal, a couraça com proteção para a garganta e as costas, o guarda-pança, o elmo com bico de pássaro do qual era difícil olhar para fora, a garnacha sobre a armadura, um escudo mais alto que ele, uma lança que toda vez que girava acertava a cabeça de algum companheiro e, por baixo dele, um cavalo do qual não se via nada, tão grande era a gualdrapa de ferro que o recobria.

Quanto a resgatar o assassinato do pai com o sangue do emir Isoarre, já estava quase sem vontade de fazê-lo. Disseram-lhe, observando certos mapas onde estavam assinalados todos os batalhões: “Quando soar a corneta, galope para a frente em linha reta com a lança em riste até espetá-lo. Isoarre combate sempre naquele ponto da formação. Se não correr torto, vai dar de cara com ele, a menos que aconteça de o exército inimigo debandar todo, o que jamais sucede no primeiro embate. Por Deus, pode sempre haver alguma pequena diferença, mas, se não for você quem o fura, certamente há de ser o seu vizinho”. Se as coisas estavam nesse pé, Rambaldo já não se interessava por mais nada.

O sinal de que começara a batalha foi a tosse. Viu lá embaixo uma nuvem de poeira amarela que avançava, e uma outra subiu do chão porque os cavalos cristãos também se haviam lançado para a frente a galope. Rambaldo começou a tossir; e todo o exército imperial tossia entalado em suas armaduras, e assim tossindo e pateando corria rumo à poeirada infiel e já ouvia cada vez mais perto a tosse sarracena. As duas nuvens de poeira se misturaram: tosses e golpes de lança ribombaram em toda a planície.

O golpe de mestre do primeiro choque não era tanto a perfuração (porque contra os escudos se arriscava romper as lanças e ainda, por causa do arranque, dar de cara no chão), mas fazer o adversário esvaziar os arções, enfiando-lhe a lança entre traseiro e sela no momento, upa!, da curveta. Podia dar tudo errado, pois a lança apontada para baixo facilmente batia em algum obstáculo ou talvez se enfiasse no chão, funcionando como alavanca, arrancando o cavaleiro da sela como uma catapulta. Assim, a pancada das primeiras linhas era só um voo pelos ares de guerreiros pendurados nas lanças. E, sendo difíceis as

deslocações laterais, dado que com as lanças não se podia virar nem um pouco sem acertar nas costelas de amigos e inimigos, criava-se logo uma trapalhada tamanha que não se entendia mais nada. E então impunham-se os campeões, a galope, de espada desembainhada, e eram bem adestrados em dividir os monturos de soldados a poder de fendentes.

Até o momento em que se encontravam frente a frente os campeões inimigos, escudo contra escudo. Começavam os duelos, mas, como o chão já estava coberto de carcaças e cadáveres, era difícil mover-se, e, onde não podiam terçar armas, desabafavam por meio de insultos. Aí era decisivo o grau e a intensidade do insulto, porque, conforme fosse ofensa mortal, sanguinária, insustentável, média ou leve, exigiam-se diversas reparações ou então ódios implacáveis que eram transmitidos aos descendentes. Portanto, o importante era entender-se, coisa não muito fácil entre mouros e cristãos e com as várias línguas mouras e cristãs entre eles; se alguém recebia um insulto indecifrável, que podia fazer? Era preciso suportá-lo e quem sabe se ficasse desonrado para o resto da vida. Portanto, nessa fase do combate, participavam os intérpretes, tropa rápida, com armamento leve, montada em cavalinhos, que circulavam ao redor, captavam no ar os insultos e os traduziam imediatamente na língua do destinatário.

— Khar as-Sus!

— Excremento de verme!

— Mushrik! Sozo! Mozo! Escalvao! Marrano! Hijo de puta! Zabalkan! Merdas!

Esses intérpretes, haviam combinado de ambas as partes não ser necessário matá-los. Além do mais, moviam-se velozmente e naquela confusão, se não era fácil matar um pesado guerreiro montado num grande cavalo que mal podia mexer as patas, tão atravancadas estavam com couraças, imaginem tais saltimbancos. Mas todos sabem: guerra é guerra, e às vezes alguém ficava para adubo. E, além do mais, eles, com a desculpa de que sabiam dizer “filho da puta” em algumas línguas, deviam ter alguma vantagem para correr riscos. Nos campos de batalha, quem tem mãos ágeis pode sempre fazer uma boa colheita, especialmente se chegar no momento certo, antes que desabe o grande enxame da infantaria, que afana tudo o que encontra pela frente.

Ao recolher coisas, os soldados de infantaria, baixinhos, levam a melhor, mas os cavaleiros do alto da montaria, no melhor da festa,

deixam-nos tontos com uma lambada de sabre e carregam tudo. Dizendo “coisas”, não se entende tanto o que é arrancado dos mortos, pois despojar um morto é trabalho que requer um recolhimento especial, mas todas as coisas que são perdidas. Com esse hábito de ir para o campo de batalha carregados de arreios sobrepostos, ao primeiro choque um despropósito de objetos díspares cai pelo chão. Então, quem mais pensa em combater? A grande luta passa a ser recolhê-los; e à noite, de volta ao acampamento, promover trocas e negócios. Roda que roda, é sempre a mesma tranqueira que circula de um acampamento para outro e de um regimento para outro do mesmo acampamento; e o que é a guerra além desse passar de mão em mão coisas cada vez mais amassadas?

Com Rambaldo aconteceu tudo diferente de como lhe tinham dito. Lançou-se de lança em riste, trepidante na ânsia do encontro entre as duas formações. Encontrar-se, se encontraram; mas tudo parecia calculado para que cada cavaleiro passasse no intervalo entre dois inimigos, sem sequer se tocar. Durante algum tempo, as duas formações continuaram a correr cada uma para seu lado, dando-se as costas, depois se viraram, trataram de provocar o choque, mas o ímpeto se perdera. Quem seria capaz de encontrar o emir lá no meio? Rambaldo foi pelejar escudo contra escudo com um sarraceno duro feito um bacalhau. De ceder espaço ao outro, parece que nenhum deles tinha vontade: empurravam-se com os escudos, enquanto os cavalos cavoucavam a terra com os cascos.

O sarraceno, um rosto pálido como de gesso, falou.

— Intérprete! — gritou Rambaldo. — O que está dizendo?

Trotou até lá um daqueles vadios.

— Diz para abrir-lhe caminho.

— Com os diabos, não!

O intérprete traduziu; o outro replicou.

— Diz que deve seguir adiante para trabalhar; caso contrário a batalha não sairá segundo os planos...

— Dou passagem a ele se me disser onde está o emir Isoarre!

O sarraceno fez um sinal na direção de uma pequena colina, gritando. E o intérprete:

— Lá, naquela altura à esquerda!

Rambaldo virou-se e partiu a galope.

O emir, vestido de verde, estava observando o horizonte.

— Intérprete!

— Aqui estou.

— Diga-lhe que sou o filho do marquês de Rossiglione e vim para vingar meu pai.

O intérprete traduziu. O emir ergueu a mão com os dedos juntos, interrogando.

— E quem é?

— Quem é meu pai? Esta é sua última ofensa! — Rambaldo desembainhou a espada. O emir o imitou. Era um bravo espadachim.

Rambaldo já se encontrava em apuros quando irrompeu, ofegante, aquele sarraceno de antes com cara de gesso, gritando alguma coisa.

— Parem, senhores! — traduziu rápido o intérprete. — Peço desculpas, fiz confusão: o emir Isoarre está na pequena colina da direita! Este é o emir Abdul!

— Obrigado! É um homem honrado! — disse Rambaldo e, tendo afastado o cavalo e cumprimentado o emir Abdul com a espada, lançou-se a galope para a outra elevação.

Recebendo a informação de que Rambaldo era filho do marquês, o emir Isoarre disse:

— Como?

Foi preciso repeti-lo várias vezes no ouvido, gritando.

No final, concordou e ergueu a espada. Rambaldo atirou-se contra ele. Mas, enquanto cruzavam ferros, veio-lhe a dúvida de que Isoarre não fosse tampouco aquele, e seu ímpeto foi um tanto reduzido. Tentava golpear com toda a força e, quanto mais se batiam, menos certeza ele tinha da identidade de seu inimigo.

Essa incerteza esteve a ponto de ser-lhe fatal. O mouro o encurralava com ataques cada vez mais próximos, até que uma grande confusão explodiu ao lado deles. Um oficial maometano achava-se empenhado no meio da balbúrdia e, de repente, deu um grito.

Com aquele grito, o adversário de Rambaldo ergueu o escudo como para pedir uma trégua e respondeu.

— O que disse? — perguntou Rambaldo ao intérprete.

— Disse: Sim, emir Isoarre, já lhe entrego seus óculos!

— Ah, então não é ele!

— Sou — explicou o adversário — o porta-óculos do emir Isoarre. Os óculos, aparelho ainda desconhecido de vocês, cristãos, são certas lentes que corrigem a vista. Isoarre, sendo míope, é obrigado a usá-los em combate, mas, como são de vidro, em cada choque quebra um par. Minha tarefa é fornecer-lhe outros. Assim, peço que interrompa o duelo com o senhor, pois de outro modo o emir, fraco dos olhos como é, levará a pior.

— Ah, o porta-óculos! — rugiu Rambaldo, e não sabia se arrancava-lhe as tripas por causa da raiva ou investia contra o verdadeiro Isoarre. Mas que valentia seria essa de lutar contra um adversário momentaneamente cego?

— Tem de me deixar ir embora, senhor — continuou o oculista —, porque no plano de batalha foi estabelecido que Isoarre deve se manter em boa forma e, se não consegue ver, ele está perdido! — E brandia os óculos, gritando naquela direção: — Pronto, emir, aqui vão as lentes!

— Não! — disse Rambaldo e deu um fendente nos vidros, reduzindo-os a pedaços.

No mesmo instante, como se o ruído das lentes quebradas tivesse sido para ele o sinal de que estava acabado, Isoarre foi parar direto numa lança cristã.

— Agora a sua vista — disse o oculista — não precisa mais de lentes para ver as huris do paraíso. — E esporeou a montaria.

O cadáver do emir, derrubado da sela, ficou preso pelas pernas nos estribos, e o cavalo o arrastou até os pés de Rambaldo.

A emoção de ver Isoarre morto no chão, os pensamentos contraditórios que se atropelavam, de triunfo por poder finalmente dizer que o sangue do pai fora vingado, de dúvida quanto ao fato de, tendo ele provocado a morte do emir ao quebrar-lhe as lentes, a vingança poder ser considerada deveras consumada, de perda por encontrar-se de repente sem a motivação que o conduzira até ali, tudo durou só um momento. Depois sentiu apenas a extraordinária leveza de descobrir-se sem aquele pensamento obsessivo no meio da batalha e de poder correr, olhar ao redor, combater como se tivesse asas nos pés.

Até então com a ideia fixa de matar o emir, não dera importância a nada ligado ao andamento da batalha, e nem pensava que pudesse haver ali alguma ordem. Tudo lhe parecia novo e a exaltação e o horror só agora pareciam atingi-lo. O terreno já dispunha de sua floração de

mortos. Caindo com suas armaduras, jaziam em posições desconexas, conforme os coxotes ou protetores de cotovelos ou demais paramentos de ferro se tinham disposto amontoando-se, às vezes mantendo levantados braços ou pernas. Em algum ponto, as pesadas couraças haviam aberto brechas e dali se expandiam as entranhas, como se as armaduras estivessem cheias não de corpos inteiros mas de vísceras ali espetadas à toa, e que transbordavam ao primeiro golpe. Essas visões cruéis comoviam profundamente Rambaldo: quem sabe esquecera que era sangue humano quente o que movia e dava vigor a todos aqueles invólucros? A todos, exceto um: ou já então a natureza impalpável do cavaleiro de armas brancas lhe parecia ampliada a todo o acampamento?

Esporeou. Estava ansioso para defrontar-se com presenças vivas, fossem amigas ou inimigas.

Encontrava-se num pequeno vale: deserto, excetuando os mortos e as moscas que zumbiam sobre eles. A batalha chegara a um momento de trégua, ou então recrudescia num outro lado do terreno. Rambaldo cavalgava perscrutando ao redor. Repete-se um bater de cascos: e surge um guerreiro a cavalo na beira de uma elevação. É um sarraceno! Olha à sua volta, arrebatado, mexe as rédeas e foge. Rambaldo esporeia e o persegue. Agora está também no alto; vê lá no Prado o sarraceno a galopar, desaparecer e reaparecer entre as aveleiras. O cavalo de Rambaldo é uma flecha: parecia que só esperava a ocasião para uma corrida. O jovem está contente: finalmente, sob aquelas cascas inanimadas, o cavalo é um cavalo, o homem é um homem. O sarraceno vira à direita. Por quê? Agora Rambaldo tem a certeza de alcançá-lo. Mas da direita eis que salta do mato um outro sarraceno e lhe corta a passagem. Ambos os infieis se voltam, vão de encontro a ele: é uma emboscada! Rambaldo se lança para a frente com a espada em punho e grita: “Covardes!”.

O último vai de encontro a ele, o elmo negro e bicorne como um zangão. O jovem apara um fendente e dá um golpe no escudo do outro, mas o cavalo se afasta, ali está o primeiro que o pressiona de perto, agora Rambaldo deve manipular escudo e espada e fazer rodar o cavalo sobre si mesmo, premendo o joelho nos flancos. “Covardes!”, grita, e é raiva pura o que sente, e lutar é um verdadeiro combater encarniçado, e a redução de suas forças ao enfrentar dois inimigos é uma verdadeira fraqueza diluidora nos ossos e no sangue, e talvez Rambaldo morra,

agora que tem a certeza de que o mundo existe e não sabe se morrer agora é mais triste ou menos triste.

Ambos estavam sobre ele. Mantinha firme o punho da espada como se estivesse grudado: se o perde, vai junto. De repente, justo naquele momento extremo, ouviu um galope. Àquele som, como um rufar de tambor, os dois inimigos afastaram-se dele. Defendiam-se com o escudo erguido, recuando. Rambaldo também se virou: viu ao seu lado um cavaleiro com armas cristãs que vestia uma garnacha azul-pervinca. Um penacho de longas plumas da mesma cor tremulava sobre o elmo. Volteando veloz, uma lança bem leve mantinha afastados os sarracenos.

Agora estão lado a lado, Rambaldo e o cavaleiro desconhecido. Este continua fazendo da lança uma pá de moinho. Dos dois inimigos, um tenta uma finta e gostaria de sacar-lhe a lança da mão. Mas o cavaleiro pervinca, naquele momento, pendura a lança no gancho da garupa e dá uma estocada. Lança-se sobre o infiel; duelam. Rambaldo, ao ver com que leveza o salvador desconhecido aplica seus golpes, quase se esquece de tudo e ficaria ali parado só olhando. Mas é um instante: agora se atira contra o outro inimigo, com um grande choque de escudos.

Assim ia combatendo ao lado do pervinca. E toda vez que os inimigos, após um novo assalto inútil, retrocediam, um começava a combater o adversário do outro, com uma troca rápida, e assim os desnorteavam com suas perícias variadas. Combater ao lado de um companheiro é muito mais bonito do que lutar sozinho: ganha-se em coragem e conforto, e o sentimento de ter um inimigo e o de ter um amigo se fundem num mesmo calor.

Muitas vezes, para animar-se, Rambaldo grita para o outro; este permanece mudo. O jovem compreende que em combate convém economizar o fôlego e se cala também; mas lamenta um pouco não ouvir a voz do companheiro.

A peleja se torna mais dura. Eis que o guerreiro pervinca arranca da sela o seu sarraceno; este, desmontado, escapa pelo mato. O outro se atira para cima de Rambaldo, mas no choque quebra a espada; temendo ser feito prisioneiro, vira o cavalo e foge também ele.

— Obrigado, irmão — dirige-se Rambaldo ao seu salvador, mostrando o rosto —, salvou-me a vida! — E lhe estende a mão. — Meu nome é Rambaldo, dos marqueses de Rossiglione, aspirante a cavaleiro.

O cavaleiro pervinca não responde: não diz o próprio nome nem aperta a mão estendida de Rambaldo nem descobre o rosto. O jovem enrubesce.

— Por que não me responde?

E, pronto, o outro vira o cavalo em sentido contrário e sai correndo.

— Cavaleiro, embora lhe deva a vida, considerarei isso como uma ofensa mortal! — grita Rambaldo, mas o cavaleiro pervinca já vai longe.

O reconhecimento ao salvador desconhecido, a muda comunhão nascida do combate, a raiva por aquela grosseria inesperada, a curiosidade por aquele mistério, a fúria que mal se acalmara com a vitória já buscava outros objetos, e eis que Rambaldo esporeava o cavalo para perseguir o guerreiro pervinca e gritava:

— Vai me pagar a afronta, não importa quem você seja!

Esporeia, esporeia, mas o cavalo não se move. Puxa-o pelo freio, o focinho cai de novo. Sacode-o de cima da sela. Treme como se fosse um cavalinho de madeira. Então desmonta. Levanta a focinheira de ferro e vê o olho branco: estava morto. Um golpe de espada sarracena, tendo penetrado entre as placas da gualdrapa, atingira-lhe o coração. Já teria tombado há um bom tempo se os invólucros de ferro que lhe cingiam patas e flancos não o houvessem mantido rígido e como radicado naquele ponto. Em Rambaldo, a dor por aquele valoroso ginete morto de pé após tê-lo servido fielmente até então venceu por um momento a fúria: jogou os braços no pescoço do cavalo parado como uma estátua e beijou-o no focinho frio. Depois se sacudiu, enxugou as lágrimas e, sem montaria, saiu correndo.

Mas para onde podia ir? Encontrava-se a correr por caminhos incertos, numa costa de torrente cercada de bosques, sem mais sinais de batalha por perto. Nem sombra das pegadas do guerreiro desconhecido. Rambaldo avançou ao acaso, já resignado com que lhe tivesse escapado, porém ainda pensando: “Mas vou encontrá-lo, nem que seja no fim do mundo!”.

Agora, o que mais o atormentava, após aquela manhã incandescente, era a sede. Descendo rumo ao leito da torrente para beber, distinguiu um movimento de ramos: amarrado a uma aveleira com uma peia frouxa, um cavalo comia o capim de um prado, livre das couraças mais pesadas, que se espalhavam por ali. Não havia dúvidas: era o cavalo do

guerreiro desconhecido, e o cavaleiro não devia estar longe! Rambaldo penetrou entre os caniços para procurá-lo.

Aproximou-se da água, pôs a cabeça entre as folhas: o guerreiro estava lá. A cabeça e o torso ainda estavam encerrados na couraça e no elmo impenetráveis, como um crustáceo; mas havia retirado os coxotes, joelheiras e perneiras, e assim estava nu da cintura para baixo e corria descalço sobre as pedras da torrente.

Rambaldo não acreditava em seus olhos. Porque aquela nudez era de mulher: um liso ventre emplumado de ouro e redondas nádegas cor-de-rosa e rijas, e longas pernas de moça. Essa metade de moça (a metade de crustáceo tinha agora um aspecto ainda mais desumano e inexpressivo) girou sobre si mesma, procurou um lugar acolhedor, pousou um pé de um lado e o outro na outra parte do riacho, dobrou um pouco os joelhos, aí apoiou os braços com as proteções férreas do cotovelo, jogou a cabeça para a frente e as costas para trás, e se pôs tranquila e altiva a fazer xixi. Era uma mulher com harmoniosas luas, plumagem tenra e fluxo delicado. Rambaldo apaixonou-se imediatamente.

A jovem guerreira desceu ao rio, abaixou-se de novo na água, fez uma ablução rápida estremecendo um pouco e correu para cima com leves saltos dos pés rosados descalços. Foi então que percebeu Rambaldo, que a estava espionando entre os caniços.

— *Schweine Hund!*— gritou e, tirando da cintura um punhal, arremessou-o contra ele, não com o gesto da perfeita manejadora de armas que era, mas com o impulso raivoso da mulher furiosa que joga no homem um prato ou uma escova ou aquilo que tiver à mão.

De qualquer modo, não acertou a testa de Rambaldo por um fio. O jovem, envergonhado, retraiu-se. Mas após um instante teimava em reapresentar-se a ela, revelar-lhe de algum modo sua paixão. Ouviu um tropel; correu até a planície; o cavalo não estava mais lá; desaparecera. O sol declinava: só então ele se deu conta de que um dia inteiro se passara.

Cansado, sem montaria, excessivamente abalado por tantas coisas que haviam acontecido para sentir-se feliz, muito feliz por entender que trocara sua ansiedade anterior por outras mais dilacerantes ainda, retornou ao acampamento.

— Sabem, vinguei meu pai, venci, Isoarre caiu, eu... — mas relatava confuso, pois o ponto aonde queria chegar era outro — ... e lutava contra dois, e apareceu um cavaleiro para socorrer-me, e depois descobri

que não era um soldado, era uma mulher, belíssima, não vi o rosto, sobre a armadura traz um saiote azul-pervinca...

— Ha, ha, ha! — provocaram os companheiros de tenda, ocupados em espalhar unguento nas marcas de pancada com que haviam enchido peito e braços, no meio do cheiro intenso de suor de todas as vezes que se tira a armadura após o combate. — Com Bradamante quer se meter, pintinho! Sim que ela vai se interessar por você! Bradamante escolhe generais ou servos da estrebaria! Não conseguirá apanhá-la nem que lhe ponha sal no rabo!

Rambaldo não foi capaz de dizer nem mais uma palavra. Saiu da tenda; o sol se punha, vermelho. Ainda ontem, vendo baixar o sol, se perguntava: “Que será de mim no pôr do sol de amanhã? Terei superado a prova? Terei a confirmação de ser um homem? De deixar marcas caminhando pela terra?”. E, pronto, este era o pôr do sol daquele amanhã, e as primeiras provas, vencidas, já não contavam mais nada, e a nova prova era inesperada e difícil, e a confirmação só podia estar lá. Nesse estado de incerteza, Rambaldo gostaria de trocar confidências com o cavaleiro da armadura branca, como se fosse o único capaz de compreendê-lo, nem ele mesmo saberia dizer por quê.

5

Sob minha cela fica a cozinha do convento. Enquanto escrevo ouço o barulho dos pratos de cobre e estanho: as freiras ajudantes de cozinha estão enxaguando as louças de nosso magro refeitório. A abadessa deu-me uma tarefa diferente da que atribuiu a elas: escrever esta história, mas todos os trabalhos do convento, destinados que são a um único fim — a saúde da alma —, é como se fosse tudo uma coisa só. Ontem escrevia sobre a batalha e no ruído de louça na pia acreditava estar ouvindo o bater de lanças contra escudos e couraças, o ressoar de elmos atingidos por grandes espadas; do pátio chegavam até mim os golpes do tear das irmãs tecedoras e me parecia uma batida de cascos de cavalos a galope: e, assim, aquilo que minhas orelhas ouviam meus olhos entreabertos transformavam em visões e meus lábios silenciosos em palavras e palavras e a pena se lançava pela folha branca, correndo atrás delas.

Hoje talvez o ar esteja mais quente, o cheiro de repolho mais forte, minha mente mais preguiçosa, e com o rumor das ajudantes de cozinha

não consigo ir mais longe do que até as cozinhas do exército franco; vejo os guerreiros em fila diante das marmitas fumegantes, com um contínuo bater de gamelas e tamborilar de colheres, e choque das conchas contra as beiradas dos recipientes, e o arranhão no fundo das marmitas vazias e cheias de crostas, e tal visão e esse odor de repolhos se repete por todos os regimentos, o normando, o d'Anjou, o borgonhês.

Se a potência de um exército se mede pelo fragor que produz, então o sonoro exército dos francos se faz reconhecer realmente quando é a hora do rancho. O rumor ecoa por vales e planícies, até o ponto em que se mescla com um eco igual, proveniente das marmitas infieis. Também os inimigos, na mesma hora, tentam engolir uma infame sopa de repolhos. A batalha ontem não fazia tanto barulho. Nem exalava tanto fedor.

Portanto, só me resta imaginar os heróis de minha história ao redor das cozinhas. Vejo aparecer Agilulfo no meio da fumaça, inclinado sobre um caldeirão, insensível ao cheiro do repolho, repreendendo os cozinheiros do regimento de Alvernia. E eis que surge o jovem Rambaldo, correndo.

— Cavaleiro! — diz ainda arfando —, finalmente o encontro! É que eu, entende, gostaria de ser paladino! No combate de ontem vinguei... na confusão... pois estava sozinho, dois contra mim... uma emboscada... e então... em resumo, agora sei o que é combater. Gostaria que na batalha me fosse dado o lugar mais arriscado... ou de partir para alguma ação que me trouxesse glórias... para a nossa santa fé... salvar mulheres enfermas, velhos fracos... poderia me dizer...

Agilulfo, antes de virar-se para ele, permaneceu um momento de costas, como se sublinhasse sua irritação em ser interrompido no cumprimento de uma missão; depois, já de frente, começou um discurso solto e enxuto, no qual se captava o prazer de apropriar-se rapidamente de um tema que lhe era proposto no momento e tratá-lo de modo competente.

— Segundo me diz, aspirante a cavaleiro, parece considerar que nossa condição de paladinos implique exclusivamente cobrir-se de glórias, seja em combates no comando das tropas, seja em audazes empresas individuais, entendendo estas últimas tanto como defender nossa santa fé quanto socorrer mulheres, velhos, enfermos. Entendi bem?

— Sim.

— Pronto: com efeito, o que enumerou são todas atividades inerentes ao nosso corpo de oficiais escolhidos, mas... — e aqui Agilulfo soltou uma risadinha, a primeira que Rambaldo ouvia daquele gorjal branco: era um risinho cortês e sarcástico ao mesmo tempo — ... mas não as únicas. Se quiser, para mim é fácil enumerar uma por uma as tarefas que competem aos paladinos simples, aos paladinos de primeira classe, aos paladinos do estado-maior...

Rambaldo interrompeu-o:

— A mim bastará segui-lo e tomá-lo como exemplo, cavaleiro.

— Portanto, prefere antepor a experiência à doutrina: está admitido. Bem, você vê que hoje estou em serviço, como todas as quartas-feiras, como inspetor às ordens da Intendência do exército. Em tal função, vou controlando as cozinhas dos regimentos de Alvernia e de Poitou. Se me seguir, poderá pouco a pouco adquirir prática neste delicado setor do serviço.

Não era aquilo que Rambaldo esperava, e ficou meio mal. Mas, não querendo desmentir-se, fingiu prestar atenção no que Agilulfo fazia e dizia a mestres-cucas, cantineiros e ajudantes de cozinha, esperando sempre que fosse apenas um ritual preparatório antes de lançar-se a alguma deslumbrante ação armada.

Agilulfo contava e recontava as distribuições de víveres, as rações de sopa, o número de gamelas a serem enchidas, o conteúdo das marmitas.

— Saiba que a coisa mais difícil no comando de um exército — explicou a Rambaldo — é calcular quantas porções de sopa contém uma marmita. Em nenhum regimento a conta dá certo. Ou sobram rações que não se sabe aonde vão parar e como devem ser registradas nos controles ou, se reduzirem as distribuições, acabam faltando, e logo se dissemina o descontentamento na tropa. É verdade que em toda cozinha militar existe sempre uma horda de maltrapilhos, de velhas pobres e de aleijados, que vêm recolher as sobras. Mas isso, dá para entender, é uma grande desordem. Para começar a organizar a coisa, decidi que cada regimento deve apresentar junto com a lista de seus efetivos também o nome dos pobres que habitualmente vêm fazer fila para o rancho. Assim, saberemos com precisão aonde vai parar cada gamela de sopa. E agora, para praticar seus deveres de paladino, você poderia ir dar uma volta pelas cozinhas dos regimentos, com as listas na mão, e controlar se está tudo em ordem. Depois, voltará aqui para me prestar contas.

O que devia fazer Rambaldo? Recusar-se a obedecer, reclamar para si a glória ou nada? Assim, arriscava arruinar a carreira por uma bobagem. Foi.

Regressou aborrecido, sem ideias claras.

— Bem, sim, parece que está certo — disse a Agilulfo —, sem dúvida é uma grande trapalhada. Só uma coisa: esses pobres que vêm atrás da sopa, são todos irmãos?

— Irmãos por quê?

— Bem, se parecem... Ou melhor, são tão semelhantes que dá para confundir um com outro. Cada regimento tem o seu, igualzinho ao outro. A princípio, pensei que fosse o mesmo homem que se deslocava de uma cozinha para outra. Mas examino as listas e eram todos nomes diferentes: Boamoluz, Carotun, Balingaccio, Bertella... Então perguntei aos sargentos, controlei: sim, sempre correspondiam. Porém, é claro que tal semelhança...

— Vou verificar eu mesmo.

Dirigiram-se ambos rumo ao acampamento lorenense.

— Lá está: aquele homem. — E Rambaldo indicou um ponto como se ali houvesse alguém. De fato havia: mas numa primeira olhada, por estar vestido de farrapos verdes e amarelos desbotados e cheios de remendos, por ter o rosto semeado de sardas e barba hirsuta e desigual, o olhar passava por ele, confundindo-o com a cor da terra e das folhas.

— Mas aquele é Gurdulu!

— Gurdulu? Mais outro nome! Conhece-o?

— É um homem sem nome e com todos os nomes possíveis. Agradeço-lhe, aspirante a cavaleiro: não só descobriu uma irregularidade, como me indicou o modo de recuperar meu escudeiro, entregue a mim por ordem do imperador e logo perdido.

Os cozinheiros lorenenses, ao terminar de distribuir o rancho para a tropa, haviam abandonado a grande marmitta para Gurdulu.

— Tome, tudo isso é sopa para você!

— Quanta sopa! — exclamou Gurdulu, inclinou-se dentro da marmitta como se avançasse sobre uma sacada, e com a colher raspava sem parar a fim de arrancar o conteúdo mais precioso de cada marmitta, isto é, a crosta que permanece presa nas paredes.

— Quanta sopa! — reboava sua voz dentro do recipiente, que, no seu temerário debater-se, entornou em cima dele.

Agora Gurdulu estava prisioneiro na marmita virada. Dava para escutá-lo batendo a colher como num sino surdo e sua voz mugindo: “Quanta sopa!”. Depois a marmita se mexeu como uma tartaruga, revirou-se outra vez, e Gurdulu reapareceu.

Estava encharcado de sopa de repolho da cabeça aos pés, manchado, gorduroso, e além disso sujo de fumaça. Com o caldo que lhe escorria sobre os olhos, parecia cego e avançava gritando: “Tudo é sopa!”, com os braços para a frente como se nadasse, e não via nada além da sopa que lhe recobria os olhos e o rosto, “Tudo é sopa!”, e numa das mãos brandia a colher como se quisesse puxar para si colheradas de tudo aquilo que havia ao redor: “Tudo é sopa!”.

Aquela visão provocou em Rambaldo uma perturbação capaz de fazê-lo rodar a cabeça: mas era mais uma dúvida que um arrepio — que aquele homem que girava ali na frente sem enxergar tivesse razão e o mundo não fosse nada mais que uma imensa sopa sem forma em que tudo se desfazia e tingia com sua substância todo o existente. “Não quero me tornar sopa: socorro!”, estava a ponto de gritar, mas viu junto dele Agilulfo, que, impassível, com os braços cruzados, parecia alheio a tudo, intocado pela vulgaridade daquela cena; e sentiu que ele jamais entenderia sua apreensão. A ansiedade contraditória que a visão do guerreiro da couraça branca sempre lhe comunicava agora contrabalançava a nova angústia provocada por Gurdulu: e desse modo conseguiu salvar seu equilíbrio e ficar calmo de novo.

— Por que não o fazem entender que nem tudo é sopa e o ajudam a encerrar esta sarabanda? — disse a Agilulfo, conseguindo dar um timbre não alterado à sua voz.

— O único modo de entender isso é atribuir-se uma tarefa bem precisa — respondeu Agilulfo; e para Gurdulu: — Você é meu escudeiro, por ordem de Carlos, rei dos francos e sagrado imperador. Agora terá de me obedecer em tudo. E, dado que é minha responsabilidade, segundo a Superintendência para as Inumações e Piedosos Deveres, sepultar os mortos da batalha de ontem, você pega pá e enxada e vamos lá para o campo pôr sob a terra a carne batizada de nossos irmãos que Deus tenha em sua glória.

Convidou também Rambaldo para segui-lo, a fim de que conhecesse essa outra delicada incumbência dos paladinos.

Caminhavam rumo ao campo todos os três: Agilulfo com aquele seu passo que gostaria de ser solto e, ao contrário, era como se ele caminhasse sobre ovos; Rambaldo com os olhos arregalados para o que via, impaciente para reconhecer os locais percorridos ontem sob uma chuva de dardos e de fendentes; Gurdulu, que, tendo nas costas pá e enxada, sem perceber nada da solenidade de sua tarefa, assovia e canta.

Do morro pelo qual passam agora, descortina-se a planície onde o embate mais cruel teve lugar. O chão está recoberto de cadáveres. Os abutres, firmes com as garras fincadas nas costas ou nas faces dos mortos, martelam com o bico operando nos ventres esquarterados.

O trabalho dos abutres não ganha imediatamente tal andamento. Apresentam-se assim que a batalha termina: mas o campo acha-se semeado de mortos todos bem protegidos nas couraças de aço, contra as quais os rostros das aves de rapina batem sem sequer arranhá-las. Assim que vem a noite, silenciosos, dos campos vizinhos, rastejando, chegam os despojadores de cadáveres. Os abutres, outra vez voando pelos céus, esperam que terminem. As primeiras luzes iluminam um campo esbranquiçado de corpos inteiramente nus. Os abutres voltam a descer e começam o grande banquete. Mas devem apressar-se, porque não tardarão a chegar os coveiros, que negam aos pássaros aquilo que concedem aos vermes.

Agilulfo e Rambaldo a golpes de espada, Gurdulu com a pá, expulsam os visitantes negros e obrigam-nos a levantar voo. Depois se aplicam na triste tarefa: cada um escolhe um morto, agarra-o pelos pés e o arrasta pela colina até um lugar adequado para cavar-lhe a cova.

Agilulfo arrasta um morto e pensa: “Ó morto, você tem aquilo que jamais tive nem terei: esta carcaça. Ou seja, você não *tem*: você *é* esta carcaça, isto é, aquilo que às vezes, nos momentos de melancolia, me surpreendo a invejar nos homens existentes. Grande coisa! Posso bem considerar-me privilegiado, eu que posso passar sem ela e fazer de tudo. Tudo — se entende — aquilo que me parece mais importante; e muitas coisas consigo fazer melhor do que aqueles que existem, sem os seus habituais defeitos de grosseria, aproximação, incoerência, fedor. É verdade que quem existe põe sempre alguma coisa de seu no que faz, um sinal particular, que não conseguirei jamais imprimir. Mas, se o segredo deles está aqui, neste saco de tripas, muito obrigado, não me faz falta.

Este vale de corpos nus que se desagregam não me provoca mais arrepios que o açougue do gênero humano vivo”.

Gurdulu arrasta um morto e pensa: “Você dá certos peidos mais fedidos que os meus, cadáver. Não sei por que todos se compadecem de você. O que lhe falta? Antes, se movia, agora seu movimento passa para os vermes que você nutre. Fazia crescer unhas e cabelos: agora vai produzir líquidos que farão crescer mais altas sob o sol as ervas dos campos. Vai se tornar capim, depois leite das vacas que comerão capim, sangue de criança que bebeu o leite, e assim por diante. Ó cadáver, você é mais capaz do que eu para viver?”.

Rambaldo arrasta um morto e pensa: “Ó morto, corro, corro para chegar até aqui como você, a me fazer puxar pelos calcanhares. O que é esta fúria que me empurra, esta mania de batalhas e amores, vista do ponto onde observamos seus olhos arregalados, sua cabeça virada que bate nas pedras? Penso, ó morto, você me obriga a pensar; mas o que muda? Nada. Não existem outros dias senão estes nossos dias antes do túmulo, para nós, vivos, e também para vocês, mortos. Que me seja concedido não desperdiçá-los, não perder nada daquilo que sou e daquilo que poderia ser. Praticar ações insignes para o exército franco. Abraçar, abraçado, a orgulhosa Bradamante. Espero que você não tenha gasto seus dias de modo pior, ó morto. De qualquer maneira, para você os dados já decidiram seus números. Para mim ainda se agitam no copo dos azares. E eu amo, ó morto, minha ansiedade, não sua paz”.

Gurdulu, cantando, se dispõe a preparar a cova do morto. Estende-o no chão para tirar as medidas, marca os limites com a pá, desloca-o, põe-se a cavar com grande afinco.

— Morto, talvez esperando desse jeito você se chateie. — Vira-o de um lado, no sentido do buraco, de modo que o veja enquanto cava. — Morto, poxa, bem que você podia caprichar com umas enxadadas. — Dá um jeito nele, tenta colocá-lo em pé, com uma enxada na mão. Ele desaba. — Basta. Você não é capaz. Combinamos assim: eu cavo e depois você enche a cova.

A cova está pronta: mas por causa do jeito desordenado de cavar de Gurdulu saiu de forma irregular, com o fundo em concha. Então Gurdulu quer experimentá-la. Desce e se deita.

— Oh, que delícia, como se descansa bem aqui embaixo! Que bela terra macia! Que bom virar assim! Morto, chega aqui para ver que linda

cova cavei para você! — Depois volta atrás. — Porém, se combinamos que você deve encher a cova, é melhor eu ficar embaixo e você jogar a terra por cima com a pá! — E espera um pouco. — Vai! Se mexe! Esperando o quê? Assim! — Estendido no fundo, começa, levantando a pá, a jogar a terra. Cai-lhe por cima tudo o que amontoara.

Agilulfo e Rambaldo ouviram um berro amortecido, não sabiam se de susto ou satisfação por se ver tão bem sepultado. Mal tiveram tempo de retirar Gurdulu inteiramente recoberto de terra antes que morresse sufocado.

O cavaleiro considerou o trabalho de Gurdulu malfeito e o de Rambaldo insuficiente. Ele, ao contrário, desenhara um cemiteriozinho, marcando os contornos de covas retangulares, paralelas aos dois lados de uma pequena alameda.

Retornando à noite, passaram por uma clareira no bosque, onde os carpinteiros do exército franco providenciavam troncos para abastecer as máquinas de guerra e lenha para o fogo.

— Agora, Gurdulu, cortar lenha.

Mas Gurdulu, de machado em punho, golpeava ao acaso e juntava feixes de gravetos para queimar e lenha verde e brotos de avenca e medronheiros e pedaços de casca cobertos de musgo.

O cavaleiro inspecionava os trabalhos de corte dos carpinteiros, os instrumentos, as pilhas, e explicava a Rambaldo quais eram as incumbências de um paladino quanto à provisão de madeira. Rambaldo não o escutava; uma pergunta lhe queimava na garganta o tempo inteiro, e agora o passeio com Agilulfo estava para acabar e ele não a formulara.

— Cavaleiro Agilulfo! — interrompeu-o.

— Que deseja? — perguntou Agilulfo arrumando alguns machados.

O jovem não sabia por onde começar, não sabia fingir pretextos para chegar àquele único assunto que lhe fazia bater o coração. Assim, enrubescendo, disse:

— Conhece Bradamante?

Diante daquele nome, Gurdulu, que se aproximava apertando contra o peito um de seus feixes especiais, deu um salto. Espalhou-se pelo ar uma revoada de gravetos, ramos floridos de madressilva, bagas de zimbro, galhos de alfeneiro.

Agilulfo trazia na mão uma afiadíssima machadinha de dois gumes. Brandiu-a no alto, tomou impulso, arremessou-a contra um tronco de

carvalho. A lâmina atravessou a árvore de lado a lado, cortando-a de uma vez só, mas o tronco não se deslocou de sua base, tão exato fora o golpe.

— Que se passa, cavaleiro Agilulfo? — exclamou Rambaldo num sobressalto de susto. — Que lhe aconteceu?

Agora com os braços cruzados, Agilulfo examinava o tronco em toda a volta.

— Viu? — disse ao jovem. — Um golpe seco, sem a menor oscilação. Observe o corte como é reto.

6

Esta história que comecei a escrever é ainda mais difícil do que havia pensado. Acontece que me cabe representar a maior loucura dos mortais, a paixão amorosa, da qual o voto, o claustro e o pudor natural até aqui me protegeram. Não digo que não tenha ouvido falar disso: pelo contrário, no mosteiro, para manter-nos afastadas das tentações, às vezes se discute a questão, da maneira que podemos fazê-lo com a vaga ideia que temos sobre ela, e isso ocorre, sobretudo, cada vez que uma de nós, coitadinha, por inexperiência, fica grávida ou então, raptada por algum poderoso não temente a Deus, volta e nos conta tudo o que lhe fizeram. Assim, tanto sobre o amor como sobre a guerra, direi de boa vontade aquilo que consigo imaginar: a arte de escrever histórias consiste em saber extrair daquele nada que se entendeu da vida todo o resto; mas, concluída a página, retoma-se a vida, e nos damos conta de que aquilo que sabíamos é realmente nada.

Bradamente saberia mais? Após toda a sua vivência de amazona guerreira, uma insatisfação profunda dominara seu ânimo. Escolhera a vida da cavalaria pelo amor que sentia por tudo o que fosse severo, exato, rigoroso, adaptado a uma regra moral e — no manejo das armas e dos cavalos — de uma extrema precisão de movimentos. Ao contrário, que encontrava ao seu redor? Homenzarrões suados, que participavam da guerra aproximativamente, com descuido, e logo que se viam fora do horário de serviço estavam sempre a embebedar-se ou a se sacudir pesadamente atrás dela para ver quem ela escolheria para levar à tenda naquela noite. Pois é sabido que a cavalaria é uma grande coisa mas os cavaleiros são um tanto palermas, habituados a realizar ações magnânimas mas no atacado, como calhar, logrando ficar por cima mas

dentro das regras sacrossantas que haviam jurado cumprir e que, sendo tão bem definidas, evitavam-lhes a fadiga de pensar. Contudo, a guerra tanto é matadouro quanto é rotina e não há por que se preocupar com detalhes.

No fundo, Bradamante não era diferente deles: talvez houvesse enfiado na cabeça aqueles seus desejos de severidade e rigor para contrastar sua verdadeira natureza. Por exemplo, se havia alguém desmazelado no exército da França, era ela. Só para ilustrar: sua tenda era a mais desordenada de todo o acampamento. Enquanto os pobres homens se ajeitavam, inclusive naqueles trabalhos considerados femininos, como lavar roupa, costurar, varrer, tirar de circulação o que já não servia, ela, educada como princesa, mimada, não tocava em nada, e se não fossem aquelas velhas lavadeiras e ajudantes de cozinha que sempre circulavam ao redor dos regimentos — alcoviteiras da primeira até a última — seu pavilhão seria pior que um canil. Para começar, ela não parava lá; seu dia tinha início quando punha a armadura e subia na sela; de fato, assim que se armava, tornava-se outra, toda luzidia, da ponta do elmo até as perneiras, pavoneando os componentes de armadura mais perfeitos e novos e com a parte do peito enfeitada com fitas cor de pervinca, e ai! se houvesse uma única fora do lugar. Nessa sua vontade de ser a mais esplendorosa no campo de batalha, mais que uma vaidade feminina exprimia um desafio contínuo aos paladinos, uma superioridade sobre eles, um orgulho. Dos guerreiros amigos ou inimigos exigia uma perfeição na apresentação e no manejo das armas que indicasse igual perfeição de ânimo. E, se lhe ocorria encontrar um campeão que lhe parecia corresponder em alguma medida às suas pretensões, despertava nela a mulher com grandes apetites amorosos. Também aqui se dizia que ela desmentia seus ideais rígidos: era uma amante ao mesmo tempo terna e furiosa. Mas, se o homem a acompanhasse nesse caminho, se entregasse e perdesse o controle sobre si mesmo, ela imediatamente se desinteressava e se punha em busca de têmperas mais adamantinas. Mas quem mais havia de encontrar? Nenhum dos campeões cristãos ou inimigos tinha mais qualquer ascendência sobre ela: conhecia fraquezas e atitudes estúpidas de todos eles.

Exercitava-se com o arco, no descampado em frente à sua tenda, quando Rambaldo, que a procurava ansiosamente, viu-lhe o rosto pela

primeira vez. Vestia uma túnica curta; os braços nus tensionavam o arco; naquele esforço, o rosto estava meio ofuscado; os cabelos estavam presos na nuca e caíam num grande rabo de cavalo. Mas o olhar de Rambaldo não se deteve em nenhuma observação detalhista: viu o conjunto da mulher, sua figura, cores, e só podia ser ela, aquela que, tendo visto tão pouco, desejava desesperadamente; e para ele já não podia ser de outro modo.

A flecha partiu do arco, enterrou-se no tronco do alvo na linha exata de outras três que ali já cravara.

— Vou desafiá-la no arco! — disse Rambaldo, correndo na direção dela.

Assim sempre corre o jovem na direção da mulher: mas será mesmo o amor que o conduz? Ou não será sobretudo amor por si mesmo, busca de uma certeza de estar ali que somente a mulher lhe pode dar? Corre e se apaixona o jovem, inseguro de si, feliz e desesperado, e para ele a mulher é certamente aquela que está ali, e só ela pode lhe oferecer aquela prova. Mas também a mulher está e não está: ei-la que se defronta com ele, igualmente trepidante, insegura, como é que ele não percebe? Que importa quem dentre os dois é o forte e quem o fraco? São semelhantes. Mas o jovem não sabe porque não quer saber: aquela de quem está faminto é a fêmea que ali está, a mulher certa. Contudo, ela sabe muito mais; ou menos; de qualquer modo sabe coisas diferentes; agora, o que busca é um modo de ser diferente; promovem uma competição de arqueiros; ela grita com ele e não o valoriza; ele não sabe se faz parte do jogo. Em volta, os pavilhões do exército da França, estandartes ao vento, as filas de cavalos que finalmente comem ração. Os fâmulos preparam a refeição dos paladinos. Estes, aguardando a hora do almoço, formam um círculo, observando Bradamante que atira o arco com o rapaz. Bradamante diz:

— Acerta o alvo, mas sempre por acaso.

— Por acaso? Se não erro uma flecha sequer!

— Mesmo que acertasse cem flechas, seria sempre por acaso!

— Então o que não é por acaso? Quem obtém êxito a não ser por acaso?

À margem do acampamento, Agilulfo passava lentamente; sobre a armadura branca pendia um longo manto negro; caminhava daquele lado como quem não quer observar mas se sabe observado e acredita ter

de mostrar que não é importante para ele quando de fato é importante para ele, mas de um modo diferente do que os outros poderiam supor.

— Cavaleiro, venha mostrar como se faz... — A voz de Bradamante agora não tinha mais o habitual tom de desprezo e também a postura perdera um pouco do orgulho. Dera dois passos na direção de Agilulfo, oferecendo-lhe o arco com uma flecha já preparada.

Lentamente Agilulfo aproximou-se, pegou o arco, jogou o manto para trás, posicionou um pé na frente e outro atrás, e adiantou um braço e o arco. Seus movimentos não eram aqueles dos músculos e dos nervos que tratam de aproximar-se de uma mira: ele punha em seu lugar outras forças numa ordem desejada, firmava a ponta da flecha na linha invisível do alvo, movia o arco na medida precisa e nada mais, e então disparava a flecha. Esta só podia acertar no alvo. Bradamante gritou:

— Isto, sim, é um arremesso!

Nada importava para Agilulfo, premia nas firmes mãos de ferro o arco ainda trêmulo; depois o deixava cair; recolhia-se dentro do manto, mantendo-o fechado com os punhos sobre o peitoral da couraça; e assim se afastava. Não tinha nada a dizer e não dissera nada.

Bradamante recolheu o arco, ergueu-o com os braços estendidos e sacudiu o rabo de cavalo nas costas.

— Quem mais, alguém mais poderá disparar com tanta firmeza? Quem poderá ser preciso e absoluto em cada ato como ele? — E assim dizendo empurrava torrões com capim, quebrava flechas contra as paliçadas. Agilulfo já ia longe e nem se virava; o penacho iridescente dobrara-se para a frente, pois caminhava curvado, com punhos apertados no peitoral, arrastando o manto negro.

Dentre os guerreiros que se haviam reunido ao redor, alguns se sentaram no capim para desfrutar a cena de Bradamante, que punha seus demônios para fora.

— Desde que se apaixonou por Agilulfo, desgraçada, não encontra paz...

— Como? Que disse? — Rambaldo, captando a frase no ar, pegou por um braço aquele que havia falado.

— Ei, pintinho, você está inchando o tórax lindamente para o lado de nossa paladina! Agora só lhe agradam as couraças limpas por dentro e por fora! Não sabe que está perdidamente apaixonada por Agilulfo?

— Mas como é possível... Agilulfo... Bradamante... Como é possível?

— Acontece que, quando uma mulher já se satisfez com todos os homens existentes, o único desejo que lhe resta só pode ser por um homem que não existe de jeito nenhum...

Agora, para Rambaldo tornara-se um impulso natural, nos momentos de dúvida ou desânimo, o desejo de encontrar o cavaleiro da armadura branca. Procurou-o de novo, mas não sabia se era ainda para pedir-lhe conselhos ou já para enfrentá-lo como um rival.

— Ei, loura, mas não será um tanto delicado para a cama? — provocavam os companheiros de armas. A decadência de Bradamante devia ser uma coisa bem triste: imaginem se antes teriam tido coragem de falar-lhe nesse tom.

— Conte pra gente — insistiam os impertinentes —, se o despir, o que há de encontrar? — E zombavam.

Em Rambaldo, a dupla dor de ouvir falar assim de Bradamante e ouvir falar assim do cavaleiro, e a raiva de entender que naquela história ele não contava nada, que ninguém podia considerá-lo parte interessada, tudo se misturava na mesma frustração.

Naquele momento, Bradamante se armara de um açoite e começou a brandi-lo pelos ares, dispersando os curiosos, inclusive Rambaldo.

— E não acreditam que eu seja tão mulher a ponto de fazer a qualquer homem tudo aquilo que se deve fazer?

Eles corriam, berrando:

— Uh! Uh! Se quer que lhe emprestemos alguma coisa, Bradamá, basta pedir!

Rambaldo, empurrado pelos outros, seguiu o grupo dos guerreiros ociosos, até que se dispersaram. Não tinha mais vontade de voltar para perto de Bradamante; e até a companhia de Agilulfo o deixaria pouco à vontade. Por acaso, se encontrara ao lado de um outro jovem, chamado Torrismundo, segundo filho dos duques da Cornualha, que caminhava olhando para o chão, apagado, assoviando. Rambaldo continuou a caminhar com aquele jovem que lhe era quase desconhecido e, como sentia necessidade de desabafar, começou a falar.

— Sou novo aqui, não é como pensava, tudo é fugidio, não se chega nunca a uma conclusão, não dá para entender.

Torrismundo não levantou os olhos, só interrompeu por um instante seu assovio persistente e disse:

— Tudo dá nojo.

— Bem, veja só — respondeu Rambaldo —, eu não seria tão pessimista; há momentos em que me sinto cheio de entusiasmo e também de admiração, parece que compreendo tudo e me digo: se agora encontrei o ângulo exato para ver as coisas, se a guerra no exército franco é toda ela assim, então é realmente aquilo que sonhava. Todavia, não se pode nunca estar certo de nada...

— E de que deseja estar certo? — interrompeu-o Torrismundo. — Insígnias, patentes, pompas, nomes... Toda uma parada. Os escudos com as façanhas e as divisas dos paladinos não são de ferro: são papel, que pode ser atravessado de um lado a outro com um dedo.

Haviam chegado a um charco. Nas pedras da margem, saltavam as rãs, coaxando. Torrismundo se voltara para o acampamento e indicava os estandartes elevados sobre as paliçadas com um gesto como se quisesse apagar tudo.

— Mas o exército imperial — objetou Rambaldo, cujo desabafo de amargura permanecera sufocado pela fúria de negação do outro e agora procurava não perder o sentido das proporções para reencontrar um lugar para as próprias dores —, o exército imperial, é preciso admitir, combate sempre por uma santa causa e defende a cristandade contra o infiel.

— Não há defesa nem ofensa, não há senso de nada — disse Torrismundo. — A guerra vai durar até o final dos séculos e ninguém vencerá ou perderá, ficaremos imóveis uns diante dos outros para sempre. E sem uns os outros não seriam nada e hoje tanto nós quanto eles já esquecemos por que combatemos... Ouve estas rãs? Tudo aquilo que fazemos tem tanto sentido e tanta ordem quanto seu coaxar, aquele saltar da água para a margem e da margem para a água...

— Para mim não é assim — disse Rambaldo —, para mim, ao contrário, tudo é muito ordenado, regulado... Vejo a virtude, o valor, mas é tudo tão frio... Que haja um cavaleiro que não existe, confesso-lhe, me provoca medo... E, contudo, o admiro, é tão perfeito em tudo aquilo que faz, dá maior segurança do que se existisse de fato e quase — enrubesceu — entendo Bradamante... Agilulfo certamente é o melhor cavaleiro de nosso exército...

— Bah!

— Como bah?

— É uma montagem ele também, pior que os outros.

— Que pretende dizer com montagem? Tudo aquilo que faz, faz para valer.

— Que nada! É tudo história... Não existe ele nem as coisas que faz, nem aquelas que diz, nada, nada...

— Mas como faria então, com a desvantagem em que se encontra em relação aos outros, para ocupar no exército o posto que ocupa? Somente por causa do nome?

Torrismundo ficou um momento em silêncio, depois disse, devagar:

— Aqui também os nomes são falsos. Se quisesse, eu mandaria tudo pelos ares. Não nos resta sequer a terra na qual pousar os pés.

— Então não há nada que se salve?

— Talvez. Mas não aqui.

— Quem? Onde?

— Os cavaleiros do Santo Graal.

— E onde estão?

— Nas florestas da Escócia.

— Você os viu?

— Não.

— E como sabe sobre eles?

— Sei.

Calaram-se. Só se ouvia o coaxar das rãs. Rambaldo estava ficando com medo de que aquele barulho abafasse tudo, afogasse também ele num verde viscoso, cego pulsar de guelras. Mas lembrou-se de Bradamante, de como surgira no combate, a espada erguida, e toda aquela perturbação já fora esquecida: não via a hora de lutar e realizar façanhas somente diante de seus olhos de esmeralda.

7

Aqui no convento, a cada uma se dá a sua penitência, seu modo de ganhar a salvação eterna. A mim tocou esta de escrever histórias: é dura, muito dura. Lá fora, é um verão ensolarado, do vale chega um vozerio e um rumor de água, minha cela está no alto e da janelinha vejo uma curva do rio, jovens aldeões nus que tomam banho e, mais adiante, atrás de uma moita de salgueiro, moças que, tendo tirado também a roupa, descem para tomar banho. Um deles, nadando debaixo d'água, emerge para observá-las e elas o apontam com gritos. Eu também poderia estar lá no meio, e em boa companhia, com meus jovens pares, algumas

criadas e fâmulos. Mas a nossa santa vocação quer que se anteponha às alegrias perecíveis do mundo alguma coisa que permaneça. Que permaneça... se afinal também este livro e todos os nossos atos de piedade, executados com corações de cinzas, já não passam de cinzas inclusive eles... mais cinzas do que os atos sensuais no rio, que tremem de vida e se propagam como círculos na água... Começa-se a escrever com gana, porém há um momento em que a pena não risca nada além de tinta poeirenta, e não escorre nem uma gota de vida, e a vida está toda fora, além da janela, fora de você, e lhe parece que nunca mais poderá refugiar-se na página que escreve, abrir um outro mundo, dar um salto. Quem sabe é melhor assim; talvez quando escrevia com prazer não era milagre nem graça: era pecado, idolatria, soberba. Então, estou fora disso tudo? Não, escrevendo mudei para melhor: consumi apenas um pouco de juventude ansiosa e inconsciente. De que me valerão estas páginas descontentes? O livro, o vazio, não valerá mais do que você vale. Não há garantias de que a alma se salve ao escrever. Escreve, escreve, e sua alma já se perdeu.

E então, querem que vá suplicar à madre superiora que mude meu trabalho, que me mande tirar água do poço, tecer, debulhar grão-de-bico? Não adianta. Continuarei no meu trabalho de escritã, o melhor que puder. Agora, tenho de contar o banquete dos paladinos.

Contrariando todas as regras imperiais de etiqueta, Carlos Magno ia para a mesa antes da hora, quando ainda não havia outros comensais. Senta-se e começa a beliscar pão ou queijo ou azeitonas ou pimentões, em suma, tudo aquilo que já está servido. E não só: além disso se serve com as mãos. Frequentemente o poder absoluto faz perder todo freio, mesmo aos soberanos mais simples, e gera o arbítrio.

Chegam em grupo os paladinos, nas belas roupas de cerimônia que, entre brocados e rendas, mostram sempre as malhas de ferro das couraças para o peito, mas daquelas com malhas largas e também do tipo de passeio, luzidias como espelhos mas que basta um golpe de bengala para fazer em pedaços. Primeiro Orlando, que se coloca à direita de seu tio imperador, depois Rinaldo de Montalbano, Astolfo, Angiolino de Bayonne, Ricardo da Normandia e todos os outros.

No extremo da mesa, ia sentar-se Agilulfo, sempre em sua armadura de combate sem manchas. O que vinha fazer à mesa, ele que não tinha nem jamais teria apetite, nem um estômago para encher, nem uma boca

da qual aproximar o garfo, nem um palato para regar com vinho da Borgonha? Contudo, jamais falta a esses banquetes que se prolongam durante horas — ele que saberia empregá-las bem melhor, aquelas horas, em operações concernentes ao serviço. Pelo contrário: como todos os outros, ele tem direito a um lugar à mesa imperial e o ocupa; e cumpre o cerimonial do banquete com o mesmo cuidado meticoloso que dedica a qualquer outro cerimonial da jornada.

Os pratos são os habituais no exército: peru recheado, pato no espeto, carne de vaca na brasa, leitão, enguias, dourado. Os valetes mal chegam a depositar as bandejas e os paladinos se atiram em cima, pegam com as mãos, despedaçam com os dentes, engorduram as couraças, espirram molho por todos os lados. Há mais confusão que no combate: sopeiras que são viradas, frangos assados que voam, e os valetes que levam as bandejas antes que um insaciável as esvazie em sua tigela.

Pelo contrário, no canto da mesa onde se encontra Agilulfo tudo decorre de modo limpo, calmo e em ordem, mas exige mais atenção dos servidores ele, que não come, do que todo o resto da mesa. Em primeiro lugar — ao passo que em toda a parte há uma confusão de pratos sujos, tanto que entre uma iguaria e outra nem é o caso de trocá-los e cada um come onde calhar, até em cima da toalha — Agilulfo continua a pedir que coloquem diante dele novas louças e talheres, pratos, pratinhos, tigelas, copos de todo tipo e tamanho, garfos e colheres, colherinhas e facas que ai se não estiverem bem afiadas, e é tão exigente em matéria de limpeza, que basta uma sombra opaca num copo ou num talher para mandá-los de volta. Depois se serve de tudo: pouco, mas se serve; não deixa passar uma iguaria. Por exemplo, trincha uma fatia de javali assado, põe num prato a carne, o molho num pratinho, depois corta, com uma faca afiadíssima, a carne em tantas tirinhas finas e estas são passadas uma por uma num outro prato, onde as tempera com o molho, até que se embebam bastante; as temperadas coloca num novo prato e, de vez em quando, chama um valete, entrega-lhe este último prato e pede um limpo. Assim se ocupa durante horas. Não falemos do frango, do faisão, dos tordos: trabalha horas inteiras sem jamais tocá-los a não ser com a ponta de certas faquinhas que pede de propósito e que manda trocar várias vezes para limpar do último ossinho a mais sutil e renitente fibra de carne. Serve-se também de vinho, e continuamente o transvasa, repartindo-o entre os muitos cálices e copos que tem pela frente, e taças

onde mistura um vinho com outro, e de vez em quando entrega-o a um valete para que os leve embora e os troque por novos. Consome muito pão: amassa miolo sem parar, em bolinhas iguais que põe sobre a mesa em fileiras ordenadas; pica a crosta em migalhas e constrói com elas minúsculas pirâmides: até que se cansa e ordena aos fâmulos que limpem a toalha com uma escovinha. Depois recomeça.

Com todos os seus afazeres, não perde o fio da conversa que tem lugar à mesa e intervém sempre na hora certa.

No almoço, de que falam os paladinos? Como de costume, se vangloriam.

Fala Orlando:

— Devo dizer que a batalha de Aspromonte estava fugindo ao controle, antes que eu abatesse em duelo o rei Agolante e lhe tomasse a Durlindana. Era tão ligado a ela que, quando lhe decepei o braço direito, seu punho ficou preso no punho da Durlindana e tive de usar tenazes para retirá-lo.

E Agilulfo:

— Não é para desmenti-lo, mas a precisão exigia que a Durlindana fosse entregue nas negociações de armistício cinco dias depois da batalha de Aspromonte. De fato, ela figura numa lista de armas leves cedidas ao exército franco, entre as condições do tratado.

Diz Rinaldo:

— De qualquer modo, não há comparação com Fusberta. Passando os Pireneus, aquele dragão que enfrentei, cortei-o em dois com um fendente e vocês sabem que a pele de dragão é mais dura que o diamante.

Agilulfo participa:

— Aí está, vamos tentar pôr as coisas em ordem: a passagem dos Pireneus foi em abril, e em abril, como todos sabem, os dragões mudam de pele, ficando moles e tenros como recém-nascidos.

Os paladinos:

— Sim, sim, naquele dia ou em outro, se não fosse ali seria noutra lugar, em resumo, aconteceu assim, não é o caso de ficar procurando pelo em ovo...

Mas estavam aborrecidos. Aquele Agilulfo que se lembra sempre de tudo, que sabe citar os documentos de cada caso, que, mesmo quando uma façanha era famosa, com uma versão aceita por todos, relembra

de ponta a ponta por quem não participara dela, qual o quê!, queria reduzi-la a um episódio normal de serviço, a ser assinalado no relatório noturno para o comando do regimento. Entre aquilo que se passa na guerra e o que se conta depois, desde que o mundo é mundo, sempre houve certa diferença, mas, numa vida de guerreiro, que certos fatos tenham ocorrido ou não, pouco importa: existe você, sua força, a continuidade de seu modo de comportar-se, para garantir que as coisas não aconteceram exatamente assim, detalhe por detalhe, porém até poderiam ter ocorrido daquele jeito e poderiam ainda ocorrer numa ocasião semelhante. Mas uma pessoa como Agilulfo não tem nada para sustentar as próprias ações, verdadeiras ou falsas que sejam: ou são verbalizadas cotidianamente, inscritas nos registros, ou então é o vazio, a escuridão total. E gostaria de reduzir a isso também os colegas, aquelas esponjas de Bordeaux e de vantagens, de projetos que voltam ao passado sem que nunca tenham existido no presente, de lendas que, após serem atribuídas um pouco a um e um pouco a outro, acabam por encontrar o protagonista que assume todas.

De vez em quando, alguém chama Carlos Magno como testemunha. Mas o imperador participou de tantas guerras que confunde sempre uma com a outra e nem se lembra bem qual é aquela em que está combatendo agora. Sua tarefa é fazer a guerra e, no máximo, pensar na que virá a seguir; as guerras já concluídas foram como foram; ao que relatam cronistas e contadores de histórias se sabe que é preciso fazer ressalvas; imaginem se o imperador tivesse de ficar atrás de todos para corrigi-los. Só quando explode um problema que repercute na organização militar, na hierarquia, na atribuição de títulos de nobreza, então o rei deve emitir sua opinião. Entenda-se “sua opinião” de forma relativa: ali a vontade de Carlos Magno conta pouco, é preciso considerar os resultados, julgar com base nas provas que se têm e fazer respeitar leis e costumes. Por isso, quando o interpelam, sente um arrepio nas costas, fica nas generalidades e às vezes sai com um: “Sim! Quem sabe! Tempo de guerra, mais mentiras que terra!”, e sai pela tangente. Àquele cavaleiro Agilulfo dos Guildiverni, que continua a amassar miolo de pão e a contestar todas as histórias que — embora não relatadas numa versão totalmente exata — são as autênticas glórias do exército franco, Carlos Magno gostaria de atribuir alguma tarefa

incômoda, mas lhe disseram que os serviços mais pesados constituem para ele ambicionadas provas de zelo, e, portanto, é inútil.

— Não vejo por que você tem de se preocupar tanto com detalhes, Agilulfo — disse Ulivieri. — A própria glória das ações tende a ampliar-se na memória popular e isso prova que é glória genuína, fundamento dos títulos e das patentes por nós conquistadas.

— Não dos meus! — refutou Agilulfo. — Cada título e predicado meus foram obtidos com ações bem analisadas e comprovadas por documentos irretorquíveis!

— Quem é que o garante? — disse uma voz.

— Quem falou vai me dar satisfações! — disse Agilulfo erguendo-se.

— Acalme-se, fique manso — apaziguaram todos os outros —, você, que sempre tem objeções a fazer sobre as façanhas dos outros, não pode impedir que alguém faça o mesmo com as suas...

— Não ofendo ninguém: limito-me a explicitar fatos, com lugar, data e uma grande quantidade de provas!

— Fui eu quem falou. Também vou explicitar. — Um jovem guerreiro se erguera, pálido.

— Gostaria mesmo de ver, Torrismundo, você encontrar em meu passado algo de contestável — disse Agilulfo ao jovem, pois era justamente Torrismundo da Cornualha. — Talvez queira contestar, por exemplo, que fui armado cavaleiro porque, há exatos quinze anos, salvei da violência de dois bandidos a filha virgem do rei da Escócia, Sofrônia?

— Sim, vou contestá-lo: há quinze anos, Sofrônia, filha do rei da Escócia, não era virgem.

Um murmúrio percorreu toda a extensão da mesa. O código da cavalaria então vigente prescrevia que, quem tivesse salvado de perigo certo a virgindade de uma moça de linhagem nobre, seria imediatamente armado cavaleiro; mas, por ter salvo de violência carnal uma nobre que não era mais virgem, previa-se apenas uma menção de honra e salário duplo durante três meses.

— Como pode afirmar isso, que é uma ofensa não só à minha dignidade de cavaleiro mas também a uma dama que tomei sob a proteção de minha espada?

— Sustento o que afirmei.

— As provas?

— Sofrônia é minha mãe!

Gritos de surpresa se elevaram do peito dos paladinos. Então o jovem Torrismundo não era filho dos duques da Cornualha?

— Sim, nasci há vinte anos de Sofrônia, que tinha treze anos naquela época — explicou Torrismundo. — Eis o medalhão da Real Casa da Escócia. — E, tendo procurado no peito, extraiu uma bula pendurada numa correntinha de ouro.

Carlos Magno, que até então mantivera rosto e barba inclinados sobre um prato de camarões de rio, julgou que chegara a hora de levantar o olhar.

— Jovem cavaleiro — afirmou, dando à voz a maior autoridade imperial —, percebe a gravidade de suas palavras?

— Plenamente — disse Torrismundo —, e para mim ainda mais que para os outros.

Havia silêncio ao redor: Torrismundo estava negando ser filho do duque da Cornualha, o que lhe valera, como aprendiz, o título de cavaleiro. Declarando-se bastardo, embora de uma princesa de sangue real, ele caminhava para o afastamento do exército.

Porém, bem mais grave era o risco que corria Agilulfo. Antes de encontrar Sofrônia agredida por malfeitores e de salvar-lhe a pureza, ele era um simples guerreiro sem nome numa armadura branca, que andava pelo mundo em busca de aventura. Ou melhor (como logo se soube), era uma armadura branca vazia, sem guerreiro dentro. Sua ação em defesa de Sofrônia lhe dera direito de ser armado cavaleiro; naquele momento, estando vago o título de cavaleiro de Selimpia Citeriore, ele o assumira. Sua entrada em serviço, e todos os reconhecimentos, as patentes, os nomes que se agregaram depois eram consequências daquele episódio. Se fosse demonstrada a inexistência de uma virgindade de Sofrônia salva por ele, também o seu título de cavaleiro se esvaía em fumaça, e tudo o que ele fizera desde então não podia ser reconhecido como válido para nenhum efeito, e todos os nomes e predicados eram anulados, e, portanto, cada uma de suas atribuições se tornava não menos inexistente que sua pessoa.

— Ainda criança, minha mãe ficou grávida de mim — contava Torrismundo — e, temendo a fúria dos pais, quando soubessem de seu estado, fugiu do castelo real da Escócia e andou vagando pelos altiplanos. Deu-me à luz no sereno, num brejo, e me sustentou vagando pelos campos e bosques da Inglaterra até a idade de cinco anos. Estas

primeiras lembranças são aquelas do período mais bonito de minha vida, que a intrusão desse aí interrompeu. Recordo o dia. Minha mãe me deixara protegido em nossa caverna, enquanto ela ia como de hábito roubar fruta nos campos. Deparou-se com dois bandidos de estrada que pretendiam abusar dela. Talvez tivessem acabado fazendo amizade: frequentemente minha mãe se lamentava da solidão. Mas chegou esta armadura vazia à procura de glória e derrotou os bandidos. Tendo reconhecido minha mãe como de estirpe real, tomou-a sob sua proteção e conduziu-a ao castelo mais próximo, o da Cornualha, confiando-a aos duques. Entretanto, eu tinha ficado na caverna, só e faminto. Minha mãe, assim que pôde, confessou aos duques a existência do filho que fora forçada a abandonar. Fui procurado por servos munidos de tochas e conduzido ao castelo. Para salvar a honra da família da Escócia, ligada aos Cornualha por vínculos de parentesco, fui adotado e reconhecido como filho do duque e da duquesa. Minha vida foi tediosa e cheia daquelas obrigações que pesam sobre os filhos de famílias nobres. Não me foi mais permitido ver minha mãe, que tomou o véu num convento distante. O peso dessa montanha de falsidades que deturpou o curso natural de minha vida, eu o carrego até hoje. Agora, finalmente, consigo dizer a verdade. O que quer que aconteça, para mim certamente será melhor do que aquilo que foi até hoje.

Nesse meio-tempo, fora servida a sobremesa, um pão de Espanha de camadas sobrepostas com cores delicadas, mas tal era o espanto provocado por aquela sequência de revelações que nenhum garfo se elevava para as bocas emudecidas.

— E o senhor, o que tem a dizer sobre esta história? — perguntou Carlos Magno a Agilulfo. Todos notaram que não dissera “cavaleiro”.

— São mentiras. Sofrônia era donzela. Sobre a flor de sua pureza, repousa meu nome e minha honra.

— Pode prová-lo?

— Vou procurar Sofrônia.

— Pretende encontrá-la tal qual quinze anos depois? — perguntou, maligno, Astolfo. — Nossas couraças de ferro batido têm duração bem mais breve.

— Tomou o véu logo depois que a confiei àquela família piedosa.

— Em quinze anos, com os tempos que correm, nenhum convento da cristandade se salva das dispersões e saques, e toda monja tem o tempo

de deixar de sê-lo e voltar à mesma situação quatro ou cinco vezes...

— De qualquer modo, uma castidade violada pressupõe um violador. Hei de encontrá-lo e obterei dele o testemunho da data até a qual Sofrônia pôde ser considerada virgem.

— Dou-lhe licença para partir imediatamente, se quiser — disse o imperador. — Penso que, neste momento, nada é mais importante para o senhor do que ostentar nome e armas, que agora lhe são contestados. Se este jovem diz a verdade, não poderei mantê-lo a meu serviço, ou melhor, não poderei considerá-lo sob nenhum ponto de vista, nem sequer para os salários atrasados. — E Carlos Magno não podia impedir de dar ao seu discurso um timbre de satisfação apressada, como se dissesse: “Estão vendo que encontramos o meio de livrar-nos deste importuno?”.

Agora, a armadura branca pendia para a frente e jamais como naquele momento evidenciara estar vazia. A voz saía apenas perceptível:

— Sim, meu imperador, irei.

— E você? — Carlos Magno dirigiu-se a Torrismundo. — Percebe que, declarando-se nascido fora do matrimônio, não pode assumir o grau que lhe cabia por seus antepassados? Pelo menos sabe quem seria seu pai? Tem esperança de se fazer reconhecer por ele?

— Não poderei nunca ser reconhecido...

— Não é impossível. Todo homem, avançando nos anos, tende a fazer todas as contas na balança de sua vida. Também eu reconheci todos os filhos que tive com concubinas, e eram muitas, e certamente algum nem será meu.

— Meu pai não é um homem.

— E quem seria? Belzebu?

— Não, sire — disse calmamente Torrismundo.

— Quem então?

Torrismundo avançou até o meio da sala, pôs um joelho no chão, ergueu os olhos para o céu e disse:

— É a Sagrada Ordem dos Cavaleiros do Santo Graal.

Um murmúrio percorreu o banquete. Alguns dos paladinos se benzeram.

— Minha mãe era uma menina ousada — explicou Torrismundo — e corria sempre para o mais profundo dos bosques que circundavam o castelo. Certo dia, no fundo da floresta, deparou-se com os cavaleiros do

Santo Graal, lá acampados para fortificar seu espírito no isolamento do mundo. A menina começou a brincar com aqueles guerreiros e a partir daquele dia, sempre que possível, enganava a vigilância familiar e alcançava o acampamento. Mas em pouco tempo, com aquelas brincadeiras de criança, acabou grávida.

Carlos Magno ficou um momento pensativo, depois disse:

— Os cavaleiros do Santo Graal fizeram todos voto de castidade e nenhum deles poderá reconhecê-lo como filho.

— Nem eu pretendia isso — disse Torrismundo. — Minha mãe nunca me falou de um cavaleiro em particular, mas me educou para respeitar como pai a sagrada ordem em seu conjunto.

— Então — acrescentou Carlos Magno —, a ordem em seu conjunto não se acha ligada a nenhum voto do gênero. Portanto, nada impede que se reconheça pai de uma criatura. Se você conseguir chegar até os cavaleiros do Santo Graal e fazer-se reconhecer como filho de toda a ordem, considerada coletivamente, seus direitos militares, dadas as prerrogativas da ordem, não seriam diferentes daqueles que tinha como filho de uma família nobre.

— Partirei — disse Torrismundo.

Aquela era uma noite de partidas, lá no acampamento dos francos. Agilulfo preparou meticulosamente seu equipamento e o cavalo, e o escudeiro Gurdulu pegou ao acaso cobertores, almofaças, panelas, fez uma trouxa que o impedia de ver para que lado andava, tomou o rumo oposto do patrão, e galopou perdendo todas as coisas pelo caminho.

Ninguém viera cumprimentar Agilulfo que partia, exceto aqueles pobres estribeiros, empregados das estrebarias e ferreiros, os quais não faziam grandes distinções entre um e outro e haviam entendido que esse era um oficial mais fastidioso, mas também mais infeliz que os outros. Os paladinos, com a desculpa de que não tinham sido avisados da hora da partida, não apareceram; e além disso não era uma desculpa: Agilulfo, desde que saíra do banquete, não dirigira mais a palavra a ninguém. Sua partida não foi comentada: distribuídas as tarefas de modo que nenhuma de suas responsabilidades ficasse descoberta, a ausência do cavaleiro inexistente foi considerada digna de silêncio como por entendimento geral.

A única que ficou comovida, ou melhor, perturbada, foi Bradamante. Correu para sua tenda, “Rápido!”, chamou governantes, ajudantes de

cozinha, criadas, “Rápido!”, e jogava pelos ares roupas e couraças, lanças e adereços, “Rápido!”, e o fazia não como de hábito ao despir-se ou num impulso de raiva, mas para colocar ordem, fazer um inventário das coisas que havia e partir.

— Preparem-me tudo, partirei, partirei, não vou ficar aqui nem mais um minuto, ele se foi, o único pelo qual este exército tinha sentido, o único que podia dar um sentido à minha vida e à minha guerra, e agora não resta nada além de um bando de beócios e violentos, eu incluída, e a vida é um revirar-se entre camas e caixões, e só ele sabia a geometria secreta, a ordem, a regra para entender o princípio e o fim! — E, assim dizendo, vestia parte por parte a armadura de campanha, a garnacha cor de pervinca, e logo estava montada, masculina em tudo, exceto no modo orgulhoso que certas mulheres realmente mulheres possuem de ser viris, e esporeou o cavalo a galope, arrastando paliçadas e cordas de tendas e prateleiras de salame, desaparecendo rapidamente numa grande nuvem de poeira.

Aquela nuvem de poeira viu Rambaldo, que corria a pé para procurá-la e gritou-lhe: “Aonde vai, aonde vai, Bradamante?, eis-me aqui, para você, e você vai embora!”, com aquela teimosa indignação de quem está apaixonado e quer dizer: “Estou aqui, jovem, pleno de amor, como pode meu amor não agradar-lhe, que deseja essa que não me toma, que não me ama, que mais pode querer além daquilo que sinto poder e dever dar-lhe?”, e assim se enfurece e não consegue aceitar e num certo ponto a paixão por ela é também paixão por si próprio, é o apaixonar-se por aquilo que poderiam ser os dois juntos e não são. E nessa fúria Rambaldo corria para sua tenda, preparava cavalo armas alforjes, partia ele também, pois a guerra só é bem combatida onde entre as pontas de lanças se distingue uma boca de mulher, e tudo, as feridas a nuvem de poeira o odor dos cavalos, só tem sabor a partir daquele sorriso.

Também Torrismundo partia naquela noite, também ele triste, também ele cheio de esperança. Era o bosque que desejava rever, o bosque úmido e escuro da infância, a mãe, os dias na gruta, e mais no fundo a pura confraria dos pais, armados e vigilantes em torno das fogueiras de um bivaque oculto, vestidos de branco, silenciosos, no ponto mais denso da floresta, os ramos baixos que quase tocam as avencas, e da terra úbere nascem cogumelos que nunca avistam o sol.

Carlos Magno, tendo saído do banquete com as pernas meio trêmulas, após ouvir todas as notícias sobre partidas imprevistas, dirigia-se ao pavilhão real e pensava nos tempos em que partiam Astolfo, Rinaldo, Guidon Selvagem, Orlando, para desafios que terminavam nos cantares dos poetas, ao passo que agora não havia jeito de movimentá-los daqui para ali, aqueles veteranos, a não ser para as obrigações mínimas do serviço. “Que partam, são jovens, que façam”, dizia Carlos Magno, com o hábito, próprio dos homens de ação, de pensar que o movimento seja sempre um bem, porém já com a amargura dos velhos que sofrem a perda das coisas de antigamente mais do que desfrutam do aparecimento de novas.

8

Livro, chegou a noite, comecei a escrever mais rápido, do rio não chega nada além do roncar distante da cascata, na janela voam mudos os morcegos, ladram alguns cães, ressoam vozes nos depósitos de feno. Talvez esta minha penitência não tenha sido mal escolhida pela irmã abadessa: de vez em quando percebo que a pena desliza pela folha como se estivesse sozinha, e eu correndo atrás dela. É na direção da verdade que corremos, a pena e eu, a verdade que espero vir ao meu encontro, do fundo de uma página branca, e que poderei alcançar somente quando a golpes de pena conseguir sepultar todas as preguiças, as insatisfações, o fastio que vim aqui pagar.

E basta o corre-corre de um rato (o terraço do convento está cheio deles), um sopro de vento imprevisto que faz bater o estore (inclinada a distrair-me sempre, me apresso em reabri-lo), basta o final de um episódio desta história e o início de outro ou apenas um ponto parágrafo e eis que a pena torna a ficar pesada como uma trave e a corrida rumo à verdade se faz incerta.

Agora, devo representar as terras atravessadas por Agilulfo e por seu escudeiro durante a viagem: aqui nesta página é preciso encontrar espaço para tudo, a estrada principal cheia de poeira, o rio, a ponte, lá está Agilulfo, que passa com seu cavalo de cascos ligeiros, toc-toc, toc-toc, pesa pouco aquele cavaleiro sem corpo, o cavalo pode fazer milhas e milhas sem se cansar, e o patrão é mesmo infatigável. Na ponte agora passa um galope pesado: tututum!, é Gurdulu, que segue adiante agarrado ao pescoço de seu cavalo, as duas cabeças tão próximas que não

se sabe se o cavalo pensa com a cabeça do escudeiro ou o escudeiro com a do cavalo. Traço no papel uma linha reta, às vezes interrompida por ângulos, e é o percurso de Agilulfo. Esta outra linha cheia de garatujas e vaivéns é o caminho de Gurdulu. Quando vê esvoaçar uma borboleta, ele põe imediatamente o cavalo atrás dela, pensando estar montado no inseto e não no cavalo e assim sai da estrada e erra pelos campos. Agilulfo caminha para a frente, retilíneo, seguindo seu caminho. De vez em quando, os itinerários fora de rota de Gurdulu coincidem com atalhos invisíveis (ou é o cavalo que prefere uma senda própria, já que o seu palafrenero não o guia) e depois de muitas voltas o vagabundo torna a encontrar-se ao lado do patrão na estrada principal.

Aqui na margem do rio vou assinalar um moinho. Agilulfo se detém para perguntar o caminho. A moleira responde gentilmente e lhe oferece vinho e pão, mas ele os recusa. Só aceita ração para o cavalo. A estrada é poeirenta e ensolarada; os bons moleiros se admiram que o cavalo não tenha sede.

Quando ele volta a galopar, chega, com o barulho de um regimento a galope, Gurdulu.

— Será que viram o patrão?

— E quem é seu patrão?

— Um cavaleiro... não: um cavalo...

— Está a serviço de um cavalo?

— Não... é meu cavalo que está a serviço de um cavalo...

— E quem cavalga aquele cavalo?

— Ééé... não se sabe.

— E este cavalo, quem o cavalga?

— Ora! Pergunte a ele!

— E nem você quer comer e beber?

— Sim, sim! Comer! Beber! — E se empanturra.

O que desenho agora é uma cidade cercada por muralhas. Agilulfo deve atravessá-la. Na entrada, os guardas querem que ele descubra o rosto; têm ordens de não deixar passar ninguém com o rosto oculto, pois poderia ser o bandido feroz que ataca nos arredores. Agilulfo se recusa, terça armas com os guardas, força a passagem, escapa.

Além da cidade, o que vou tracejando é um bosque. Agilulfo faz batidas para cima e para baixo até desencovar o terrível bandido.

Desarma-o, amarra-o bem e o arrasta perante os esbirros que não queriam deixá-lo passar.

— Aqui está, de mãos e pés atados, quem tanto temiam!

— Oh, seja abençoado, cavaleiro branco! Mas diga-nos quem é e por que mantém abaixada a celada do elmo.

— Meu nome se encontra no final desta viagem — diz Agilulfo, e foge.

Na cidade uns dizem que é um anjo e outros, alma do purgatório.

— O cavalo corria ligeiro — alguém comenta — como se não carregasse ninguém.

Aqui onde termina o bosque, passa outra estrada, que também conduz à cidade. É a estrada que Bradamante percorre. Diz aos moradores:

— Procuo um cavaleiro de armadura branca. Sei que está aqui.

— Não. Não está — respondem.

— Se não está, é exatamente ele.

— Então vá procurá-lo onde está. Daqui saiu correndo.

— Verdade que o viram? Uma armadura branca que parece trazer um homem dentro...

— E quem seria, além de um homem?

— Alguém que é mais que qualquer outro homem!

— As coisas que fazem me parecem diaburras — diz um velho —, incluindo você, ó cavaleiro da voz doce, maviosa!

Bradamante esporeia com força.

Pouco depois, na praça da cidade, é Rambaldo quem freia seu cavalo.

— Viram passar um cavaleiro?

— Qual? Já vimos dois e você é o terceiro.

— O que corria atrás do outro.

— É verdade que um deles não é um homem?

— O segundo é uma mulher.

— E o primeiro?

— Nada.

— E você?

— Eu? Eu... sou um homem.

— Benza Deus!

Agilulfo cavalgava seguido por Gurdulu. Uma moça apareceu correndo na estrada, a cabeleira ao vento, as roupas dilaceradas, e ajoelhou-se. Agilulfo freou o cavalo.

— Socorro, nobre cavaleiro — implorava ela —, a meia milha daqui, um feroz bando de ursos assedia o castelo de minha senhora, a nobre viúva Priscila. Somos apenas poucas mulheres indefesas morando no castelo. Ninguém mais pode entrar nem sair. Desci com uma corda pelas ameias e escapei das garras daquelas feras por milagre. Ó cavaleiro, venha libertar-nos!

— Minha espada está sempre a serviço das viúvas e das criaturas desamparadas — respondeu Agilulfo. — Gurdulu, acomode na sela esta jovem que nos levará ao castelo de sua senhora.

Andavam por um caminho alcantilado. O escudeiro seguia adiante, mas nem sequer olhava a estrada; o peito da mulher sentada entre seus braços despontava rosado e cheio dos rasgões do vestido e Gurdulu ali se perdia.

A moça virava-se para observar Agilulfo.

— Que nobre postura tem seu patrão! — disse.

— Uh, uh — respondeu Gurdulu, e estendia uma das mãos para aquele seio macio.

— É tão senhor de si e altivo em cada palavra e em cada gesto... — dizia ela, sempre com os olhos em Agilulfo.

— Uh — repetia Gurdulu e com as duas mãos, mantendo as rédeas no pulso, tentou entender como uma pessoa podia ser tão sólida e macia ao mesmo tempo.

— E a voz — dizia ela — cortante, metálica...

Da boca de Gurdulu saía só uma sequência de ganidos pesados, mesmo porque ela estava enterrada entre o pescoço e as costas da jovem e se perdia naquele perfume.

— Imagine como ficará feliz minha patroa em ser libertada dos ursos justamente por ele... Oh, como a invejo... Ouça aqui: estamos saindo da estrada! Que se passa, escudeiro, está distraído?

Numa curva do caminho, um eremita estendia a cuia da esmola. Agilulfo, que a todo mendigo que encontrava fazia em geral a caridade na medida fixa de três moedas, deteve o cavalo e procurou na bolsa.

— Abençoado seja, cavaleiro — disse o eremita embolsando as moedas e fez-lhe sinal para que se inclinasse a fim de falar-lhe ao ouvido —, vou recompensá-lo já, alertando-o: tenha cuidado com a viúva Priscila! Esta história dos ursos é uma armadilha: é ela própria quem os alimenta, para

fazer-se libertar pelos mais valentes cavaleiros que passam pela estrada principal e atraí-los ao castelo para satisfazer sua lascívia insaciável.

— Será conforme diz, irmão — respondeu Agilulfo —, mas sou um cavaleiro e seria descortês subtrair-me ao pedido formal de socorro de uma mulher em lágrimas.

— Não teme as chamas da luxúria?

Agilulfo estava meio embaraçado.

— Bem, depois veremos...

— Sabe o que resta de um cavaleiro após uma estada naquele castelo?

— O quê?

— A resposta está diante de seus olhos. Também eu fui cavaleiro, também eu salvei Priscila dos ursos, e eis-me aqui. — Na verdade, estava em péssimas condições.

— Sua experiência será importante para mim, irmão, mas enfrentarei a prova. — E Agilulfo arrancou, alcançando Gurdulu e a criada.

— Não sei o que tanto têm para conversar estes eremitas — disse a moça ao cavaleiro. — Em nenhuma categoria de religiosos nem de leigos há tanta conversa e tanta maledicência.

— Há muitos eremitas por aqui?

— Está cheio. E sempre se agrega algum novo.

— Não serei um deles — sublinhou Agilulfo. — Apressemos-nos.

— Ouço o rosar dos ursos — exclamou a donzela. — Tenho medo! Deixem-me descer e esconder-me atrás desta sebe.

Agilulfo irrompe na clareira onde surge o castelo. Tudo em volta está preto de ursos. Ao ver cavalo e cavaleiro, rangem os dentes e se comprimem lado a lado para barrar-lhes o caminho. Agilulfo carrega, agitando a lança. Espeta alguns, tonteia outros, esmaga outros mais. Gurdulu chega a cavalo e os persegue com o espeto. Em dez minutos aqueles que não ficaram estirados como tapetes foram esconder-se nas florestas mais profundas.

Abriu-se a porta do castelo.

— Nobre cavaleiro, poderá minha hospitalidade retribuir-lhe tudo o que lhe devo? — No umbral se apresentara Priscila, cercada por suas damas e criadas. (Entre elas estava a jovem que acompanhara os dois até lá; não se entende como, já estava em casa e não mais trajava as roupas rotas de antes mas um belo avental limpo.)

Agilulfo, seguido por Gurdulu, penetrou no castelo. A viúva Priscila não era muito alta, não tinha carnes em excesso, era bem distribuída, o peito não exagerado mas posto bem em destaque, certos olhos negros que chispavam, em resumo, uma mulher que tem alguma coisa a dizer. Estava ali, diante da armadura branca de Agilulfo, satisfeita. O cavaleiro ficou frio, mas era tímido.

— Cavaleiro Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni — enfatizou Priscila —, já conheço seu nome e sei bem quem é e quem *não* é.

Diante de tal introdução, Agilulfo, como livre de um mal-estar, deixou a timidez de lado e assumiu uma expressão confiante. Mesmo assim, inclinou-se, dobrou um joelho no chão, disse: “Às suas ordens”, e ergueu-se de um salto.

— Ouvi falar tanto do senhor — disse Priscila — e há muito era meu desejo ardente encontrá-lo. Que milagre o trouxe para uma estrada tão remota?

— Viajo para localizar antes que seja tarde demais — disse Agilulfo — uma virgindade de quinze anos atrás.

— Jamais escutei falar de um desafio cavalheiresco que tivesse um objetivo tão fugidio — disse Priscila. — Mas, se já decorreram quinze anos, não tenho escrúpulos em retardá-lo uma noite mais, pedindo-lhe que se hospede em meu castelo. — E colocou-se ao lado dele.

As outras mulheres permaneceram todas com os olhos fixos nele, até que desapareceu com a castelã por um corredor de salas. Então se viraram para Gurdulu.

— Oh, que lindo pedaço de palafreneiro! — exclamam, batendo palmas. Ele fica ali como um parvo, e se coça. — Pena que tenha pulgas e cheire tão mal! — dizem. — Vamos, rápidas, ao banho! — Levam-no para suas dependências e o despem inteiramente.

Priscila conduziu Agilulfo a uma mesa preparada para duas pessoas.

— Conheço sua temperança habitual, cavaleiro — disse-lhe —, mas não sei como começar a fazer-lhe as honras a não ser convidando-o para sentar-se à mesa. Certamente — acrescenta maliciosa — os sinais de gratidão que pretendo oferecer-lhe não terminam aqui.

Agilulfo agradeceu, acomodou-se em frente à castelã, desfez algumas migalhas de pão entre os dedos, ficou alguns minutos em silêncio, limpou a voz, e pôs-se a falar de generalidades.

— Realmente estranhas e afortunadas, senhora, as venturas que tocam a um cavaleiro errante. Além do mais, elas podem agrupar-se em vários tipos. Primeiro... — E assim conversa, afável, preciso, informado, às vezes fazendo aflorar uma suspeita de excessiva meticulosidade, porém logo corrigida pela maneira volúvel com que passa a falar de outros temas, intercalando entre as frases sérias tiradas de espírito e brincadeiras sempre de boa matriz, dando sobre os fatos e as pessoas juízos nem muito favoráveis nem demasiado contrários, de tal modo que possam ser partilhados pela interlocutora, à qual oferece o ensejo de exprimir-se, encorajando-a com perguntas elegantes.

— Oh, que conversador delicioso — diz Priscila, e se deleita.

De repente, assim como se pusera a discorrer, Agilulfo mergulha no silêncio.

— É hora de iniciar os cantos — anuncia Priscila e bate palmas.

Entraram na sala as tocadoras de alaúde. Uma entoou a canção que diz: “O licorne colherá a rosa”; depois aquela outra: “Jasmin, veulliez embellir le beau coussin”.

Agilulfo tem palavras de apreço pelas músicas e pelas vozes.

Um bando de jovenzinhas entrou dançando. Traziam túnicas leves e pequenas guirlandas nos cabelos. Agilulfo acompanhava a dança batendo suas luvas de ferro na mesa de modo ritmado.

Não menos festivas eram as danças que tinham lugar noutra ala do castelo, nas dependências das damas de companhia. Seminuas, as jovens mulheres jogavam bola e pretendiam que Gurdulu participasse do jogo. O escudeiro, também ele vestido com uma túnica leve que aquelas mulheres lhe haviam emprestado, em vez de ficar no seu lugar esperando que a bola lhe fosse lançada, corria atrás delas e tentava apoderar-se delas, de qualquer maneira, jogando-se com o corpo mole sobre uma e outra donzela, e em alguns lances muitas vezes era levado por outra inspiração e rolava com a mulher num dos leitos macios dispostos ali em volta.

— Oh, que está fazendo? Não, não, cavalão! Ah, vejam o que está me fazendo, não, quero jogar bola, ha! ha! ha!

Gurdulu já não entendia mais nada. Entre o banho morno que o haviam obrigado a tomar, os perfumes e aquelas carnes brancas e rosadas, agora seu único desejo era o de fundir-se na fragrância geral.

— Ha, ha, está aqui de novo, uh, meu deus, mas vejam só, aaah...

As outras jogavam bola como se nada estivesse acontecendo, brincavam, riam, cantavam:

— Olá olá, a lua voando lá no alto...

A donzela que Gurdulu colocara à parte, após um último grito prolongado voltava ao seio das companheiras, com o rosto um tanto afogueado, meio tonta e rindo, batendo palmas:

— Vamos, vamos, aqui para mim! — recomeçava a jogar.

Não demorava muito, e Gurdulu rolava para cima de outra.

— Largue, xô, xô, mas que chato, mas que impetuoso, não, assim me machuca, ouça... — E sucumbia.

Outras mulheres e jovens que não estavam participando dos jogos sentavam-se em bancos e conversavam:

— ... E porque Filomena, sabem?, estava com ciúmes de Clara, mas ao contrário... — E se sentia agarrar pela cintura. — Uh, que susto!... ao contrário, dizia, Viligelmo parece que andava com Eufêmia... mas para onde está me levando...? — Gurdulu carregava-a nas costas. — ... Entenderam? Entretanto, aquela outra louca, com seu ciúme de sempre... — continuava a tagarelar e a gesticular a mulher, balançando nas costas de Gurdulu, e desaparecia.

Não passava muito tempo e voltava, descabelada, uma alça arrancada, e recomeçava, direto:

— Digo-lhes que é exatamente assim, Filomena fez essa cena com Clara, mas o outro...

Nesse ínterim, dançarinas e músicas haviam se retirado do salão de banquetes. Agilulfo demorou para explicar à castelã as composições que os músicos do imperador Carlos Magno executavam com mais frequência.

— O céu está ficando nublado — observou Priscila.

— É noite, é noite profunda — admitiu Agilulfo.

— O quarto que lhe reservei...

— Grato. Ouça o rouxinol lá no parque.

— O quarto que lhe reservei... é o meu...

— Sua hospitalidade é requintada... O rouxinol canta daquele carvalho. Vamos até a janela.

Ergueu-se, passou-lhe o braço de ferro pela cintura, recostou-se à sacada. O canto dos rouxinóis lhe deu ensejo para uma série de referências poéticas e mitológicas.

Mas Priscila cortou secamente:

— Em suma, o rouxinol canta por amor. E nós...

— Ah! o amor! — gritou Agilulfo com um sobressalto de voz tão brusco que Priscila ficou assustada. E ele, de repente, lançou-se numa dissertação sobre a paixão amorosa. Priscila estava ternamente excitada; apoiando-se no braço dele, empurrou-o para um quarto dominado por um grande leito com baldaquino.

— Entre os antigos, sendo o amor considerado um deus... — continuava Agilulfo, sem parar.

Priscila fechou a porta dando duas voltas na chave, aproximou-se dele, inclinou a cabeça sobre a couraça e disse:

— Sinto um pouco de frio, a lareira está apagada.

— A opinião dos antigos — disse Agilulfo —, se era melhor amar-se em quartos frios ou quentes, é controversa. Mas o conselho da maioria...

— Oh, como o senhor conhece tudo sobre o amor... — ciciava Priscila.

— O conselho da maioria, excluindo os ambientes sufocantes, tende para uma tepidez natural...

— Devo chamar as mulheres para acender o fogo?

— Acenderei eu mesmo. — Examinou a lenha empilhada na lareira, elogiou a chama de uma e de outra madeira, enumerou os vários modos de acender fogos ao ar livre ou em lugares fechados. Um suspiro de Priscila o interrompeu; como se percebesse que estes novos discursos estavam dispersando a trepidação amorosa que se fora criando, Agilulfo começou rapidamente a florear o discurso a respeito dos fogos com referências, comparações e alusões ao calor dos sentimentos e dos sentidos.

Agora Priscila sorria, com os olhos semicerrados, estendia a mão em direção à chama que começava a crepitar e dizia:

— Que calor gratificante... como deve ser doce apreciá-lo entre os cobertores, deitados...

O tema da cama sugeriu a Agilulfo uma nova série de observações: segundo ele, a difícil arte de arrumar a cama é desconhecida das criadas francesas e nos palácios mais nobres só se encontram lençóis mal esticados.

— Oh não, diga-me, minha cama também...? — perguntou a viúva.

— Certamente a sua é uma cama de uma rainha, superior a qualquer outra nos territórios imperiais, mas permita que meu desejo de vê-la cercada só por coisas dignas da senhora, em cada mínimo detalhe, me leve a considerar com preocupação esta dobra...

— Oh, esta dobra! — gritou Priscila, já tomada pela mania de perfeição que Agilulfo lhe transmitia.

Desfizeram a cama camada por camada, descobrindo e recriminando pequenos caroços, tufos, partes excessivamente esticadas ou frouxas, e esta busca se tornava ora uma aflição lancinante ora uma subida a céus cada vez mais altos.

Desfeita a cama até o enxergão, Agilulfo começou a refazê-la conforme as regras. Era uma operação elaborada: nada devia ser feito ao acaso, e entram em ação estratégias secretas. Ele ia explicando tudo prolixamente à viúva. Mas de vez em quando havia algo que o deixava insatisfeito, e então recomeçava de novo.

Das outras alas do castelo ressoou um grito, ou melhor, um mugido ou zurro, incontido.

— O que foi? — sobressaltou-se Priscila.

— Nada, é a voz de meu escudeiro — disse ele.

Àquele grito misturavam-se outros mais agudos, como suspiros berrados que subiam até as estrelas.

— E agora, o que é? — se perguntou Agilulfo.

— Oh, são as moças — disse Priscila —, brincam... sabe como é, a juventude.

E continuavam a arrumar a cama, dando atenção de vez em quando aos rumores da noite.

— Gurdulu grita...

— Que barulheira estas mulheres...

— O rouxinol...

— Os grilos...

Enfim a cama estava no ponto, sem defeitos. Agilulfo se virou para a viúva. Estava nua. As roupas haviam descido castamente para o chão.

— Às damas despidas se sugere — declarou Agilulfo —, como a mais sublime emoção dos sentidos, abraçar-se a um guerreiro de armadura.

— Bravo: vem ensinar logo a mim! — protestou Priscila. — Não nasci ontem! — E, assim dizendo, deu um pulo e agarrou-se em Agilulfo, apertando pernas e braços ao redor da couraça.

Experimentou, um depois do outro, todos os modos pelos quais uma armadura pode ser abraçada e a seguir, languidamente, entrou na cama.

Agilulfo ajoelhou-se à cabeceira.

— Os cabelos — disse.

Ao despir-se, Priscila não desfizera o penteado volumoso de sua cabeleira escura. Agilulfo começou a explicar a grande importância dos cabelos soltos na exaltação dos sentidos.

— Vamos experimentar.

Com movimentos decididos e delicados de suas mãos de ferro, soltou-lhe o castelo de tranças, fazendo com que a cabeleira rolasse sobre o peito e as costas.

— Porém — acrescentou —, certamente tem maior malícia quem prefere a dama de corpo desnudo mas com a cabeça não só bem arrumada, mas também enfeitada com véus e diademas.

— Vamos tentar de novo?

— Eu vou penteá-la. — Penteou-a, e demonstrou sua destreza ao fazer tranças, enrolá-las e fixá-las na cabeça com grampos. Depois preparou um faustoso penteado de véus e mimos. Assim se passou uma hora, mas Priscila, quando ele lhe ofereceu o espelho, jamais se vira tão linda.

Convidou-o a deitar-se ao seu lado.

— Dizem que Cleópatra todas as noites — disse ele — sonhava ter na cama um guerreiro de armadura.

— Nunca experimentei — confessou ela. — Todos a tiram antes.

— Bem, agora vai provar. — E lentamente, sem amarrotar os lençóis, entrou totalmente armado na cama e estendeu-se composto como num sepulcro.

— E nem desamarra a espada do boldrié?

— A paixão amorosa não conhece meio-termo.

Priscila fechou os olhos, extasiada.

Agilulfo ergueu-se sobre um cotovelo.

— O fogo solta fumaça. Vou verificar por que a lareira não puxa.

Na janela, despontava a lua. Ao voltar da lareira para a cama, Agilulfo se deteve:

— Senhora, vamos até os espaldões desfrutar desta tardia luz prateada.

Cobriu-a com seu manto. Abraçados, subiram para a torre. A lua espargia prata sobre a floresta. Cantava a coruja. Algumas janelas do

castelo ainda estavam iluminadas e dali partiam de vez em quando gritos, risadas ou gemidos e o zurro do escudeiro.

— Toda a natureza é amor...

Voltaram ao quarto. A lareira estava quase apagada. Agacharam-se para soprar as brasas. Ficando tão próximos, os joelhos rosados de Priscila tocaram as joelheiras metálicas dele, nascia uma nova intimidade, mais inocente.

Quando Priscila tornou a se deitar, a janela já era acariciada pelas primeiras luzes do dia.

— Nada transfigura o rosto de uma mulher como os raios da aurora — disse Agilulfo, mas, a fim de que o rosto ficasse mais bem iluminado, foi obrigado a deslocar cama e baldaquino.

— Como estou? — perguntou a viúva.

— Belíssima.

Priscila sentia-se feliz. Mas o sol subia rápido e, para acompanhar os raios, Agilulfo devia mudar continuamente a posição da cama.

— É a aurora — disse. Sua voz já mudara. — Meu dever de cavaleiro exige que a esta hora eu me ponha a caminho.

— Já! — gemeu Priscila. — Logo agora!

— Lamento, gentil dama, mas sou chamado para uma tarefa mais séria.

— Oh, mas era tudo tão lindo...

Agilulfo inclinou o joelho.

— Priscila, dê-me sua bênção. — Levanta-se, chama o escudeiro. Percorre o castelo inteiro e finalmente o descobre, acabado, meio morto, numa espécie de canil. — Rápido, na sela! — Mas tem de arrastá-lo. O sol, continuando sua rota, recorta as duas figuras a cavalo contra o ouro das folhas do bosque: o escudeiro equilibrado feito um saco, o cavaleiro ereto e aprumado como a sombra de um choupo.

Damas de companhia e criadas acorreram, cercando Priscila.

— Como foi, senhora, como foi?

— Oh, uma coisa, se soubessem! Um homem, um homem...

— Mas conte-nos, como é?

— Um homem... um homem... Uma noite, incessante, um paraíso...

— Mas o que fez? O que fez?

— Como poderia dizer-lhes? Oh, lindo, lindo...

— Mesmo sendo daquele jeito, é? Contudo... conte...

— Agora não saberia como... Tantas coisas... E vocês, melhor, com aquele escudeiro...?

— Hein? Oh, nada, não sei, talvez você? Não: você! Que nada, não lembro...

— Mas como?, ouvíamos vocês, minhas caras...

— Mas, quem sabe, pobrezinho, não recordo, nem eu consigo, talvez você... mas: eu? Senhora, conte-nos sobre ele, o cavaleiro, hein?, como era Agilulfo?

— Oh, Agilulfo!

9

Eu, que escrevo este livro recorrendo a documentos quase ilegíveis de uma crônica antiga, só agora me dou conta de que preenchi páginas e páginas e ainda me encontro no início da minha história: doravante teremos o verdadeiro andamento do enredo, isto é, as viagens aventurosas de Agilulfo e de seu escudeiro para localizar a prova da virgindade de Sofrônia, as quais se entrelaçam com as de Bradamante perseguidora e perseguida, de Rambaldo apaixonado e de Torrismundo em busca dos cavaleiros do Graal. Mas este fio, em vez de fluir veloz entre meus dedos, eis que afrouxa, que se interrompe, e, se penso em quanto ainda tenho de pôr no papel de itinerários e obstáculos e perseguições e enganos e duelos e torneios, sinto que me perco. Eis como a disciplina de escritã de convento e a penitência assídua de procurar palavras e meditar sobre a substância última das coisas me transformaram: aquilo que o vulgo — e eu própria até aqui — tem como delícia suprema, isto é, o enredo de aventuras em que consiste todo romance de cavalaria, agora me parece uma guarnição supérflua, um adorno frio, a parte mais ingrata de minha punição.

Gostaria de correr a narrar, narrar rapidamente, historiar em cada página duelos e batalhas quantos fossem necessários a um poema, mas, se me detenho e tento reler, dou-me conta de que a pena não deixou marcas no papel e as páginas continuam brancas.

Para escrever como gostaria, seria preciso que esta página branca se tornasse dura de rochas avermelhadas, se desfizesse numa areiazinha espessa, pedregosa, e aí crescesse uma densa vegetação de zimbros. No meio, onde serpenteia um caminho irregular, faria passar Agilulfo, ereto na sela, de lança em riste. Mas além de paisagem rupestre essa página

deveria ser ao mesmo tempo cúpula de céu achatada aqui em cima, tão baixa que no meio só haveria lugar para um voo grasnante de corvos. Com a pena eu teria de chegar a incidir sobre a folha, mas com leveza, pois o prado deveria surgir sendo percorrido pelo deslizar de uma serpente invisível na grama, e o bosque atravessado por uma lebre que agora desemboca na clareira, se detém, fareja ao redor com os bigodes curtos, já desapareceu.

Cada coisa se move na página lisa sem que se veja nada, sem que nada mude em sua superfície, como no fundo tudo se move e nada muda na crosta rugosa do mundo, pois só existe uma extensão da mesma matéria, exatamente como a página em que escrevo, uma extensão que se contrai e se decanta em formas e consistências diversas e em vários matizes mas que ainda pode se representar espalmada numa superfície plana, inclusive em seus aglomerados pilosos, cheios de penugem ou nodosos como um casco de tartaruga, e tal pilosidade, penudez ou nodosidade às vezes parece que se mexe, ou seja, há mudanças das relações entre as várias qualidades distribuídas na dimensão da matéria uniforme ao redor, sem que nada se desloque substancialmente. Podemos dizer que o único que de fato efetua uma deslocação aqui é Agilulfo, não digo o seu cavalo, não digo a sua armadura, mas aquele algo sozinho, preocupado consigo mesmo, impaciente, que está viajando a cavalo dentro da armadura. Em volta dele, as pinhas caem do galho, os riachos correm entre os seixos, os peixes nadam nos riachos, as lagartas roem as folhas, as tartarugas agitam-se com o ventre duro no chão, mas é apenas uma ilusão de movimento, um perpétuo virar-se e revirar-se como a água das ondas. E nessa onda se vira e se revira Gurdulu, prisioneiro do tapete das coisas, espalmado também ele na mesma massa com as pinhas os peixes as lagartas as pedras as folhas, mera excrescência da crosta do mundo.

Quanto me é mais difícil registrar neste papel a corrida de Bradamante ou a de Rambaldo ou a do taciturno Torrismundo! Seria necessário que houvesse na superfície uniforme um levíssimo aflorar, como se pode conseguir riscando a folha por baixo com um alfinete, e esse aflorar, essa tendência fosse sempre carregada e encharcada da massa geral do mundo e justamente ali estivesse o sentido, a beleza e a dor, e ali o verdadeiro atrito e movimento.

Mas como posso prosseguir com a história, se me ponho a trilhar assim a página branca, escavando dentro vales e depressões, fazendo percorrerem-na enrugações e arranhaduras, lendo nelas as cavalgadas dos paladinos? Melhor seria, para ajudar-me a narrar, se me desenhasse um mapa dos lugares, com a suave terra da França, e a orgulhosa Bretanha, e o canal da Inglaterra cheio de vagalhões negros, e lá em cima a alta Escócia, e aqui embaixo os ásperos Pireneus, e a Espanha ainda em mãos infieis, e a África mãe de serpentes. Depois, com flechas e com cruzinhas e com números poderia assinalar o caminho deste ou daquele herói. Eis que já posso, com uma linha rápida não obstante algumas reviravoltas, fazer aportar Agilulfo na Inglaterra e fazê-lo orientar-se para o mosteiro onde há quinze anos se enclausurou Sofrônia.

Chega, e o mosteiro é um amontoado de ruínas.

— O senhor chegou muito tarde, nobre cavaleiro — diz um velho —, estes vales ainda ressoam os gritos daquelas desventuradas. Uma frota de piratas mouros, desembarcada nestas costas, saqueou o mosteiro não faz muito tempo, levou as religiosas como escravas e pôs fogo nas muralhas.

— Levou-as? Para onde?

— Escravas para serem vendidas no Marrocos, meu senhor.

— Dentre aquelas irmãs estava uma que no século era filha do rei da Escócia, Sofrônia?

— Ah, está falando de irmã Palmira! Se estava entre elas? Aqueles velhacos logo a carregaram nas costas! Não mais uma juvenzinha, mas sempre bastante insinuante. Lembro-me dela como se fosse hoje, gritando arrebatada por aqueles animais sinistros.

— Presenciou o saque?

— Como não?, nós, da aldeia, todos sabem, estamos sempre na praça.

— E não ofereceram socorro?

— A quem? Bem, meu senhor, que está cobrando?, assim tão de repente... não tínhamos comando, nem experiência... Entre fazer e fazer mal, achamos melhor não fazer.

— Mas, diga-me, essa Sofrônia, no convento, levava uma vida piedosa?

— Hoje em dia há freiras de todos os tipos, mas irmã Palmira era a mais piedosa e casta de todo o bispado.

— Rápido, Gurdulu, vamos ao porto e embarquemos para o Marrocos.

Tudo isso que agora assinalo com pequenas linhas onduladas é o mar, ou melhor, o oceano. Agora desenho o navio em que Agilulfo viaja, e aqui ao lado desenho uma enorme baleia, com a tira de papel e a legenda “Mar oceano”. Esta flecha indica o percurso do navio. Posso também fazer uma outra flecha que indique o percurso da baleia; pronto: se encontram. Assim, nesse ponto do oceano vai acontecer o choque da baleia com o navio e, como desenhei a baleia maior, o navio há de levar a pior. Agora desenho tantas flechas cruzadas em todas as direções para significar que neste ponto entre a baleia e o navio decorre uma batalha feroz. Agilulfo combate com seus pares e enterra sua lança num flanco do cetáceo. Um jato nauseante de óleo de baleia o atinge, o que represento com estas linhas divergentes. Gurdulu salta sobre a baleia e se esquece do navio. A um golpe da cauda, o navio vira. Com a armadura de ferro, Agilulfo só pode ir direto a pique. Antes de ser totalmente submerso pelas ondas, grita para o escudeiro:

— Dê um jeito de chegar ao Marrocos! Vou a pé!

De fato, mergulhando milhas e milhas de profundidade, Agilulfo desce em pé sobre a areia do fundo do mar e começa a caminhar com bom ritmo. Frequentemente encontra monstros marinhos e deles se defende com golpes de espada. O único inconveniente para uma armadura no fundo do mar vocês também sabem qual é: a ferrugem. Mas, tendo sido untada da cabeça aos pés com óleo de baleia, a armadura branca tem um estrato de gordura que a mantém intacta.

No oceano, agora desenho uma tartaruga. Gurdulu engoliu uma pinta de água salgada antes de entender que não é o mar que deve estar dentro dele mas ele é que deve estar no mar; e finalmente agarrou-se ao casco de uma grande tartaruga marinha. Um pouco deixando-se transportar, um pouco tratando de dirigi-la com arranhadelas e beliscões, aproximou-se da costa africana. Aqui se emaranha numa rede de pescadores sarracenos.

Ao puxar as redes para bordo, os pescadores veem surgir no meio de um saltitante cardume de salmonetes um homem com roupas mofadas, recoberto de ervas marinhas.

— O homem-peixe! O homem-peixe! — gritam.

— Que homem-peixe que nada: é Gudi-Ussuf! — diz o chefe dos pescadores. — É Gudi-Ussuf, eu o conheço!

De fato, Gudi-Ussuf era um dos nomes com que se designava Gurdulu no circuito das cozinhas maometanas, quando sem perceber superava as linhas e se encontrava nos acampamentos do sultão. O chefe dos pescadores fora soldado do exército mouro em terras de Espanha; conhecendo Gurdulu de físico robusto e ânimo dócil, levou-o junto para transformá-lo num pescador de ostras.

Certa noite, estavam os pescadores, e Gurdulu no meio deles, sentados nas pedras da costa marroquina, abrindo uma a uma as ostras pescadas, quando da água emerge um penacho, um elmo, uma couraça, em resumo, uma armadura inteira que, caminhando, dirige-se para a praia passo a passo.

— O homem-lagosta! O homem-lagosta! — gritam os pescadores, correndo cheios de medo para se esconder entre os escolhos.

— Que homem-lagosta que nada! — diz Gurdulu. — É meu patrão! Deve estar morto de cansaço, cavaleiro. Fez todo o mar a pé!

— Não estou nem um pouco cansado — replica Agilulfo. — E você, o que faz aqui?

— Procuramos pérolas para o sultão — intervém o ex-soldado —, que toda noite deve presentear uma mulher diferente com uma pérola nova.

Possuindo trezentos e sessenta e cinco mulheres, o sultão visitava uma por noite; portanto, cada mulher era visitada uma vez por ano. Àquela que visitava, ele costumava levar uma pérola de presente, por isso todos os dias os mercadores deviam entregar-lhe uma pérola fresca fresca. Dado que naquele dia os mercadores haviam esgotado seu estoque, tinham se dirigido aos pescadores e pedido que lhes procurassem uma pérola a todo custo.

— O senhor que consegue caminhar tão bem no fundo do mar — disse a Agilulfo o ex-soldado —, por que não se associa ao nosso empreendimento?

— Um cavaleiro não se associa a empreendimentos que tenham como objetivo o lucro, em especial se conduzidos por inimigos de sua religião. Agradeço-lhe, ó pagão, por ter alimentado e salvado meu escudeiro, mas que o seu sultão, hoje à noite, não possa presentear com nenhuma pérola a sua tricentésima sexagésima quinta esposa não me interessa uma vírgula.

— Importa muito a nós, que seremos açoitados — respondeu o pescador. — Esta noite não será uma noite nupcial como as outras. É a vez de uma esposa nova, que o sultão vai visitar pela primeira vez. Foi comprada há quase um ano de certos piratas, e esperou até agora seu turno. Não é recomendável que o sultão se apresente de mãos vazias, ainda mais porque se trata de uma correligionária sua, Sofrônia da Escócia, de estirpe real, trazida para o Marrocos como escrava e imediatamente destinada ao gineceu de nosso soberano.

Agilulfo não demonstrou sua emoção.

— Encontrarei um jeito de livrá-los da enrascada — disse. — Que os mercadores proponham ao sultão levar à nova esposa não a pérola habitual, mas um presente que possa aliviar sua nostalgia do país distante: isto é, uma armadura completa de guerreiro cristão.

— E onde encontraremos tal armadura?

— A minha! — disse Agilulfo.

Sofrônia aguardava que chegasse a noite em seu quarto no palácio das mulheres. Da grade da janela em forma de cúspide observava as palmeiras do jardim, os chafarizes, os canteiros. O sol baixava, o almuadem clava seu grito, nos jardins abriam-se as flores perfumadas do pôr do sol.

Batem à porta. Chegou a hora! Não, são os eunucos de sempre. Trazem um presente da parte do sultão. Uma armadura. Uma armadura inteiramente branca. Que significará? De novo sozinha, Sofrônia voltou para a janela. Há quase um ano achava-se ali. Assim que fora comprada como noiva, haviam lhe destinado o turno de uma mulher recém-repudiada, um turno que se concretizaria após mais de onze meses. Estar ali no gineceu sem fazer nada, um dia depois do outro, era um tédio pior que o do convento.

— Não tema, nobre Sofrônia — disse uma voz atrás dela. Virou-se. Era a armadura que falava. — Sou Agilulfo dos Guildiverni, que já uma vez salvou sua imaculada virtude.

— Oh, ajude-me! — estremecera a noiva do sultão. E logo, recompondo-se: — Ah, sim, parecia-me que esta armadura branca não me era desconhecida. Foi o senhor quem chegou no momento certo, anos atrás, para impedir que um bandido abusasse de mim...

— E agora chego no momento certo para salvá-la do opróbrio das núpcias pagãs.

— De acordo... E é sempre o senhor...

— Agora, protegida por esta espada, irei acompanhá-la fora dos domínios do sultão.

— Sim... Entendo...

Quando os eunucos vieram para anunciar a chegada do sultão, foram atravessados pelo fio da espada. Coberta por um manto, Sofrônia corria ao lado do cavaleiro. Os intérpretes deram o alarme. Pouco puderam as pesadas cimitarras contra a espada exata e ágil da couraça branca. E o seu escudo suportou bem o assalto das lanças de todo um pelotão. Gurdulu esperava com os cavalos atrás de uma figueira-da-índia. No porto, uma faluca já estava pronta para partir rumo às terras cristãs. Do convés, Sofrônia via as palmeiras da praia que se afastavam.

Agora desenho, aqui no mar, a faluca. Vou fazê-la um pouco maior que o navio de antes, para que, mesmo que encontre a baleia, não ocorram desastres. Com esta linha curva assinalo o percurso da faluca que gostaria de fazer chegar até o porto de Saint-Malo. O problema é que aqui na altura do golfo de Biscaia há uma tal confusão de linhas secantes que é melhor fazê-la passar um pouco mais para cá, aqui por cima, bem aqui, e eis que vai se chocar contra os escolhos da Bretanha! Naufraga, vai a pique e, com dificuldade, Agilulfo e Gurdulu conseguem levar Sofrônia a salvo para a margem.

Sofrônia está cansada. Agilulfo decide mantê-la protegida numa gruta e junto com o escudeiro alcançar o acampamento de Carlos Magno para anunciar que a virgindade ainda está intacta e por conseguinte a legitimidade de seu nome. Agora, marco a gruta com uma cruz neste ponto da costa bretã para poder reencontrá-la depois. Não sei o que significa esta linha que também passa pelo mesmo ponto: meu mapa já é um intrincado de linhas que correspondem ao percurso de Torrismundo. Assim, o jovem pensativo passa exatamente por aqui, ao passo que Sofrônia jaz na caverna. Também ele se aproxima da gruta, entra e a vê.

10

Como é que Torrismundo chegara lá? No período em que Agilulfo fora da França para a Inglaterra, da Inglaterra para a África e da África para a Bretanha, o suposto filho dos duques da Cornualha percorrera para cima e para baixo as florestas das nações cristãs em busca do

acampamento secreto dos cavaleiros do Santo Graal. Como de ano em ano a sagrada ordem costuma trocar suas instalações e não evidencia nunca sua presença aos profanos, Torrismundo não encontrava nenhum indício para prosseguir seu itinerário. Andava ao acaso, indo atrás de uma sensação remota que para ele era uma coisa que se confundia com o nome do Graal; mas era a ordem dos pios cavaleiros que procurava, ou melhor, perseguia a lembrança de sua infância nas matas da Escócia? Às vezes, o imprevisto abrir-se de um vale negro de lariços ou um abismo de rochas cinzentas no fundo do qual reboava uma torrente branca de espuma enchiam-no de uma comoção inexplicável, que ele considerava uma advertência. “Pronto, talvez eles estejam aqui, andam por perto.” E, se daquele sítio se elevava um som longínquo e grave de berrante, então Torrismundo não tinha mais dúvidas, punha-se a bater cada saliência palmo a palmo procurando um indício. No máximo encontrava algum caçador perdido ou um pastor com seu rebanho.

Tendo chegado à remota terra da Curvaldia, deteve-se numa aldeia e pediu àqueles rústicos a caridade de um pouco de ricota e de pão preto.

— Se tivéssemos, daríamos de boa vontade, senhorzinho — disse um pastor de cabras —, mas olhe para mim, minha mulher e os filhos, veja como estamos esqueléticos! As obrigações que devemos aos cavaleiros já são tantas! Este bosque está cheio de colegas seus, embora vestidos de maneira diferente. Há um regimento inteiro e, quando se trata de abastecer-se, já sabe, desabam todos sobre nós!

— Cavaleiros que moram no bosque? E como se vestem?

— O manto é branco, o elmo é de ouro, com duas asas brancas de cisne nas laterais.

— E são muito pios?

— Oh, pios são até demais. E não sujam as mãos com dinheiro porque não têm um centavo. Mas necessidades têm muitas, e a nós toca obedecer! Agora, só nos resta o jejum: é a carestia. Quando aparecerem da próxima vez, que lhes daremos?

O jovem já corria rumo ao bosque.

Entre os prados, pelas águas calmas de um riacho, passava um lento bando de cisnes. Torrismundo caminhava pela margem, seguindo-os. Do meio das copas ressoou um arpejo: “Flin, flin, flin!”. O jovem ia adiante e o som parecia ora segui-lo ora precedê-lo: “Flin, flin, flin!”. Onde as árvores rareavam, apareceu uma figura humana. Era um

guerreiro com o elmo guarnecido de asas brancas que segurava uma lança e junto uma pequena harpa na qual, a intervalos, ensaiava aquele acorde: “Flin, flin, flin!”. Não disse nada; seus olhares não evitavam Torrismundo, mas lhe passavam por cima como se não o percebessem, embora parecessem acompanhá-lo: quando troncos e arbustos os separavam, fazia-o reencontrar o caminho chamando-o com um de seus arpejos: “Flin, flin, flin!”. Torrismundo gostaria de falar com ele, fazer-lhe perguntas, mas o seguia mudo e intimidado.

Desembocaram numa clareira. Por todos os lados havia guerreiros armados com lanças, usando couraças de ouro, envoltos em longos mantos brancos, imóveis, cada um virado para uma direção diferente, com o olhar no vazio. Um deles alimentava um cisne com grãos de milho, voltando os olhos para outros lugares.

A um novo arpejo do músico, um guerreiro a cavalo respondeu alçando o chifre e emitindo um longo chamado. Quando silenciou, todos os guerreiros se mexeram, deram alguns passos em sua direção e pararam de novo.

— Cavaleiros... — Torrismundo encheu-se de coragem para falar —, desculpem-me, talvez me engane, mas vocês não seriam os cavaleiros do Gra...

— Não pronuncie nunca o nome deles! — interrompeu uma voz às suas costas. Um cavaleiro, de cabelos grisalhos, estava parado perto dele. — Não lhe basta ter vindo perturbar o nosso recolhimento?

— Oh, perdoe-me! — o jovem dirigiu-se a ele. — Estou tão contente por ter chegado até vocês! Se soubessem quanto os procurei!

— Por quê?

— Porque... — e a ansiedade de proclamar seu segredo foi mais forte que o temor de cometer um sacrilégio — ... porque sou filho de vocês!

O cavaleiro ancião permaneceu impassível.

— Aqui não se conhecem pais nem filhos — disse após um momento de silêncio. — Quem entra para a sagrada ordem abandona todos os parentescos terrenos.

Torrismundo, mais que repudiado, sentiu-se desiludido: talvez tivesse previsto uma repulsa desdenhosa por parte daqueles seus castos pais, e então teria contraposto aduzindo provas, invocando a voz do sangue; mas essa resposta tão calma, que não negava a possibilidade dos fatos

mas excluía qualquer discussão por uma questão de princípio, era desencorajadora.

— Não tenho outra aspiração além de ser reconhecido filho desta sagrada ordem — tentou insistir —, pela qual nutro uma admiração infinita!

— Se admira tanto nossa ordem — disse o ancião —, não deveria ter outra aspiração além de ser admitido como parte dela.

— E seria possível, diz o senhor? — exclamou Torrismundo, imediatamente atraído pela nova perspectiva.

— Quando você tivesse se tornado digno.

— O que é preciso fazer?

— Purificar-se gradualmente de todas as paixões e deixar-se possuir pelo amor do Graal.

— Oh, o senhor o pronunciou, o nome?

— Nós, cavaleiros, podemos; vocês, profanos, não.

— Mas diga-me: por que todos aqui se calam e o senhor é o único que fala?

— É a mim que toca a tarefa das relações com os profanos. Sendo as palavras frequentemente impuras, os cavaleiros preferem abster-se delas, a não ser para deixar falar o Graal por meio de seus lábios.

— Diga-me: que devo fazer para começar?

— Vê aquela folha de bordo? Uma gota de orvalho ali está pousada. Fique parado, imóvel, e fixe aquela gota sobre a folha, funda-se nela, esqueça todas as coisas do mundo naquela gota, até sentir que se perdeu e que está penetrado pela força infinita do Graal.

E deixou-o ali. Torrismundo olhou fixamente para a gota, olhou, olhou, pensou em seus problemas, viu uma aranha que caía na folha, olhou para a aranha, olhou para a aranha, voltou a olhar para a gota, mexeu um pé que formigava, ufa!, estava aborrecido. Ao redor, apareciam e desapareciam no bosque cavaleiros que davam passos lentos, de boca aberta e olhos esbugalhados, acompanhados por cisnes cuja plumagem sedosa de vez em quando acariciavam. De repente, algum deles alargava os braços e dava uma corridinha, soltando um grito profundo.

— E aqueles ali — Torrismundo não pôde deixar de perguntar ao ancião, que reaparecera nas proximidades —, que se passa com eles?

— O êxtase — disse o ancião —, isto é, algo que você não conhecerá jamais se for tão distraído e curioso. Aqueles irmãos enfim atingiram a comunhão completa com o todo.

— E os outros? — perguntou o jovem. Certos cavaleiros andavam rebolando, como atingidos por doces arrepios, e faziam beicinho.

— Ainda se encontram num estado intermediário. Antes de sentir-se uma coisa só com o sol e as estrelas, o noviço sente como se tivesse dentro de si apenas as coisas mais próximas, porém muito intensamente. Isso, em especial nos mais jovens, provoca certo efeito. Naqueles nossos irmãos que você vê, o correr do riacho, o sussurrar das árvores, o crescimento subterrâneo dos cogumelos produzem uma espécie de cócega muito lenta e agradável.

— E com o passar do tempo, não se cansam?

— Pouco a pouco, atingem os estados superiores, em que não são mais somente as vibrações mais próximas a ocupá-los, mas o grande respiro dos céus, e bem devagar afastam-se dos sentidos.

— Acontece o mesmo com todos?

— Com poucos. E de modo completo com apenas um de nós, o Eleito, o rei do Graal.

Haviam chegado a um espaço aberto onde um grande número de cavaleiros fazia exercícios de armas diante de uma tribuna com baldaquino. Sob o baldaquino estava sentado, ou melhor, enroscado, imóvel, alguém que parecia, mais que um homem, uma múmia, vestida também com o uniforme do Graal, mas de aparência mais faustosa. Os olhos estavam abertos, ou melhor, arregalados, no rosto ressecado como uma castanha.

— Mas está vivo? — indagou o jovem.

— Está vivo, mas já se acha tão possuído pelo amor do Graal que não precisa mais comer, nem se mover, nem fazer suas necessidades, nem quase respirar. Não vê nem sente. Ninguém conhece seus pensamentos: na certa refletem o percurso de planetas distantes.

— E por que o obrigam a assistir a uma parada militar, se não enxerga?

— Isso faz parte dos ritos do Graal.

Os cavaleiros se exercitavam entre si em assaltos de esgrima. Mexiam as espadas intermitentemente, olhando no vazio, e seus passos eram

duros e imprevistos como se não pudessem prever nunca o que fariam um instante depois. Contudo, não erravam um golpe.

— Mas como podem combater, com aquele ar de sonâmbulos?

— É o Graal que existe em nós quem move nossas espadas. O amor pelo universo pode tomar formas de tremendo furor e levar-nos a espetar amorosamente os inimigos. Nossa ordem é invencível na guerra justamente porque combatemos sem fazer esforços nem opções, mas deixando que o sacro furor se desencadeie por meio de nossos corpos.

— E dá sempre certo?

— Sim, para quem perdeu todo resíduo de vontade humana e deixa que exista somente a força do Graal para mover cada gesto mínimo.

— Cada gesto mínimo? Mesmo agora que está caminhando?

O ancião avançava como um sonâmbulo.

— Certamente. Não sou eu quem move meu pé: deixo que seja movido. Experimente. Todos começam assim.

Torrismundo tentou, mas — primeiro — não havia jeito de conseguir e — segundo — não sentia nenhum prazer. Havia o bosque, verde e frondoso, pleno de movimentos suaves e chiados, onde gostaria de correr, libertar-se, bater atrás de caça miúda, opor àquela sombra, àquele mistério, àquela natureza estranha, ele próprio, sua força, seu cansaço, sua coragem. Ao contrário, devia ficar ali balançando como um paralítico.

— Deixe-se possuir — admoestava o ancião —, deixe-se possuir pelo todo.

— Mas a mim, para dizer a verdade — desabafou Torrismundo —, o que me daria prazer seria eu possuir e não ser possuído.

O velho cruzou os cotovelos sobre o rosto de modo a tapar ao mesmo tempo olhos e ouvidos.

— Você ainda tem muita estrada pela frente, rapaz.

Torrismundo permaneceu no acampamento do Graal. Esforçava-se por aprender, imitar seus pais ou irmãos (não sabia mais como chamá-los), tratava de sufocar todo movimento de ânimo que lhe parecesse demasiado individual, de fundir-se na comunhão com o amor infinito do Graal, ficava atento para captar qualquer indício mínimo daquelas sensações inefáveis que conduziam os cavaleiros ao êxtase. Mas os dias passavam e sua purificação não dava um passo à frente. Tudo aquilo que agradava a eles incomodava-o: aquelas vozes, aquelas músicas, aquele

estar sempre ali prontos para vibrar. E sobretudo a vizinhança contínua dos coirmãos, vestidos daquela maneira, seminus com a couraça e o elmo de ouro, com as carnes brancas brancas, alguns meio envelhecidos, outros jovens delicados, melindrosos, ciumentos, suscetíveis, tornava-se cada vez mais antipática para ele. E, ainda por cima com a história de que era o Graal a movê-los, abandonavam-se a qualquer relaxamento dos costumes e se julgavam sempre puros.

O pensamento de que ele podia ter sido gerado assim, com os olhos fixos no vazio, sem sequer considerar o que faziam, esquecendo-se logo de tudo, resultava-lhe insuportável.

Chegou o dia da cobrança dos impostos. Todas as aldeias dos arredores deviam entregar em prazos fixos aos cavaleiros do Graal um certo número de fôrmas de ricota, cestos de cenouras, sacos de cevada e carneiros tenros.

Apresentou-se uma embaixada de camponeses.

— Nós queremos dizer que as colheitas, em todas as terras da Curvaldia, foram magras. Não sabemos nem como matar a fome de nossos filhos. A carestia atinge tanto o rico quanto o pobre. Piedosos cavaleiros, estamos aqui humildemente para pedir-lhes que, desta vez, nos perdoem os impostos.

O rei do Graal, sob o baldaquino, estava calado e imóvel como sempre. A certa altura, lentamente, separou as mãos que trazia cruzadas sobre a barriga, levantou-as para o céu (tinha unhas muito compridas) e sua boca disse:

— Iiih...

Ao ouvir aquele som, todos os cavaleiros avançaram de lanças em riste contra os pobres curvaldos.

— Socorro! Vamos nos defender! — gritaram eles. — Vamos correr para armar-nos de machados e foices! — E se dispersaram.

Os cavaleiros, com os olhares dirigidos aos céus, ao som de berrantes e de outros instrumentos, marcharam sobre as aldeias da Curvaldia durante a noite.

Das fileiras de lúpulo e das sebes pulavam aldeões armados com forcados, foices e podadeiras, tentando cortar-lhes a passagem. Mas pouco puderam contra as lanças inexoráveis dos cavaleiros. Superadas as linhas desfeitas dos defensores, eles se lançaram com os pesados cavalos de guerra contra as cabanas de pedra, palha e barro, destruindo-as sob

os cascos, surdos aos gritos das mulheres, dos vitelos e das crianças. Outros cavaleiros seguravam tochas acesas e ateavam fogo nos tetos, nos depósitos de feno, nas estrebarias, nos celeiros miseráveis, até que as aldeias ficassem reduzidas a fogueiras que eram só gritos e prantos.

Torrismundo, arrastado pela corrida dos cavaleiros, estava transtornado.

— Alguém me diga, por quê? — gritava para o ancião, indo atrás dele, como se fosse o único que podia ouvi-lo. — Então não é verdade que estejam cheios de amor pelo todo! Ei! atenção, estão atacando aquela velha! Como têm coragem de investir sobre restos humanos? Socorro, as chamas atingem aquele berço! Mas o que estão fazendo?

— Não queira interferir nos desígnios do Graal, noviço! — advertiu o ancião. — Não somos nós quem faz isso; é o Graal, que está em nós, que nos move! Entregue-se ao seu amor furioso!

Mas Torrismundo descera da sela, preparava-se para socorrer uma mãe, devolver-lhe aos braços uma criança caída.

— Não! Não me levem toda a colheita! Trabalhei tanto! — berrava um velho.

Torrismundo ficou ao lado dele.

— Largue o saco, bandido! — E atirou-se sobre um cavaleiro, arrancando-lhe o que roubara.

— Bendito seja! Está conosco! — disseram alguns daqueles infelizes que ainda tentavam com forcados, facões e machados, armar a defesa atrás de um muro.

— Coloquem-se em semicírculo, vamos atacá-los todos juntos! — berrou-lhes Torrismundo e se colocou à frente da milícia civil curvalda.

Agora expulsava os cavaleiros para fora das casas. Encontrou-se frente a frente com o ancião e outros dois armados de tochas.

— É um traidor, prendam-no!

Armou-se uma enorme confusão. Os curvaldos batiam com os espetos de assar, e as mulheres e crianças com pedras. De repente, soou o berrante.

— Retirada! — Em face da reação dos aldeões, haviam recuado em vários pontos e agora deixavam o local.

Até aquele pelotão que cercava Torrismundo de perto retrocedeu.

— Meia-volta, irmãos! — gritou o ancião —, deixemo-nos conduzir aonde nos leva o Graal!

— Que triunfe o Graal! — gritaram em coro os outros, virando as rédeas.

— Viva! Você nos salvou! — E os camponeses se amontoavam ao redor de Torrismundo. — É um cavaleiro, porém generoso! Finalmente aparece um! Fique conosco! Diga o que quer: nós lhe daremos!

— Agora... aquilo que quero... nem eu sei mais... — gaguejava Torrismundo.

— Nem nós sabíamos nada, nem que éramos seres humanos, antes desta batalha... E agora parece que podemos... queremos... devemos fazer tudo... Mesmo que seja difícil... — E se voltavam para chorar seus mortos.

— Não posso ficar com vocês... Não sei quem sou... Adeus... — E já galopava.

— Volte! — gritava-lhe aquela gente, mas Torrismundo já se afastava da aldeia, do bosque do Graal, da Curvaldia.

Retomou sua vagabundagem por outros países. Até então, desdenhara todas as honras e prazeres, admirando como único ideal somente a Sagrada Ordem dos Cavaleiros do Graal. E agora que aquele ideal se desvanecera, que meta poderia dar à sua inquietude?

Alimentava-se de frutos selvagens nos bosques, de sopa de feijão nos conventos que encontrava pelo caminho, de ouriços-do-mar nas costas rochosas. E na praia da Bretanha, justamente quando procurava ouriços numa gruta, eis que vislumbra uma mulher adormecida.

Aquele desejo que o levara pelo mundo, de lugares aveludados por uma vegetação macia, percorridos por um baixo vento rasante e de limpas jornadas sem sol, eis que finalmente, ao ver aqueles cílios longos e negros abaixados sobre a face arredondada e pálida, a suavidade daquele corpo abandonado, e a mão pousada no seio transbordante, e os suaves cabelos soltos, e o lábio, e as ancas, o dedo do pé, a respiração, agora parece que aquele desejo se apazigua.

Inclinado sobre ela, estava observando-a quando Sofrônia abriu os olhos.

— Não me faça mal — disse, docemente. — Que procura entre estes escolhos desertos?

— Estou procurando algo que sempre me faltou e só agora que a vejo sei o que é. Como chegou até esta praia?

— Fui forçada a núpcias, sendo ainda monja, com um sequaz de Maomé, porém elas não foram consumadas porque, sendo eu a tricentésima sexagésima quinta, uma intervenção de armas cristãs me trouxe até aqui, vítima, por sinal, de um naufrágio na viagem de volta, bem como de um saque de piratas ferocíssimos na ida.

— Entendo. E está sozinha?

— Do que consegui entender, o salvador foi até o acampamento imperial para tomar algumas providências.

— Gostaria de oferecer-lhe a proteção de minha espada, mas temo que o sentimento que me inflamou ao vê-la se transforme em propósitos que possa considerar pouco honestos.

— Oh, não tenha escrúpulos, sabe?, já passei por tantas. Se bem que, quando se chega ao ponto, aparece o salvador, sempre ele.

— Chegará também desta vez?

— Bem, não é certeza.

— Como se chama?

— Azira; ou irmã Palmira. Conforme fosse no gineceu do sultão ou no convento.

— Azira, tenho a sensação de tê-la amado sempre... de já ter me perdido em você...

11

Carlos Magno cavalgava rumo à costa da Bretanha.

— Vamos lá, vamos lá, Agilulfo dos Guildiverni, fique calmo. Se o que me disseram, se essa mulher ainda carrega a mesma virgindade que tinha há quinze anos, nada a criticar; foi armado cavaleiro com pleno direito, e aquele jovem queria enganar-nos. Para certificar-me, mandei incluir em nosso séquito uma comadre especializada em questões de mulheres; para estas coisas nós, soldados, bem, não temos muito jeito...

A velhota, montada no cavalo de Gurdulu, balbuciava:

— Sim, sim, Majestade, será feito da melhor maneira, mesmo que nasçam gêmeos... — Era surda e não havia ainda entendido de que se tratava.

Na gruta, entram em primeiro lugar dois oficiais do séquito, com tochas. Voltam desconcertados:

— Sire, a virgem jaz num amplexo com um jovem soldado.

Os amantes são levados à presença do imperador.

— Você, Sofrônia! — grita Agilulfo.

Carlos Magno manda erguer o rosto do jovem.

— Torrismundo!

Torrismundo salta na direção de Sofrônia.

— Você é Sofrônia? Ah, minha mãe!

— Conhece este jovem, Sofrônia? — pergunta o imperador.

A mulher inclina a cabeça, pálida.

— Se é Torrismundo, fui eu mesma quem o criou — diz com um fio de voz.

Torrismundo pula na sela.

— Cometi um incesto nefando! Nunca mais hão de me ver! — Esporeia e corre rumo ao bosque, pela direita.

Agilulfo esporeia por sua vez.

— Não voltarão a ver nem a mim! — diz. — Não tenho mais nome! Adeus! — E penetra no bosque, pela esquerda.

Todos ficaram consternados. Sofrônia mantém o rosto escondido entre as mãos.

Ouve-se um galope à direita. É Torrismundo que volta do bosque a toda a brida. Grita:

— Mas como? Mas se até há pouco era virgem? Como não pensei logo nisso? Era virgem! Não pode ser minha mãe!

— Poderia explicar-nos — diz Carlos Magno.

— Na verdade, Torrismundo não é meu filho, e, sim, meu irmão, ou melhor, meio-irmão — diz Sofrônia. — A rainha da Escócia, nossa mãe, estando o rei meu pai em guerra durante um ano, teve esse filho após um encontro fortuito, parece, com a Sagrada Ordem dos Cavaleiros do Graal. Tendo o rei anunciado seu retorno, aquela criatura pérfida (assim sou obrigada a julgar nossa mãe), com a desculpa de me mandar levar o irmãozinho para um passeio, fez com que me perdesse nos bosques. Urdiu uma terrível armadilha para o marido que estava a ponto de voltar. Disse-lhe que eu, com treze anos, fugira para dar à luz um pequeno bastardo. Travada por um duvidoso respeito filial, nunca traí aquele segredo de nossa mãe. Vivi no mato com o meio-irmão criança e foram para mim também anos livres e felizes, em relação àqueles que me aguardavam, no convento onde fui atirada pelos duques da Cornualha. Não conheci homem até hoje de manhã, com a idade de trinta e sete

anos, e o primeiro encontro com um homem, ai de mim, acaba sendo um incesto...

— Vamos ver com calma em que ponto estão as coisas — diz Carlos Magno, conciliador. — O incesto é um fato, porém, entre meios-irmãos, não chega a ser dos mais graves...

— Não há incesto, Sacra Majestade! Anime-se, Sofrônia! — exclama Torrismundo, com o rosto radiante. — Nas pesquisas sobre minha origem, descobri um segredo que preferia ter guardado para sempre: aquela que eu pensava ser minha mãe, ou seja, você, Sofrônia, nasceu não da rainha da Escócia, mas filha natural do rei, da mulher de um feitor. O rei fez com que você fosse adotada por sua mulher, isto é, por aquela que agora sei ter sido minha mãe, e que era apenas sua madrasta. Enfim compreendo como ela, obrigada pelo rei a se passar por sua mãe a contragosto, não via a hora de se livrar de você; e o fez atribuindo-lhe o fruto de uma culpa passageira dela, ou seja, eu. Você, filha do rei da Escócia e de uma camponesa, eu, da rainha e da sagrada ordem, não temos nenhuma relação de sangue, mas apenas a ligação amorosa livremente estabelecida aqui há pouco e que espero ardentemente você queira continuar.

— Parece-me que tudo se resolve da melhor maneira... — diz Carlos Magno, esfregando as mãos. — Mas não percamos tempo em localizar aquele nosso bravo cavaleiro Agilulfo para garantir-lhe que o seu nome e o seu título não correm mais nenhum perigo.

— Irei eu, Majestade! — diz um cavaleiro correndo para a frente. É Rambaldo.

Entra no bosque. Grita:

— Cavaleirooo! Cavaleiro Agilulfoo! Cavaleiro dos Guildiverniii! Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, cavaleiro de Selimpia Citeriore e Feeez! Está tudo certooo! Voolte! — Responde-lhe somente o eco.

Rambaldo começou a bater o bosque, atalho por atalho, e fora dos atalhos por despenhadeiros e torrentes, chamando, apurando os ouvidos, buscando um sinal, uma pegada. Eis uma pegada de ferradura. Num ponto, aparecem marcas mais fundas como se o animal tivesse parado. Dali as marcas dos cascos recomeçam mais leves, como se o cavalo tivesse sido solto. Mas do mesmo ponto afasta-se uma outra marca, pegadas de passos com sapatos de ferro. Rambaldo seguiu-as.

Controlava o fôlego. Chegou a uma clareira. Aos pés de um carvalho, espalhados pelo chão, havia um elmo virado com penacho cor de íris, uma couraça branca, coxotes braceletes manopla, enfim, todos os pedaços da armadura de Agilulfo, alguns arrumados como se houvesse a intenção de formar uma pirâmide ordenada, outros enrolados no solo confusamente. Amarrado na alça da espada, havia um bilhete: “Deixo esta armadura ao cavaleiro Rambaldo de Rossiglione”. Embaixo via-se um rabisco, como de uma assinatura iniciada e logo interrompida.

— Cavaleiro! — chama Rambaldo, dirigindo-se ao elmo, à couraça, ao carvalho, ao céu. — Cavaleiro! Retome a armadura! Sua patente no exército e seu grau de nobreza da França são incontestáveis! — E trata de recompor a armadura, colocá-la de pé, e continua a gritar: — Cavaleiro, agora foi reconhecido, ninguém mais pode negá-lo! — Nenhuma voz lhe responde. A armadura não para em pé, o elmo rola pelo chão. — Cavaleiro, resistiu por tanto tempo só com sua força de vontade, conseguiu fazer sempre de tudo como se existisse: por que render-se de repente? — Mas já não sabe para que lado virar-se: a armadura está vazia, não vazia como antes, esvaziada também daquele algo que se chamava o cavaleiro Agilulfo e que agora se dissolveu como uma gota no mar.

Rambaldo agora afrouxa sua couraça, despe-se, enfia a armadura branca, põe o elmo de Agilulfo, aperta na mão o escudo e a espada, salta a cavalo. Assim armado, apresenta-se ao imperador e ao séquito habitual.

— Ah, Agilulfo, voltou, tudo bem, hein?

Mas do interior do elmo responde outra voz.

— Não sou Agilulfo, Majestade! — A celada se ergue e surge o rosto de Rambaldo. — Do cavaleiro dos Guildiverni só restou a armadura branca e este papel que me garante sua posse. Não vejo a hora de entrar em combate!

As cornetas soam o alarme. Uma frota de falucas desembarcou um exército sarraceno na Bretanha. O exército franco corre para assumir posições.

— Seu desejo foi atendido — diz o rei Carlos —, é chegada a hora de lutar. Honre as armas que traz. Embora de temperamento difícil, Agilulfo sabia ser um soldado!

O exército franco resiste aos invasores, abre uma brecha na frente sarracena e o jovem Rambaldo é o primeiro a enfrentá-los. Peleja, golpeia, se defende, um pouco dá e um pouco leva. Dos maometanos, muitos comem poeira. Rambaldo espeta, um atrás do outro, tantos quantos se aproximam de sua lança. Já os pelotões invasores retrocedem, amontoam-se ao redor das falucas ancoradas. Perseguidos pelas armas dos francos, os derrotados ganham o largo, exceto aqueles que ficaram para embeber de sangue mouro a terra cinzenta da Bretanha.

Rambaldo sai da batalha vitorioso e incólume; mas a armadura, a cândida intacta impecável armadura de Agilulfo está toda enlameada, com espirros de sangue inimigo, salpicada de amassaduras, bossas, arranhões, cortes, o penacho meio depenado, o elmo torto, o escudo descascado justamente no meio do misterioso brasão. Agora o jovem a sente como armadura sua, dele, Rambaldo de Rossiglione; o primeiro mal-estar sentido ao vesti-la já vai longe: serve-lhe como uma luva.

Sozinho, galopa pela encosta de uma colina. Uma voz ressoa, aguda, do fundo do vale.

— Ei, aí em cima, Agilulfo!

Um cavaleiro vem correndo ao seu encontro. Sobre a armadura, traz uma sobreveste cor de pervinca. É Bradamante, que o está perseguindo.

— Cavaleiro branco, finalmente o encontrei!

“Bradamante, não sou Agilulfo: sou Rambaldo!”, ele gostaria de gritar-lhe imediatamente, mas pensa que é melhor dizê-lo de perto, e volta ao cavalo para alcançá-la.

— Finalmente é você quem corre ao meu encontro, guerreiro inatingível! — exclama Bradamante. — Oh, pudesse eu vê-lo correr junto comigo, você também, o único homem cujos atos não são atirados por aí de qualquer jeito, improvisados, simplistas, como os da matilha que costuma me perseguir! — E, ao dizer isso, vira o cavalo e tenta escapar, porém girando sempre a cabeça para verificar se ele entra no jogo e corre atrás dela.

Rambaldo está impaciente para dizer-lhe: “Não se dá conta de que também eu sou um desajeitado, que cada gesto meu trai o desejo, a insatisfação, a inquietude? Mas o que também quero é apenas ser alguém que sabe o que deseja!”, e para dizê-lo galopa atrás dela, que continua a rir e diz:

— Este é o dia que sempre sonhei!

Perdeu-a de vista. Surge um vale herboso e solitário. O cavalo dela está amarrado a uma amoreira. Tudo se assemelha àquela primeira vez que a perseguiu e ainda não suspeitava que fosse uma mulher. Rambaldo desce do cavalo. Lá está: encontra-a reclinada num declive de musgo. Retirou a armadura, veste uma túnica curta cor de topázio. Ainda reclinada, abre-lhe os braços. Rambaldo avança na armadura branca. É chegado o momento de dizer-lhe: “Não sou Agilulfo, observe agora como a armadura pela qual se apaixonou se ressentiu do peso de um corpo, embora jovem e ágil como o meu. Não vê como esta couraça perdeu seu candor inumano e se tornou uma vestimenta dentro da qual se faz a guerra, exposta a todos os golpes, um paciente e útil instrumento?”. Isso é o que gostaria de dizer-lhe, mas, ao contrário, fica ali com as mãos trêmulas, dá passos hesitantes na direção dela. Talvez a melhor coisa fosse revelar-se, tirar a armadura, afirmar-se como Rambaldo, agora, por exemplo, que ela mantém os olhos fechados, com uma espécie de sorriso de espera. O jovem arranca a armadura, ansioso: agora Bradamante, abrindo os olhos, o reconhecerá... Não: pousou uma das mãos no rosto como se não quisesse perturbar com o olhar o invisível aproximar-se do cavaleiro inexistente. E Rambaldo lança-se sobre ela.

— Oh, sim, tinha certeza! — exclama Bradamante, de olhos fechados. — Sempre soube que teria sido possível! — E se estreita a ele, e, numa febre comum aos dois, se unem. — Oh sim, oh sim, tinha certeza!

Agora que também isso terminou, é o momento de olharem-se nos olhos.

“Vai me ver”, pensa rápido Rambaldo num lampejo de orgulho e esperança, “entenderá tudo, perceberá que foi justo e bonito assim e vai me amar por toda a vida!”

Bradamante abre os olhos.

— Ah, você!

Afasta-se do leito improvisado, empurra Rambaldo para trás.

— Você! Você! — grita com a boca cheia de raiva, os olhos lacrimejando — Você! Impostor!

Põe-se de pé, brande a espada, ergue-a contra Rambaldo, desce-lhe em cima, com a lâmina achatada, na cabeça, deixa-o tonto, e tudo aquilo que ele consegue dizer, levantando as mãos desarmadas talvez para se defender, talvez para abraçá-la, é:

— Ouça, ouça, será que não foi bom...? — Depois perde os sentidos, e só lhe chega confusamente o tropel do cavalo que parte.

Se infeliz é o apaixonado que invoca beijos cujo sabor não conhece, mil vezes mais infeliz é quem mal pôde saboreá-los e a seguir tudo lhe foi negado. Rambaldo continua sua vida de soldado intrépido. Onde mais intensa é a peleja, lá sua espada abre caminho. Se, no turbilhão das espadas, vê um lampejo cor de pervinca, acontece, “Bradamente!”, grita, mas sempre em vão.

O único a quem gostaria de confessar suas penas desapareceu. Às vezes, circulando pelos bivaques, o modo de uma couraça ficar ereta sobre os flancos ou o repentino levantar-se de uma cotoveleira fazem-no estremecer, pois lhe recordam Agilulfo. E se o cavaleiro não tivesse se dissolvido, se houvesse encontrado uma outra armadura? Rambaldo se aproxima e diz:

— Não para ofendê-lo, colega, mas gostaria que levantasse a celada do elmo.

Todas as vezes, espera deparar com uma cavidade vazia: contudo, há sempre um nariz sobreposto a bigodes crespos.

— Desculpe — murmura e vai embora.

Alguém mais anda procurando Agilulfo: é Gurdulu, que, todas as vezes que descobre uma panela vazia ou um cano de chaminé ou uma tina, para e exclama:

— Senhor patrão! Comande, senhor patrão!

Sentado num gramado à beira de uma estrada, fazia um longo discurso no gargalo de um frasco quando uma voz o interpelou:

— O que procura aí dentro, Gurdulu?

Era Torrismundo que, celebradas solenemente as núpcias com Sofrônia, na presença de Carlos Magno, cavalgava com a esposa e um rico séquito pela Curvaldia, da qual fora armado conde pelo imperador.

— Procuo meu patrão — diz Gurdulu.

— Dentro daquele frasco?

— Meu patrão é alguém que não existe; assim, pode não estar tanto num frasco quanto numa armadura.

— Mas o seu patrão dissolveu-se no ar!

— Então, sou o escudeiro do ar?

— Se me seguir, será meu escudeiro.

Chegaram à Curvaldia. Não se reconhecia mais a região. Em lugar das aldeias haviam surgido cidades com palácios de pedra, e moinhos, e canais.

— Voltei, boa gente, para ficar com vocês...

— Viva! Bravo! Viva ele! Viva a esposa dele!

— Esperem para manifestar sua felicidade com a notícia que tenho para dar-lhes: o imperador Carlos Magno, a cujo nome sagrado doravante vocês se inclinarão, investiu-me do título de conde da Curvaldia!

— Ah... Mas... Carlos Magno...? Fala a sério...

— Não entendem? Agora têm um conde! Vou defendê-los de novo contra as prepotências dos cavaleiros do Graal!

— Oh, há bastante tempo já expulsamos aquela gente da Curvaldia! Veja, nós obedecemos durante tanto tempo... Mas agora percebemos que se pode viver bem sem dever nada a cavaleiros nem a condes... Cultivamos a terra, construímos oficinas para artesãos, moinhos, tratamos de fazer respeitar nossa leis, defender nossas fronteiras, enfim, vamos em frente, não temos do que nos lamentar. É um jovem generoso e não esquecemos o que fez por nós... Gostaríamos que ficasse aqui... mas de igual para igual...

— De igual para igual? Não me querem como conde? Mas é uma ordem do imperador, não entendem? É impossível que se recusem!

— É, sempre se diz assim: impossível... Mesmo livrar-se daqueles do Graal parecia ser impossível... E então só tínhamos podadeiras e forcados... Não queremos mal a ninguém, senhorzinho, especialmente a quem nos salvou... É um jovem valoroso, tem prática de tantas coisas que nós não sabemos... Se morar aqui, de igual para igual, sem praticar prepotências, quem sabe não acaba se tornando o primeiro entre nós...

— Torrismundo, estou cansada de tantas travessias — disse Sofrônia erguendo o véu. — Esta gente tem uma expressão ponderada e cortês e a cidade me parece mais bonita e mais bem abastecida do que tantas outras... Por que não procuramos chegar a um acordo?

— E nosso séquito?

— Todos poderiam ser cidadãos da Curvaldia — responderam os moradores —, e terão conforme o que produzirem.

— Terei de considerar igual a mim este escudeiro, Gurdulu, que nem sabe se existe ou não?

— Até ele aprenderá... Nem nós sabíamos que estávamos no mundo... Também a existir se aprende...

12

Livro, agora você chegou ao fim. Ultimamente, tenho escrito em ritmo acelerado. De uma linha para outra pulava entre as nações, os mares e os continentes. O que será esta fúria que se apossou de mim, esta impaciência? Dir-se-ia que estou à espera de alguma coisa. Mas que podem esperar as freiras, aqui enclausuradas justamente para ficar fora das ocasiões sempre cambiantes do mundo? O que mais posso esperar além de novas páginas a serem escritas e os costumeiros toques do sino do convento?

Pronto, ouve-se um cavalo subir pela estrada íngreme, eis que se detém exatamente na porta do mosteiro. O cavaleiro bate. De minha janelinha não dá para vê-lo, mas ouço a voz dele.

— Ei, boas irmãs, ei, ouçam!

Mas não será esta a voz ou me engano?, sim, é a mesma!, é a voz de Rambaldo que durante tanto tempo fiz ressoar nestas páginas! Rambaldo, o que deseja aqui?

— Ei, boas irmãs, saberiam dizer-me se encontrou refúgio neste convento uma guerreira, a famosa Bradamante?

Aí está, procurando Bradamante pelo mundo, Rambaldo havia de chegar logo aqui.

Distingo a voz da guardiã que responde:

— Não, soldado, aqui não há guerreiras, só mulheres pobres e piedosas que rezam para pagar seus pecados!

Agora sou eu quem corre à janela e grita:

— Sim, Rambaldo, aqui estou, espere-me, tinha certeza de que você viria, já estou descendo, partiremos juntos!

Às carreiras, arranco a touca, os panos do claustro, a sotaina de saio, tiro da arca minha túnica curta cor de topázio, a couraça, as caneleiras, o elmo, as esporas, a sobreveste pervinca.

— Espere por mim, Rambaldo, aqui estou, eu, Bradamante!

Sim, livro. A irmã Teodora, que narrava esta história, e a guerreira Bradamante são a mesma pessoa. Um tanto galopo pelos campos de guerra entre duelos e amores, outro tanto me encerro nos conventos, meditando e escrevendo as histórias que me ocorrem, para tentar

entendê-las. Quando vim me trancar aqui estava desesperada de amor por Agilulfo, agora queimo pelo jovem e apaixonado Rambaldo.

Por isso, a certa altura, minha pena se pôs a correr. Corria ao encontro dele; sabia que não tardaria a chegar. A página tem o seu bem só quando é virada e há a vida por trás que impulsiona e desordena todas as folhas do livro. A pena corre empurrada pelo mesmo prazer que nos faz correr pelas estradas. O capítulo que começamos e ainda não sabemos que história vamos contar é como a encruzilhada que superamos ao sair do convento e não sabemos se nos vai colocar diante de um dragão, um exército bárbaro, uma ilha encantada, um novo amor.

Corro, Rambaldo. Não me despeço nem da abadessa. Já me conhecem e sabem que depois das batalhas, abraços e enganos retorno sempre a este claustro. Mas desta vez será diferente... Será...

De narradora no passado, e do presente que me tomava a mão nos trechos conturbados, aqui está, ó futuro, saltei na sela de seu cavalo. Quais estandartes novos você me traz dos mastros das torres de cidades ainda não fundadas? Quais fumaças de devastações dos castelos e dos jardins que amava? Quais imprevistas idades de ouro prepara, você, malgovernado, você, precursor de tesouros que custam muito caro, você, meu reino a ser conquistado, futuro...

ITALO CALVINO (1923-85) nasceu em Santiago de Las Vegas, Cuba, e foi para a Itália logo após o nascimento. Participou da resistência ao fascismo durante a guerra e foi membro do Partido Comunista até 1956. Publicou sua primeira obra, *A trilha dos ninhos de aranha*, em 1947.

OBRAS PUBLICADAS PELA COMPANHIA DAS LETRAS

Os amores difíceis

Assunto encerrado

O barão nas árvores

O caminho de San Giovanni

O castelo dos destinos cruzados

O cavaleiro inexistente

As cidades invisíveis

Coleção de areia

Contos fantásticos do século XIX (org.)

As cósmicas

O dia de um escrutinador

Eremita em Paris

A especulação imobiliária

Fábulas italianas

Um general na biblioteca

Marcovaldo ou As estações na cidade

Os nossos antepassados

Palomar

Perde quem fica zangado primeiro

Por que ler os clássicos

Se um viajante numa noite de inverno

Seis propostas para o próximo milênio —

Lições americanas

Sob o sol-jaguar

A trilha dos ninhos de aranha

O visconde partido ao meio

Copyright © 1990 by Palomar srl

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Il nostri antenati

Capa
Jeff Fisher
Preparação
Márcia Copola

Revisão
Larissa Lino Barbosa
Mariana Cruz

Atualização ortográfica
Verba Editorial

ISBN 978-85-438-0175-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br